Dos sons às palavras:
nas trilhas da língua portuguesa

Dos sons às palavras:
nas trilhas da língua portuguesa

Homenagem a Jacyra Andrade Mota
pela contribuição aos estudos dialetais brasileiros

Silvana Soares Costa Ribeiro
Sônia Bastos Borba Costa
Suzana Alice Marcelino Cardoso
(Organizadoras)

EDUFBA
Salvador, 2009

Capa
Rodrigo Schlabitz

Foto da orelha
Virna e Cida Costa – Studio Digital

Projeto Gráfico
Gabriela Nascimento
Vera Rollemberg

Editoração
Gabriela Nascimento
Heloisa Castro

Revisão
Vera Rollemberg

Sistema de Bibliotecas – UFBA

Dos sons às palavras : nas trilhas da língua portuguesa / Silvana Soares Costa Ribeiro, Sônia Bastos Borba Costa, Suzana Alice Marcelino Cardoso (Organizadoras). – Salvador : EDUFBA, 2009.
346 p.

Homenagem a Jacyra Andrade Mota pela contribuição aos estudos dialetais brasileiros.
ISBN 978-85-232-0604-8

1. Língua portuguesa – Dialetologia. 2. Sociolinguística. I. Ribeiro, Silvana Soares Costa. II. Costa, Sônia Bastos Borba. III. Cardoso, Suzana Alice Marcelino.

CDD – 469.7

Editora afiliada à

Editora da UFBA
Rua Barão de Jeremoabo
s/n – Campus de Ondina
40170-115 – Salvador – Bahia
Tel.: +55 71 3283-6164
Fax: +55 71 3283-6160
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

Sumário

Nota prévia

O respeito pelo trabalho desenvolvido na Academia, a admiração pela maneira de conduzir-se na atividade docente, a seriedade no desenvolvimento da pesquisa científica, a segurança com que enfrenta desafios e a serenidade na maneira de portar-se, ao longo desses anos vividos na Universidade Federal da Bahia, são, além da amizade devotada à homenageada, motivos que levaram alguns — na impossibilidade de reunir-se a todos — dos muitos amigos e admiradores de Jacyra Andrade Mota a se associarem, nesta publicação, para, em uníssono, expressarem a sua satisfação por vê-la em plena atividade como pesquisadora, continuando a abrir caminhos e a construir novas rotas.

Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa concretiza-se graças à participação e à colaboração dos que assinam os capítulos, aos quais as organizadoras sentem-se no dever, mas, sobretudo, o fazem com muito prazer, de expressar o seu agradecimento por aquiescerem integrar esta obra e nela deixarem impressa a sua participação.

Este livro, porém, não se teria concretizado sem o concurso de Vera Rollemberg, colega da homenageada no Curso de Licenciatura em Letras Neolatinas e dela companheira em todas as lides na docência na Universidade Federal da Bahia e no formarem parte da Equipe de Dialetologia do Instituto de Letras, responsável pela acurada revisão, pelo aperfeiçoamento de cada linha e pelo emolduramento final desta homenagem. A esta revisora ímpar, registram as organizadoras profundo agradecimento.

E resta, agora, desejar aos leitores que enveredem pelas *trilhas da língua portuguesa* e encontrem nos *sons* e nas *palavras* uma fonte de saber e de prazer.

Salvador, 12 de setembro de 2009.

As organizadoras

Um presente para Jacyra

Neste dia 12 de setembro de 2009, a nossa colega, amiga e companheira de tantas décadas, Jacyra Andrade Mota, afasta-se, por força da lei, da sua atividade docente e de outras funções acadêmico-administrativas, exercidas durante 46 anos, sempre em regime de tempo integral e dedicação exclusiva, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), inicialmente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e, a seguir, no Instituto de Letras, que se tornou uma nova unidade de ensino em consequência da reforma pela qual passou nossa Universidade.

Professora de Língua Portuguesa e pesquisadora no campo da Dialetologia e no da Sociolinguística, Jacyra acumula em seu currículo os títulos de Mestre e Doutor e uma vasta produção de trabalhos científicos que não cabe aqui enumerar. Nunca lhe pesaram quaisquer atividades, porém, estará mais livre e mais leve para dar continuidade ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), com o qual, desde os começos, está comprometida.

Numa justa homenagem, Jacyra recebe de seus colegas, de diferentes universidades, um significativo *presente* que demonstra o respeito e a amizade de todos. Trata-se do livro a ela dedicado ***Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa***.

Coube-me a honra de apresentar este livro, porém antes quero ainda falar, um pouco mais, da minha colega-amiga e da sua/nossa história, que muitos, certamente, nem conhecem. Não vou perder a oportunidade de unir o útil ao agradável, ou melhor, o agradável... ao mais agradável ainda.

Olhando Jacyra, o que vemos? Um exemplo de discrição, competência, equilíbrio e praticidade. São qualidades que se superpõem, não há prioridade nesta enumeração. Presença discreta e eficiente em tudo o que faz, e sempre faz tudo muito bem. Competência demonstrada em todas as fases da sua vida: como estudante, como professora, como pesquisadora. Competência e equilíbrio no espaço que ocupa no meio da sua grande e bonita família. Competência e praticidade testadas por quem com Jacyra convive. Diante de uma situação difícil, quando há necessidade de assumir uma posição ditada pela razão ou pela emoção, costuma sempre dizer: "Temos que colocar o coração ao largo". É uma das suas frases prediletas.

Agrada-me dar uma pincelada no passado, quando este valoriza o presente. No ano de 1962, o Prof. Nelson Rossi, responsável pela cadeira de Língua e Filologia Portuguesa na ainda Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFBA, foi convidado a colaborar no projeto da Universidade de Brasília (UnB), afastando-se temporariamente. As atividades de ensino e pesquisa continuariam a ser desenvolvidas por Nadja Maria Cruz de Andrade, então professora assistente, e por mais quatro jovens por ele escolhidas: Dinah Maria Montenegro Isensee (depois Callou) e Carlota da Silveira Ferreira, ou seja, a minha pessoa, que haviam trabalhado desde os primeiros momentos no *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB), então em fase final de preparação das cartas linguísticas, e Rosa Virgínia Barreto de Mattos Oliveira (depois Silva) e Vera Lúcia Reis Moreira Sampaio (depois Rollemberg), que dariam continuidade à elaboração da edição crítica de um texto medieval português, o *Livro das aves*. Todas trabalhariam sob a sua responsabilidade de catedrático — como soía acontecer —, tendo, para tanto, assumido ele o compromisso de periodicamente se fazer presente para acompanhar nosso desempenho. E assim transcorreu o ano de 1962. Entretanto, no ano seguinte, portanto há 46 anos, partiram, para trabalhar na nascente e promissora Universidade de Brasília, Nelson Rossi, Nadja, Dinah, Rosa Virgínia, a que se juntou Júlia Conceição Fonseca Santos, e ficaram remanescentes — por decisão pessoal — Vera e Carlota. Preocupação e insegurança apoderaram-se de nós duas, não simplesmente pela grande responsabilidade que nos ameaçava como consequência da partida daqueles colegas, mas também porque apenas um tênue contrato nos prendia à Instituição. E então? Fez-se necessário ampliar nosso grupo. E foram indicados pelo Prof. Nelson Rossi os nomes de Jacyra Andrade Mota e de Suzana Alice Valois Coutinho Marcelino da Silva (depois Cardoso). Ambas consultadas, aceitaram. Porém a sugestão foi apenas oficiosa, pois o Prof. Rossi, tendo-se licenciado da UFBA naquele ano, já não tinha, como catedrático, qualquer poder de decisão. E para a nossa alegria e salvação se juntaram a nós Jacyra e Suzana Alice.

Salvação? Sim, pois foi uma época muito difícil. Durante algum tempo, nada nos era comunicado oficialmente sobre nosso destino... Ora navegávamos num mar de incertezas, sobre *marolas* verdadeiras, ora trilhávamos veredas tortuosas, equilibrando-nos sobre arriscadas *pinguelas* à mercê das marchas e contramarchas engrenadas pelos nobres e respeitáveis catedráticos de então, detentores do saber e do poder, que não acreditavam que tal responsabilidade

pudesse passar às mãos de quatro jovens professoras, todas brotadas e crescidas entre os muros da Faculdade de Filosofia. Infindáveis e secretas reuniões de egrégios colegiados se sucediam, entre paredes e portas herméticas... Nada vazava. Ficar ou não ficar? Era esta a questão. Dias e dias se passaram. Alguns estudantes, levados pelo impulso da juventude e pela confiança em nós depositada, ansiosos e ávidos por saber o que estava sendo definido, chegaram até mesmo a subir no telhado do velho casarão de Nazaré — sem o nosso conhecimento, é claro —, para tentar ouvir o que se decidia em determinada reunião... Tivemos deles imensurável apoio. E vencemos! Vencemos sobretudo pela nossa união, pela nossa fé e perseverança no trabalho, pois rezávamos pelo mesmo evangelho, aquele que acredita na força da justiça...

É hilariante lembrar, hoje, como chegaram os nobres senhores a uma final e sábia decisão. Sim, ficariam as quatro, mas Suzana Alice foi designada "regente" (*ad hoc*), pois, entre os seus numerosos méritos, havia um que nós outras não possuíamos: ela havia chegado do exterior. Suzana vinha de um Leitorado de Português na Universidade de Colônia, Alemanha. Nós, as três "regidas", "em solene celebração", a presenteamos com uma batuta que guarda até hoje. Começamos, então, a entoar juntas e com os nossos estudantes uma alegre cantata. A cantata da vitória. É importante dizer que Jacyra trabalhou, com dedicação exclusiva, por volta de dois anos sem remuneração!... E quando esta chegou, não houve qualquer acerto retroativo!

Aí está a gênese de um quarteto que nunca se separou: Carlota-Vera-Jacyra-Suzana (ou, em ordem alfabética, Carlota-Jacyra-Suzana-Vera). Ninguém havia escrito sobre isso com detalhes, penso eu. Aproveitei a oportunidade. E assim já se passaram 46 anos! Como poderíamos esquecer, nesta "apoteótica" saída de Jacyra, a sua "heróica" chegada!?

Algum tempo depois, após o golpe de 64 e de suas graves consequências para a Universidade de Brasília, retornaram à UFBA Nelson Rossi e Nadja Andrade, e passamos a constituir um sexteto responsável pelo ensino/pesquisa da Língua Portuguesa em nossa Universidade. Rosa Virgínia, só em 1973, voltaria a integrar o grupo, grupo que foi recomposto e continuou se ampliando com a participação de excelentes colegas.

Durante muitos anos, sentamos à mesma mesa junto ao nosso mestre Nelson Rossi, que nos fez crescer e amadurecer profissionalmente e demonstrou, com seu talento e abnegação, a importância do trabalho conjunto e par-

tilhado. Ao redor dessa mesa programávamos nossas atividades de ensino — os cursos de Língua Portuguesa, quem iria dar que disciplina a quem e como — e nossas atividades de pesquisa — a elaboração do *Atlas linguístico de Sergipe* (ALS), nossa participação no Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC), quando também naquela mesa tomava assento nossa fiel companheira Judith Mendes de Aguiar Freitas, da Faculdade de Educação, pesquisadora do grupo desde os inquéritos iniciais para o *Atlas prévio dos falares baianos*.

Este contato profissional, este aprendizado pleno de espírito solidário favoreceu o crescimento de uma grande amizade que perdura e perdurará sempre, apesar de sucessivas e inevitáveis aposentadorias. Estamos todas, integrantes da "velha" história, já entradas ou entrantes na "melhor idade"!

Em muitas outras mesas me sentei e me sento com Jacyra. Não mais na de trabalho, porém nas de lazer. Saibam que Jacyra é muito festeira! Mas disso não falarei, sou muito discreta, apenas anuncio, pois, afinal, nem só de pão vive o homem... e a mulher... A batidinha de limão, a cerveja geladinha e o peixinho frito de tira-gosto aqui são lembrados e citados apenas para dar ainda mais sabor a esta festa da nossa Jacyra. Parabéns, tudo do melhor para você, querida amiga-irmã.

Vamos agora abrir o seu *presente*.

Integram o livro em homenagem à Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota quinze capítulos que estão apresentados em ordem alfabética dos nomes de seus autores.

Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará) e **Edinaldo G. dos Santos** (Universidade Federal do Pará) descrevem, em "O perfil geolinguístico da vogal /e/ no Estado do Pará", a realização variável da vogal média anterior pré-tônica em Belém e em mais cinco localidades que integram a rede de pontos selecionados para o Projeto ALiB, a partir de um *corpus* formado por 1.747 ocorrências da vogal média anterior em estruturas silábicas do tipo CV e CVC. Seu objetivo é linguístico e sociolinguístico, pois observam o comportamento de "fatores linguísticos, sociais e geográficos, envolvidos na análise da variável <e>".

No estudo "O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras...", **Aparecida Negri Isquerdo** (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) analisa o possível trajeto das variantes lexicais *amassa-barro/massa-*

barro, *joão-de-barro* e *pedreiro da floresta*, que ocorrem, como respostas à pergunta que busca apurar o nome da 'ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa', em localidades dos Estados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul integrantes da rede de pontos selecionados para o Projeto ALiB.

Ataliba T. de Castilho (Universidade de São Paulo/Universidade Estadual de Campinas), em "Análise multissistêmica das minissentenças", valoriza preliminarmente o trabalho científico conjunto e refere-se a Nelson Rossi como incentivador desse tipo de trabalho, mencionando o *Atlas linguístico de Sergipe*, o Projeto ALiB, o Projeto NURC. Deste último, muitos estudos já foram gerados, e cita, entre eles, o "Projeto de Gramática do Português Falado", sob sua coordenação. A seguir, examina uma série de minissentenças do português do tipo: *Negócio fechado! Ei, você aí! Difícil, cara! O voo de Jobim!*, etc., afirma que são dados da língua que não podem ser descartados em sua descrição e apresenta uma tipologia das minissentenças.

Em "A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador", **Dante Lucchesi** (Universidade Federal da Bahia) esclarece: "O universo de observação desta análise é o português semiculto de Salvador conforme definido pelo Projeto de Estudo do Português Popular de Salvador (PEPP) [...]. A base empírica [...] é constituída por 36 entrevistas semi-informais, realizadas entre 1998 e 2000 com indivíduos nascidos e residentes em Salvador, dos sexos masculino e feminino, e distribuídos por três faixas etárias [...]".

No capítulo "Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica", **Dermeval da Hora** (Universidade Federal da Paraíba) e **Juliene Lopes R. Pedrosa** (Universidade Estadual da Paraíba) preocuparam-se em buscar o maior número de dialetos para estabelecer um amplo panorama do comportamento do /S/ pós-vocálico no português brasileiro. Para tanto, foram consultados trabalhos que analisaram esta variação: no Rio de Janeiro, em Porto Alegre, São Paulo, Recife e Salvador, a partir de dados do Projeto NURC; em três regiões do município de Florianópolis; na cidade de João Pessoa, utilizando materiais do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba (VALPB).

Todo perfil é bastante maleável, como mostra **Dinah Callou** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), ao comentar, em "Um perfil da fala carioca", a variação de diversos fonemas da fala do Rio de Janeiro em confronto com outras cidades do Projeto NURC. Entre outros, os fonemas /s/, /r/, /l/ em coda

silábica. Em um trecho, diz a propósito do /s/: "A realização palatalizada de *S* em coda, no português do Brasil, o famoso 'chiado carioca', se restringia, de início, ao que tudo indica, ao Rio de Janeiro". Todavia, o alto índice de palatalização, típico dos falantes desta cidade, já se expandiu a Recife e também a Salvador. Destacamos apenas um exemplo, há muito mais dados utilizados neste trabalho para delinear o perfil da fala carioca.

Em "Louise Ey e a descrição da pronúncia portuguesa em manuais de português para alemães em princípios do século XX", **Eberhard Gärtner** (Universidade de Leipzig) refere-se a Louise Ey como pioneira dos estudos do português na Alemanha e mostra que, para elaborar a descrição da pronúncia do português, ela se baseou na obra do foneticista português Gonçalves Viana. Um confronto entre as duas descrições está minuciosamente apresentada em seu texto.

Assim **Elisabeth Reis Teixeira** (Universidade Federal da Bahia) resume "Um estudo sobre Processos de Simplificação Fonológica na aquisição do português": "A fim de corroborar os resultados obtidos no Perfil do Desenvolvimento Fonológico em Português (PDFP), as distintas classes de sons que compõem o sistema fonológico do Português (bem como suas possíveis combinações) são examinadas em relação a Processos de Simplificação Fonológica que afetam sua aquisição, em particular Assimilação, Oclusivização, Anteriorização e Ensurdecimento. Embora as medidas e os procedimentos analíticos utilizados na Análise Contrastiva e na Análise de Processos sejam diferenciados, os resultados confirmam serem estes processos padrões de simplificação fonológica aquisicionalmente iniciais".

No capítulo "A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza", de **Maria do Socorro Silva de Aragão** (Universidade Federal do Ceará/ Universidade Federal da Paraíba), encontra-se definido o que se entende por neutralização de fonemas e arquifonema. Diz a autora: "No falar de Fortaleza, em determinados contextos, os fonemas /v, z, ʒ/, classificados como fricativos sonoros, neutralizam-se com o fonema vibrante múltiplo /r/, em sua variante aspirada [ɦ], marca da realização desse fonema na região nordestina". Examinam-se dados do Projeto Dialetos Sociais Cearenses (18 entrevistas) e de inquéritos do *corpus* experimental do Atlas Lingüístico do Brasil aplicados no Estado do Ceará.

Li fet des romains é obra francesa do século XIII que foi traduzida para o português durante a primeira metade do século XV com o nome de *Vida e feitos de Júlio César*. **Maria Helena Mira Mateus** (Universidade de Lisboa) publicou, há vários anos, uma edição crítica desta tradução e, como ela própria destaca, o manuscrito português, de mais de 500 anos, trouxe a conhecimento muitos dados sobre os interesses culturais da época e muitos outros da língua portuguesa do século XV, tanto do léxico quanto do sistema fonológico. Muitos destes dados ela aborda em "A propósito da tradução medieval portuguesa de *Li fet des romains*".

O texto "'*Ami i jidiu di kaneta.*' Félix Sigá, trovador guineense do quotidiano", de **Moema Parente Augel** (Universidade de Bielefeld) neste livro de Jacyra, funcionou, pelo menos para mim, como um "oásis relaxante". É muito bonito como ela escreve e como ela analisa as várias facetas de Félix Sigá e alguns dos textos deste poeta nascido a 16 de maio de 1954, em Bissorã, Guiné-Bissau. Antonio Félix Sigá é "um trovador diferente dos demais, sem um instrumento musical para dedilhar seus versos, utilizando, em vez disso, o papel e a caneta [...]", que se autodefine como um "escultor de palavras", um "cinzelador do papel".

Em "Jogos e diversões infantis: preferências linguísticas e variáveis sociais", **Silvana Soares Costa Ribeiro** (Universidade Federal da Bahia), utilizando dados do Projeto ALiB já recolhidos, examina as denominações registradas em nove capitais do Nordeste brasileiro para diversos brinquedos e brincadeiras infantis (cambalhota, gude, baladeira, pipa, esconde-esconde, cabra-cega, pega-pega, mancha, chicote-queimado, gangorra, balanço e amarelinha), descrevendo a variação lexical e considerando os usos conforme as variáveis sociais selecionadas.

Suzana Alice Marcelino Cardoso (Universidade Federal da Bahia) e **Vera Rollemberg** (Universidade Federal da Bahia), sob o título "E a (nossa) terra continua *sarolha*?", retomam a sua reflexão sobre *sarolho*(*a*), documentada no *Atlas prévio dos falares baianos* e no *Atlas linguístico de Sergipe*, para reuni-la ao que trazem de novidade os dados documentados no segmento da rede de pontos selecionados para o Projeto ALiB constante dos estados que se limitam com a Bahia, e concluem que a terra continua "Não tão *sarolha*, como dantes, pode-se afirmar, mas... um pouco!".

A partir das respostas à pergunta "Como se chama a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou zíper?", recolhidas a duzentos informantes em vinte e cinco capitais do Brasil (Projeto ALiB), **Vanderci de Andrade Aguilera** (Universidade Estadual de Londrina) elabora o texto "*Braguilha* ou *barguia*: eis a questão" com duas abordagens: uma lexical tratando das variantes reunidas e sua lexicalização em dicionários; a outra examinando a variação fônica da base lexical *braguilha*, variante majoritária nos dados reunidos.

Em "O mito da origem portuguesa do chiamento carioca", assim escreve **Volker Noll** (Universidade de Münster): "A palatização do /s/ implosivo [ʃ] (*chiamento*) iniciou-se no português europeu, provavelmente no final do século XVII em 'grande área do Sul'", segundo Serafim da Silva Neto. E, mais adiante, sobre a fala carioca: [...] como o português europeu, possui um chiamento generalizado, ou seja, tanto em situação pré-consonantal quanto em final de palavra". Como o autor discute o que considera um "mito"? Convido à leitura do seu texto bem interessante.

Finalizam esta homenagem três depoimentos, apresentados por ordem de antiguidade de seus autores. O primeiro é o de **Rosa Virgínia Mattos e Silva** (Universidade Federal da Bahia), "Jacyra, simplesmente Jacyra"; o segundo é o de **Sônia Bastos Borba Costa** (Universidade Federal da Bahia), "Presença"; e o terceiro é o de **Josane Moreira de Oliveira** (Universidade Estadual de Feira de Santana), "Um tributo à generosidade: Jacyra é uma figura!". Escritos com estilos bem diferentes, demonstram a intimidade que têm com a nossa homenageada e a amizade que a ela dedicam.

Abrimos o *presente* de Jacyra, mas ela não o fechará, estará sempre aberto aos seus leitores.

Salvador, julho de 2009.

Carlota da Silveira Ferreira

Publicam-se ainda "Tecendo a manhã", de **Iracema Luiza de Souza** (Universidade Federal da Bahia), e "Jacyra, uma cientista de coração aberto", de **Vanderci de Andrade Aguilera** (Universidade Estadual de Londrina), depoimentos apresentados na sessão de homenagem a Jacyra Andrade Mota, durante o encerramento do VII Workshop do Projeto ALiB, em 31.07.2009, em Salvador-BA, novas demonstrações de amizade e apreço a ela dirigidas naquele momento.

As organizadoras

O perfil geolinguístico da vogal /e/ no Estado do Pará

Abdelhak Razky
Universidade Federal do Pará

Edinaldo G. dos Santos
Universidade Federal do Pará

Introdução

A realização da vogal média anterior pré-tônica marca, sobretudo, uma variação dialetal típica de alguns falares do português brasileiro, e o Pará apresenta uma face desse caráter multidialetal, comprovado em estudos realizados nos municípios de Bragança (FREITAS, 2001), Cametá (ARAÚJO, 2007), Belém (NINA, 1991) e Mocajuba (CAMPOS, 2008). Esses estudos contrariam a classificação proposta por Antenor Nascentes (1922 [1953]), o qual assevera que o Pará estaria incluído na zona dialetal dos falares do Norte, uma macrozona dialetal que compreenderia o Norte e o Nordeste. Segundo essa classificação, essa zona seria delimitada por uma isófona que neutraliza em [ɛ] a oposição média/baixa. Se podemos falar de mudança, o fator tempo seria um grande responsável pela distância entre a proposta de Nascentes (1922 [1953]) e os resultados aqui divulgados.

Tanto os estudos já efetuados acerca da realização variável de /e/ no Pará, quanto o que ora apresentamos, apontam para uma realidade linguística que nos permitiria reclassificar a pauta pré-tônica no Norte/Nordeste e incluir uma zona amazônica caracterizada pela variante média alta, tendo-se o Pará como um dos seus representantes. Os resultados que obtivemos, comparados com os estudos realizados por Mota (1979), Silva (1989), Bortoni (1991) e Marques (2006), demonstram que, do ponto de vista geolinguístico, o Nordeste se encontra melhor classificado na proposta de Nascentes (1922 [1953]), por se verificar o delinear de uma zona dialetal mais homogênea em relação ao abaixamento da vogal média anterior em posição pré-tônica.

É nosso propósito, com base na análise dos dados coletados, investigar os fatores linguísticos e sociais que estariam motivando a realização variável da vogal média anterior pré-tônica no Pará e contribuir para a descrição desses fatores, observando ainda a representação geográfica do fenômeno.

Metodologia

Este trabalho se reveste da perspectiva teórico-metodológica da Geografia Linguística e da Sociolinguística Variacionista, campos associados no construto Geossociolinguística e que orientam a representação do componente

linguístico, social e regional em torno do fenômeno que nos propomos investigar.

A pesquisa de campo foi realizada a partir de dados recolhidos a 22 informantes do Estado do Pará, procedentes dos municípios de Belém (capital), Soure (Marajó), Almeirim (Baixo-Amazonas), Marabá (sudeste), Altamira e Jacareacanga (sudoeste), sendo 12 homens e 10[1] mulheres pertencentes às faixas etárias entre 18 e 30 e entre 50 e 65 anos, de baixa escolaridade.

Os dados foram coletados pela equipe Regional Norte que integra o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e armazenados em Mini Disk (MD) por meio de gravação digital. Os dados referentes à analise da variável <e> foram extraídos dos questionários fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático e de discursos semidirigidos (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001).

Quanto ao processamento dos dados, procedeu-se à transcrição grafemática das entrevistas, à transcrição fonética dos itens lexicais selecionados para o *corpus* a ser analisado e à codificação dos itens em cadeia, nessa ordem: variável dependente, variáveis linguísticas, variáveis extralinguísticas (sociais e geográficas).

Para a análise estatística, utilizou-se o pacote de programas Varbrul. Optou-se aqui por uma análise ternária para apurar simultaneamente o efeito dos grupos de fatores em relação a cada uma das variantes (alta, média, baixa) da variável <e>.

Objetivos

A pesquisa está fundada nos princípios metodológicos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que objetiva descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística multidimensional. Sob esse escopo, definimos:

- descrever o grau de variabilidade da vogal média anterior pré-tônica no Estado do Pará de um ponto de vista geossociolinguístico;

[1] A diferença entre o número de homens e mulheres se deve ao fato de que, no município de Almeirim, foram inquiridos apenas informantes do sexo masculino.

- analisar e mapear os valores estatísticos do espaço linguístico, social e geográfico das variantes alta, média e baixa da variável dependente <e>.

Hipóteses

O tema em questão tem sido amiúde alvo de inúmeras pesquisas com enfoque sociolinguístico. Motiva-nos destacar, além dos componentes linguístico e social, o geográfico e sua aplicabilidade na observação da diversidade linguística no Estado do Pará. Nesse sentido, a pauta pré-tônica subsidia um enfoque diatópico e diastrático no tratamento da variação linguística, e a realização variável da vogal média anterior pré-tônica exerce papel crucial na descrição dos dialetos brasileiros, conforme estudos comprobatórios anteriormente citados.

Partindo de uma interpretação desses trabalhos, elencamos algumas hipóteses evidenciadas em torno da pauta pré-tônica nos dialetos brasileiros e da identificação das tendências verificadas em relação aos falares amazônicos do Pará:

a. a relevância do tipo silábico no comportamento das regras variáveis em questão, a partir da observação aberto (CV) e travado (CVC);

b. o efeito da vogais tônicas (contíguas e não-contíguas) e átonas no processo de assimilação vocálica nos dialetos pesquisados;

c. a influência dos modos oclusivo, constritivo, africado, lateral, vibrante (tepe alveolar) e nasal das consoantes antecedentes e subsequentes sobre a variável dependente e sua correspondência com o ponto de articulação dessas mesmas consoantes;

d. a influência da distância da sílaba com média pré-tônica anterior, candidata ao alteamento ou abaixamento, em relação à sílaba da vogal tônica.

Definição das variáveis

Variável dependente

A variável dependente analisada foi a vogal média anterior pré-tônica, que apresenta as variantes: [e], identificada como média alta, como em [se'gũda]; [ɛ], identificada como média baixa, como em [sɛ'gũda]; e [i], identificada como alta, como em [si'gũda].

Variáveis independentes

As variáveis independentes foram: nove variáveis linguísticas — tipo silábico (CV e CVC),[2] vogal da sílaba tônica (contígua e não-contígua), vogal átona subsequente, modo e ponto de articulação da consoante antecedente e subsequente e posição da pré-tônica em relação à tônica —, duas variáveis sociais — faixa etária e sexo — e uma variável que definimos aqui como geográfica, no intuito de enfocar o componente espacial da pesquisa — procedência dos informantes.

Análise e discussão dos resultados estatísticos

Inicialmente, cabe assinalar a frequência das três regras variáveis nos municípios pesquisados, cujos resultados apontam para uma predominância da variante [e] no Estado do Pará (Tabela 1), tendência verificada nos estudos variacionistas realizados em outros municípios paraenses.

Tabela 1 – Frequência das variantes da vogal média anterior pré-tônica

Baixa [E]	Média [e]	Alta [i]
582 33%	719 41%	446 26%

Verifica-se que a variante média foi a mais favorecida no total de 1.747 ocorrências, o que inclui o Pará, em relação à pauta pré-tônica, na preferência pela variante [e]. Ao encontro dessa tendência, temos os resultados de Freitas

[2] Respectivamente, consoante + vogal, do tipo ***pe**dido*, e consoante + vogal + consoante, do tipo ***ver**dura*.

(2001) no município de Bragança, onde se apresenta preferência pela variante média em 45% dos dados; Araújo (2007) no município de Cametá, com 39%; e Campos (2008) no município de Mocajuba, com 49%.

De acordo com os dados que obtivemos, esse comportamento não se estende a todos os municípios, senão a Belém, com 47%, Soure, com 50%, e Almeirim, com 42%. Altamira, Jacareacanga e Marabá podem ser classificados numa zona dialetal distinta (ver tabela da Figura 1), considerando-se o favorecimento às regras de abaixamento e alteamento, indicando que, em relação à realização da vogal média anterior pré-tônica, há diversidade dialetal no Pará, sobretudo quando se observam os índices de 33% para a variante baixa e 26% para a variante alta, o que, inclusive, não nos permite falar em ampla tendência de favorecimento à variante média no Estado.

Como temos dito, a predominância da variante [e] no Pará contraria a classificação de Nascentes (1922 [1953]) acerca da neutralização em [ɛ] nos falares do Norte (aqui incluídos Norte e Nordeste), pois veremos adiante que os únicos municípios a corresponderem a esse postulado (Altamira e Jacareacanga) possuem uma dinâmica de povoamento marcada pela chegada de imigrantes do Nordeste.

A seguir, apresentamos as frequências e probabilidades de aplicação das regras.

Fatores linguísticos

Vogal tônica contígua

A vogal tônica da sílaba contígua, de acordo com o que se pôde observar em estudos de interface, exerce papel decisivo na forma como as vogais médias se realizam nos municípios pesquisados. Dessa forma, buscamos analisar esse condicionamento, para saber que fatores estão envolvidos, por exemplo, no processo de assimilação, desencadeador do fenômeno de harmonização vocálica.

Tabela 2 – Efeito da vogal da sílaba tônica contígua sobre a vogal média anterior pré-tônica

Vogal tônica contígua	[e]		[E]		[i]	
	Nº/Total	P.r	Nº/Total	P.r.	Nº/Total	P.r.
[i]	56/144	.164	25/144	.093	63/144	**.743**
[u]	12/34	**.367**	2/34	.027	20/34	**.605**
[e]	112/196	**.594**	2/196	.013	82/196	**.393**
[o]	79/114	**.452**	16/114	**.347**	19/114	.201
[ɛ]	17/92	.062	74/92	**.896**	1/92	.062
[ɔ]	7/42	.171	12/42	**.521**	23/42	.308
[a]	31/180	.142	84/180	**.668**	65/180	.190
Dit. oral	87/133	**.511**	22/133	.239	24/133	.150
[ĩ]	34/86	.164	22/86	.292	30/86	**.544**
[ũ]	16/39	**.576**	17/39	.217	6/39	.208
[ẽ]	45/153	.122	102/153	**.723**	6/153	.155
[õ]	4/23	.077	5/23	.268	14/23	**.655**
[ã]	27/82	.238	53/82	**.649**	2/82	.113
Dit. nasal	24/57	**.676**	29/57	.260	4/57	. 064
Total	551/1375		465/1375		465/1375	

Os pesos relativos destacados na Tabela 2 para os fatores vogal média baixa (.896), média alta (.594) e alta anterior (.743) revelam a tendência verificada em outros dialetos do Pará e do Brasil, em que as três regras são favorecidas por assimilação da altura da vogal tônica subsequente, como ocorreu nos itens *d*[e]*fesa*, *p*[ɛ]*teca* e *p*[i]*rigo*.

Pode-se afirmar que vogais baixas são no geral os ambientes mais favorecedores da regra de abaixamento, com .521 para [ɔ] (*r*[ɛ]*lógio*) e .668 para [a] (*p*[ɛ]*cado*). Por outro lado, a média baixa é desfavorecida por média alta, mas neutralmente favorecida pela posterior com .347 (*p*[ɛ]*ssoa*) e pelas nasais [ẽ] com .723 (*d*[ɛ]*zembro*) e [ã] com .649 (*l*[ɛ]*vando*).

Dentre as três regras, a variante [e] apresenta os menores pesos de favorecimento por vogais de mesma altura, com .594 para [e] (*d*[e]*fesa*) e .452 para [o] (*c*[e]*bola*); os ditongos orais são contextos amplamente favorecedores da regra, com .511 para os orais (*pr*[e]*feito*, *d*[e]*pois*, *p*[e]*rdeu*, *t*[e]*soura*) e .676

para os nasais (*p*[e]*rdão*); as baixas e altas inibem a variante [e], exceto a vogal alta posterior, que chega a favorecê-la com peso relativo .367, porém próximo do índice de neutralidade (*v*[e]*rruga*).

Para o alteamento, as vogais altas são ambientes amplamente favorecedores, com .743 para [i] (*p*[i]*dido*), .605 para [u] (*p*[i]*ru*) e .544 para [ĩ] (*p*[i]*dindo*), porém [ũ] a desfavorece. Conforme se observa nos resultados, ainda que o contexto de média posterior nasal supere o de alta posterior em peso relativo, com .655 (*d*[i]*sonra*),[3] a quantidade de dados para esse contexto não nos permite falar em maior favorecimento em relação às altas. Concorrem para o desfavorecimento as baixas e as médias, exceto a média posterior nasal e a média alta oral, que também favorecem itens prefixados com *des-*.

Vogal átona contígua

Analisando os mesmos contextos vocálicos da Tabela 2, encontramos probabilidades favoráveis à assimilação da altura da vogal tônica subsequente pela pré-tônica, porém com pesos menores em relação aos contextos tônicos. Vejam-se os resultados na Tabela 3.

Tabela 3 – Efeito da vogal da sílaba átona contígua sobre a vogal média anterior pré-tônica

Vogal átona contígua	[e]		[ɛ]		[i]	
	Nº/Total	P.r	Nº/Total	P.r	Nº/Total	P.r
[i]	28/81	.159	18/81	.125	35/81	.716
[e] [o] [u]	99/135	.759	14/135	.119	22/135	.122
[ɛ]	3/36	.051	31/36	.698	2/36	.251
[ɔ]	6/11	.279	4/11	.676	1/11	.045
[a]	2/30	.015	20/30	.817	8/30	.168
[ĩ] [ũ]	11/20	.679	7/20	.048	2/20	.273
[ẽ] [õ]	1/16	.187	2/16	.221	13/16	.592
[ã]	16/30	.854	11/30	.045	3/30	.102
Total	166/359		107/359		86/359	

[3] Consideramos na amostra os itens lexicais formados com o prefixo des- por se incluírem no padrão silábico CVC. No entanto, Viegas (1987) aponta em seu estudo sobre as vogais médias pré-tônicas no dialeto de Belo Horizonte a tendência de favorecimento à variante [i] nesses contextos, independentemente da vogal da sílaba seguinte, como em *d*[i]*sligado*, *d*[i]*sfazer*.

A vogal alta anterior mantém a tendência de favorecimento ao alteamento com .716 para [i] (*j*[i]*rimum*); não foram gerados dados para [u], razão pela qual foi amalgamado às médias anteriores pelo traço de altura em relação a [ɔ], [ɛ], [a], [õ], [ẽ], [ã], sem que houvesse comprometimento dos pesos relativos; nesses contextos, há desfavorecimento da variante [i], a exemplo das baixas, o que indica que a aplicação da regra de alteamento, estando a pré-tônica seguida de sílaba átona, depende fundamentalmente da presença de vogais altas ou baixas na sílaba seguinte.

A harmonização vocálica também apresenta resultados significativos em contexto de vogais médias altas, ainda que menores que os pesos relativos dos ambientes de tônica contígua. Em relação ao favorecimento da variante [e], apenas os ambientes orais apresentam probabilidade significativa, com .759 (*m*[e]*xerica*, *d*[e]*bochar*); já os nasais influenciam o alteamento com .592 (*d*[i]*smontando*). As baixas e a alta anterior inibem a variante [e], porém as altas nasais favorecem-na com .679 (*r*[e]*spingar*, *r*[e]*tumbar*). Percebe-se que a nasalidade da vogal átona contígua é um parâmetro linguístico das variantes [e] e [i], pois, se a alta anterior desfavorece consideravelmente [e] e desencadeia a harmonização vocálica em [i], essas mesmas vogais, em contextos nasais, invertem as tendências, isto é, [ĩ] favorece a média alta, e [ẽ], a alta anterior. As baixas mantêm a tendência desfavorecedora à variante [e], porém a baixa central apresenta o mesmo contraste oral/nasal verificado em relação às altas e com uma discrepância acentuada: enquanto [a] desfavorece amplamente a média alta anterior, [ã] a favorece, com valor categórico de .854 (*m*[e]*rgulhando*).

A probabilidade de favorecimento da variante [ɛ] em contexto de vogal baixa em posição átona se aproxima da aplicação categórica para [a] com .817 (*g*[ɛ]*ladeira*) e .698 e .676 para as médias anterior e posterior, respectivamente (*d*[ɛ]*legado*, *d*[ɛ]*rrotado*).

Vogal tônica não-contígua

Esse grupo de fatores aprofunda a discussão sobre a influência da vogal da sílaba tônica e seus efeitos sobre as variantes [e], [ɛ] e [i], porém se verifica que a tonicidade não-contígua apresenta outras tendências de favorecimento das regras, por exemplo, no tocante à harmonização vocálica. Observemos na Tabela 4 os fatores merecedores de destaque.

Tabela 4 – Efeito da vogal da sílaba tônica não-contígua sobre a vogal média anterior pré-tônica

Vogal tônica não-contígua	[e] Nº/Total	P. r.	[ɛ] Nº/Total	P. r.	[i] Nº/Total	P. r.
[i]	11/34	.480	5/34	.225	18/34	.296
[u] [ũ]	4/8	.462	1/8	.259	3/8	.279
[e]	21/32	.298	9/32	.283	2/32	.419
[o]	12/23	.222	5/23	.279	6/23	.500
[ɛ]	1/9	.160	1/9	.203	7/9	.638
[a]	17/55	.140	17/55	.444	21/55	.140
Dit. oral	20/30	.124	6/30	.711	4/30	.165
[ĩ]	14/33	.359	5/33	.270	14/33	.372
[ẽ]	8/20	.303	4/20	.119	8/20	.578
[ã]	21/61	.413	37/61	.492	3/61	.094
Dit. nasal	35/54	.662	18/54	.259	1/54	.079
Total	164/359		108/359		87/359	

As vogais em posição tônica não-contígua não desencadeiam a harmonização vocálica verificada quando se encontram em posição tônica contígua; ao contrário, desfavorecem-na: [i] apresenta o peso relativo de .296 para a alta anterior e favorece a média alta anterior com .480 (*m*[e]*recido*); [e] apresenta o peso relativo de .298 para a média alta anterior e favorece o alteamento com .419 (*d*[i]*sfazer*); e [ɛ] apresenta o peso relativo de .203 para a média baixa anterior, favorecendo o alteamento (*d*[i]*smerece*).

Relativamente à variante [e], mostram-se favorecedores à sua realização as altas orais e nasais com .462 para [u]/[ũ] (*f*[e]*chadura*, *j*[e]*rimum*) e .359 para [ĩ] (*m*[e]*dicina*). A variante [ɛ] é favorecida por baixa central, com .444 para [a] (*p*[ɛ]*rguntar*), e .492 para [ã] (*l*[ɛ]*vando*), o que torna as baixas, com base nos resultados, as únicas vogais desencadeadoras da harmonização vocálica quando em posição tônica não-contígua. Os ditongos orais se mostram altamente favorecedores da variante [ɛ], com .711 (*p*[ɛ]*ssoal*). A variante [i] é favorecida por média alta posterior com .500 (*m*[i]*didor*); média baixa anterior com .638 (*c*[i]*mitério*); alta anterior nasal com .372 (*g*[i]*rgelim*) e média anterior nasal com .578 (*pr*[i]*guicento*).

Modo de articulação das consoantes antecedentes e subsequentes

Definimos esses grupos com o objetivo de verificar se a variável dependente, em razão do modo de articulação das consoantes contextuais, tende a ser favorecida pelos fatores oclusivo, constritivo, africado, lateral, vibrante (tepe alveolar) e nasal. Com base nos dados, é importante destacar que a probabilidade de favorecimento a uma regra, a partir do ponto de articulação da consoante precedente, nem sempre corresponde ao de seu modo, por exemplo, pelo que se observa em relação à oclusiva bilabial [b]: enquanto a oclusão favorece amplamente a variante [e] com o valor quase categórico de .865 (ver Tabela 5), as consoantes oclusivas bilabiais a desfavorecem (ver Tabela 7), o que indica que as oclusivas não compartilham as mesmas tendências de favorecimento das regras.

Tabela 5 – Efeito do modo de articulação da consoante antecedente sobre a vogal média anterior pré-tônica

Modo de articulação da consoante antecedente	[e]		[ɛ]		[i]	
	Nº/Total	P.r.	Nº/Total	P.r.	Nº/Total	P.r.
Oclusivo	298/557	.865	211/557	.131	48/557	.004
Constritivo	217/491	.873	198/491	.124	76/491	.003
Africado	5/71	.003	1/71	.012	65/71	.984
Lateral	38/69	.078	30/69	.319	1/69	.603
Vibrante	78/134	.006	39/134	.030	17/134	.964
Nasal	73/154	.563	49/154	.348	32/154	.089
Total	709/1476		528/1476		239/1476	

Tabela 6 – Efeito do modo de articulação da consoante subsequente[4] sobre a vogal média anterior pré-tônica

Modo de articulação da consoante subsequente	[e] Nº/Total	P.r.	[ɛ] Nº/Total	P.r.	[i] Nº/Total	P.r.
Oclusivo	124/284	.566	119/284	.322	41/284	.112
Constritivo	411/983	.607	270/983	.310	302/983	.083
Lateral	35/150	.135	103/150	.765	12/150	.099
Nasal	83/135	.514	20/135	.074	32/135	.412
Total	707/1691		554/1691		430/1691	

Em posição antecedente, a variante [i] é muito favorecida pelos modos africado e vibrante (tepe alveolar), com índices categóricos de .984 e .964, respectivamente; também favorecedor é o modo lateral, com .603, que desfavorece [i] em posição subsequente.

Com a variante [e], contribuem quase categoricamente os modos oclusivo e constritivo em posição antecedente: .865 e .873, respectivamente. Esse quadro se inverte em posição subsequente (Tabela 6), cujos pesos apontam para o desfavorecimento. O modo nasal a favorece em posição antecedente com .563 e subsequente com .514. Em posição subsequente, favorecem a variante os modos oclusivo, com .566, e o constritivo, com .607.

Quanto à variante [ɛ], apenas o modo nasal em posição antecedente se mostrou favorecedor, porém com valor quase neutro de .348. Em relação ao modo oclusivo, que desfavorece o abaixamento em posição antecedente, veremos, na Tabela 7, que essa tendência não se mantém com relação a uma oclusiva velar sonora antecedente, que a favorece com o peso quase categórico de .811. Altamente favorecedor ao abaixamento em posição subsequente se mostra o modo lateral, com .765.

Ponto de articulação das consoantes antecedentes e subsequentes

Analisamos esse grupo de fatores com base na classificação articulatória das consoantes em posição antecedente e subsequente à vogal média anterior pré-tônica, no intuito de verificar a contribuição dos traços articulatórios com a realização variável, pela relação que estabelecem entre si. Como temos dito,

[4] Nesse grupo de fatores, não foram gerados dados para os modos africado e vibrante (tepe alveolar), razão pela qual foram retirados da análise.

os resultados demonstram que modo e ponto de articulação não compartilham as mesmas tendências de favorecimento, fato que nos encarrega de definir que consoantes apresentam efeito mais ou menos favorecedor e a que regra. As consoantes foram analisadas a partir dos traços [+labial] ([p, b, m, f, v]), [+alveolodental] ([t, d, n, l, ɾ]), [+sibilante] ([s, z]), [+palatal] ([ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, ɲ, λ]), [+velar] ([k, g]) e [+glotal] ([h, ɦ]).

Tabela 7 – Efeito do ponto de articulação das consoantes antecedentes sobre a vogal média anterior pré-tônica

Consoante antecedente	[e]		[ɛ]		[i]	
	Nº/Total	P.r.	Nº/Total	P.r.	Nº/Total	P.r.
[p]	132/290	.140	136/290	.369	22/290	.491
[b]	16/24	.042	3/24	.039	5/24	.919
[t]	71/104	.437	32/104	.218	1/104	.345
[d]	68/108	.097	25/108	.174	15/108	.729
[g]	11/32	.019	16/32	.811	5/32	.169
[tʃ]	5/71	.837	1/71	.114	65/71	.049
[f]	43/91	.076	33/91	.111	15/91	.812
[v]	38/77	.046	25/77	.292	14/77	.662
[s]	45/123	.023	46/123	.103	32/123	.874
[z]	15/23	.076	6/23	.035	2/23	.889
[ʃ]	32/64	.119	20/64	.046	12/64	.835
[h]	44/111	.127	66/111	.604	1/111	.269
[m]	42/106	.507	34/106	.321	30/106	.172
[n]	31/49	.595	16/49	.382	2/49	.024
[ɾ]	78/134	.964	39/134	.036	17/134	.000
[l]	38/69	.865	30/69	.134	1/69	.001
Total	709/1476		528/1476		239/1476	

Como se pode observar nos resultados da Tabela 7, a variante [i] foi a mais favorecida por consoante antecedente, a saber: labiais [p] com .491, [b] com peso categórico de .919, [f] com .812 e [v] com .662; alveolodentais [t] com peso próximo da neutralidade em .345 e [d] com .729; sibilantes [s] com .874 e [z] com .889; palatais [ʃ] com .835. A segunda variante mais favorecida foi [e]:

pelas alveolodentais [t] com .437, [n] com .595, [ɾ] com .964 e [l] com .865; palatal [tʃ] com .837 e labiais [m] com .507. A variante baixa foi a menos favorecida por consoante antecedente: pela labial [p] com .369, próximo da neutralidade; velar [g] com .811; glotal [h] com .604 e alveolodental [n] com .382.

Tabela 8 – Efeito do ponto de articulação das consoantes subsequentes[5] sobre a vogal média anterior pré-tônica

Consoante subsequente	[e] N°/Total	[e] P.r.	[ɛ] N°/Total	[ɛ] P.r.	[i] N°/Total	[i] P.r.
[p]	11/27	.342	10/27	.243	6/27	.414
[b]	31/45	.435	8/45	.276	6/45	.289
[t]	12/47	.381	34/47	.338	1/47	.281
[d]	31/54	.374	22/54	.428	1/54	.199
[k]	7/49	.073	26/49	.163	16/49	.764
[g]	32/60	.194	18/60	.555	10/60	.250
[tʃ]	3/11	.641	1/11	.225	7/11	.135
[v]	95/128	.405	31/128	.379	2/128	.215
[s]	103/249	.139	30/249	.080	116/249	.781
[z]	62/152	.225	57/152	.267	33/152	.508
[ʃ]	49/228	.056	30/228	.078	149/228	.866
[x]	25/49	.167	23/49	.418	1/49	.415
[ɦ]	76/178	.093	100/178	.831	2/178	.076
[m]	33/60	.264	20/60	.681	7/60	.056
[n]	51/78	.556	2/78	.043	25/78	.401
[ɾ]	51/128	.511	41/128	.326	36/128	.163
[l]	35/148	.665	101/148	.261	12/148	.074
Total	707/1691		554/1691		430/1691	

Como mostra a Tabela 8, a variante mais favorecida por consoante subsequente foi [e]: pelas labiais [p] com .342, [b] com .435 e [v] com .405; pelas alveolodentais [t] com .381, [d] com .374, [n] com .556, [ɾ] com .511 e [l] com .665. As variantes alta e baixa foram favorecidas por sete fatores, sendo a

[5] Não foram gerados dados para [dʒ], [f], [ʒ], [ɣ], [h], [ɲ] e [λ], razão pela qual foram retirados da análise.

variante [i] favorecida pela labial [p] com .414; velares [k] com .764 e [x] com .415; sibilantes [s] com .781 e [z] com .508; palatal [ʃ] com .866 e alveolodental [n] com .401. E a variante [ɛ] favorecida pelas alveolodentais [t] com .338 e [d] com .428; velares [g] com .555 e [x] com .418; labial [v] com .379 e glotal [ɦ] com .831.

Cabem algumas considerações acerca dos favorecimentos acima apontados.

Em posição antecedente, em relação à variante [e], as alveolodentais são as mais favorecedoras; pelas altas probabilidades, destacam-se a palatal [tʃ] e as alveolodentais [ɾ] e [l]. Para a variante [ɛ], em posição antecedente, destacam-se a velar e a glotal; pelas altas probabilidades, destacam-se a velar [g] e a glotal [h]. A variante [i], em posição antecedente, é favorecida pelas sibilantes e pela palatal; pelas altas probabilidades, destacam-se as labiais [b], [f] e [v], a alveolodental [d], as sibilantes e a palatal [ʃ].

Quanto à posição subsequente, as labiais, alveolodentais e palatal [tʃ] favorecem a variante [e]; pelas altas probabilidades, destacam-se a palatal [tʃ] e a alveolodental [l]. À variante [ɛ] são favorecedoras as alveolodentais [t] e [d], as labiais [v] e [m], as velares [g] e [x] e a glotal; pelas altas probabilidades, destacam-se a glotal e a labial [m]. A variante [i] é favorecida pelas labial [p], velar [k], sibilantes, palatal [ʃ], velar [x] e alveolodental [n]; pelas altas probabilidades, destacam-se a velar [k], a sibilante [s] e a palatal [ʃ].

Em relação ao ponto de articulação das consoantes seguintes, esses resultados são parcialmente comparáveis aos alcançados por Freitas (2001) e Bisol (1981), que, ao analisarem as falas de Bragança e Porto Alegre, respectivamente, consideraram esse mesmo fator e constataram, por exemplo, o favorecimento de [i] pelas palatais.

Posição da pré-tônica em relação à tônica

Esse grupo refere-se à distância da variável em relação à sílaba da vogal tônica. Adotamos como parâmetro a distância 1, quando a tônica é contígua à variável (*segundo*); distância 2, quando entre elas há uma sílaba interposta (*acreditar*); e distância 3, quando duas sílabas se interpõem entre a variável e a tônica (*pedagogia*).

Tabela 9 – Efeito da posição da sílaba tônica sobre a vogal média anterior pré-tônica

Posição da sílaba tônica	[e] Nº/Total	P.r.	[ɛ] Nº/Total	P.r.	[i] Nº/Total	P.r.
Posição 1	549/1376	.402	466/1376	.197	361/1376	.401
Posição 2	128/273	.423	73/273	.148	72/273	.429
Posição 3	39/82	.207	32/82	.497	11/82	.296
Total	717/1734		572/1734		445/734	

O resultado final da análise mostra que os dados mais significativos em posição 1 ocorrem para as variantes [e] e [i], com pesos relativos próximos: .402 e .401, respectivamente; o mesmo comportamento é apresentado por essas variantes na posição 2, com .423 para [e] e .429 para [i]. Para a variante [ɛ], constata-se favorecimento somente em posição 3, com .497, o que demonstra haver distribuição complementar entre as vogais média e alta, de um lado, e a baixa, de outro, isto é, as posições 1 e 2 favorecem média e alta quando desfavorecem baixa, e a posição 3 favorece baixa quando desfavorece média e alta (Tabela 9).

Tipo silábico

Buscamos com esse fator verificar sua relevância no comportamento da regra variável em questão, opondo os padrões CV (aberto ou ataque sem coda) e CVC (travado ou com coda preenchida).

Tabela 10 – Efeito do padrão silábico sobre a vogal média anterior pré-tônica

Padrão silábico	[e] Nº/Total	P.r.	[ɛ] Nº/Total	P.r.	[i] Nº/Total	P.r.
CV	543/1095	.315	375/1095	.397	177/1095	.288
CVC	136/313	.347	123/313	.275	54/313	.275
Total	679/1408		498/1408		231/1408	

Verifica-se de início a grande diferença de frequência dos fatores em razão de o padrão CV constituir padrão silábico canônico em português. No entanto, a distribuição dos pesos relativos para os dois fatores demonstra que não há tendência de favorecimento amplo a alguma das variantes, destacando-se,

para a baixa, o peso de .397 no padrão CV e, para a média, o de .347 no padrão CVC. Para a alta, os pesos não apresentam índices significativos (Tabela 10).

Fatores extralinguísticos

Procedência geográfica

Abordados os componentes linguístico e social operantes na realização da variável, passamos a descrever a variação do ponto de vista espacial, com vistas a documentar o fenômeno a partir das áreas dialetais que cada município pode representar. A rigor, o fator geográfico, do mesmo modo que o estrutural e o social, é de suma importância numa descrição linguística. Os pontos investigados, como já foi dito, foram os municípios de Belém (capital), Soure (Marajó), Almeirim (Baixo-Amazonas), Marabá (sudeste), Altamira e Jacareacanga (sudoeste).

Considerando-se as variantes mais favorecidas em cada município, verificamos que, no Pará, a variável apresenta uma distribuição geográfica que aponta para a diversidade dialetal, o que ademais não nos permite traçar uma isófona contínua no Estado, pois, em Belém, Soure e Almeirim, a variante [e] se destaca, aproximando nossos resultados aos de Bragança (FREITAS, 2001), Cametá (ARAÚJO, 2007), Belém (NINA, 1991) e Mocajuba (CAMPOS, 2008). Assim, temos naqueles três municípios os seguintes pesos para a variante [e]: .364 (Belém), .392 (Soure) e .386 (Almeirim).

Por outro lado, os municípios de Altamira e Jacareacanga favorecem a variante [ɛ] com pesos relativos de .423 e .376, respectivamente; já em Marabá, a variante [i] é a mais favorecida com .344, variante que também é favorecida em Altamira, com peso de .340. Se considerarmos a dinâmica sócio-histórica desses três municípios, podemos afirmar que todos são marcados pela chegada de imigrantes do Nordeste, como é o caso de Altamira e Jacareacanga; e do Sul, como é o de Marabá. Essa peculiaridade demográfica é mais acentuada em relação aos municípios que favorecem [e]. O favorecimento de [ɛ] em Altamira e Jacareacanga poderia, inclusive, corroborar o postulado de Silva (1989, p.75) de que "o Pará, em relação aos falares do norte, constitui-se numa ilha dialetal", pois o único elemento que aproxima esses municípios da classificação proposta por Antenor Nascentes (1922 [1953]) é exatamente a chegada de

imigrantes nordestinos.[6] Dessa forma, teríamos no Estado do Pará a representação geográfica presente na Figura 1.

Faixa etária e sexo

Os dados demonstram que os fatores faixa etária e sexo não constituem marcadores sociais relevantes para se determinar o comportamento das vogais médias nos municípios pesquisados. Em relação à faixa etária, os índices se aproximam da neutralidade nos dois grupos de fatores, porém destacamos a variante [i] sendo favorecida pelos jovens, com .343, e a variante [e], com .338. Para os mais velhos, a situação se inverte se observarmos a variante [ɛ] sendo a mais favorecida, com .347. O comportamento da variável se configura diferentemente do que observou Bisol (1981), que considerou ser o grupo dos mais velhos o que mais recorre à regra de alteamento e sugeriu que o alteamento é um processo em vias de regressão no dialeto falado na cidade de Porto Alegre (BISOL, 1981, p.86). No entanto, no Pará, talvez se verifique um processo de inovação, considerando-se que é entre os mais jovens que a variante [i] se destaca, embora haja tendência favorecedora à variante [e], considerada de prestígio e utilizada pelos mais escolarizados. Conforme se observa nos dados, os mais velhos têm preferência por uma variante desprestigiada diferente de [i], no caso [ɛ], e desfavorecem [e], assim como [i].

Quanto à variável sexo, os fatores se mostraram neutros em todos os trabalhos que consultamos acerca da pauta pré-tônica nos dialetos brasileiros, porém o incluímos tanto por razões metodológicas orientadoras do presente estudo, quanto pelo intuito de verificar se essa "neutralidade", apontada, por exemplo, nos citados estudos de Bisol (1981), Viegas (1987) e Silva (1989), também é observada no Pará. Seguindo a tendência de outras cidades brasileiras, o sexo também não chega a constituir um marcador social da variável na área que aqui analisamos. Assim, note-se que as mulheres têm preferência pela variante [i] sem peso relevante (.365) e pela variante [e] com peso neutro (.333), ao passo que os homens têm preferência apenas pela variante [ɛ], porém sem peso relevante (.366).

Procuramos demonstrar na Figura 2 os fatores sociais interpretados geograficamente. A carta linguística traz o item lexical ***seguro***, destacadas as

[6] Tanto em Altamira quanto em Jacareacanga, esse processo se deu por volta de 1970, quando da abertura das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, obras que permitiram o acesso de populações diversas ao sudoeste paraense.

	[e]		[ɛ]		[i]	
	N/total	P	N/total	P	N/total	P
Altamira	127/403	.237	171/403	.423	105/403	.340
Jacareacanga	153/403	.299	147/403	.376	103/403	.325
Marabá	122/277	.329	88/277	.328	67/277	.344
Belém	182/386	.364	100/386	.273	104/386	.362
Soure	120/242	.392	63/242	.261	59/242	.347
Almeirim	15/36	.386	13/36	.346	8/36	.268
TOTAL	719/1147		582/1147		446/1147	

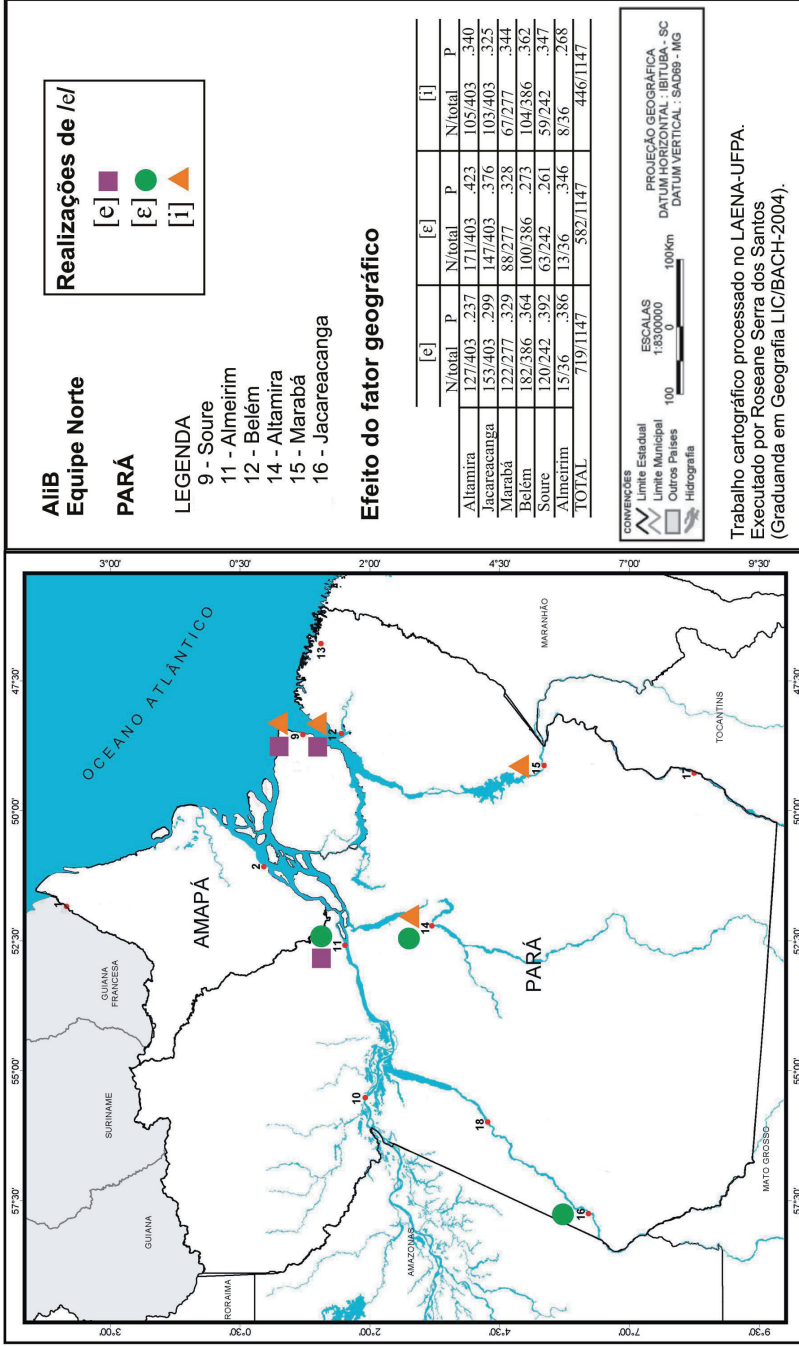



Figura 1 – Representação geográfica da vogal média pré-tônica anterior no Estado do Pará
Fonte: Base cartográfica: IBGE/2004. Dados: Pesquisa de campo/2007.

Faixa etária

	[e]		[ɛ]		[i]	
	N/total	P	N/total	P	N/total	P
18-30	**354/843**	**.338**	266/843	.320	**223/843**	**.343**
59-65	365/904	.329	**316/904**	**.347**	223/904	.324
TOTAL	719/1147		582/1147		446/1147	

Sexo

	[e]		[ɛ]		[i]	
	N/total	P	N/total	P	N/total	P
Feminino	**373/889**	**.333**	273/889	.320	**243/889**	**.365**
Masculino	346/858	.329	**309/858**	**.366**	203/858	.302
TOTAL	719/1147		582/1147		446/1147	

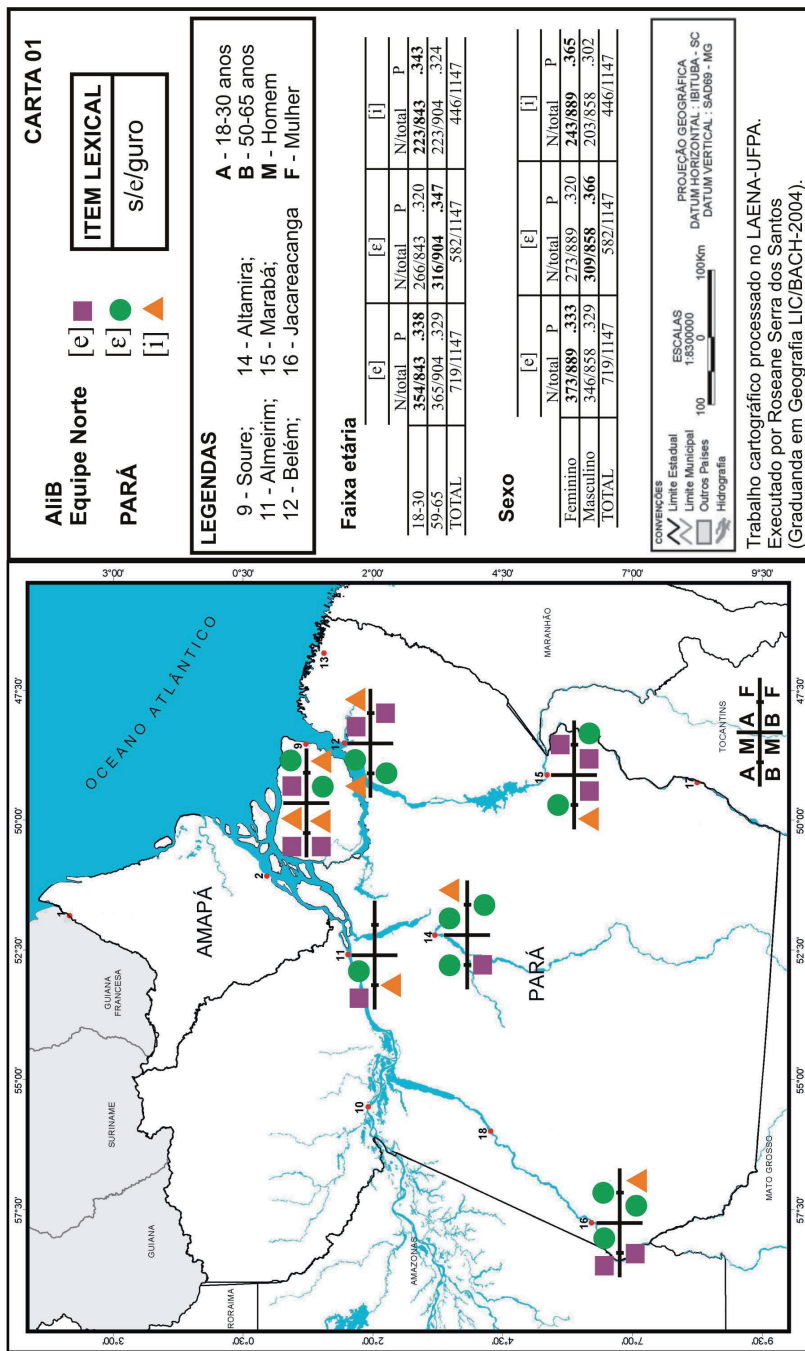



Figura 2 – Carta linguística nº 01, item lexical s/e/guro

Fonte: Base cartográfica: IBGE/2004. Dados: Pesquisa de campo/2007.

três realizações variáveis. Esse item integra o questionário fonético-fonológico utilizado na pesquisa e constitui uma amostra representativa da realização variável da vogal média anterior pré-tônica no Estado do Pará. Observe-se que: os dados estatísticos ordenados no quadro à direita se referem ao comportamento da variável em todos os pontos inquiridos; no mapa, se encontram os resultados dos cruzamentos que realizamos com o programa de regras variáveis, no intuito de refinar a análise e identificar que informantes favorecem determinada regra, de acordo com sua estratificação.

Considerações finais

A realização variável da vogal média anterior pré-tônica nos municípios pesquisados coincide com as constatações dos estudos de interface aqui referidos, confirmando-se a preferência pela variante [e] em grande parte do território paraense. Entretanto, não há uma ampla tendência de favorecimento a essa variante, considerando-se as frequências obtidas para as demais regras, o que indica que o fenômeno constitui um quadro multidialetal no Estado. Os resultados a que chegamos nos permitem afirmar que há zonas dialetais representativas das três regras variáveis, quando se observam Belém, Soure e Almeirim favorecendo a variante [e], Altamira e Jacareacanga favorecendo a variante [ɛ], e Marabá favorecendo a variante [i], fato que, do ponto de vista geolinguístico, salta aos olhos e permeia as vicissitudes sócio-históricas de cada município.

Quanto às tendências de favorecimento interno, tanto o contexto vocálico quanto o consonantal se mostraram favorecedores: no primeiro, as vogais tônicas (contíguas) e átonas seguintes; no segundo, o modo e o ponto de articulação das consoantes adjacentes. Esse quadro assemelha nossos resultados aos dos citados estudos de Bisol (1981), Viegas (1987) e Silva (1989) e, principalmente, aos de Nina (1991), Freitas (2001), Araújo (2007) e Campos (2008), que apontam a preferência pela variante [e] no Pará. Quanto aos condicionamentos extralinguísticos, os fatores sociais tenderam para a neutralidade, e o geográfico, para a delimitação de zonas dialetais que evidenciam a diversidade do fenômeno.

Referências

ARAÚJO, M. *As vogais médias pré-tônicas /e/ e /o/ no português falado no município de Cametá-PA*: uma abordagem variacionista. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém.

BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BORTONI, S. M. et al. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.20, 1991.

CAMPOS, B. M. S. P. *Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no município de Mocajuba-PA*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas linguístico do Brasil*: questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

FREITAS, S. N. *As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém.

MARQUES, S. M. O. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOTA, J. A. *Vogais antes do acento em Ribeirópolis-SE*. 1979. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953 [1922].

NINA, T. *Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano*: a variedade culta de Salvador. 1989. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VIEGAS, M. C. *Alçamento de vogais médias pretônicas*: uma abordagem sociolinguística. 1987. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras…

Aparecida Negri Isquerdo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
CNPq

Preliminares

O léxico é o nível da língua que melhor evidencia as pegadas do homem na sua trajetória histórica. É por meio dele que o homem nomeia o espaço que o circunda e consubstancia a sua visão de mundo acerca da sociedade. Nessa perspectiva, as migrações do homem se traduzem também em migrações de palavras que ora se fixam na fala de determinados grupos sociais, ora são substituídas por outras que melhor traduzam a realidade sociocultural desses grupos. Independentemente da época ou do espaço geográfico, os rios têm sido um forte canal de ligação entre povos, o caminho para a conquista de novos territórios, para a concretização de aventuras em busca do desconhecido. Os rios contribuem para delimitação de fronteiras que, por sua vez, "acompanham os movimentos dos povos e marcam as grandes viradas nas transformações das civilizações" (RAFFESTIN, 2005, p.12). Dentre os diferentes conceitos de fronteira, situam-se as linhas e as regiões de fronteira que, na visão de Abinzano (2005, p.116), configuram-se como

> [...] un espacio determinado por las acciones humanas y no por sus propias características físicas, pero también, es imprescindible tener en cuenta todas las características físicas del medio ambiente, la topografía, los recursos naturales, el clima, etc. y las infraestructuras disponibles como caminos, transportes, comunicaciones, puentes, etc.

Nesse contexto das características físicas, destaca-se o papel dos rios, sobretudo em áreas de desbravamento de territórios ainda não explorados. Ao longo dos rios, surgem portos de ancoragem que dão origem a aglomerados humanos, não raras vezes, transformados em cidades e, em muitos casos, em grandes centros urbanos que contribuem para perpetuar hábitos culturais e linguísticos. Na região Centro-Oeste, isso não foi diferente. Fatores diversos desencadearam o movimento do homem para o Oeste brasileiro e, por extensão, o caminhar das palavras que, em contato com novas culturas, com outras línguas, polarizaram ou o surgimento de neologismos ou a fixação de arcaísmos, duas categorias de palavras que convivem de forma harmoniosa no uso da língua. Se, por um lado, a língua tem sua própria história e pode servir como meio de comunicação de diferentes povos, com culturas distintas, por outro, em especial no âmbito do vocabulário, sofre influências do meio ambiente físico e social que individualizam esses mesmos povos em termos

culturais. Isso justifica a presença de regionalismos (palavras que integram a norma lexical dos habitantes de um determinado espaço geográfico, cuja dimensão depende do ângulo tomado como objeto de investigação — um município, um estado, uma região administrativa, um país...) no uso da língua por uma comunidade linguística.

Analisar a relação entre língua e cultura implica considerar a perspectiva etnolinguística, uma vez que as escolhas lexicais refletem tanto características físicas quanto interétnicas da região estudada. A Etnolinguística, disciplina originalmente concebida como estudo da relação entre linguagem e civilização e cultura, fornece ao estudioso da linguagem fundamentos para a análise da língua em sua relação com fatores extralinguísticos, mormente os relacionados com a formação étnica e social da sociedade. Coseriu (1981[1] apud CASADO VELARDE, 1991, p.17) propõe três perspectivas de análise da relação entre linguagem e cultura:

> a) el lenguaje mismo es una forma primaria y fundamental de la cultura;
> b) el lenguaje refleja la cultura no lingüística: manifiesta los "saberes", las ideas e creencias acerca de lo conocido;
> c) no se habla solo con el lenguaje como tal, con la "competencia lingüística", sino también con la "competencia extralingüística", es decir, con los saberes, ideas y creencias acerca de las "cosas" y estos saberes, ideas y creencias influyen sobre la expresión lingüística y la determinan en alguna medida.

Os dois últimos sentidos propostos justificam, na visão do autor, a disciplina Etnolinguística. Neste estudo, interessa-nos o exposto nos itens "b" e "c", ou seja, os reflexos da cultura não linguística na maneira de um grupo atribuir nome a um conceito, vez que a forma de designar determinados referentes evidencia valores, crenças, tabus veiculados pelo imaginário popular. Além disso, é preciso considerar fatores sócio-históricos que podem influenciar a disseminação e a consequente fixação de itens lexicais em certas regiões, em detrimento de outras, haja vista que a presença e a manutenção de determinadas variantes lexicais em alguns espaços geográficos encontram explicação no sistema de povoamento e de colonização ali operados. Particularmente os estudos de natureza geolinguística, em decorrência da metodologia ado-

[1] COSERIU, E. La socio- y la etnolingüística: sus fundamentos y sus tareas. *Anuario de Letras*, México, v.19, p. 5-29, 1981.

tada para a recolha, a análise e o mapeamento dos dados, fornecem elementos para a interpretação da vitalidade, da extensão e da distribuição espacial de formas linguísticas, em muitos casos, daquelas que estão em vias de desaparecimento do vocabulário ativo de um grupo, seja porque foram substituídas por outras de maior prestígio social, em decorrência de processos migratórios, de preconceitos linguísticos, que incidem sobre a palavra em si, sobre o referente nomeado ou até mesmo sobre o grupo que a veicula; seja em decorrência da disseminação da língua padrão por meio da escola, da imprensa midiática, ou, até mesmo, pelo desaparecimento do referente.

Este trabalho examina resultados parciais de dados lexicais de natureza geolinguística recolhidos pela equipe de pesquisa do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), analisando variantes documentadas como respostas para a pergunta 66 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), que busca apurar o nome da 'ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa', vinculada à área semântica da fauna, nas localidades que integram a rede de pontos do Projeto ALiB nos Estados de Mato Grosso do Sul e de Mato Grosso. Discute também os dados mapeados na carta linguística **QSL 0090.a – joão-de-barro**, do *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul* (ALMS) (OLIVEIRA, 2007). O estudo tem como objetivo analisar a distribuição diatópica das variantes registradas, demonstrando, sobretudo, a produtividade da variante lexical ***amassa-barro*** em localidades situadas ao longo do Rio Paraguai nos Estados de Mato Grosso do Sul e de Mato Grosso, e, além disso, discutir a relação entre a disseminação dessa variante e a história social desses dois Estados da Federação, com base em dados exemplificativos recolhidos na região selecionada.

Contextualização histórica

O povoamento da região Centro-Oeste do Brasil aconteceu no início do século XVIII, pela ação dos bandeirantes paulistas que adentraram o sertão brasileiro em busca de ouro e de metais preciosos. Na verdade, o território mato-grossense passou a ser oficialmente da Coroa portuguesa a partir do Tratado de Madrid (1750). O movimento das "entradas" e "bandeiras", iniciado no século XVI, tinha como um dos seus objetivos a expansão e a inte-

gração do território, intensificando o povoamento e a exploração econômica do interior da Colônia, sendo o responsável pela formação dos seus primeiros núcleos populacionais.

No caso do território mato-grossense, segundo J. C. V. Ferreira (2001, p.34-36), a bandeira comandada por Paschoal Moreira Cabral, na empreitada em busca de índios para escravizar na região próxima ao Rio Coxipó, encontrou grande quantidade de ouro. Em face disso, os componentes da bandeira fixaram-se na confluência do Rio Coxipó com o Ribeirão Mutuca, dando origem à povoação Forquilha, "população pioneira de todo Mato Grosso [...] o embrião do povoamento da futura Capitania de Mato Grosso" (p.36). Em 1719, sob a liderança do mesmo Paschoal Moreira Cabral, é lavrada a ata de criação do arraial de Cuiabá, fato que lhe afiançava, perante a Coroa portuguesa, o direito de exploração e domínio das novas lavras descobertas na localidade. Como outros sertanistas continuaram a descobrir novas jazidas, a região transformou-se num vasto campo de mineração, razão por que atraiu um grande fluxo de monções motivadas pela corrida do ouro na região do Rio Cuiabá. Eram os paulistas que seguiam viagem, por via fluvial, até Mato Grosso, em busca dos veios de ouro que passaram a ser descobertos por integrantes das expedições que trilhavam aqueles rincões.

O Rio Paraguai e o povoamento da Capitania de Mato Grosso

A bacia hidrográfica do Paraguai cobre parte dos Estados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. Banhada pelo rio do mesmo nome, essa bacia tem uma extensão de cerca de 2.600 km, ao longo dos territórios brasileiro e paraguaio, até a sua desembocadura no Rio Paraná.

O Rio Paraguai nasce na Serra de Araporé, encosta meridional da Serra dos Parecis, no Estado de Mato Grosso, próximo à cidade de Diamantino. Sua nascente foi objeto de relatos, em alguns pontos controversos entre si, dos primeiros sertanistas que percorreram o então território mato-grossense. O francês Augusto Leverger, por exemplo, em seu estudo *Vias de navegação em Mato Grosso*, divulgado em 1885, registrou a versão de que o Rio Paraguai

> [...] nasce sete léguas a E da vila do Diamantino. Corre a OSO e na distância de cinco léguas, em linha reta, recebe pela esquerda o primeiro ribeiro que traz as águas das Sete-Lagoas. Talvez deva ser considerado como a

primeira e principal origem do Rio Paraguay (apud MAGALHÃES, 2008, p.14).

Segundo Virgílio Corrêa Filho, historiador mato-grossense, Rondon (1915), a partir do seu trabalho de reconhecimento da área com vistas à instalação das linhas telegráficas, apontou uma correção acerca do local da nascente desse rio, atribuindo ao Ribeirão Pedra do Amolar o início da formação do Rio Paraguai (apud MAGALHÃES, 2008, p.15). Esse mesmo historiador registra a seguinte conclusão a respeito da nascente do Rio Paraguai:

> [...] destarte formado, desce, impetuoso, do planalto dos Parecis [...]. De caminho, vai recolhendo a contribuição dos tributários que lhe ampliaram a influência econômico-histórica, seja do Jauru, Cabeçal e Cipotuba, pela direita, seja do Cuiabá, com o São Lourenço, Piquiri-Itiquira, do Taquari, Miranda, à esquerda, como também o Apa, onde se aparta do território brasileiro (CORRÊA FILHO apud MAGALHÃES, 2008, p.16).[2]

O Rio Paraguai, inicialmente navegado pelos índios guaicurus e paiaguás, serviu de caminho para viajantes europeus no início do século XVI, como o português Aleixo Garcia, tido como o primeiro homem branco que teria navegado por esse rio, em 1526, em busca de tesouros nas montanhas andinas. Há registros de marcas colonizadoras desse viajante nas regiões ribeirinhas do Pantanal, em ambos os lados do rio. Juan de Ayolas, por seu turno, é apontado como o segundo viajante europeu que comandou uma expedição usando-o como caminho. Em 1536, trafegou pelas águas desse grande rio em companhia de Domingo Martinez de Irala, com o objetivo de consolidar o domínio espanhol e encontrar riquezas para a Coroa espanhola. Dentre outras expedições comandadas por viajantes espanhóis, duas são apontadas como mais significativas, lideradas, respectivamente, por Ulrich Schmidl, iniciada em 1538, e por Alvar Núñez Cabeza de Vaca, que subiu o rio em 1543.

Já nos séculos XVII e XVIII, o Rio Paraguai torna-se o meio de acesso dos bandeirantes paulistas às minas de Cuiabá[3] e de Mato Grosso:

> [...] a partir do emblemático rio Tietê, outrora chamado de Anhemby, plataforma das embarcações que iriam dar nos rios Paraná e Paraguay,

[2] Confira a Figura 3, apresentada na sequência deste trabalho, que mostra o caminho da unidade lexical ***amassa-barro*** em localidades situadas ao longo do Rio Paraguai e de seus afluentes.

[3] Segundo J. C. V. Ferreira (2001, p.442), "a primeira notícia que se tem sobre o território atual de Cuiabá remonta aos anos de 1670 a 1673".

> teve início a interiorização luso-brasileira rumo ao oeste. Bandeirantes do naipe de Antonio Raposo Tavares — o primeiro deles a navegar pelo Paraguay — lançaram-se a esquadrinhar rios e montanhas aprisionando indígenas em epopéias que terminaram por expandir o território brasileiro (MAGALHÃES, 2008, p.16).

Nos séculos subsequentes, grandes levas migratórias oriundas também de outros Estados da Federação, em especial os do Nordeste, foram responsáveis pela atividade extrativista nos inúmeros garimpos que se instalaram no Estado de Mato Grosso, dando origem a muitos dos atuais municípios mato-grossenses.

As unidades lexicais ***amassa-barro*** e ***joão-de-barro***: perspectiva geolinguística

Dados documentados pelo Projeto ALiB

Este estudo contemplou 14 localidades que integram a rede de pontos do Projeto ALiB nos Estados de Mato Grosso[4] e Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste do Brasil. As respostas foram fornecidas por 64 informantes, distribuídos conforme as seguintes variáveis: a) escolaridade: 8 com curso superior (4 em Cuiabá e 4 em Campo Grande) e 56 com ensino fundamental incompleto (20 oriundos de localidades do interior e 4 da capital de Mato Grosso do Sul e 28 do interior e 4 da capital de Mato Grosso; b) sexo: 32 do sexo feminino e 32 do masculino; c) idade: 32 da faixa etária 1 (18 a 30 anos) e 32 da faixa etária 2 (50 a 65 anos); naturalidade: nascidos e criados na localidade, com pais, preferencialmente, nascidos na localidade e/ou na mesma região linguística.

O levantamento dos dados para este estudo reuniu três unidades lexicais e respectivas variantes para nomear a 'ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa' (QSL, 66): ***amassa-barro/massa-barro***: 24 ocorrências; ***joão-de-barro/joana-de-barro***: 47 ocorrências; e ***pedreiro da floresta***, com apenas uma menção. O Quadro 1 visualiza a distribuição das variantes, segundo a localidade em que foram documentadas.

[4] A rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de Mato Grosso contempla também a localidade São Félix do Araguaia, que não figura no Quadro 1, e nas Figuras 1 e 3, em virtude de ainda não terem sido realizados os inquéritos nessa localidade.

Estado da Federação	Ponto linguístico Projeto ALiB	Variantes *amassa-barro/ massa-barro*	*joão-de-barro/ joana-de-barro*[1]	*pedreiro da floresta*
Mato Grosso	103 Aripuanã	--	04	--
	105 Diamantino	03	03	--
	106 Poxoréu	--	04	--
	107 Vila Bela da Santíssima Trindade	03	02	--
	108 Cuiabá	04	06	--
	109 Barra do Garças	--	04	--
	110 Cáceres	04	01	--
	111 Alto Araguaia	--	04	--
Mato Grosso do Sul	112 Coxim	02	03	--
	113 Corumbá	04	02	--
	114 Paranaíba	--	04	--
	115 Campo Grande	--	08	01
	116 Nioaque	04	01	--
	117 Ponta Porã	--	04	--

Quadro 1 – Designações para a ave *joão-de-barro* nos Estados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul

[1] A variante ***joana-de-barro*** ocorreu uma única vez na localidade de Coxim, Mato Grosso do Sul.

Se, por um lado, a pergunta em pauta apurou apenas três itens lexicais para nomear o conceito expresso na pergunta 66 do QSL, apontando para a expansão e a fixação de ***joão-de-barro***, representativo da língua padrão, por outro, fornece um dado significativo do ponto de vista da história do português do Brasil: as variantes ***amassa-barro/massa-barro*** permanecem produtivas nas localidades mais antigas (fundadas nos séculos XVII, XVIII, XIX), situadas nas cercanias do Rio Paraguai ou de algum dos seus afluentes. Todavia, entendemos que, a par da época de criação do município, dois outros fatores podem justificar a presença e a manutenção dessas variantes: i) a importância do Rio Paraguai no sistema de povoamento da então Capitania de Mato Grosso e, ii) a situação geográfica das localidades, em sua grande maioria isoladas do ponto de vista geográfico.

A criação/formação de cidades na Capitania (1748-1822) e depois Província de Mato Grosso (1822-1888) ora foi motivada pela busca de ouro,

ora como estratégia de defesa territorial. No universo aqui estudado, Cuiabá foi o primeiro município criado em Mato Grosso, e dele derivaram todos os municípios que na atualidade pertencem aos Estados de Mato Grosso, de Mato Grosso do Sul e de Rondônia.

As localidades de Mato Grosso onde foram documentadas as variantes ***amassa-barro/massa-barro*** configuram-se como os municípios mais antigos do Estado, localizados às margens do Rio Paraguai ou de algum dos seus afluentes: Cuiabá (1727), Vila Bela da Santíssima Trindade (1746), Cáceres (1779) e Diamantino (1811).

A Figura 1 apresenta a distribuição e a produtividade das variantes em estudo no Estado de Mato Grosso.

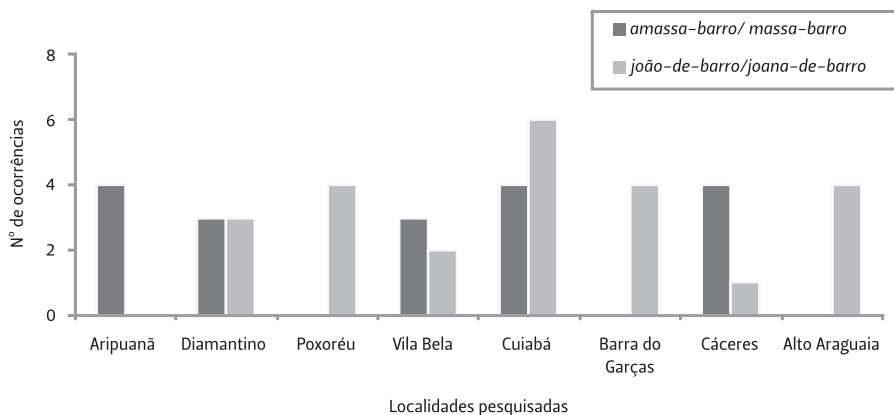



Figura 1 – Distribuição das designações para a ave *joão-de-barro* em localidades da rede de pontos do Projeto ALiB em Mato Grosso[5]

O mesmo fenômeno se repete no Estado de Mato Grosso do Sul, ou seja, as variantes ***amassa-barro/massa-barro*** também foram documentadas nos municípios mais antigos do Estado, criados antes da divisão territorial que deu origem à nova unidade administrativa da Federação (1979). Também, nesse caso, nas cidades situadas nas proximidades do Rio Paraguai ou de algum dos seus afluentes: Corumbá (1778), Nioaque (1890) e Coxim (1898). A cidade de Corumbá, por exemplo, originalmente denominada de arraial de Nossa Se-

[5] Registramos nossos agradecimentos a Luciene Gomes Freitas, bolsista de Apoio Técnico do CNPq, do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Regional Mato Grosso do Sul, pela confecção dos gráficos e dos mapas que integram este texto.

nhora da Conceição de Albuquerque, localizada na fronteira com a Bolívia, às margens do Rio Paraguai, adquiriu grande importância como entreposto comercial, pela passagem de barcos brasileiros e paraguaios por esse rio, canal que trouxe os representantes da Coroa portuguesa para a região. O Rio Paraguai foi caminho, por água, dos bandeirantes (1600-1700) e das monções paulistas (1720-1827).

A produtividade das variantes ***amassa-barro/massa-barro*** nos três municípios sul-mato-grossenses mencionados está ilustrada na Figura 2, que mostra a distribuição dos três itens lexicais.

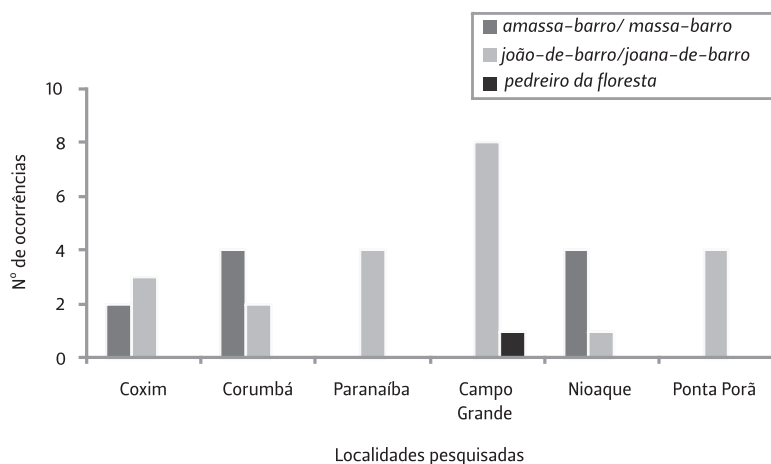



Figura 2 – Distribuição das designações para a ave *joão-de-barro* em localidades da rede de pontos do Projeto ALiB em Mato Grosso do Sul

A Figura 3 registra a distribuição dos itens lexicais ***joão-de-barro***, ***amassa-barro*** e ***pedreiro da floresta*** nas localidades da rede de pontos do Projeto ALiB nos territórios mato-grossense e sul-mato-grossense, tomando como referência o Rio Paraguai, corrente hídrica de fundamental importância no processo de povoamento dessa região. Os dados demonstram a expansão da variante lexical ***amassa-barro*** em localidades situadas nas proximidades do Rio Paraguai e de seus afluentes, evidenciando aspectos da estreita relação entre a história social de uma região e a disseminação e a fixação de regionalismos.[6]

[6] Na inserção dos dados no mapa foi considerada apenas a presença da variante na localidade, independentemente do perfil do informante que a forneceu, haja vista que um dos objetivos deste texto é demonstrar a distribuição diatópica do item lexical ***amassa-barro*** na rede de pontos do Projeto ALiB, nos dois estados selecionados para o estudo.

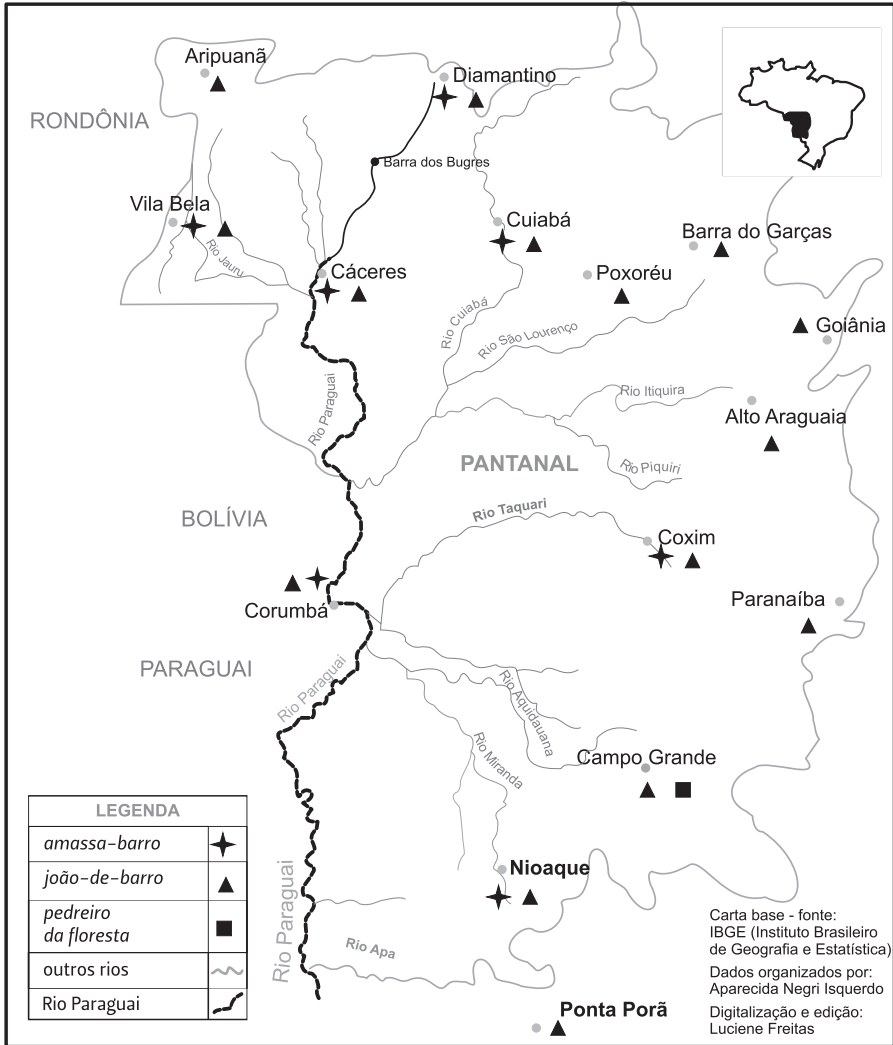



Figura 3 – O caminho do item lexical *amassa-barro* em localidades situadas ao longo do Rio Paraguai e de seus afluentes

Dados mapeados pelo *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul*

O fenômeno visualizado na Figura 2, anteriormente apresentada, referenda os dados mapeados pelo *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul*, na sua carta **QSL 0090.a – joão-de-barro**, que registra a distribuição de quatro unidades lexicais documentadas para nomear o pássaro em questão, nas 33 localidades da rede de pontos do ALMS: a forma ***joão-de-barro*** e suas variantes, que predomina em praticamente todo o território sul-mato-grossense, so-

mando um percentual de 84,37%; as variantes ***amassa-barro/massa-barro***, que somam 12,50%; e as formas ***barreirinho*** e ***alonsito***, ambas com 0,78% de produtividade.

Um dado importante a ser assinalado no contexto deste trabalho é o fato de a unidade lexical ***amassa-barro*** e suas variantes terem sido documentadas apenas nas 07 localidades da rede de pontos do ALMS, situadas nas regiões oeste, norte e sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul, justamente a área banhada pelas águas do Rio Paraguai e de seus afluentes: Pantanal do Paiaguás (03 ocorrências de ***massa-barro*** e 01 de ***joão-de-barro***); Pantanal do Nabileque (03 ocorrências de ***massa-barro*** e 01 de ***joão-de-barro***); Pantanal de Nhecolândia (02 ocorrências de ***massa-barro*** e 02 de ***joão-de-barro***); Corumbá (02 ocorrências de ***massa-barro*** e 02 de ***joão-de-barro***); Porto Murtinho (03 ocorrências de ***joão-de-barro*** e 01 de ***amassa-barro***); Nioaque (02 ocorrências de ***joão-de-barro*** e 02 de ***massa-barro***); Coxim (01 ocorrência de ***massa-barro*** e 03 de ***joão-de-barro***). A distribuição das variantes lexicais na Figura 4 deixa clara a importância do Rio Paraguai para a fixação da forma ***amassa-barro*** na fala dos habitantes de localidades situadas ao longo do rio, tendência essa ratificada pelos dados parciais do Projeto ALiB recolhidos em Mato Grosso do Sul, já que 03 dessas localidades do ALMS integram a rede de pontos do ALiB (Corumbá, Nioaque e Coxim). Assim, a Figura 4 mostra a distribuição das formas linguísticas documentadas pelo *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul* para nomear a ave **joão-de-barro**, considerando-se, para tanto, tão somente as 07 localidades da rede de pontos do ALMS onde foi registrado o item lexical ***amassa-barro***.[7]

[7] A elaboração do mapa obedeceu o mesmo critério adotado no anterior (Figura 3), qual seja, o de assinalar, nas localidades que integram a rede de pontos do atlas, a presença das variantes nelas documentadas, uma vez que, também nesse mapa, buscamos, sobretudo, marcar a vitalidade da unidade lexical ***amassa-barro***, no caso, no Estado de Mato Grosso do Sul.

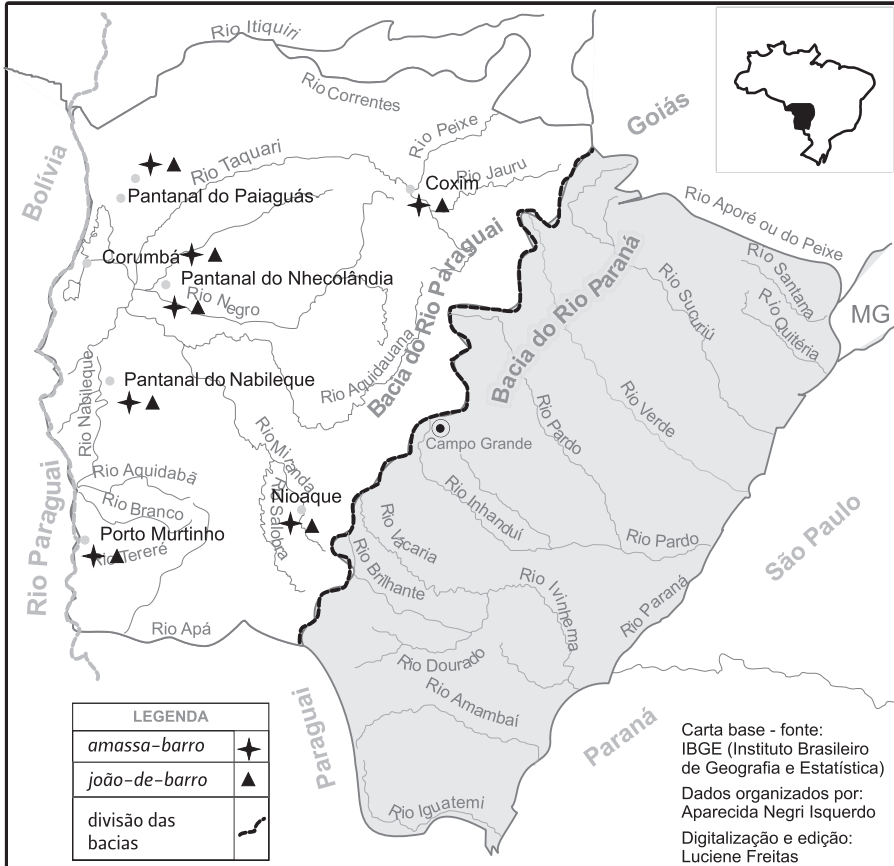



Figura 4 – O caminho do item lexical *amassa-barro* em Mato Grosso do Sul documentado pelo ALMS

As unidades lexicais *amassa-barro* e *joão-de-barro*: perspectiva léxico-semântica

Discutida a questão da distribuição diatópica das variantes em exame, focalizamos neste item a dimensão léxico-semântica dessas unidades lexicais.

Inicialmente, é importante registrar que a ave comumente cognominada de ***joão-de-barro*** habita o imaginário popular do povo brasileiro, sendo portadora de muitos mitos, dentre eles, o de animal sagrado, em oposição ao bem-te-vi, que é tido como ave de mau agouro. O relato documentado por

Banducci Júnior (2007), reproduzido a seguir, ilustra bem o exposto, ao mesmo tempo em que ratifica a manutenção da variante lexical ***amassa-barro*** na fala do homem pantaneiro:

> O joão-de-barro ou "massa-barro" como é conhecido no Pantanal, é uma ave "abençoada" porque, segundo a crença popular, quando Cristo foi perseguido pelos romanos, ele chamou o amassa-barro para fazer uma casa em que pudesse se esconder. "A casa do 'massa-barro'", diz um informante, "é 'vorteada' assim, por dentro, ninguém sabe o que tem lá dentro". Protegido, Cristo foi no entanto denunciado aos romanos pelo bem-te-vi que, à passagem dos soldados diante da casa, dizia: bem-te-vi, bem-te-vi. "Daí", continua o peão, "os romanos perceberam que ele tava lá dentro e pegaram ele prá judiá. Até hoje o bem-te-vi, quando caga, solta a erva de passarinho nas plantas que acaba matando elas" (C. B. 55M) (BANDUCCI JÚNIOR, 2007, p.126).[8]

A pesquisa de Banducci Júnior foi realizada no Pantanal da Nhecolândia, município de Corumbá, cidade onde a vitalidade de ***amassa-barro*** também é evidente na cultura local. O Centro de Artesanato Massa-Barro, importante ponto turístico da cidade, em virtude da variedade de produtos artesanais locais disponibilizados aos visitantes, é um exemplo disso, já que foi nomeado com um termo regional arraigado na cultura e na linguagem dos habitantes dessa faixa de território sul-mato-grossense.

Do ponto de vista linguístico, importa registrar que a unidade lexical ***amassa-barro*** integra, a par de ***joão-de-barro***, o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (VOLP), da Academia Brasileira de Letras,[9] desde a sua primeira edição (1981), o que certifica o seu estatuto no léxico do português do Brasil. A expressão *amassar barro* aparece no *Diccionário da lingua portugueza*, de Antonio de Moraes Silva (1813 [1922]), na acepção de 'fazer em massa branda'. A ação de 'amassar barro' provavelmente tenha sido a motivação para o surgimento da variante lexical ***amassa-barro*** para designar a ave que, pacientemente, constrói sua casa de barro amassado com o próprio bico.

---

[8] O *Dicionário do Brasil Central*: subsídios à Filologia (ORTÊNCIO, 1983), em extenso verbete dedicado à variante "joão", registra muitas histórias sobre o pássaro joão-de-barro, que enaltecem várias lendas que povoam o imaginário popular do homem centroestino a respeito desse pássaro. Além dessa lenda contada pelo pantaneiro, que se centra no valor "sagrado" do joão-de-barro e no caráter "excomungado" do bem-te-vi, o dicionário registra outras que enfocam a relação do pássaro com o tempo, com o ciúme, com a arquitetura.

[9] Consultamos para este estudo duas edições do VOLP: a primeira (1981) e a quinta e última (2009).

Antenor Nascentes (1966), no verbete **joão-de-barro**, registra que o uso de "joana", para designar bichos, decorre do "costume de, com valor afetivo, dar a bichos nomes de gente", que, no caso do pássaro em tela, o uso do segundo formante é motivado pelo fato de esse pássaro construir "de barro o seu ninho". Já no verbete **amassa-barro**, esse mesmo lexicógrafo registra: "de *amassar*, do pref. a-, *massa*, q.v. e desin. -ar e *barro*, q.v. V. joão-de-barro".

A terceira edição brasileira do dicionário de Caldas Aulete (1980) registra: **amassa-barro** s.m. (bras.): o mesmo que *joão-de-barro. F. amassar+barro*; **joão-de-barro** s.m. (bras.): "ave dendrocolaptídea (*furnarius rufus*, Gm). Também lhe chamam *amassa-barro*, *barreiro*, *forneiro*, *joão-barreiro*, *joão-de-barros*, *maria-de-barro*, *oleiro* e *pedreiro*".

Já A. B. H. Ferreira (2004) define **joão-de-barro** como um brasileirismo com a acepção de "designação comum a várias aves passeriformes furnariídeas (*Furnarius rufus*, *F. leucopus*, *F. minor*, *F. figulus* e *F. r. badius*). A espécie mais comum é a *F. r. badius*, do S. E. do Brasil, de peito cuja cor varia do vermelho ao branco, e corpo cor de canela [Sin.: *joão-barreiro*, *barreiro*, *amassa-barro*, *maria-de-barro*, *oleiro*, *forneiro*, *pedreiro*. Pl.: *joões-de-barro*]. **Amassa-barro**, por seu turno, é uma unidade lexical registrada pelo mesmo lexicógrafo como "[De *amassar + barro*.] s.m. 1. Bras. Zool. ***V. joão-de-barro.*** [Pl.: *amassa-barros*]".

O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001), por sua vez, classifica **amassa-barro** como um regionalismo da Bahia e de Mato Grosso,[10] o mesmo que *joão-de-barro*, a designação comum atribuída ao pássaro.

Os dados do Projeto ALiB e do *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul* analisados neste trabalho ratificam a marca dialetal registrada pelo lexicógrafo no verbete **amassa-barro**, no que tange ao Mato Grosso, estendendo-se, nesse caso, a marca de uso também ao Mato Grosso do Sul. O exame futuro dos dados documentados pelo Projeto ALiB nos estados do Nordeste evidenciará se essa variante lexical é produtiva também nessa região brasileira. Considerando que a região focalizada neste estudo abrigou grandes levas de nordestinos, principalmente de baianos, sobretudo nos séculos XVIII e XIX, na época da expansão do garimpo no Estado de Mato Grosso, é provável que a unidade

[10] "Na Argentina ele é conhecido como 'HORNERO (forneiro, devido ao formato do ninho, semelhante a um forno de barro)'. Na Bahia e Pernambuco é conhecido por 'AMASSA-BARRO'" (VOLPATTO, 2009).

lexical ***amassa-barro*** tenha sido disseminada pela região não só por paulistas, mas também pelos nordestinos.

Em síntese, as variantes lexicais ***amassa-barro*** e ***joão-de-barro*** configuram-se como signos transparentes quanto à motivação, na acepção de Alinei (1984). Segundo esse semanticista italiano, existem palavras transparentes e palavras opacas quanto à motivação: palavras "transparentes" são aquelas cuja etimologia (ou "motivação") é ainda de todo evidente, ao passo que palavras "opacas" são aquelas cuja etimologia pode ser reconstruída somente por especialistas, mediante análise apropriada. No caso das unidades lexicais em questão, o significado básico de seus elementos formantes se mantém, daí a transparência quanto à motivação.

Considerações finais

Este estudo demonstrou que as palavras normalmente seguem as mesmas trilhas do homem, e os rios, ao mesmo tempo em que delimitam fronteiras, favorecem os movimentos migratórios e motivam o surgimento de povoados, fixando assim o homem e as palavras que eles veiculam. No caso específico deste estudo, a produtividade da unidade lexical ***amassa-barro*** e suas variantes, nos Estados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, em localidades situadas ao longo do Rio Paraguai e de seus afluentes, pode ser explicada pela história social da região Centro-Oeste como um todo e pela desses Estados em particular. O Rio Paraguai foi um dos caminhos de acesso dos bandeirantes paulistas ao sertão mato-grossense. Em muitas localidades do interior de São Paulo, a unidade lexical ***amassa-barro*** também é usada para nomear o pássaro em questão, sobretudo pela população mais idosa. A posição geográfica das cidades também deve ter contribuído para a manutenção da forma na fala da população, pois, exceto Cuiabá, seu núcleo irradiador na área estudada, todas as demais localidades situam-se em regiões isoladas dos grandes centros urbanos, o que contribui para a manutenção do caráter conservador da língua nesses espaços geográficos.

A comparação entre os dados do Projeto ALiB e os do ALMS confirmou a importância das pesquisas geolinguísticas na documentação de particularidades linguísticas de cunho regional, evidenciando a manutenção e a ir-

radiação de unidades lexicais, muitas delas arcaísmos que se fixam em certas faixas de território, configurando-se como regionalismos. Os dados analisados neste trabalho ampliam o estudo de Aguilera (2005) que, com base em dados coletados na capital mato-grossense, classificou ***amassa-barro*** como um regionalismo cuiabano, à medida que demonstrou que o uso dessa unidade lexical estende-se para várias outras localidades dos Estados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, o que lhe configura, pelo menos por ora em termos de dados do Projeto ALiB, o estatuto de regionalismo mato-grossense e sul-mato-grossense.

E a Geolinguística vai assim descortinando caminhos de palavras e, por extensão, caminhos do homem.

Referências

ABINZANO, Roberto Carlos. Las regiones de frontera: espacios complejos de la resistencia global. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado (Org.). *Território sem limites*: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: Editora da UFMS, 2005. p.113-130.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Bloch, 1981.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* 5.ed. São Paulo: Global, 2009.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Léxico regional, léxico rural ou vocabulário de curiosidade? Um olhar sobre aspectos lexicais de Cuiabá. In: ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiago; COX, Maria Inês Pagliarini (Org.). *Vozes cuiabanas*: estudos linguísticos em Mato Grosso. Cuiabá: Cathedral, 2005. v.1, p.115-136.

ALINEI, Mário. Le due strutture del significato. In: ______. *Lingua e dialetti*: struttura, storia e geografia. Bologna: Il Mulino, 1984. p.13-21.

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa.* 3.ed. brasileira. 2v. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. *A natureza do pantaneiro*: relações sociais e representação de mundo no "Pantanal da Nhecolândia". Campo Grande: Editora da UFMS, 2007.

CASADO VELARDE, Manuel. *Lenguaje y cultura.* Madrid: Sintesis, 1991.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas linguístico do Brasil*: questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*. Versão 5.0. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação; Editora Buriti, 2001.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mário de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAGALHÃES, Luiz Alfredo Marques. *Rio Paraguay*: da Gaíba ao Apa. Campo Grande: Alvorada, 2008.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1966.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de (Org.). *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)*. Campo Grande: Editora da UFMS; CNPq, 2007.

ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani. *Dicionário do Brasil Central*: subsídios à Filologia. São Paulo: Ática, 1983.

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado (Org.). *Território sem limites*: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: Editora da UFMS, 2005. p.9-15.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionário da lingua portugueza.* 2v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922. Fac-símile da segunda edição. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.

VOLPATTO, Rosane. *Lendas do joão-de-barro*. Disponível em: <http://www.rosanevolpatto.trd.br/lendajoaobarro.htm>. Acesso em: 25 maio 2009.

Análise multissistêmica das minissentenças

Ataliba T. de Castilho

Universidade de São Paulo
Universidade Estadual de Campinas
CNPq

Apresentação

Por volta dos anos 60, a percepção visionária de Nelson Rossi o levou a organizar, na Universidade Federal da Bahia, o primeiro grupo de pesquisas linguísticas coletivas do Brasil. Ele tinha percebido claramente que, além de sua indispensável formação individual, os linguistas brasileiros deveriam conduzir as pesquisas numa forma conjunta, para enfrentar com mais eficiência os grandes temas necessários ao conhecimento linguístico do país.

Jacyra Mota integrou esse grupo, desenvolvendo pesquisas dialetológicas de que resultaram o *Atlas linguístico de Sergipe* (FERREIRA; MOTA; FREITAS; ANDRADE; CARDOSO; ROLLEMBERG; ROSSI, 1987), e de que resultará o *Atlas linguístico do Brasil*, este um projeto coordenado por Suzana Alice Marcelino Cardoso (CARDOSO, 2005).

Igualmente graças a Nelson Rossi, o país ingressou nas investigações sobre a Dialetologia Urbana, consubstanciadas num trabalho de dimensão nacional, o *Projeto de Estudo Conjunto e Coordenado da Norma Linguística Urbana Culta*, melhor conhecido como Projeto NURC. Também aí Jacyra e suas colegas gravaram e transcreveram entrevistas, presenteando a comunidade nacional com amostras da fala culta baiana (MOTA; ROLLEMBERG, 1994, 2006). Preparei um balanço da produção do Projeto NURC até 1990 (CASTILHO, 1990a).

Em 1988, surgiria um novo projeto, com o objetivo de analisar sistematicamente os materiais do Projeto NURC/Brasil: o *Projeto de Gramática do Português Falado*. Sob minha coordenação, esse projeto reuniu 32 pesquisadores brasileiros qualificados, realizou dez seminários e publicou numa série de oito volumes a extensa produção debatida nesses seminários (CASTILHO, 1990b, 1993; ILARI, 1992; CASTILHO; BASÍLIO, 1996; KATO, 1996; KOCH, 1996; NEVES, 1999; ABAURRE; RODRIGUES, 2002). A partir de 2002, teve início a trabalhosa consolidação dos resultados na gramática propriamente dita, que terá cinco volumes. Dois deles já foram publicados (JUBRAN; KOCH, 2006; ILARI; NEVES, 2008), estando em processo de editoração o terceiro volume, previsto para este ano (KATO; NASCIMENTO, 2009).

Graças a esses esforços, o português transformou-se na primeira língua românica a ter sua variedade falada culta amplamente descrita, num percurso que vai da organização textual-interativa, passa pela sintaxe das classes de

palavras e das construções, chegando à construção morfológica e fonológica das palavras.

Agora que dispomos de tanta informação linguística sobre o português brasileiro, um novo passo terá de ser dado: a interpretação dos achados e a busca de uma generalização.

Tenho feito alguns exercícios a esse respeito, desde 1989, buscando teorizar sobre a língua falada (CASTILHO, 1989a, 1989b, 1994, 1995, 1997a, 1997b, 1998a, 1998b, 1998c), e, mais recentemente, buscando teorizar sobre a gramática de uma língua natural (CASTILHO, 2004, 2009). Esses resultados desembocaram na *Gramática do português brasileiro*, a ser publicada neste ano pela Editora Contexto. Retirei o que se segue de parte do capítulo 8, que trata da minissentença e da sentença simples.

Imaginei que homenagearia Jacyra desse modo, continuando a conversar com ela sobre os temas que a documentação e a descrição da língua falada têm inspirado.

O texto está assim organizado: na primeira seção, apresento sumariamente o quadro teórico em que se situa este estudo; na segunda, conceituo a minissentença a partir dessa perspectiva; e, na terceira, faço uma proposta de tipologia dessa estrutura sintática.

Ciência clássica, ciência dos domínios complexos e abordagem multissistêmica

Para interpretar o conhecimento acumulado sobre o português brasileiro, precisaremos agregar à ciência clássica, muito boa para a descrição dos produtos, a ciência dos domínios complexos, excelente para a identificação dos processos de criação linguística. Ora, a língua falada documenta ao mesmo tempo produtos e processos, com forte ênfase nestes.

As seguintes afirmações configuram a ciência clássica:

1. *Os fenômenos encontrados na natureza são desordenados e confusos, ocultando sua regularidade.*
2. *Para assegurar alguns resultados e conclusões, temos de considerar os dados em sua estatividade.*

3. *Os sistemas identificados pela abordagem clássica têm uma grande elegância conceptual e uma notável simplicidade analítica.*

4. *O caminho para a descoberta científica é maiormente dedutivo. Cada situação é traduzida em termos matemáticos, um modelo é construído e, daí em diante, as ocorrências serão explicadas de acordo com esse modelo.*

Não comentarei aqui cada um desses princípios, o que fiz em Castilho (2007). Mas o fato é que, aplicados à língua falada, eles não deram certo, pois não conseguiram revelar o tremendo dinamismo de que a língua é feita. Muita coisa teria de ser varrida para debaixo do tapete, com o carimbo de *aberrante*. Daí a necessidade de se procurar outra perspectiva epistemológica.

As seguintes afirmações das ciências dos domínios complexos se mostraram mais sensíveis ao objeto empírico de que dispúnhamos:

1. *Os componentes dos sistemas complexos exibem um tipo de ordem sem periodicidade, em fluxo contínuo, em mudança — como queria Heráclito.*

2. *Os sistemas não são lineares, são dinâmicos, exibem um comportamento irregular, imprevisível.*

3. *Os elementos dos sistemas complexos exibem relacionamentos simultâneos, não são construídos passo a passo, linearmente. Eles são adaptáveis e auto-organizados.*

4. *As anomalias identificadas pela abordagem clássica exemplificam fenômenos vitais para o entendimento do problema, e não deveriam ser descartadas como aberrantes.*

5. *Uma nova topologia do impreciso, do vago, do aproximativo, precisará ser proposta.*

6. *Os sistemas complexos são adaptáveis e auto-organizados, seus agentes ganham experiência e reveem constantemente sua atuação.*

7. *A competição nos sistemas é mais importante que sua consistência.*

8. *Finalmente, ao tratar de fenômenos complexos, nenhum método revelará por si mesmo o objeto por inteiro.*

Esses princípios são de grande ajuda quando analisamos uma conversa, lemos sua transcrição, ou mesmo quando trabalhamos com textos escritos.

Mas como estabelecer um diálogo entre a Linguística e as ciências dos domínios complexos acima definidas? Como se sabe, essas ciências têm sido largamente desenvolvidas na Meteorologia, na Economia, na Psicologia, cujos objetos empíricos são imprevisíveis, dinâmicos, de difícil modelização (GLEICK, 1988; WALDROP, 1993; CILLIERS, 2000). Mas a Linguística, tanto quanto saiba, tem ficado de lado.

Para encaminhar o debate, e postular a língua como um sistema dinâmico e complexo, precisaremos aceitar as seguintes premissas:

(1) *Do ângulo de sua produção, as línguas serão definíveis como um conjunto de processos mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional.*

Os processos que organizam as línguas entendidas em seu dinamismo operam (i) simultaneamente, não sequencialmente, (ii) dinamicamente (não são entidades estáticas), (iii) multilinearmente (não são entidades unilineares).

Esses processos podem ser razoavelmente articulados e concentrados em quatro domínios: (1) lexicalização, (2), discursivização, (3) semanticização e (4) gramaticalização.

Ainda que timidamente, os estudos sobre a gramaticalização levantaram o véu da língua-enquanto-processo. Mas faz falta enquadrá-la entre os outros processos de criação linguística, descartando a atual abordagem epifenomênica da gramaticalização (CASTILHO, 2004).

(2) *Do ângulo de seus produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema.*

A língua-enquanto-produto é um conjunto de categorias agrupadas ao mesmo tempo em quatro sistemas: (1) Léxico, (2) Discurso, (3) Semântica e (4) Gramática.

Esses sistemas serão considerados autônomos uns em relação aos outros, ou seja, não se admitirá que um derive de outro, nem se proporá uma hierarquia entre eles, rejeitando-se relações de determinação comuns na literatura disponível. Em consequência, não se postulará a existência de sistemas centrais e de sistemas periféricos, como tem ocorrido desde o tempo dos neogramáticos. Qualquer expressão linguística exibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais. É disso que as línguas naturais são feitas.

Seja como conjunto de processos, seja como conjunto de produtos ordenados nos quatro sistemas, a língua depende de uma articulação intersistêmica, que assegure a eficácia de seu uso. Proponho que essa articulação se dá através do Princípio sociocognitivo de ativação, reativação e desativação de propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais. Esse princípio tem seu fundamento nas estratégias da conversação (CASTILHO, 1998a).

A minissentença numa abordagem multissistêmica

Em diferentes situações sociais — que facilmente podemos identificar, como falante do português —, ouvimos expressões como estas:

(1) a) *Seu maluco, seu doido!*
b) *Esse menino!*
c) *Liquidação, meu!*
d) *Negócio fechado.*
e) *Ei, você aí!*
f) *Eu primeiro.*
g) *Ainda em Guarulhos.*
h) *Ladrões para a cadeia!*
i) *Coitado do homem!*
j) *Meu guarda-chuva!* (exemplos de Melo, 1976, p.123)
k) *Difícil, cara!*
l) *Só eu, não, violão!*

Abrindo um jornal, vamos lendo as manchetes e os títulos das matérias, e encontrando expressões como estas, retiradas da *Folha de S. Paulo* de 25 de janeiro de 2008:

(2) a) *Em observação*
b) *O voo de Jobim*
c) *Prêmio ao invasor*
d) *Lula, Karzai, Nehru*
e) *Feijão, pagode e globalização.*

Em gravações da língua falada,[1] ou mesmo bisbilhotando a conversa dos outros, ouve-se isto com frequência:

(3) a) *aliás Física* (D2 SP 167)
b) *uma coisa interessante* (D2 REC 05)
c) *bom... o pior horário... de saída... da cidade de manhã...* (D2 SSA 98)
d) *esse aqui atrás* (D2 RJ 355)
e) Loc 2 *filhos da pílula não?* ((risos))
Loc 1 *não...* ((risos))
Loc 2 *nem da tabela?* ((risos)) (D2 SP 360)
f) Loc 2 *uma ração... isso... balanceada*
Loc 1 *balanceada* (D2 POA 291)

E agora? Onde é que está o verbo, central na construção de uma sentença? E seus argumentos, onde se meteram?

Em (1d) e em (3f), há particípios acompanhando um substantivo. O particípio é uma forma nominal do verbo, sem morfologia de pessoa e, portanto, não organiza uma sentença simples, prototípica.

Em outros casos, parece que os verbos *ser* atributivo e existencial e *estar* foram omitidos, como se comprova por estas paráfrases:

(1') a) *Esse aí é um maluco, é um doido!*
c) *É liquidação, meu!*
d) *O negócio está fechado.*
f) *Eu sou o primeiro.*
g) (O avião) *ainda está em Guarulhos.*
k) *Está difícil, cara!*

(2') a) *Está em observação.*
b) *O voo é de Jobim.*
c) *É um prêmio ao invasor*
d) *É Lula, Karzai, Nehru.*
e) *É feijão, pagode e globalização,*

e assim por diante. Mas o teste da paráfrase não funciona em (1e), (1h), (1i), (1j). Além do mais, essas operações de paráfrase denunciam um esforço em reduzir as ocorrências acima à estrutura das sentenças prototípicas. Será mesmo razoável procurar essa derivação?

---

[1] Diálogos entre dois informantes (D2), inquéritos linguísticos registrados no Projeto NURC nas cidades de São Paulo (SP), Recife (REC), Salvador (SSA), Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (POA).

A resposta será *sim*, se estivermos motivados pelas afirmações da ciência clássica, caso em que talvez não consigamos delinear um estatuto categorial para essas expressões. A resposta será *não*, se estivermos motivados pela ciência dos domínios complexos, caso em que poderemos postular esse estatuto.

Tomarei o segundo caminho neste texto e, em consequência, não tratarei (1) a (3) como derivações de sentenças simples, em que se apaga um constituinte aqui, se retorce outro acolá, etc. Como falantes do português, temos à nossa disposição mais de um esquema de produção de estruturas sintáticas, com ou sem verbo, que acionaremos de acordo com as conveniências do ato discursivo.

As estruturas (1) a (3) não são palavras soltas, numa sequência doida, pois podem ser analisadas como sintagmas. Estudando a organização sintagmática dos exemplos acima, encontraremos aí sintagmas nominais, sintagmas preposicionais, sintagmas adjetivais e sintagmas adverbiais. Mas sintagmas são sentenças?

Para começo de conversa, não dá para descartar essas estruturas, pois elas são perfeitamente possíveis e compreensíveis. É verdade que a definição de sentença, aquela com direito a um verbo na forma pessoal, acompanhado de sujeito, complementos, adjuntos, casos gramaticais, papéis temáticos, etc., dá conta de grande parte das expressões. Entretanto, e sobretudo quando o objeto empírico é a língua falada, topamos com mais sintaxes do que sonhava nossa vã filosofia. Aí estão os exemplos (1-3) que não nos deixam mentir.

Diante do impasse, das duas, três:

(1) Excluo esses dados de minhas análises, praticando a famosa pasteurização dos dados.

(2) Nego a gramaticalidade dessas expressões e jogo tudo no colo do Discurso. Não vai dar, pois, de acordo com a teoria aqui esposada, toda expressão linguística encerra ao mesmo tempo propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais. Indo por aí, o Discurso não exclui a Gramática, nem se constitui de estruturas "agramaticais".

(3) Trato de alargar meu entendimento sobre o que raios é uma sentença e investigo o que se passa à sua volta.

Adotada a estratégia (3), façamos uma rápida análise multissistêmica das expressões listadas de (1) a (3) para ver no que dá.

Propriedades gramaticais

Todos os exemplos são sintagmas simples ou coordenados, podendo conter outros sintagmas encaixados:

- Sintagma nominal: (1a-f, h-j, l), (2b-e), (3a-f).
- Sintagma adjetival: (1k).
- Sintagma adverbial: (1g), (3a).
- Sintagma preposicional: (1g, 2a).

Lembre-se ainda que, do ponto de vista da fonologia suprassegmental, esses sintagmas contam com prosódia própria, a ser descrita.

Propriedades semânticas

Os casos aduzidos exemplificam quase todas as categorias semânticas conhecidas:

- Dêixis: em (1f) e (3d), há dêixis espacial, expressa por *primeiro*, que coloca numa dada ordem as pessoas no espaço físico, e *aqui atrás*, que dispensa comentários. Em (1e-f, l) há dêixis pessoal, expressa por *eu* e *você*; note-se que em (1e), se combinam as dêixis pessoal de *você*, e espacial, de *aí*. Menos mal, pelo menos os locutores ou as pessoas que foram mencionadas podem contar com uma ancoragem cognitiva básica, sua localização nos eixos da PESSOA e do LUGAR.
- Referenciação: os sintagmas nominais relacionados acima remetem a um referente, à cuja volta o enunciado está construído.
- Predicação: os sintagmas adjetivais, alguns adverbiais e os preposicionais enumerados acima predicam sujeitos e complementos. Os sintagmas verbais só não organizam sentenças por não trazerem verbos pessoais em seu núcleo.
- Verificação: em (1g) e (3a), os sintagmas adverbiais incluem no espaço de *Guarulhos* e de *Física* participantes não mencionados. Em (11), nega-se a inclusão de um participante num evento pressuposto.
- Pressuposição: todos os exemplos pressupõem participantes da cena discursiva, estados, ações ou eventos que não foram verbalizados.

Propriedades discursivas

Uma vez contextualizados, os exemplos aduzidos asseguram grande velocidade ao texto, por saltarem participantes, ações e eventos facilmente identificáveis.

E então, em que ficamos? Uma solução razoável, sempre nos agarrando à estratégia (3), será postular que, no mundo da gramática, os *sintagmas* e as *sentenças* convivem com outra unidade sintática, a *minissentença*, exemplificada na abertura desta seção.

A minissentença pode ser definida como sintagmas que

(1) não são selecionados por um verbo em forma pessoal,

(2) são dotados da mesma pauta prosódica encontrável nas sentenças,

(3) predicam entidades pressupostas,

(4) são utilizados quando se quer imprimir rapidez ao texto.

O termo *minissentença* inclui o termo *sentença*. O formante *mini* se justifica: as minissentenças não têm verbo pleno; o formante *sentença* se justifica porque se reconhece que sentenças e minissentenças compartilham as propriedades relacionadas acima. Valeria a pena destacar a propriedade da predicação, dada sua importância no arranjo das expressões.

Elaborando um pouco esse argumento e analisando de novo as expressões (1-3), pode-se observar que as nossas minissentenças predicam um escopo inferível a partir desses enunciados. Afinal, se grito *Seu maluco!* ou *Liquidação, meu!*, atribuo a alguém ou a alguma coisa (um indivíduo, uma loja) as propriedades de maluquice e de liquidação, respectivamente. Temos predicação, temos seu escopo, ainda que não expresso no enunciado. Vamos então insistir em que as minissentenças expressam uma predicação do que foi pressuposto. A predicação do posto é uma tarefa muito bem desempenhada pelas sentenças simples e complexas.

A flutuação terminológica que se tem observado na rotulação da minissentença, ao mesmo tempo em que aponta para a dificuldade de fixar seu estatuto, aponta para a percepção comum de que a minissentença é um dado da língua que não deve ser descartado em sua descrição. Sustento que as minissentenças são perfeitamente habilitadas a uma vida útil em sociedade. Mas não há nenhuma originalidade nisso, pois vários autores trataram dessa estrutura. Jespersen (1924 [1971, p.308]), Sechehaye (1926 [1950, p.11-38]), Bally (1951), Melo (1976, p.123), Stowell (1985), Kato (1998), entre outros, chegaram

bem antes, denominando essa unidade, respectivamente *monorremas*, *orações unimembres*, *frase inorgânica*, *small clause*.

Os exemplos que esses autores aduzem não coincidem totalmente com os meus, pois estou descrevendo essas estruturas de modo deliberadamente amplo.

Resumindo o que foi dito até aqui, um verbo pleno acompanhado de seus sintagmas organiza uma sentença simples. Sintagmas nominais, adjetivais, adverbiais e preposicionais organizam uma minissentença. Falta agora identificar a tipologia das minissentenças.

Tipologia das minissentenças

Retornando aos exemplos (1-3), observando as classes gramaticais que atuam como núcleos das minissentenças, nota-se que é possível identificar aí pelo menos quatro tipos: substantivo, adjetivo, advérbio, preposição. Vamos analisar os tipos de minissentenças assim organizados e depois situar essa estrutura no quadro dos estudos sobre a língua falada.

Minissentença nominal

Um sintagma nominal funciona como minissentença quando não foi selecionado por um verbo pleno. Tratando-se de expressões referenciais, esses sintagmas "aceleram" o texto, agregando tópicos e propriedades de tópicos sem amarração sintática com os verbos plenos que os antecedem.

São exemplos de minissentenças nominais (1a-f, h-j, l), (2b-e), (3a-f). A estas, acrescento:

(4) a) *Fantasiou vários doentes na imaginação.* ***Uma velha****. Sequinha e miúda, tossindo, tossindo, sentada na cama...* ***Uma menina****. Abrindo os olhos, espantada com o luar no quarto, e sentindo no peito o aperto, aquele aperto.*[2]

b) *Rosa fizera da boca uma rosa vermelha.* ***Os dentes regulares muito brancos****.*[3]

[2] QUEIRÓS, Dinah Silveira de. *Floradas na serra*. 8.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958. p.19.

[3] ANDRADE, Mário de. Os contos de Belazarte. 4.ed. São Paulo: Martins, 1956. p.16.

c) *Algum tempo depois Colodino se despediu.* ***A trouxa no ombro, o fifó na mão, o revólver na cintura****. Nós sentíamos o coração apertado.*[4]

d) *Germar Pinto, Jerônimo, ele nasceu no vale? Eu não o vi nascer, Jerônimo disse, a sua fisionomia agora inescrutável como o próprio vale. [...] Tinha um ofício, Gemar Quinto, mas não trabalhava a terra. [...]* ***Um caçador, Gemar Pinto****. Seu fraco eram as noites, as armadilhas, a caatinga. [...]* ***Um caçador, Gemar Pinto****. Em Jerônino, quando assim se detinha para revelar episódios do vale ou erguer a vida de um habitante, [...] o que impressionava era a vigilância do olhar. [...]* ***Um caçador, Gemar Quinto****. Dele diziam que usava o arco como um índio e nele realmente havia muita coisa de bugre. [...]* ***Gemar Quinto, um caçador****.*[5]

Em (4a), o contexto maior não permite a leitura *X fantasiou uma velha*, *X fantasiou uma menina*. *Velha* e *menina* são propriedades da mesma personagem, retratada em diferentes momentos de sua vida. Em (4b), *os dentes* dá mais informações sobre a equação *boca = rosa vermelha*, e assim por diante.

Embora as minissentenças não funcionem como escopo das predicações desencadeadas por verbos plenos, elas podem encerrar processos predicativos em seu interior. É o caso dos adjetivos *regulares*, *muito brancos*, que predicam *dentes*, em (4b), *caçador*, que predica *Germar* em (4d); esse é também o caso de *no ombro*, *na mão*, *na cintura*, sintagmas preposicionais que predicam *trouxa*, *fifó*, *revólver*, em (4c). Isso sem mencionar a preposição *em*, que predica os substantivos que se lhe seguem.

De um ponto de vista estrutural, as minissentenças nominais podem ser:

- Simples, quando dotadas de um só sintagma nominal, como em (4a).
- Complexas, quando dotadas de vários sintagmas nominais justapostos, como em (4c).

É acentuada a densidade semântica das minissentenças e o papel discursivo que elas assumem. Como não dispõem de um verbo finitivo, elas aceleram a narração dos eventos e a caracterização descritiva das personagens, como já se disse aqui. Mas não estou dizendo que elas não têm sintaxe!

---

[4] AMADO, Jorge. *O país do carnaval*. 9.ed. São Paulo: Martins, 1959. p.235.

[5] ADONIAS FILHO. *Memórias de Lázaro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. p.66-67.

Minissentença adjetival

Nas mesmas condições do caso anterior, sintagmas adjetivais podem organizar uma minissentença:

(5) a) *Já nossa amiguinha Graciete Santana quer o "Dia da Progenitora", como se já não bastasse o "Dia da Genitora". [...]* ***Lamentável.***[6]

b) ***Invisível**, **macio**, **traiçoeiro**, o tempo passa.*[7]

c) ***Horrível** o teu cabelo.*

d) ***Combinado**, eu como a comida e você paga a conta.*

Uma minissentença adjetival como (5d) encaixada em sentenças organizadas por *ter/haver* + particípio deu origem ao pretérito perfeito românico.

Os exemplos acima, a que se pode agregar (1k), mostram sintagmas adjetivais funcionando como adjuntos adsentenciais, ou seja, em adjunção a sentenças. O escopo de *lamentável*, *invisível*, *macio*, *traiçoeiro* é toda a sentença simples que antecede ou se segue. É óbvio que apenas os adjetivos predicativos podem funcionar como minissentenças, donde a inaceitabilidade de:

(6) a) * ***Rural**, esta casa.*

b) * ***Governamentais**, estes problemas.*

Em (5a-d), as minissentenças adjetivais estão justapostas a sentenças simples. A estrutura assim produzida responde à pergunta "como ficou X após ter feito Y?". A estrutura da resposta é uma sentença organizada por verbos do tipo "X faz Y e Y é/está Z", em que se encaixa a minissentença.

(7) a) *Os **pesquisadores** encontraram o povo **doente**.*

b) *O índio encarna, **idealizadas**, **utópicas**, a pureza e a inocência que todos perdemos na vida brutal da cidade.*[8]

Em (7a), o sintagma nominal *o povo* é objeto direto de *encontraram* e sujeito da minissentença *doente.* Em (7b), os sintagmas nominais coordenados *a pureza e a inocência* funcionam como objeto direto de *encarna* e sujeito das minissentenças *idealizadas*, *utópicas.* Uma só estrutura desempenhando duas funções. Mais um exemplo do multifuncionalismo dos constituintes sintáticos, fenômeno denominado *anfilogismo* na Gramática tradicional. Mais um caso de funcionamento simultâneo de dois impulsos verbais.

---

[6] PONTE PRETA, Stanislaw. *Última Hora*, São Paulo, 19 abr.1965.

[7] RESENDE, Otto Lara. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 abr. 1992.

[8] RESENDE, Otto Lara. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 jun.1992.

Etiquetando esses exemplos, obtém-se:

(7a') Sentença simples *[Os pesquisadores encontraram o povo]* Minissentença *[**doente**]*

(7b') Sentença simples *[O índio encarna a pureza e a inocência]* Minissentenças *[**idealizadas**, **utópicas**]*

Essa análise por colchetes separa as minissentenças [*doente*] e [*idealizadas*, *utópicas*] dos sintagmas verbais [*encontraram o povo doente*] e [*encarna a pureza e a inocência*]. Essa notação mostra que esses sintagmas adjetivais não integram os sintagmas nominais [*o povo*] e [*a pureza e a inocência*], respectivamente. Por outras palavras, a parentetização mostra que há uma fronteira sintática entre a sentença simples e a minissentença adjetival, que não está encaixada nos sintagmas nominais.

Numa análise diferente da que é aqui apresentada, Kato (1988) identificou duas funções de minissentenças adjetivais:

(8) Minissentenças em função de complemento
- a) *Considero os meninos [inocentes].*
- b) *Maria acha o João [um gênio].*
- c) *Eu vi as visitas [saindo].*

(9) Minissentenças em função de adjunto
- a) *Eu como as cenouras [PRO cruas].*
- b) *Encontrei o dinheiro [PRO escondido].*

Ela considera que essas estruturas ocorrem com verbos de alçamento:

(10) Minissentenças com verbos de alçamento
- a) *Os meninos*^{i} *parecem [t*^{i} *inocentes].*
- b) *Essa conversa*^{i} *soa [t*^{i} *falsa].*
- c) *Os soldados*^{i} *continuam [t*^{i} *feridos].*

A tipologia das minissentenças nominais provavelmente se replica aqui, pois deve haver minissentenças adjetivais simples e complexas.

Minissentença adverbial

Adjetivos e advérbios compartilham várias propriedades sintáticas e semânticas, distinguindo-se em que estes não dispõem de morfologia flexional. Nesta seção, estudarei o compartilhamento de outra propriedade, pois também os advérbios funcionam como minissentenças.

Os advérbios (i) predicativos (11e-f), (ii) de verificação (o *só* de 11a-b, e o *também* de 11d) e (iii) dêiticos (o *amanhã* de 11a) são núcleos de sintagmas adverbiais que funcionam como minissentenças:

(11) a) ***Hoje**, **só amanhã**.* (= trabalhador no final de sua jornada)

b) *A — E aí, vamos ou não vamos passear?*

*B — **Só!***

c) ***Aqui**! **Aqui**!* (= jogador pedindo a bola)

d) *Eu **também!***

e) *Isso mesmo! **Assim**!*

f) ***Felizmente**, arre!*

g) *Andando **bastante** você emagrece.*

Minissentença preposicional

Nos exemplos (12-13), vários sintagmas preposicionais não governados por um predicador funcionam como minissentenças. As minissentenças preposicionais aparecem adjungidas à sentença simples:

(12) *Os eleitores escolheram um advogado **para prefeito**.*

(12a) Sentença simples *[Os eleitores escolheram um advogado]* Minissentença *[**para prefeito**].*

(13) ***Sobre globalização**, eu gostaria que o senhor falasse sobre o significado da globalização no mundo moderno.*

(13a) Minissentença *[**Sobre globalização**],* Sentença simples *[eu gostaria que o senhor falasse sobre o significado da globalização no mundo moderno].*

A minissentença preposicional de (13) é uma construção de tópico, funcionando como um adjunto da sentença simples que se segue.

Obtida uma definição e uma classificação das minissentenças, está na hora de verificar como a literatura as tem tratado. Como já disse aqui, há uma bibliografia razoável sobre as minissentenças, com a esperada flutuação de rótulos.

A Gramática tradicional identificou em alguns dos exemplos acima uma estrutura única, organizada por um verbo *transobjetivo*, ou seja, um verbo que "vai além" das relações transitivas, visto escolher simultaneamente um complemento de objeto e um complemento de qualidade, que é a nossa minissentença adjetival.

A Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira se deu conta da duplicidade dessa estrutura, denominando todo o predicado *predicado verbo-nominal.* Esse predicado é verbal porque escolhe um objeto direto, e é nominal porque encaixa um adjetivo predicativo no conjunto.

Na Linguística moderna, creio que o primeiro a tratar das minissentenças foi Bally (1951). Operando no quadro da Estilística linguística, ele as denominou *orações nominais*, para sublinhar que se tratava de orações sem verbo. Em seus dados, ele observou que as minissentenças nominais ora dispunham de um só sintagma nominal, que ele denominou *monorrema*, como (4a), ora de sintagmas nominais sequenciados, aos quais dele denominou *dirremas*, como (4b). Muito provavelmente, esse autor escolheu o termo *rema* para destacar a função predicadora das orações nominais.

Outros autores postulam que as minissentenças são construídas através da omissão de verbos como *ser*, *estar* e, portanto, poderiam ser analisadas como sentenças de "grau verbal zero" (NAVAS RUIZ, 1962). Vê-se que esse autor reduz a minissentença a uma variante da sentença simples.

O rótulo *minissentença* (ing. *small clause*), habitualmente traduzido por *minioração* pelos linguistas brasileiros, foi lançado por Williams (1975).[9] Creio que o primeiro trabalho gerativista sobre essa estrutura foi elaborado no mesmo ano por Bisol (1975), que a tratou como um predicado complexo. Stowell (1985, p.272) assim a definiu:

> A teoria da minioração ("small clause") está baseada na convicção de que esta relação semântica reflete-se uniformemente na estrutura de constituintes, no sentido de que a relação sujeito / predicado é sempre codificada sintaticamente em termos de um par de constituintes irmãos, tal como S→sujeito + predicado.

Na análise de Stowell (1985), o adjetivo que constitui a minissentença não é considerado como constituinte do sintagma nominal, e sim como unidade autônoma, lição que seguimos aqui. Para uma análise gerativista, ver Kato (1988) e Mioto, Silva, Lopes (2005, p.41-46), que elaboraram essa teoria no domínio da língua portuguesa.

Uma interessante questão teórica pendente de solução aparece nas citações acima. Em Stowell, vê-se uma tendência comum na literatura formalista

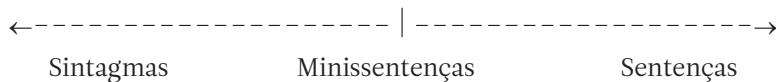
[9] Agradeço ao Prof. Milton do Nascimento, que comentou este capítulo, por essa indicação bibliográfica.

de tratar as minissentenças adjetival e preposicional como um constituinte da sentença simples, entendida como uma estrutura de base. De acordo com essa percepção, a sintaxe é o componente central da língua, e as estruturas devem por si mesmas permitir uma interpretação semântica satisfatória.

Conclusões

Estudos descritivos da língua falada analisam exemplos semelhantes a (1) a (13), tão comuns nessa modalidade, como *fragmentos*, *anacolutos*, *restos* (fr. *bribes*), entre outros.

O ponto de vista teórico aqui adotado não aconselha a que as minissentenças sejam tratadas seja como fragmentos soltos, com um estatuto sintático incerto, seja como constituintes das sentenças simples. Parece mais natural admitir um *continuum* entre os sintagmas e as sentenças simples e complexas.

Encarando essas três estruturas de acordo com a Teoria dos protótipos, direi que os sintagmas, de um lado, e as sentenças simples e complexas, de outro, ocupam os pontos extremos de um eixo, cujo ponto médio é ocupado pelas minissentenças, que compartilham propriedades de ambos:

Essa representação mostra que há uma relação de gradiência entre essas estruturas, e não uma relação de derivação.

Referências

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza (Org.). *Gramática do português falado*. v.8. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. Genève: George & Cie., 1951.

BISOL, Leda. *Predicados complexos. Uma análise transformacional do português*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1975.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O Atlas Linguístico do Brasil: de "nascituro" a "adolescente". In: AGUILERA, V. A. (Org.). *A geolinguística no Brasil*: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. p.3-12.

CASTILHO, Ataliba T. de. Da análise da conversação para a análise gramatical. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.17, p.219-226, 1989a.

CASTILHO, Ataliba T. de. Para o estudo das unidades discursivas do português falado. In: _____ (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989b. p.249-280.

CASTILHO, Ataliba T. de. O português culto falado no Brasil: história do Projeto NURC. In: PRETI, D.; URBANO, H. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. v.4: Estudos. São Paulo: TAQ; Fapesp, 1990a. p.141-202.

CASTILHO, Ataliba T. de. Problemas de descrição da língua falada. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.10, n.1, p.47-71, 1994.

CASTILHO, Ataliba T. de. A língua falada e sua descrição. In: *Para Segismundo Spina*: língua, filologia, literatura. São Paulo: Edusp; Iluminuras, 1995. p.69-90.

CASTILHO, Ataliba T. de. Língua falada e gramaticalização: o caso de *mas*. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v.1, p.107-120, 1997a.

CASTILHO, Ataliba T. de. Para uma sintaxe da repetição. Língua falada e gramaticalização. *Língua e Literatura*, São Paulo, v.22, p.293-332, 1997b. Uma versão preliminar apareceu como: A repetição como processo constitutivo da gramática do português falado. In: PADILLA, José Antonio Samper; DÉNIZ, Magnolia Troya (Org.). *Actas del XI Congreso de la Asociación de Linguística y Filología de la América Latina*. Las Palmas: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 2000. Tomo 3, p.2289-2298.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998a. 6.ed., 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de. Aspectos teóricos de la descripción de la lengua hablada. In: BERNALES, Mario; CONTRERAS, Constantino (Org.). *Por los caminos del lenguaje*. Temuco: Ediciones Universidad de La Frontera, 1998b. p.23-37.

CASTILHO, Ataliba T. de. Langue parlée et processus grammaticaux. In: M. BILGER, M.; EYNDE, K. van den; GADET, F. (Ed.). *Analyse linguistique et approches de l'oral*. Recueil d'études offert en hommage à Claire Blanche-Benveniste. Paris; Leuven: Peeters, 1998c. p.141-148.

CASTILHO, Ataliba T. de. Unidirectionality or multidirectionality? *Revista do GEL*, v.1, p.35-48, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de. Abordagem da língua como um sistema complexo. Contribuições para uma nova linguística histórica. In: CASTILHO, A. T. de; MORAIS, M. A. Torres; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro. Homenagem a Mary A. Kato*. Campinas: Pontes; Fapesp, 2007. p.329-360.

CASTILHO, Ataliba T. de. A categoria cognitiva de movimento na gramática do português. Refletindo sobre os achados dos Projetos NURC, PGPF e PHPB. In: HORA, Dermeval da; ALVES, Eliane Ferraz; ESPÍNDOLA, Lucienne C. (Org.). *Abralin: 40 anos em cena.* João Pessoa: Editora Universitária, 2009. p.71-96.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. v.1: A Ordem. Campinas: Editora da Unicamp; Fapesp, 1990b. 2.ed., 1991. 3.ed., 1997.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. v.3: As abordagens. Campinas: Editora da Unicamp; Fapesp, 1993.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida (Org.). *Gramática do português falado*. v.4: Estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp; Fapesp, 1996.

CILLIERS, Paul. *Complexity & postmodernism. Understanding complex systems.* London; New York: Routledge, 2000.

FERREIRA, Carlota da Silveira; MOTA, Jacyra Andrade; FREITAS, Judith Mendes de Aguiar; ANDRADE, Nadja Maria Cruz de; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; ROLLEMBERG, Vera Lúcia; ROSSI, Nelson. *Atlas linguístico de Sergipe.* Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

GLEICK, James. *Chaos. Making a new science.* New York: Penguin Books, 1988.

ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*. v.2: Níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil.* v.2: Classes de palavras e construções. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008.

JESPERSEN, Otto. *The philosophy of grammar.* London: Allen & Unwin, 1924. Tradução francesa: *La philosophie de la grammaire*. Paris: Les Editions de Minuit, 1971.

JUBRAN, Clélia Cândida Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça Koch (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil.* v.1: Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

KATO, Mary. Formas de funcionalismo na sintaxe. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.14, p.145-168, 1998. Número especial.

KATO, Mary A. (Org.). *Gramática do português falado*. v.5. Campinas: Fapesp; Editora da Unicamp, 1996.

KATO, Mary A.; NASCIMENTO, Milton do (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil.* v.3: Construção da sentença. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.). *Gramática do português falado*. v.6. Campinas: Editora da Unicamp; Fapesp, 1996.

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcelos. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999. 2.ed., 2005.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. *A linguagem falada culta na cidade de Salvador*. Materiais para seu estudo. v.1: Diálogos entre informante e documentador. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1994.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. *A linguagem falada culta na cidade de Salvador*. Materiais para seu estudo. v.2: Elocuções formais. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 2006.

NAVAS RUIZ, Ricardo. *Ser y estar. Estudio sobre el sistema atributivo del español*. Salamanca: Acta Salmanticensis, 1962.

NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português falado*. v.7. São Paulo: Humanitas; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SECHEHAYE, Albert. *Essai sur la structure logique de la phrase*. Paris: Champion, 1926.

STOWELL, Timothy. Small clauses restructuring. In: FREIDIN, R. (Ed.). *Principles and parameters in comparative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1985.

WALDROP, M. Mitchell. *Complexity. The emerging science at the edge of order and chaos*. New York: A Touchtone Book, 1933.

WILLIAMS, E. Small clauses in English. In: KIMBALL, J. (Ed.). *Syntax and semantics*. v.4. New York: Academic Press, 1975.

O português brasileiro caracteriza-se, no plano fonológico, por uma ampla variação na realização de suas consoantes pós-vocálicas, sobretudo em posição final de palavra. O *-r* implosivo final, na fala coloquial distensa, praticamente não é pronunciado pelos falantes de todas as classes sociais, sobretudo nos infinitivos dos verbos. O *-l* pós-vocálico medial e final vocalizou-se em praticamente todo o território nacional. Nesse contexto, pode-se dizer que o processo de variação que atinge o *-s* implosivo seria o menos radical. Porém, tal segmento não deixa de apresentar um significativo espectro de variação em sua realização fônica. A gama de variação pode ser representada pelos seguintes traços: [sonoro], [anterior] e [coronal]. A variação quanto à sonoridade é determinada em termos categóricos pela sonoridade do segmento seguinte. Diante de consoante sonora, a realização é sempre sonora; e é surda, diante de consoante surda ou de pausa, conforme os exemplos apresentados em (1):

(1) a. / $__\$C^{SON}$ /: *ne*[z/ʒ]*ga*

b. / $__\$C^{SUR}$ /: *ca*[s/ʃ]*co*

c. / __# / : *filho*[s/ʃ]

Para além da realização alveolar, o <s> implosivo pode se realizar também como palatal, laríngea, ou ainda como zero fonético, num *continuum* que pode ser representado com base nos seguintes traços:

	[s / z]	>	[ʃ / ʒ]	>	[h / ɦ]	>	∅
	$\begin{bmatrix} +\text{anterior} \\ +\text{coronal} \end{bmatrix}$		$\begin{bmatrix} -\text{anterior} \\ +\text{coronal} \end{bmatrix}$		$\begin{bmatrix} -\text{anterior} \\ -\text{coronal} \end{bmatrix}$		
Ex.:	*de*[s]*culpa*		*de*[ʃ]*culpa*		*de*[h]*culpa*		*de∅culpa*
	me[z]*mo*		*me*[ʒ]*mo*		*me*[ɦ]*mo*		*me∅mo*

Nesse sentido, ocorre simultaneamente um processo de posteriorização e um processo de enfraquecimento articulatório do <s> implosivo. O resultado final desse processo seria o próprio apagamento do segmento fônico. Mas o apagamento do <s> em coda silábica parece ser um processo determinado mais por fatores morfossintáticos do que a resultante de um processo fonológico, pois, ao que tudo indica, o apagamento desse segmento em posição final de

palavra deriva-se mais da variação na concordância nominal de número do que de um processo de enfraquecimento fonético.

Em sua tese de doutoramento, Jacyra Mota (2002) faz uma ampla análise da variação na realização do <s> em coda silábica na norma urbana culta de Salvador, utilizando para isso os materiais do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta, o Projeto NURC. Este trabalho constitui uma pequena extensão de tal estudo, observando o comportamento de tal variável fonológica na fala de soteropolitanos com um a doze anos de escolaridade, no que pode ser definido como o português urbano semiculto e/ou popular de Salvador. A análise está centrada no encaixamento do processo variável na estrutura linguística e social da comunidade de fala. No plano social, são consideradas as seguintes variáveis: sexo, idade e nível de escolaridade (elementar *versus* secundário). No plano da estrutura linguística, buscou-se definir os fatores estruturais que estariam impulsionando o processo de variação/mudança, a partir da variante mais antiga na língua, a realização alveolar, que vem sofrendo a concorrência, no plano fonológico, das realizações palatal e laríngea.

Enquadramento teórico e metodológico

O universo de observação desta análise é o português semiculto de Salvador, conforme definido pelo **Projeto de Estudo do Português Popular de Salvador (PEPP)**.[1] Dessa forma, compreende o universo de indivíduos de escolarização primária e secundária, opondo-se, por um lado, à norma culta, definida tradicionalmente como o padrão de comportamento linguístico dos indivíduos com curso superior completo; e, por outro lado, com os padrões de fala dos indivíduos analfabetos.[2] A base empírica desta análise é constituída por 36 entrevistas semi-informais, realizadas entre 1998 e 2000 com indivíduos nascidos e residentes em Salvador, dos sexos masculino e feminino, e distribuídos por três faixas etárias: a dos mais jovens, entre 25 e 35 anos (faixa 1); a faixa intermediária, entre 45 e 55 anos (faixa 2); e a dos mais idosos, com

[1] Fica aqui o agradecimento à Professora Norma Lopes, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que gentilmente cedeu o *corpus* do PEPP para este estudo.

[2] A amplitude da amostra estudada, que reúne desde indivíduos com um ano de escolaridade até aqueles que já completaram o ensino médio, coloca a questão da definição dessa variedade do português brasileiro, abrangendo, tanto o que se pode chamar de fala semiculta, quanto o que seria o português popular urbano. Em conformidade com o título do Projeto de onde provém o *corpus* analisado, será usada, daqui em diante, a denominação português popular de Salvador.

mais de 65 anos (faixa 3). Os informantes também estão divididos segundo o grau de escolaridade. De um lado, os que têm de um a quatro anos de estudo; de outro, os que cursaram o ensino médio. Para a constituição da base de dados foram depreendidas, em cada entrevista, aproximadamente 300 ocorrências da variável em foco, totalizando cerca de 10.800 ocorrências.

Para aferir as correlações entre o fenômeno observado e as variáveis linguísticas e sociais, foi realizada a análise quantitativa dos dados, com emprego do pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988; SCHERRE; NARO, 2003; TAGLIAMONTE, 2006; GUY; ZILLES, 2007), com o qual se podem obter os seguintes resultados: (i) a frequência de realização de cada variante, segundo as variáveis explanatórias, em valores percentuais; (ii) a seleção das variáveis explanatórias estatisticamente relevantes; e (iii) o peso relativo, que busca cruzar o efeito simultâneo dos diversos fatores que atuam em cada ocorrência do fenômeno, com o objetivo de isolar a influência real (o peso relativo) de cada fator.

Essa análise quantitativa fundamenta-se no modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1972, 1982, 1994). Segundo esse modelo, a variação linguística não é aleatória, mas sistemática, na medida em que o processo de variação é condicionado tanto pelos fatores internos da estrutura da língua, quanto pelos fatores externos da estrutura social da comunidade de fala. Por outro lado, o processo sincrônico de variação pode constituir a atualização de um processo diacrônico de mudança na estrutura da língua. Portanto, a análise sistemática de um processo de variação pode trazer elementos significativos para a compreensão do processo histórico de constituição da língua. Com base nessa orientação teórica, esta análise buscará responder aos *problemas da transição* e do *encaixamento*, tanto no plano interno da estrutura linguística, quanto no plano das relações sociais.

No que toca o problema da transição, os estudos já realizados sobre o fenômeno da variação na realização do <s> implosivo indicam que a variante alveolar seria a mais antiga na língua.[3] A realização palatal, já registrada no português europeu desde o século XVIII (MOTA, 2002, p.179-180), teria sido

[3] Cf. Mota, 2002, p.397: "Com base na história do português do Brasil, admite-se que a variante coronal anterior ou alveolar é a conservadora, tendo sido trazida, durante os primeiros séculos de colonização, pelos portugueses que ainda não tinham, àquela época, como norma a variante posteriorizada".

introduzida no Brasil no início do século XIX através da vinda da família real portuguesa que se estabeleceu na cidade do Rio de Janeiro, que se tornaria desde então o centro irradiador dessa variante, em função da influência que esta cidade exerceria sobre as demais regiões do país, graças à sua condição de capital do Império e, depois, da República. Com base no *continuum* apresentado anteriormente, pode-se definir a realização laríngea como um avanço em relação à realização palatal. Não estão descartadas, entretanto, as possibilidades de evolução independente, tanto no plano externo quanto no plano interno da transformação fonológica.

A abordagem do problema do encaixamento, na medida em que focaliza o processo de inserção da variação na estrutura linguística, poderá lançar novas luzes sobre o processo de transição, ao definir quais os fatores que estariam impulsionando a realização de cada variante.

O encaixamento linguístico

A variável dependente, objeto da presente análise, foi estruturada com base em quatro variantes: (i) realização alveolar, [s] ou [z]; (ii) realização palatal [ʃ] ou [ʒ]; (iii) realização laríngea, [h] ou [ɦ]; e (iv) o zero fonético. A distribuição das variantes no conjunto total de ocorrências é apresentada na Tabela 1:

Tabela 1 – Valores totais das variantes do <s> implosivo no português popular de Salvador

Variantes	Nº de ocorrências / Total	Frequência
[s / z]	3.904 / 10.753	36%
[ʃ / ʒ]	3.708 / 10.753	34%
∅	1.603 / 10.753	15%
[h / ɦ]	1.538 / 10.753	14%

Como se pode observar, há um equilíbrio, tanto entre as variantes majoritárias (as realizações alveolar e palatal), quanto entre as variantes minoritárias (a realização laríngea e o apagamento). Esse equilíbrio entre as variantes alveolar e palatal confirma a caracterização diatópica da fala de Salvador proposta por Callou e Moraes (1996) e parece indicar um uso ainda restrito da

variante laríngea e do apagamento mesmo na norma popular urbana de Salvador. Se o apagamento revelou-se um processo determinado por fatores morfossintáticos derivados da não aplicação da regra de concordância nominal, o condicionamento estrutural do processo de variação, no que concerne às outras três variantes, é determinado pela estrutura da sílaba, pela tonicidade, pela relação sintagmática com os segmentos fônicos circundantes, bem como pela relação com a realização do <s> pós-vocálico antes e depois do segmento focalizado. Dentro dessa perspectiva, a análise quantitativa focalizará cada variante separadamente, com o intuito de definir que fatores estariam inibindo ou favorecendo a sua realização. Os resultados dessas aferições são apresentados nas próximas subseções.

Condicionamentos linguísticos da variante alveolar

Os grupos de fatores selecionados como estatisticamente relevantes pelo Programa das Regras Variáveis para o condicionamento estrutural da realização alveolar foram os seguintes: (i) posição do segmento no vocábulo; (ii) tonicidade da sílaba em que figura o segmento; (iii) características da vogal precedente; (iv) características da consoante que inicia a sílaba seguinte, tanto em posição medial quanto em fronteira de palavra; (v) realização do <s> na sílaba imediatamente anterior; (vi) realização do <s> na sílaba imediatamente posterior.

Considerando-se a variável **posição da sílaba em que figura o segmento na palavra**, verificou-se um amplo predomínio da realização alveolar em distribuição final de palavra antes de vogal da palavra seguinte (*e.g.*, *o**s** amigos*), com frequência de 91% das realizações e peso relativo de .93; ao passo que essa variante é bastante desfavorecida em posição medial (*e.g.*, *po**s**to*, *e**s**mola*), com apenas 17% do total de ocorrências nesse contexto e peso relativo de apenas .25. Os resultados dessa variável são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Realização alveolar do <s> implosivo segundo a variável posição do segmento no vocábulo no português popular de Salvador

Distribuição	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Final antes de vogal /V__#V/	1.331 / 1.464	91%	.93
Final antes de pausa /V__#/	636 / 1.111	57%	.58
Final antes de consoante /V__#C/	1.480 / 3.898	38%	.43
Medial /V__$C/	457 / 2.677	17%	.25
Total	1.904 / 9.150	43%	__

Nota: Nível de significância: .016.

Os pesos relativos de .93 e .25 colocam nos dois extremos os fatores que, respectivamente, favorecem e inibem a variante alveolar. Num plano mais próximo à neutralidade, observou-se também um ligeiro favorecimento da realização alveolar em posição final de palavra antes de pausa (*e.g.*, *Eles falam demai***s**.), e sua ligeira inibição nessa posição seguida de consoante da palavra seguinte (*e.g.*, *o***s** *dentes*).

Os resultados da variável **tonicidade da sílaba** revelaram que a realização alveolar é favorecida em sílaba pós-tônica final (*e.g.*, *pelos*, *escolas*, *últimos*), com peso relativo de .60, enquanto as sílabas pré-tônica (*e.g.*, *costume*, *escândalo*) e tônica (*e.g.*, *lasca*, *contraste*), sobretudo esta última, não favoreceriam essa variante do <s> pós-vocálico, com pesos relativos de .46 e .41, respectivamente, como se pode ver na Tabela 3.

Tabela 3 – Realização alveolar do <s> implosivo segundo a variável tonicidade da sílaba no português popular de Salvador

Sílaba	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Pós-tônica final	1.168 / 2.027	58%	.60
Pré-tônica	371 / 1.912	19%	.46
Tônica	379 / 1.412	27%	.41
Total	1.918 / 5.351	36%	__

Nota: Nível de significância: .016.

No que concerne à **vogal que ocupa o núcleo da sílaba** travada pelo <s> implosivo, as vogais com o traço [+anterior], assim como a semivogal anterior favorecem ligeiramente a realização alveolar, com pesos relativos de .55 e .53, respectivamente; enquanto as vogais com o traço [–anterior] desfavorecem essa realização, como se pode ver nos resultados da Tabela 4.

Tabela 4 – Realização alveolar do <s> implosivo segundo o segmento fônico precedente no português popular de Salvador

Segmento fônico precedente	N° de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Vogal [+anterior] (*e.g.*, *teste*, *isto*)	855 / 2.819	30%	.55
Semivogal (*e.g.*, *mais*, *seis*)	1.374 / 2.389	58%	.53
Vogal [–anterior] (*e.g.*, *gosta*, *campos*)	1.675 / 3.942	42%	.44
Total	3.904 / 9.150	43%	—

Nota: Nível de significância: .016.

No que diz respeito à **consoante que abre a sílaba seguinte**, confirma-se o processo dissimilatório já apontado em outros estudos. A realização alveolar é mais favorecida quando a consoante da sílaba seguinte é uma consoante velar (e.g., *escola*, *vesgo*), que se caracteriza pelos traços [–anterior, –coronal], em oposição aos traços [+anterior, +coronal] das consoantes alveolares. Diante de uma consoante velar, a frequência da realização alveolar atinge quarenta e dois pontos percentuais (com peso relativo de .62). Já quando a consoante seguinte exibe os mesmos traços, isto é, é também uma consoante alveolar (e.g., *pasto*, *desde*), a frequência da realização alevolar do <s> implosivo cai para 21% (com peso relativo de .41). Quando a consoante que inicia a sílaba seguinte é labial (e.g., *cuspe*, *gosma*), diferenciando-se da realização alveolar por apenas um traço — [–coronal] *versus* [+coronal] —, os valores da realização alveolar ficam em um nível próximo à neutralidade (frequência de 34% e peso relativo de .53). Os resultados dessa variável podem ser vistos na Tabela 5.

Tabela 5 – Realização alveolar do <s> implosivo segundo o ponto de articulação da consoante da sílaba seguinte no português popular de Salvador

Consoante	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Velar [–anterior, –coronal]	542 / 1.304	42%	.62
Labial [+anterior, –coronal]	777 / 2.292	34%	.53
Alveolar [+anterior, +coronal]	531 / 2.582	21%	.41
Total	1.850 / 6.178	30%	__

Nota: Nível de significância: .016.

Já a hipótese de um paralelismo formal na cadeia da fala em relação à **realização do <s> implosivo na sílaba imediatamente anterior e na sílaba subsequente** foi fortemente confirmada pelos dados, pois a realização alveolar é significativamente favorecida quando é essa a realização presente na sílaba imediatamente anterior e posterior. A Tabela 6 revela que a frequência da variante alveolar é de 66% do total de ocorrências, quando o <s> que trava a sílaba anterior realiza-se como alveolar, contra uma frequência de 39% e 27%, quando o <s> que trava a sílaba anterior é, respectivamente, laríngeo e palatal. Os pesos relativos refletem essas diferenças percentuais.

Tabela 6 – Realização alveolar do <s> implosivo segundo a sua realização na sílaba imediatamente anterior no português popular de Salvador

Realização do <s> na sílaba imediatamente anterior	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Alveolar (*e.g., cu*[s]*cu**z***)	77 / 117	66%	.73
Laríngea (*e.g., cu*[h]*cu**z***)	12 / 31	39%	.46
Palatal (*e.g., cu*[ʃ]*cu**z***)	25 / 92	27%	.23
Total	114 / 240	47%	__

Nota: Nível de significância: .016.

Consequentemente, verifica-se também uma correlação com a realização do <s> implosivo na sílaba subsequente, como se pode ver nos resultados da Tabela 7.

Tabela 7 – Realização alveolar do <s> implosivo segundo a sua realização na sílaba imediatamente posterior no português popular de Salvador

Realização do <s> na sílaba imediatamente posterior	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Alveolar (*e.g., ga**s**to*[s])	84 / 118	71%	.71
Laríngea (*e.g., ga**s**to*[h])	12 / 31	39%	.44
Palatal (*e.g., ga**s**to*[ʃ])	35 / 95	37%	.30
Total	131 / 244	54%	__

Nota: Nível de significância: .016.

Desse modo, o **paralelismo formal**, que tem sido proposto para explicar fenômenos no nível da sintaxe e do discurso (SCHERRE; NARO, 1993), também se manifesta no nível fônico, sendo que, neste caso, o princípio teria como fundamentação teórica um processo de harmonização fônica no interior de um mesmo grupo de força.

Condicionamentos linguísticos da variante palatal

Quase como um reflexo simetricamente oposto, a palatização foi condicionada pelos mesmos grupos de fatores da variante alveolar: (i) posição do segmento no vocábulo; (ii) tonicidade da sílaba em que figura o segmento; (iii) características da vogal precedente; (iv) características da consoante que inicia a sílaba seguinte, tanto em posição medial quanto em fronteira de palavra; (v) realização do <s> na sílaba imediatamente anterior; (vi) realização do <s> na sílaba imediatamente posterior.

A variável **posição do segmento no vocábulo** configurou um contexto em que as realizações alveolar e palatal se encontraram em distribuição diametralmente oposta: os fatores que favorecem uma variante inibem a outra. É o que se pode ver cotejando os resultados das Tabelas 2 e 8.

Tabela 8 – A palatalização do <s> implosivo segundo a variável posição do segmento no vocábulo no português popular de Salvador

Distribuição	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Medial /V__$C/	1.836 / 2.293	80%	.77
Final antes de consoante /V__#C/	1.407 / 2.887	49%	.59
Final antes de pausa /V__#/	401 / 1.037	39%	.49
Final antes de vogal /V__#V/	64 / 1.395	05%	.06
Total	3.708 / 7.612	49%	__

Nota: Nível de significância: .030.

Dessa forma, os resultados da Tabela 8 mostram que a distribuição medial é o contexto mais favorecedor da regra de palatalização, com peso relativo de .77, seguida da posição final, quando a palavra seguinte é iniciada por consoante (peso relativo de .59). A posição final antes de pausa revelou-se um contexto neutro (peso relativo de .49). E a posição final com a palavra seguinte iniciada por vogal foi o contexto mais refratário à realização palatal, com peso relativo de apenas .06.

Quanto à variável **tonicidade da sílaba** em que figura o segmento, houve um pequeno favorecimento da realização palatal nas sílabas pré-tônica e tônica, com pesos relativos de .55 e .53; enquanto a sílaba pós-tônica final desfavoreceria ligeiramente essa variante, com peso relativo de .43 (cf. Tabela 9). Configura-se, mais uma vez, uma "situação de espelho invertido" entre as variantes alveolar e palatal.

Tabela 9 – A palatalização do <s> implosivo segundo a variável tonicidade da sílaba no português popular de Salvador

Sílaba	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Pré-tônica	1.496 / 1.867	80%	.55
Tônica	557 / 936	60%	.53
Pós-tônica final	611 / 1.779	34%	.43
Total	2.664 / 4.582	58%	__

Nota: Nível de significância: .030.

Os resultados apresentados nas Tabelas 8 e 9 se coadunam com os de Mota (2002) para a norma culta de Salvador.

Quanto à **natureza da vogal da sílaba travada pelo <s>**, as vogais nasais (*e.g.*, *consta*, *monstro*), em oposição às vogais orais (*e.g.*, *poste*, *esgoto*), se apresentaram como um contexto que favoreceu a palatalização, pois a frequência da realização palatal do <s> travando sílabas com vogais nasais foi de 62% (p.r. de .60), caindo para 48% (p.r. de .50) com as vogais orais, como se pode ver na Tabela 10.

Tabela 10 – A palatalização do <s> implosivo segundo a nasalidade da vogal precedente no português popular de Salvador

Vogal precedente	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
[+nasal]	108 / 174	62%	.60
[–nasal]	3.600 / 7.438	48%	.50
Total	3.708 / 7.612	49%	__

Nota: Nível de significância: .030.

Já em relação ao ponto de articulação, as sílabas com vogais posteriores (*e.g.*, *poste*, *filhos*) revelaram-se o contexto que mais favoreceu a palatalização do <s> implosivo, com peso relativo de .57, sendo ligeiramente desfavorecida com a presença de uma vogal central (*e.g.*, *pasta*, *engasgou*) ou anterior (*e.g.*, *pista*, *nes*ga) no núcleo da sílaba, com pesos relativos de .48 e .46, respectivamente. A semivogal constituiu um contexto absolutamente neutro, como se pode ver nos resultados da Tabela 11.

Tabela 11 – A palatalização do <s> implosivo segundo o segmento fônico precedente no português popular de Salvador

Segmento fônico precedente	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Vogal posterior	943 / 1.741	54%	.57
Semivogal anterior	663 / 2.037	33%	.50
Vogal central	598 / 1.475	41%	.48
Vogal anterior	1.504 / 2.359	64%	.46
Total	3.708 / 7.612	49%	__

Nota: Nível de significância: .030.

No que concerne à **consoante da sílaba seguinte**, as alveolares (*e.g.*, *mas-tro*, *desde*) favoreceram a palatalização do <s> implosivo, com peso relativo de .59; enquanto as consoantes velares desfavoreceram-na, com pesos relativos de .38. Já as consoantes labiais constituíram um contexto que tende à neutralidade, como se pode ver nos resultados apresentados na Tabela 12.

Tabela 12 – A palatalização do <s> implosivo segundo o ponto de articulação da consoante da sílaba seguinte no português popular de Salvador

Consoante /V__$C/	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Alveolar	1.534 / 2.065	74%	.59
Labial	790 / 1.567	50%	.47
Velar	692 / 1.234	56%	.38
Total	3.016 / 4.866	63%	__

Nota: Nível de significância: .030.

Cotejando-se os resultados da Tabela 12 com os da Tabela 5, constata-se mais uma vez a simetria inversa dos condicionamentos das variantes alveolar e palatal.

Já os resultados das Tabelas 13 e 14 revelam que o **paralelismo formal** também atuou sobre a realização da variante palatal, de modo que o falante tende a manter o ponto de articulação do <s> implosivo dentro de um mesmo grupo de força. Nesse sentido, o falante tende, por exemplo, a palatalizar o <s> que trava a primeira sílaba do vocábulo da mesma forma, se já ocorreu a palatalização do <s> no artigo que antecede esse vocábulo, e assim por diante, de modo que a realização do <s> também se correlaciona com a sua realização na sílaba posterior: *o*[ʃ] *cu*[ʃ]*to*[ʃ].

Tabela 13 – A palatalização do <s> implosivo segundo a sua realização na sílaba imediatamente anterior no português popular de Salvador

Realização do <s> na sílaba imediatamente anterior	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Palatal *(e.g., o*[ʒ] *me**s**mos)*	57 / 82	70%	.81
Laríngea *(e.g., o*[ɦ] *me**s**mos)*	10 / 22	45%	.60
Alveolar *(e.g., o*[z] *me**s**mos)*	27 / 104	26%	.25
Total	94 / 208	45%	—

Nota: Nível de significância: .030.

Tabela 14 – A palatalização do <s> implosivo segundo a sua realização na sílaba imediatamente posterior no português popular de Salvador

Realização do <s> na sílaba imediatamente posterior	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Palatal *(e.g., ga**s**to*[ʃ].)	49 / 84	58%	.74
Laríngea *(e.g., ga**s**to*[h].)	10 / 22	45%	.55
Alveolar *(e.g., ga**s**to*[s].)	23 / 107	21%	.28
Total	94 / 208	45%	—

Nota: Nível de significância: .030.

Condicionamentos linguísticos da variante laríngea

Se as variantes alveolar e palatal se relacionaram praticamente dentro do que se pode chamar de "distribuição complementar" em um contexto de variação, a variante laríngea se apresenta como um desenvolvimento independente dentro do fenômeno variável em foco. Não obstante, essa variante foi condicionada praticamente pelas mesmas variáveis estruturais: (i) posição do segmento no vocábulo; (ii) tonicidade da sílaba em que figura o segmento; (iii) características da vogal precedente; (iv) características da consoante que inicia a sílaba seguinte tanto em posição medial quanto em fronteira de palavra. Porém, o paralelismo formal não se revelou um fator determinante na realização laríngea, de modo que essa realização do <s> implosivo não favoreceu a sua repetição na sílaba seguinte.

Os resultados da Tabela 15 demonstram que a variante laríngea é favorecida na distribuição final de palavra antes de consoante da palavra seguinte, com peso relativo de .67; sendo desfavorecida nos demais contextos.

Tabela 15 – Realização laríngea do <s> implosivo segundo a variável posição do segmento no vocábulo no português popular de Salvador

Distribuição	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Final antes de consoante /V__#C/	1.011 / 3.898	26%	.67
Medial /V__$C/	384 / 2.677	14%	.45
Final antes de pausa /V__#/	74 / 1.111	7%	.34
Final antes de vogal /V__#V/	69 / 1.464	5%	.27
Total	1.538 / 9.150	17%	__

Nota: Nível de significância: .017.

Portanto, quanto à variável **posição do segmento no vocábulo**, a variante laríngea aproximou-se da variante palatal, que também é favorecida em posição final de palavra antes de consoante da sílaba seguinte (mas com um peso relativo um pouco menor, de .59), em oposição à realização alveolar, que é desfavorecida nesse contexto, com peso relativo de .43.

A **tonicidade da sílaba** favoreceu a realização laríngea do ‹s› em coda silábica, como se pode ver na Tabela 16.

Tabela 16 – Realização laríngea do <s> implosivo segundo a variável tonicidade da sílaba no português popular de Salvador

Sílaba	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Tônica	476 / 1.412	34%	.70
Pré-tônica	45 / 1.912	02%	.43
Pós-tônica final	248 / 2.027	12%	.42
Total	769 / 5.351	14%	__

Nota: Nível de significância: .017.

De referência a essa variável, portanto, cada variante do <s> implosivo apresenta um comportamento específico: a realização laríngea é favorecida em sílaba tônica e desfavorecida nas sílabas não acentuadas (cf. Tabela 16); a realização alveolar é favorecida apenas em sílaba pós-tônica final (cf. Tabela 3); e a realização palatal é favorecida em posição tônica e pré-tônica, sendo desfavorecida em posição pós-tônica final (cf. Tabela 9). Não obstante essa especificidade, a variante laríngea aproxima-se, mais uma vez, da variante palatal, em oposição ao comportamento da realização alveolar.

No que concerne às características da **vogal do núcleo silábico**, os resultados da Tabela 17 revelam que a realização laríngea é bastante favorecida quando o <s> é precedido por uma vogal [-alta], com peso relativo de .72.

Tabela 17 – Realização laríngea do <s> implosivo segundo a vogal precedente

Vogal precedente	N° de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
[-alta]	989 / 3.352	30%	.72
[+alta]	549 / 5.798	09%	.36
Total	1.538 / 9.150	17%	__

Nota: Nível de significância: .017.

E mais uma vez se observa um comportamento diferenciado das três variantes, pois a realização palatal é favorecida pelas vogais anteriores e pela semivogal anterior (cf. Tabela 4), e a palatalização é favorecida pelas vogais nasais e pelas vogais posteriores (cf. Tabelas 10 e 11).

O modo de articulação da **consoante do *onset* da sílaba seguinte** revelou-se uma variável que condiciona fortemente a realização laríngea do <s> implosivo, como se pode ver nos resultados das Tabelas 18 e 19. Os resultados revelaram que a realização laríngea é muito favorecida quando a consoante do ataque da sílaba seguinte é nasal ou lateral, com pesos relativos de .72 e .70, respectivamente. Em conformidade com esse condicionamento, a variante laríngea também é favorecida quando a consoante inicial da sílaba seguinte é vozeada, com peso relativo de .78 (cf. Tabela 19).

Tabela 18 – Realização laríngea do <s> implosivo segundo o modo de articulação da consoante que inicia a sílaba seguinte

Consoante da sílaba seguinte /V__$C/	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Nasal	778 / 1.256	62%	.72
Lateral	50 / 96	52%	.70
Africada	112 / 490	23%	.58
Fricativa	171 / 880	19%	.45
Oclusiva	283 / 3.853	07%	.42
Total	1.394 / 6.575	21%	__

Nota: Nível de significância: .016.

Tabela 19 – Realização laríngea do <s> implosivo segundo a sonoridade da consoante da sílaba seguinte

Consoante da sílaba seguinte /V__$C/	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
[+sonoro]	1.199 / 2.401	50%	.78
[–sonoro]	195 / 4.174	05%	.32
Total	1.394 / 6.575	21%	__

Nota: Nível de significância: .016.

O comportamento distinto das três variantes foi atestado também nessa variável independente, pois a realização alveolar foi favorecida pela presença de consoantes labiais e velares no ataque da sílaba seguinte (cf. Tabela 5), e a palatalização, pelas consoantes alveolares e palatais (cf. Tabela 12). Portanto, nessa variável confirma-se o diagnóstico de um comportamento simetricamente oposto entre as variantes alveolar e palatal, com a realização laríngea constituindo um desenvolvimento independente da variável em foco.

Condicionamentos linguísticos do apagamento do <s> implosivo

Os resultados do encaixamento linguístico da variação na forma do <s> em coda silábica em distribuição medial de palavra revelaram que essa variável se atualiza no nível fonológico da língua através de três variantes apenas: as realizações alveolar, palatal e laríngea. Essa assertiva fundamenta-se no fato de os

resultados da análise variacionista terem revelado de forma clara que o apagamento desse segmento não é condicionado por fatores fonológicos, devendo, portanto, ser analisado como um fenômeno morfossintático, ou seja, como a atualização do processo de variação na concordância nominal de número.

Em primeiro lugar, os resultados da variável **posição do segmento no vocábulo**, apresentados na Tabela 20, mostram que o apagamento é irrelevante na posição medial, com apenas 1% do total de ocorrências nessa posição. Portanto, o apagamento do <s> implosivo pode ter o seu escopo circunscrito à posição final de palavra.

Tabela 20 – O apagamento do <s> implosivo segundo a posição do segmento no vocábulo

Distribuição	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Final antes de pausa /V__#/	1.580 / 8.053	20%	.62
Medial /V__$C/	23 / 2.700	01%	.19
Total	1.603 / 10.753	15%	__

Nota: Nível de significância: .026.

É exatamente nessa posição final de palavra que o <s> pode funcionar como morfema de número. Os resultados da análise quantitativa revelaram então que o apagamento só é significativo quando o <s> tem valor morfológico, como se pode ver nos resultados da Tabela 21. O percentual de apenas 4% de apagamento do <s> sem valor morfológico se enquadra no processo geral de enfraquecimento dos segmentos finais, não constituindo assim um fenômeno específico.

Tabela 21 – O apagamento do <s> implosivo segundo o seu valor morfológico

Valor morfológico do <s>	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Com valor morfológico	1.364 / 4.519	30%	.67
Sem valor morfológico	239 / 6.234	04%	.38
Total	1.603 / 10.753	15%	__

Nota: Nível de significância: .026.

E a caracterização do apagamento do <s> implosivo como um fenômeno morfossintático se confirma cabalmente, com os resultados de uma **variável morfossintática** também utilizada nesta análise. É o que se pode atestar com os números da Tabela 22.

Tabela 22 – Condicionamento morfossintático do apagamento do <s> implosivo em final de palavra

Posição do <s> implosivo	Nº de oc. / Total	Frequência	Peso relativo
Predicativo / particípio em passivas Ex.: *esses problemas são grave*(*s*)	41 / 71	58%	.86
3º elemento flexionável do SN em diante Ex.: *os meus colega*(*s*)	125 / 205	61%	.86
1º elemento flexionável do SN após numeral Ex.: *três irmão*(*s*)	238 / 415	57%	.83
2º elemento flexionável do SN Ex.: *os filho*(*s*)	799 / 1.424	56%	.82
1º elemento flexionável do SN Ex.: *essa*(*s*) *coisas*	95 / 1.917	05%	.16
Total	1.298 / 4.032	32%	__

Nota: Nível de significância: .026.

Todas as análises da variação na concordância nominal de número no português brasileiro têm observado o seguinte padrão de marcação do número no SN: marcação quase categórica do plural nos determinantes pré-verbais com queda significativa dessa marcação nas demais posições (ANDRADE, 2003). Foi exatamente esse o padrão observado nesta análise. O apagamento do <s> na primeira posição do SN é de apenas 5% do total de ocorrências, correspondendo a 95% de marcação do plural nessa posição. Na segunda posição, o apagamento sobe para algo em torno de 56% e 57%, o que corresponde a uma marcação do plural na ordem de 43% a 44%. E na terceira posição, o apagamento sobe um pouco mais para 61%, o que equivale a 39% de marcação do plural nessa posição. No caso da concordância nominal em estruturas de predicativo do sujeito e da voz passiva, Lucchesi (2008) demonstrou que a marcação nesses casos corresponde *grosso modo* ao nível de marcação na 3ª posição do SN. Os resultados comprovaram essa assertiva, com o peso relativo idêntico (.86) para o apagamento do <s> nesses dois fatores.

Portanto, os resultados desta análise atestam claramente que o apagamento do <s> não é um fenômeno de natureza fonológica, mas um fenômeno da morfossintaxe. Esse achado é de grande relevância, pois contraria frontalmente a hipótese de Naro e Scherre (1993, 2007) de que a variação na concordância nominal de número no português brasileiro teria a sua origem em um processo fônico de apagamento do *-s* final que já teria vindo do português europeu. Se isso fosse verdadeiro, seria de esperar que o apagamento do *-s* final fosse de alguma maneira condicionado por fatores da estrutura fonológica, e exatamente o contrário se observou aqui. Portanto, o apagamento do *-s* final é um processo de variação no plano da morfossintaxe, devendo ser explicado como tal, e não como o reflexo de uma mudança fônica.

O encaixamento social

No plano do encaixamento social, esta análise objetivou fazer um diagnóstico do fenômeno variável em seu nível fônico, particularmente no que se refere à oposição entre as variantes alveolar e palatal, que se mostraram as mais representativas na amostra de fala analisada. Os estudos realizados com o *corpus* do Projeto NURC na década de 1970 apontavam para um incremento da regra de palatalização sobre a realização alveolar. Tal se deveria a uma possível influência do padrão carioca que estaria penetrando na área dialetal de Salvador, sobretudo em função da influência dos meios de comunicação de massa. Contudo, a análise de uma amostra de falantes cultos constituída desde os finais da década de 1990 constatou uma reversão dessa tendência, com uma restauração da pronúncia alveolar frente à realização palatal do <s> implosivo (MOTA, 2002, p.404 et seq.).

Os resultados obtidos nesta análise revelaram que, no universo do chamado português popular ou semiculto de Salvador, estaria ocorrendo uma tendência análoga à observada na norma culta. Os resultados da variável **faixa etária** tanto para a variante alveolar quanto para a variante palatal apontaram a mesma tendência a uma recuperação da realização alveolar. Como se pode ver nas Figuras 1 e 2 (elaboradas a partir dos resultados da Tabela 23), enquanto os mais velhos apresentam os maiores índices de palatalização, a frequência da realização alveolar aumenta à medida que se passa para as faixas dos falantes mais jovens.

Tabela 23 – Realizações palatal e alveolar do <s> implosivo segundo a variável faixa etária no português popular de Salvador

Faixa etária	Palatal			Alveolar		
	Nº de oc./ Total	Frequência	P. r.	Nº de oc. / Total	Frequência	P. r.
Faixa 1	1.081 / 2.586	42%	.41	1.505 / 3.065	49%	.58
Faixa 2	1.308 / 2.726	48%	.48	1.418 / 3.252	44%	.53
Faixa 3	1.318 / 2.298	57%	.62	980 / 2.831	35%	.38
Total	3.707 / 7.610	49%	.47	3.903 / 9.148	43%	---

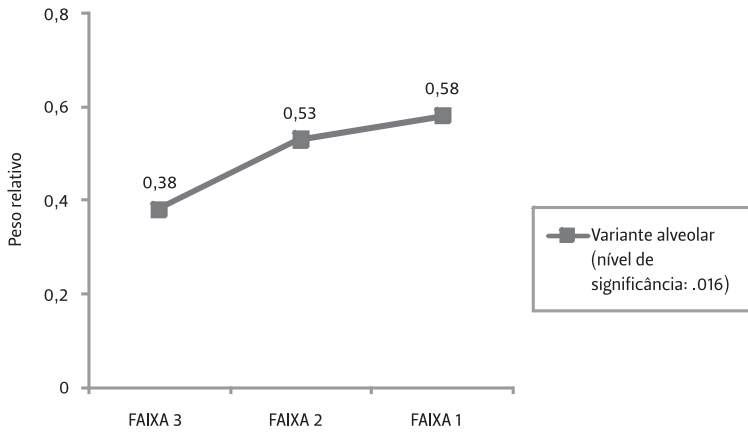



Figura 1 – Realização alveolar do <s> implosivo segundo a variável faixa etária no português popular de Salvador

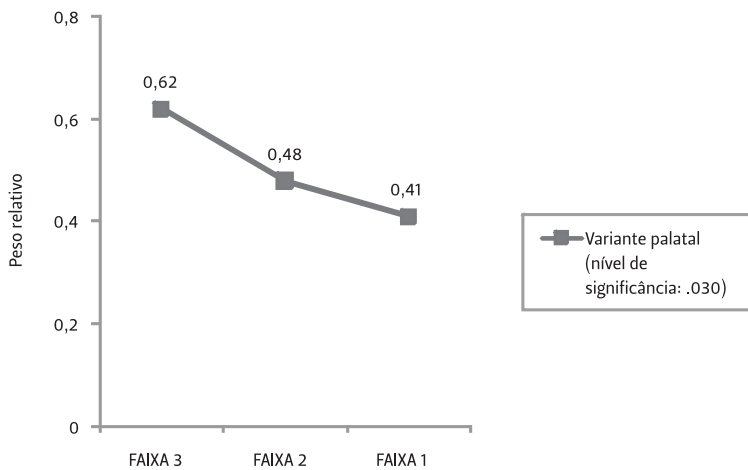



Figura 2 – Realização palatal do <s> implosivo segundo a variável faixa etária no português popular de Salvador

Essa tendência refletiria o fato de a pronúncia alveolar ter se consolidado como a pronúncia padrão, sendo, inclusive, adotada nos telejornais do Rio de Janeiro, em que se evita a pronúncia excessivamente chiante que caracteriza o dialeto carioca. Nesse sentido, a restauração da pronúncia alveolar observada em Salvador caracterizar-se-ia como uma mudança em direção ao padrão, à variante de prestígio, em relação à pronúncia chiante marcada como uma pronúncia regional carioca. Em termos labovianos, pode ser então caracterizada como uma **mudança de cima para baixo**.

Os resultados da variável **sexo** (cf. Tabela 24) se ajustam ao padrão de uma mudança em direção à variante de prestígio. Como se pode ver nas Figuras 3 e 4, as mulheres lideram o processo de restauração da pronúncia alveolar, enquanto a realização palatal predomina na fala dos homens. Apesar da dificuldade de se definir com clareza o comportamento da variável sexo nos processos de variação e mudança (LUCCHESI, 2004), tem força na literatura sociolinguística a posição de que as mulheres se mostram mais sensíveis às formas de prestígio aberto, tendendo a liderar as mudanças em direção ao padrão (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p.97-98; LABOV, 1982, p.78).

Tabela 24 – Realizações palatal e alveolar do <s> implosivo segundo a variável sexo no português popular de Salvador

Sexo	Palatal			Alveolar		
	Nº de oc./ Total	Frequência	P. r.	Nº de oc./ Total	Frequência	P. r.
Homem	1.999 / 3.663	55%	.58	1.664 / 4.499	37%	.42
Mulher	1.708 / 3.947	43%	.42	2.239 / 4.649	48%	.58
Total	3.707 / 7.610	49%	.47	3.903 / 9.148	43%	---

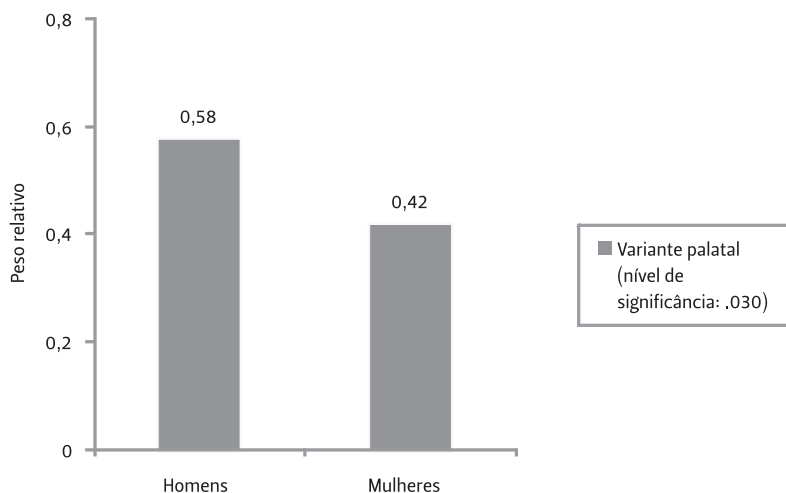



Figura 3 – Palatalização segundo a variável sexo no português popular de Salvador

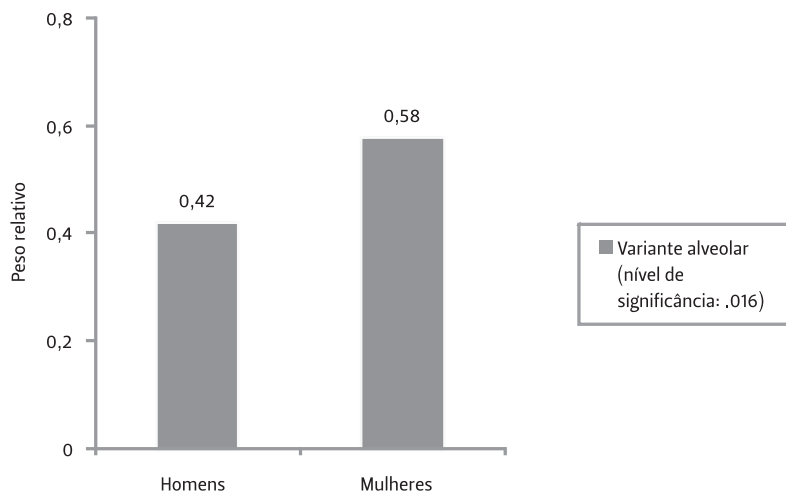



Figura 4 – Realização alveolar segundo a variável sexo no português popular de Salvador

O diagnóstico de uma restauração da pronúncia alveolar como uma mudança em direção à variante de prestígio fornece as hipóteses para um estudo a ser realizado no futuro focalizando o chamado **problema da avaliação** (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1972, 1982). Nesse estudo, testes bus-

cariam controlar a variação estilística do fenômeno, bem como aferir a reação subjetiva dos falantes diante das variantes do <s> em coda silábica.

Conclusão

Esta análise variacionista do <s> em coda silábica no universo dos falantes com nível de escolaridade fundamental e média da cidade do Salvador revelou um processo de variação estruturado centralmente entre as realizações alveolar e palatal, que se opõem de forma diametralmente oposta em uma série de condicionamentos estruturais. Enquanto a variante alveolar é favorecida em distribuição final de palavra antes de vogal da palavra seguinte e bastante desfavorecida em posição medial, o primeiro fator inibe enormemente a palatização, e o último a favorece. Na variável tonicidade da sílaba em que figura o segmento, enquanto as sílabas tônica e pré-tônica favorecem a palatalização, a sílaba pós-tônica final favorece a realização alveolar. No que diz respeito à consoante que inicia a sílaba seguinte, quando o <s> implosivo está em distribuição medial de palavra, a consoante velar é aquela que mais favorece a realização alveolar, sendo igualmente o fator que mais inibe a palatalização. Dessa forma, a relação entre as variantes alveolar e palatal como formas de realização do <s> em coda silábica pode ser definida como uma **distribuição complementar no contexto da variação**. Não se trata, portanto, da distribuição complementar em níveis categóricos como pensada pelo Estruturalismo, mas de uma distribuição no universo da variação, no sentido de que os fatores que inibem uma variante favorecem a outra e vice-versa.

Já a variante não coronal ou laríngea seria a variante minoritária, considerando-se o escopo fonológico do fenômeno. Nesse sentido, pode-se mesmo pensar que a aspiração do <s> implosivo, de que resulta a realização laríngea, constituiria um processo independente de variação e mudança em relação a essa unidade fonológica da língua portuguesa, em função de seus condicionamentos estruturais específicos, e distintos daqueles que estruturam a relação entre as realizações alveolar e palatal. A realização laríngea é favorecida particularmente em posição medial, quando a sílaba seguinte é iniciada por uma consoante nasal, lateral ou vozeada. Nesse sentido, o fenômeno pode ser ca-

racterizado como um processo de **difusão lexical**, com largo uso da aspiração nos itens lexicais *mesmo* e *desde* (MOTA, 2002, p.421-422).

Esta análise também demonstrou que, no plano fonológico, a variação do <s> em coda silábica se restringe a essas três variantes, pois o apagamento se revelou um fenômeno de natureza morfossintática, não sendo afetado por condicionamentos da estrutura fonológica. Esse achado é importante, já que desautoriza a hipótese de que a variação na concordância nominal de número no português brasileiro teria a sua origem numa deriva românica no sentido da perda das consoantes finais, no caso o -*s*, já embutida na língua portuguesa desde a sua formação em Portugal (NARO; SCHERRE, 1993, 2007).

No plano do encaixamento da estrutura social, esta análise revelou que está em curso um processo de restauração da pronúncia alveolar, revertendo uma tendência à palatalização que teria ocorrido até meados da década de 1970. Na medida em que se confirmam os resultados alcançados por Jacyra Mota (2002) em sua ampla pesquisa sobre essa variável na norma culta de Salvador, pode-se dizer que, nos segmentos escolarizados de Salvador, a realização alveolar do <s> implosivo estaria avançando sobre a realização palatal, com a concorrência da variante laríngea em contextos bem específicos. Caracterizando-se como uma mudança de cima para baixo no nível da consciência dos falantes, que buscariam ajustar a sua pronúncia à variante de prestígio, futuras investigações que reunissem evidências empíricas acerca da reação subjetiva dos falantes, no que se tem denominado de **problema da avaliação**, poderiam ser decisivas para uma caracterização mais ampla do fenômeno da restauração da pronúncia alveolar do <s> implosivo na cidade do Salvador.

Referências

ANDRADE, Patrícia. *Um fragmento da constituição sócio-histórica do português do Brasil*: variação na concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CALLOU, Dinah; MORAES, João Antônio de. A norma de pronúncia do S e R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). *Diversidade linguística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996. p.133-147.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa.* São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p.17-92.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1994.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem*: um percurso na história da linguística moderna. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2004.

LUCCHESI, Dante. A concordância nominal em estruturas passivas e de predicativo do sujeito em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas no contexto da história sociolinguística do Brasil. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (Org.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil*: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p.148-168.

MOTA, Jacyra Andrade. *O -s em coda silábica na norma culta de Salvador*. 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NARO, Anthony; SCHERRE, Marta. Sobre as origens do português popular do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v.9, p.437-454, 1993. Número especial.

NARO, Anthony; SCHERRE, Marta. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

PINTZUK, Susan. *VARBRUL programs*. Inédito. Tradução de Ivone Isidoro Pinto, revisão de Maria Thereza Gomes Fioreti e coordenação de Maria Marta Pereira Scherre. 1988. Ms.

SCHERRE, Marta; NARO, Anthony. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *DELTA*, São Paulo, v.9, n.1, 1993, p.1-14.

SCHERRE, Marta; NARO, Anthony. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do VARBRUL. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística.* São Paulo: Contexto, 2003. p.147-178.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing sociolinguistic variation.* Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.* Trad. Marcos Bagno, revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica

Dermeval da Hora
Universidade Federal da Paraíba
CNPq

Juliene Lopes R. Pedrosa
Universidade Federal da Paraíba

Introdução

A avaliação do sistema consonantal do português brasileiro tem sua primeira definição em Câmara Júnior (1970), com base no dialeto carioca. Para classificar as consoantes, o autor estabelece como ponto de partida a sua posição na sílaba. Assim, são definidas as consoantes em posição de início da sílaba, ou de ataque, as que ocupam a posição de segundo elemento do ataque complexo e as que ocupam a posição de coda.

Em se tratando da posição de coda, as consoantes que a preenchem são: /S/, /N/, /r/, /l/. Neste capítulo, examinaremos apenas a primeira, ou seja, a fricativa. Trataremos das fricativas coronais em posição pós-vocálica e, para melhor analisá-las, descreveremos o seu comportamento variável no português, relacionando-as com a sua trajetória histórica e com outras línguas românicas.

Dois objetivos norteiam este capítulo: (a) estabelecer o quadro variável que as fricativas coronais apresentam no português brasileiro; (b) propor um quadro comparativo, levando em consideração o fator histórico e dialetal.

O capítulo está assim estruturado: na primeira seção, será apresentada a história do /S/ pós-vocálico, mostrando seu percurso do latim ao português. Traçaremos, a partir dos trabalhos de Cardeira (2006), Teyssier (2001), Mattos e Silva (1996), os caminhos que as fricativas coronais pós-vocálicas seguiram do latim às línguas românicas, especificamente ao português; na segunda seção, exporemos a variação das fricativas coronais pós-vocálicas no português brasileiro, utilizando os dialetos do Rio de Janeiro-RJ, São Paulo-SP, Porto Alegre-RS, Recife-PE e Salvador-BA (CALLOU, LEITE, MORAES, 2002); de Florianópolis-SC (BRESCANCINI, 2002); e de João Pessoa-PB (HORA, 2003; RIBEIRO, 2006). Com base nos resultados dessas pesquisas, estabeleceremos o perfil da fricativa coronal pós-vocálica no português brasileiro.

História do /s/ pós-vocálico: do latim ao português

O processo de mudança das fricativas coronais[1] do latim ao português é estudado observando-se a posição que ocupa na sílaba, porque, em função

[1] Constatamos que existe uma diversidade terminológica relativamente grande para o /s/ e suas variantes entre os trabalhos de cunho diacrônico e sincrônico. Encontramos o termo "fricativas coronais" como referência à

disso, os caminhos de mudança podem ser distintos. No entanto, na mudança ocorrida no /s/ inicial e no pós-vocálico, os processos são os mesmos.

Segundo Teyssier (2001), a palatalização, bastante recorrente já na passagem do latim ao galego-português, foi responsável pelo aparecimento das africadas palatais [tʃ] e [dʒ]. É importante ressaltar a presença das vogais /i/, /e/ e do iode /j/ no processo de transformação de consoantes em africadas palatais, já que as vogais e o iode eram os responsáveis pela aproximação das consoantes ao ponto de articulação palatal.

As africadas palatais seguiram vários caminhos no decorrer da mudança fonética, resultando em fonemas antes desconhecidos no latim imperial: /ts/, presente em palavras como *pretium* > port. *preço*; /dz/, como em *pretiare* > port. *prezar*; /dʒ/, presente em palavras como *hodie* > port. *hoje* e /ʃ/, como na palavra *rŭssĕum* > port. *roxo*.

No galego-português, além dos fonemas palatais decorrentes de mudanças relacionadas com as vogais e com a semivogal palatais, os grupos iniciais *pl-*, *cl-* e *fl-* sofreram palatalização do *l-*, dando origem à africada [tʃ], escrita *ch*, a exemplo de *plaga* > *chaga*. Essa mudança também foi observada no leonês ocidental, diferentemente do castelhano e do leonês oriental, que, após a palatalização do *l-*, perderam a consoante inicial, restando, apenas, o segmento palatal, transcrito como *ll-*, a exemplo de *plaga* > *llaga* (TEYSSIER, 2001; CARDEIRA, 2006).

De acordo com Teyssier (2001), no galego-português de 1200 a aproximadamente 1350, havia, em posição inicial da sílaba, as africadas alveolares: surda (/ts/, escrita *c* e *ç* antes de *e* e *i*) e sonora (/dz/, escrita *z*); as dentais-alveolares: surda (/s/, escrita *ss* em distribuição intervocálica e *s* nas outras situações) e sonora (/z/, escrita *s* e utilizada apenas na posição intervocálica); as africadas palatais: surda (/tʃ/, escrita *ch*) e sonora (/(d)ʒ/, que, alternando entre a africada palatal e a palatal, era escrita *g* ou *j*); e, por fim, a palatal surda (/ʃ/, escrita *x*).

A partir do século XIV, já separados, o galego e o português apresentavam características que os diferenciavam, principalmente em relação ao ensur-

variável /s/ e às suas variantes nos dois casos, mas o termo "sibilantes", utilizado na perspectiva diacrônica, é substituído pelo termo "fricativas alveolares e interdentais" nos trabalhos sincrônicos, assim como o termo "chiantes", pelo termo "fricativas palatais ou palatoalveolares". Optamos, para simplificar, por nos referirmos às fricativas coronais observando o seu ponto de articulação: fricativas alveolares, interdentais e palatoalveolares, independentemente de estarmos citando um trabalho sincrônico ou diacrônico.

decimento das fricativas sonoras no galego, representadas na grafia por *z, -s-* e *j*, confundidas com o /s/ interdental, representado por *ç, -ss-* e *x* na grafia; e à transformação de /g/ em /ʒ/, processo ocorrido em toda a Galícia ocidental, que ficou conhecido como fenômeno "geada".

No português europeu, por volta de 1500, as africadas alveolares tinham perdido seu elemento oclusivo inicial, mas a oposição anteriormente feita entre as africadas dentais-alveolares e as fricativas apicoalveolares passa a ser estabelecida entre os fonemas pré-dorsodentais, pronúncia derivada das fricativas (escrito *ç* e *c* antes de *e* e *i* o fonema surdo e *z* o sonoro), e apicoalveolares (escrito *s-* e *-ss-* o fonema surdo e *-s-* o sonoro).

Em meados de 1550, confusões na ortografia desses fonemas levam os historiadores a acreditar que a distinção fonética entre eles deixa de existir, fato efetivado nos fins do século XVI. Assim, no português do Centro-Sul do país, os falantes optam pelas pré-dorsodentais, enquanto, no português falado do Noroeste-Centro-Leste, optam pelas apicoalveolares, conhecidas como '*s* beirão'. No Nordeste, região considerada mais conservadora, a distinção entre os fonemas permanece.

As africadas palatais surdas também passaram por um processo de perda do elemento inicial oclusivo. Assim, com a pronúncia palatal para os dois fonemas, a escrita antes distinta da africada palatal, representada por *ch*, e da palatal, representada por *x*, passa a ser confundida.

É consenso entre Teyssier (2001), Mattos e Silva (1996) e Cardeira (2006) que a primeira referência à palatalização do /s/ implosivo ou /s/ em coda consta em Verney (1746). A hipótese mais provável é que *s* e *z* implosivos pronunciados como dentais-alveolares tenham passado, por volta do século XVI, a palatais no português europeu. Assim, em contexto anterior a consoantes surdas e em final absoluto, tem-se a palatal surda [ʃ], a exemplo de *faz frio*, *vista* e *atrás* #; e, antes de consoante sonora, a palatal sonora [ʒ], a exemplo de *mesmo* e *depois dele*.

Considerado fato comum no português europeu de hoje por Teyssier (2001), a palatalização não se generalizou nos dialetos setentrionais, no português brasileiro e no galego, como mencionamos anteriormente. Nos falares do Norte de Portugal, há a predominância de *-s* e *-z* implosivos como apicoalveolares, e, nos falares do Nordeste, o *-s* é pronunciado como apicoalveolar, e o *-z*, como pré-dorsodental.

Na maior parte do Brasil, a pronúncia é majoritariamente alveolar, sendo a pronúncia palatoalveolar característica de alguns lugares, a exemplo do Rio de Janeiro e Recife, fato que veremos com mais detalhes na segunda seção, referente à análise sincrônica dos dialetos brasileiros.

Uma observação importante feita por Mattos e Silva (1996) é que, à exceção do morfema flexional de plural nos nomes e verbos, e das consoantes finais de instrumentos gramaticais, o /s/ implosivo não corresponde às consoantes finais latinas; ele é, de fato, decorrente do apagamento da vogal final não acentuada do latim ou, ainda, do apagamento dessa vogal e da consoante que a segue, a exemplo de *mense* > *mês* e de *facit* > *faz*, *fecit* > *fez*, respectivamente. A autora também destaca que, no quadro de formação dos fonemas do português, a posição inicial tende a ganhar, a final tende a perder, e a medial, a enfraquecer, não chegando ao apagamento e muitas vezes compensando-o com outros itens inexistentes no latim, a exemplo da palatal.

Análise variacionista do português brasileiro[2]

Os trabalhos sociolinguísticos nos permitem descrever detalhadamente o /s/ pós-vocálico nos dialetos brasileiros, estabelecendo estatisticamente a relação entre essa variante e as restrições que a determinam. Tivemos a preocupação de buscar um maior número de dialetos, para delinear um amplo panorama do comportamento do /s/ pós-vocálico no português brasileiro.

É importante ressaltar que as descrições e análises dos trabalhos que apresentaremos a seguir utilizam-se de resultados estatísticos obtidos através do Pacote de Programas VARBRUL (PINTZUK, 1988), versão DOS, e/ou do Programa Goldvarb (RAND; SANKOFF, 1990), versão para ambiente Windows. Esses programas são matematicamente aprimorados, conseguindo expressar os seus resultados através de porcentagens e de pesos relativos.

A apresentação dos trabalhos será feita na ordem cronológica de realização das pesquisas, com o intuito de explicitar os métodos utilizados pelas primeiras e as adaptações feitas pelas que se seguiram.

[2] É importante salientar que as figuras e as tabelas expostos nesta seção são de nossa autoria, muito embora tomem por base os dados presentes nos trabalhos mencionados no decorrer do texto.

O /s/ pós-vocálico em cinco capitais brasileiras

O trabalho de Callou, Leite e Moraes (2002) tem por objetivo principal discutir o processo de enfraquecimento das consoantes no português brasileiro. Para tanto, analisam-se as consoantes /l/, /r/, /s/ pós-vocálicas nos dialetos do Rio de Janeiro-RJ, de São Paulo-SP, Porto Alegre-RS, Recife-PE e Salvador-BA, em ocorrências extraídas do banco de dados do Projeto da Norma Urbana Culta (NURC), cujos informantes são universitários estratificados em relação à idade, ao sexo e à origem geográfica.

Ao analisar-se o /s/ pós-vocálico, foi obtido um total de 9.026 ocorrências, somando-se as cinco capitais pesquisadas, registrando-se realizações da fricativa sob a forma palatal, aspirada, alveolar e apagada, tendo-se priorizado o uso da palatal em relação às demais variantes.

Os resultados gerais dos dialetos são mostrados em relação à posição que a fricativa coronal ocupa na palavra, se medial ou final. Para uma melhor visualização da distribuição das variantes, exporemos separadamente os resultados em cada um dos dialetos (Figuras 1 a 5).

Em relação ao Rio de Janeiro, o comportamento do /s/ pós-vocálico em falantes cultos é bastante semelhante na posição medial e na final: palatal (90% e 75%), aspirada (6% e 10%), apagamento (2% e 8%), alveolar (1% e 8%), sendo a palatal a variante mais freqüente, tanto na posição medial quanto na final, com porcentagens bem distantes das demais, como demonstra a Figura 1.

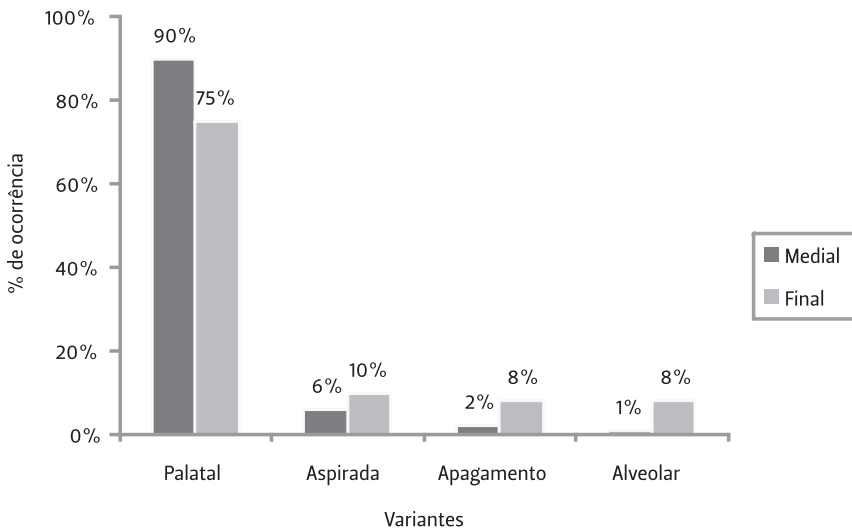



Figura 1 – O /s/ pós-vocálico em posição medial e final no Rio de Janeiro

No dialeto culto de São Paulo, a variante mais frequente é a alveolar com 88% e 91% nas posições medial e final, respectivamente. As outras variantes têm uma frequência baixíssima, inclusive não havendo dados de aspiração em nenhuma das posições. A palatal apresenta 9% na posição medial e 5% na posição final, e o apagamento, 3% nas duas posições, como expõe a Figura 2.

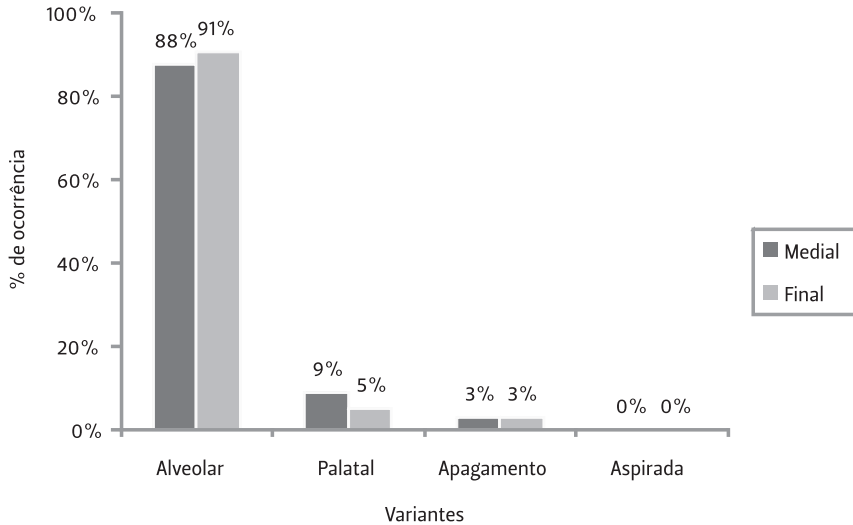



Figura 2 – O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em São Paulo

Os resultados do dialeto culto de Porto Alegre são semelhantes aos de São Paulo: alveolar (77% e 96%), palatal (23% e 2%), apagamento (0% e 1%), aspirada (0% e 0%), como comprova a Figura 3. No entanto, dois aspectos bastante interessantes merecem destaque nesse dialeto: a relação inversamente proporcional das variantes palatal e alveolar e a disparidade nas porcentagens em relação à posição na palavra, distinguindo-as das outras duas variantes que têm uma frequência bem próxima nas duas posições.

No dialeto culto de Recife, em posição medial e final, as variantes palatal (84% e 54%) e alveolar (10% e 34%) também apresentam resultados bem distantes, enquanto para as demais variantes são mais próximos: aspirada (5% e 7%) e apagamento (2% e 5%), como está apresentado na Figura 4. É importante ressaltar que a variante palatal é a mais frequente, de modo semelhante ao dialeto culto do Rio de Janeiro.

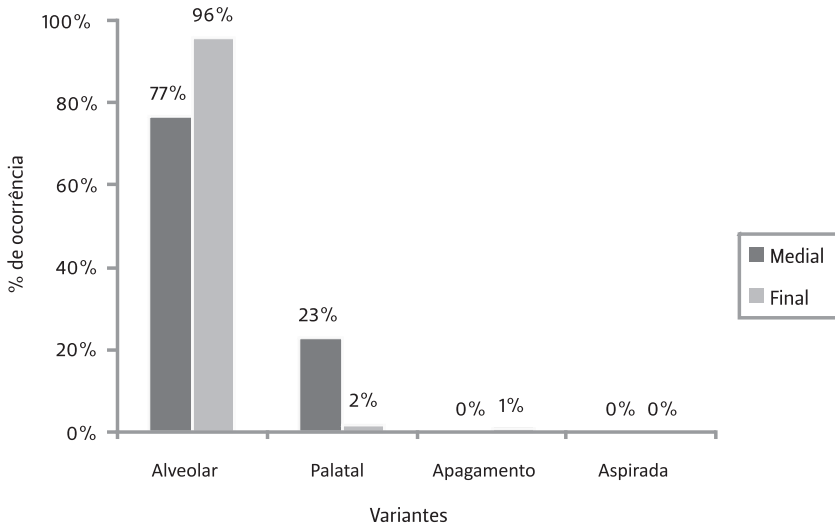



Figura 3 – O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em Porto Alegre

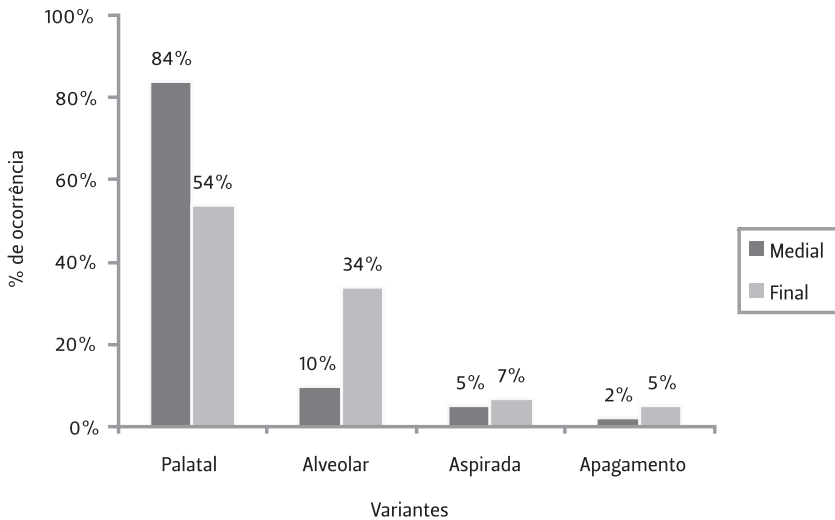



Figura 4 – O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em Recife

Os dados de Salvador mostram uma relação inversamente proporcional na frequência de uso das variantes palatal (56% e 31%) e alveolar (39% e 51%), se comparadas as posições medial e final. A variante aspirada (4% e 9%) e o zero fonético (1% e 9%) são pouco frequentes, principalmente na posição medial, como comprova a Figura 5.

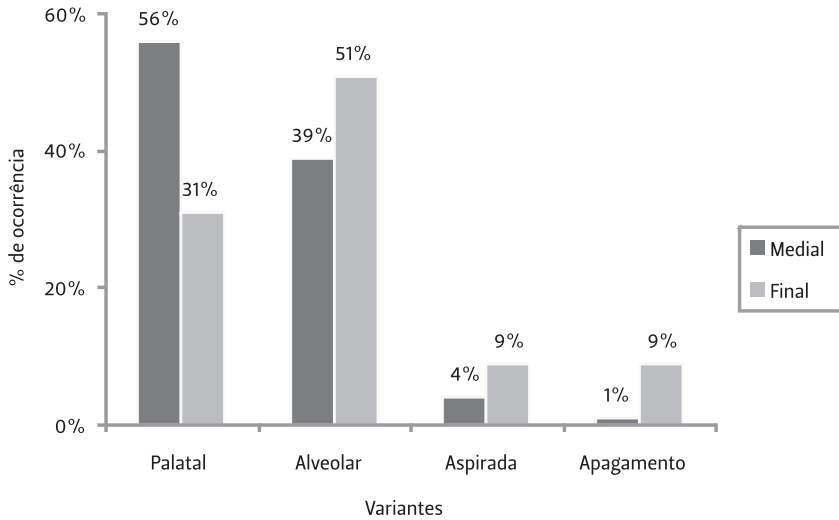



Figura 5 - O /s/ pós-vocálico em posição medial e final em Salvador

Na discussão que se segue, os autores convergem a atenção sobre a variante palatal, observando-a apenas na posição medial, já que a posição final também envolve processos morfológicos. Destacam os fatores linguísticos: contexto seguinte e dimensão do vocábulo, e os fatores sociais: gênero e faixa etária, como relevantes ao processo. E mostram detalhadamente a frequência de uso da palatal em relação ao gênero nas cinco capitais, buscando, dessa forma, delimitar o processo de palatalização.

Cientes dos resultados da análise de Callou, Leite e Moraes (2002), passemos ao dialeto de Florianópolis, com base nos dados de Brescancini (2002).

O /s/ pós-vocálico em Florianópolis

Os resultados de Brescancini (2002) referem-se à fala de três regiões do município de Florianópolis-SC: Centro Urbano, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa.

O *corpus* referente ao Centro Urbano de Florianópolis conta com 30 entrevistas provenientes do banco de dados do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VARSUL) e 18 entrevistas coletadas entre 2000 e 2001. Já o *corpus* de Ribeirão da Ilha, constituído de 24 entrevistas, foi coletado entre 1994 e 1995 e entre 2000 e 2001. O *corpus* referente a Barra da Lagoa, coletado entre 2000 e 2001, é composto por 28 entrevistas. Dessa forma, a

amostra perfaz um total de 100 informantes, sendo 48 da região urbana do município (distrito de Florianópolis), e 52 das regiões interioranas (distritos de Ribeirão da Ilha e de Barra da Lagoa), estratificados quanto a gênero,[3] faixa etária e anos de escolarização.

A variável /s/ em posição pós-vocálica realiza-se, no dialeto de Florianópolis, sob a forma de variante alveolar, palatoalveolar ou palatal, laríngea ou glotal e zero, como demonstram os resultados gerais, expostos na Figura 6.

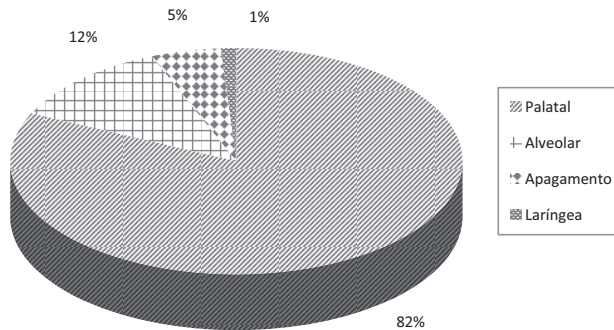



Figura 6 – O /s/ pós-vocálico em Florianópolis

Constatou-se que a variante palatal é a mais frequente, com 82%, destacando-se das demais variantes que somam 18%. A variante alveolar é a segunda mais frequente, obtendo 12% de aplicação, e o apagamento e a fricativa laríngea apresentam valores de 5% e 1%, respectivamente.

Diante da disparidade dos resultados, a autora optou por realizar uma nova rodada em que estabelece uma análise contrastiva entre a variante palatal (83%) e as demais variantes (17%), utilizando como valor de aplicação a variante palatal.

A análise quantitativa é extremamente minuciosa e observa oito fatores linguísticos, a saber: traço [voz], acento, função morfológica, posição da fricativa na palavra, contexto seguinte, contexto precedente, sândi externo e *status* do contexto precedente, sendo os dois últimos subespecificações dos contextos seguinte e precedente, que só foram observados quando da dis-

[3] Diferentemente do utilizado por Callou, Leite e Moraes (2002), Brescancini (2002) opta por utilizar o termo gênero; no entanto, observamos que é apenas uma distinção terminológica, já que o sentido empregado nos dois casos é o mesmo.

cussão desses. E os seguintes fatores sociais: faixa etária, escolaridade, gênero, região, informantes e sentimento do nativo em relação ao turista e ao novo morador, sendo esses dois últimos relacionados com o gênero e a região.

Tendo em vista o grande número de células formadas e a ausência de ortogonalidade entre alguns fatores (BRESCANCINI, 2002, p.179-184), fez-se necessário mais de uma rodada para a determinação dos fatores que influenciam a variante palatal. Os resultados demonstraram que seis fatores lingüísticos — traço [voz], contexto precedente, contexto seguinte, função morfológica, acento, posição da fricativa na palavra (nessa ordem) — e quatro sociais — gênero, escolaridade, região, faixa etária (nessa ordem) — são relevantes para o processo, sendo os linguísticos mais determinantes que os sociais, segundo a ordem estabelecida pelo programa.

Apenas dois fatores se comportaram de forma distinta durante as rodadas: posição da fricativa na palavra e gênero. O primeiro foi, inclusive, extraído das demais rodadas, já que ocasionava problema de ortogonalidade com os fatores contexto seguinte, traço [voz] e acento. Já o fator gênero foi selecionado como o segundo mais relevante na rodada com os fatores linguísticos (traço [voz], gênero, contexto precedente, contexto seguinte, função morfológica, acento), diferentemente dos demais fatores sociais que foram selecionados após os fatores linguísticos.

Brescancini (2002) faz uma análise bastante detalhada dos resultados obtidos, realizando cruzamento de fatores, na busca de estabelecer as relações entre eles no favorecimento ou não da variante palatal. Exporemos aqui apenas os resultados mais gerais, destacando os fatores de cada grupo que favorecem a palatal, expostos nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1 – O /s/ pós-vocálico em Florianópolis: fatores linguísticos

Grupo de fator	Fator favorecedor	Peso relativo
Traço [voz]	[-voz] pausa	.62 .54
Contexto precedente	ausência de vogal vogal dorsal vogal e glide labiais	.92 .62 .56
Contexto seguinte	coronais [-ant] dorsais labiais	.67 .62 .51
Função morfológica	morfema plural prefixo desinência verbal	.65 .59 .54
Acento	pretônica pré-pretônica tônica	.71 .64 .51
Posição da fricativa na palavra	medial final absoluto	.60 .50

Tabela 2 – O /s/ pós-vocálico em Florianópolis: fatores sociais

Grupo de fator	Fator favorecedor	Peso relativo
Gênero	feminino	.57
Escolaridade	14 anos ou mais 6-9 anos	.56 .51
Região	Barra da Lagoa	.55
Faixa etária	61 anos ou mais 25-40 anos	.52 .51

Esses resultados refletem o quadro variável no dialeto de Florianópolis-SC, reforçando uma maior frequência de uso da variante palatal em detrimento das demais variantes na posição pós-vocálica.

Descritos os resultados de Brescancini (2002) sobre Florianópolis, passemos aos resultados de Hora (2003) e Ribeiro (2006) sobre o dialeto paraibano.

O /s/ pós-vocálico em João Pessoa

Os dados de Hora (2003) e Ribeiro (2006) foram levantados com base no *corpus* do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba (VALPB), implementado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O *corpus* foi coletado em João Pessoa, a partir de 60 informantes estratificados socialmente em relação ao sexo, à faixa etária e aos anos de escolarização. O trabalho de Hora (2003) versa sobre o /s/ pós-vocálico na posição interna à palavra, enquanto o de Ribeiro (2006) se detém na posição final de lexemas, sendo possível, dessa forma, estabelecer-se um paralelo entre as análises.

A partir dos dados de Hora (2003), percebe-se que as variantes alveolares [s, z] (*e*[s]*fera*, *re*[z]*vala*), palatais [ʃ, ʒ] (*go*[ʃ]*to*, *de*[ʒ]*de*) e glotal [ɦ] (*me*[ɦ]*mo*) são produtivas, diferentemente da variante zero [∅] que se mostra improdutiva,[4] ocorrendo especificamente com determinados itens lexicais, e, no caso dessa pesquisa, apenas com o item *me*[∅]*mo*.

É importante mencionar que, no *corpus* observado por Hora (2003), a ocorrência da palatal está associada ao contexto fonológico seguinte coronal. Assim, há uma dominância da alveolar, seguida pela palatal, condicionada ao contexto coronal seguinte, e poucos casos da glotal e do apagamento (Figura 7). Reforçamos que, nesse último caso, as ocorrências são do item lexical *mesmo*, o que provavelmente confirma a hipótese de difusão lexical.

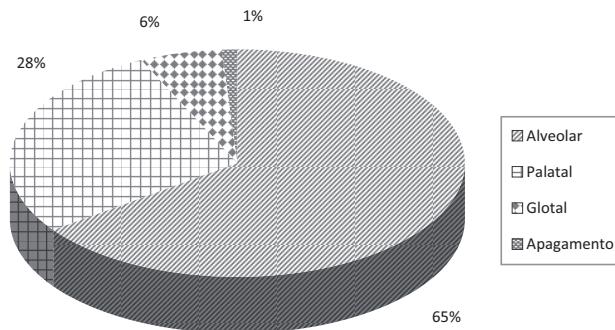



Figura 7 – O /s/ pós-vocálico em posição medial em João Pessoa

[4] O apagamento nessa posição é raro e bem específico de determinados itens lexicais, o que permitiria atribuir-se a um processo de difusão lexical. Ex.: *me*[∅]*mo*, *di*[∅]*juntor* e *juri*[∅]*dição*.

Diante das poucas ocorrências da glotal (6%) e do apagamento (1%), Hora (2003) optou por fazer uma análise contrastiva entre a variante alveolar e a palatal, para determinar o contexto de uso dessa última, procedimento semelhante ao adotado por Brescancini (2002).

Essa relação contextual determinou os seguintes fatores condicionantes: contexto fonológico seguinte, categoria gramatical e extensão do vocábulo, como consta na Tabela 3.

Tabela 3 – Fatores condicionadores da palatal em posição medial em João Pessoa

Grupo de fator	Fator favorecedor	Peso relativo
Contexto fonológico seguinte[5]	coronal	.86
Categoria gramatical	verbo	.56
Extensão do vocábulo	duas sílabas	.55

Apesar de os dois últimos grupos de fatores terem sido selecionados pelo VARBRUL, percebe-se, pela pouca distância entre os pesos relativos dos fatores selecionados e o ponto neutro, que o contexto fonológico seguinte é o único, de fato, determinante.

A variação do /s/ pós-vocálico na posição final, segundo Ribeiro (2006), também se apresenta sob a forma alveolar [s, z], palatal [ʃ, ʒ] e glotal [h]. Além disso, o apagamento [ø] é produtivo em final de palavra, diferindo da coda interna, como se pode comprovar na Figura 8.

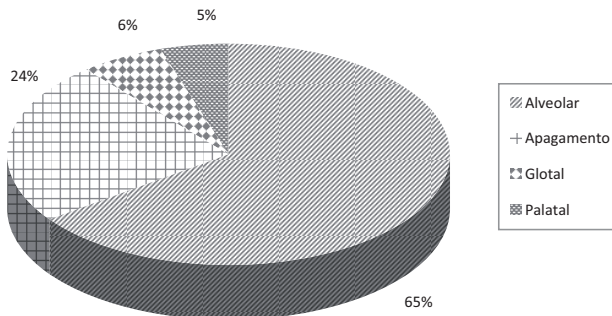



Figura 8 – O /s/ pós-vocálico em posição final em João Pessoa

[5] Salientamos que os outros contextos são quase categóricos: (.01) para as dorsais e (.00) para as labiais.

Diante da pouca frequência de uso das palatais e glotais, Ribeiro (2006) preferiu agrupá-las com as alveolares, formando dois grandes blocos determinados pela presença do /s/ (alveolar, palatal ou glotal) e por sua ausência (apagamento). Disso resultaram as porcentagens de 75% para a preservação e de 25% para o apagamento da fricativa coronal em final de lexema.

A autora examinou, a seguir, a oposição entre a presença e o apagamento, destacando, através da análise estatística fornecida pelo Goldvarb, os seguintes fatores condicionantes: item lexical, contexto fonético-fonológico precedente, contexto fonético-fonológico seguinte, número de sílabas. A Tabela 4 reúne os resultados dos fatores que favorecem o apagamento.

Tabela 4 – Fatores condicionadores do apagamento do /s/ pós-vocálico em posição final em João Pessoa

Grupo de fator	Fator favorecedor	Peso relativo
Itens lexicais	conjunção *mas* verbos	.71 .66
Contexto precedente	vogal alta /u/	.72
Contexto seguinte	fonema /h/ coronais labiais	.83 .59 .54
Número de sílabas	duas sílabas	.68

E como fatores favorecedores da presença da fricativa coronal, os fatores destacados na Tabela 5.

Tabela 5 – Fatores condicionadores do /s/ pós-vocálico final em João Pessoa

Grupo de fator	Fator favorecedor	Peso relativo
Itens lexicais	pronomes conjunções numerais adjetivos	.24
Contexto precedente	vogal baixa /a/	.21
Contexto seguinte	dorsais	.37
Número de sílabas	uma sílaba	.45

Os dados de Hora (2003) e Ribeiro (2006) refletem que o comportamento da fricativa coronal pós-vocálica no dialeto de João Pessoa não é semelhante quando em interior ou em final de lexema, já que foram obtidos número e comportamento diferenciados de variantes para cada posição. Além disso, há distinção entre a ordem estabelecida pelos programas utilizados na análise e os fatores condicionadores dessas variantes.

Considerações finais

Uma análise dos resultados apresentados pelos estudos mencionados leva-nos a constatar que o comportamento da fricativa coronal pós-vocálica no português brasileiro é bastante variável, dependendo da comunidade linguística em que se insere:

1) Com dados do NURC, que avalia cinco capitais brasileiras, pode-se verificar que Porto Alegre e São Paulo têm muita semelhança quanto à variante selecionada como mais frequente, prevalecendo a alveolar; já nos resultados relativos ao Rio de Janeiro e a Recife a forma preponderante é a palatoalveolar. No meio do caminho, entre as duas variantes, está Salvador.

2) Os dados de Florianópolis refletem a preferência pela variante palatoalveolar.

3) Os dados de João Pessoa denotam preponderância da variante alveolar, com preferência pela palatoalveolar apenas diante de oclusivas dentais.

O que fica do exposto é que, por mais que possamos pensar em uma distribuição que nos pareça refletir a realidade brasileira de forma harmoniosa, não podemos esquecer que subjacente a isso está a fonotática que permeia cada uso.

Uma última palavra acerca de Salvador. Quando realizamos este trabalho, ainda não tínhamos em mãos a tese *O -s em coda silábica na norma culta de Salvador*, da autoria de Jacyra Andrade Mota. Temos consciência de que não poderíamos, de forma alguma, resenhar todas as informações ali encontradas em uma das seções de nosso capítulo. É uma lacuna, sabemos. Remetemos, assim, nossos leitores ao trabalho que em sua completude reflete o uso, na comunidade de Salvador, da variável que elegemos como objeto de estudo.

A todos os colegas que têm analisado esta variável, parabéns pelos estudos desenvolvidos. A Jacyra Mota, homenageada com este livro, nossos mais profundos respeitos pelo trabalho que vem desenvolvendo ao longo de sua carreira acadêmica.

Referências

BRESCANCINI, Cláudia. *A fricativa palato-alveolar e sua complexidade*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Org.). *Gramática do português falado*. v.8. Campinas: UNICAMP, 2002. p 537-555.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARDEIRA, Esperança. *História do português*. Lisboa: Caminho, 2006.

HORA, Dermeval da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro*: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro, 2003. p.69-89.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico:* fonologia. São Paulo: Contexto, 1996.

MOTA, Jacyra Andrade. *O -s em coda silábica na norma culta de Salvador*. 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PINTZUK, Susan. *Programas Varbrul*. Tradução de Ivone Isidoro Pinto. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988. Mimeo.

RAND, David; SANKOFF, David. *Goldvarb* - version 2.0: A variable rule application for the Macintosh. Montreal: Universidade de Montreal, 1990.

RIBEIRO, Silvia Renata. *Apagamento da sibilante final em lexemas*: uma análise variacionista do falar pessoense. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Um perfil da fala carioca

Dinah Callou

Universidade Federal do Rio de Janeiro
CNPq

Introdução

"*Chia os esses, aspira o erre, pode apostar: é carioca.*" Esta chamada de um artigo publicado no jornal *O Globo*, nos idos de 1970, deixa clara a ideia que os falantes têm da pronúncia de cada região. E não se pode negar que, no caso do Rio de Janeiro, a discussão é mais acirrada, seja por parte de especialistas, seja por parte de não especialistas. A fala carioca é exaltada, imitada, caricaturada, estigmatizada ou até considerada "padrão". Em uma série de trabalhos, desde o livro pioneiro de Antenor Nascentes, *O linguajar carioca* (1922 [1953]), até os artigos mais recentes descrevem-se algumas de suas marcas típicas — notadamente o chiamento do /S/ —, para tentar delinear o perfil da pronúncia carioca.

O objetivo deste capítulo não é interpretar, de um ponto de vista sócio-histórico, este falar carioca, marcadamente heterogêneo — como todos os outros —, ou correlacionar instâncias que pareçam ter sido fundamentais para a formação do atual quadro linguístico da cidade do Rio de Janeiro, ainda que sejam relevantes observações como a de Alencastro (1997) e a de Ribeiro Bittencourt (1992), para confirmar que, mesmo distante da era do rádio e da televisão, o falar carioca já constituía ponto de referência para os moradores de outras províncias. Segundo um, a diferença nítida entre o ***R*** do interior paulista e o do falar carioca só se acentuou na segunda metade do século XIX, quando se deu a imigração portuguesa, embora, por volta de 1850 — quando o número de africanos era elevado no Rio de Janeiro —, a língua do colonizador não fosse usada com tanta frequência; segundo o outro, por volta de 1860, dez anos depois, portanto, os baianos já se davam conta do sotaque "aportuguesado" do falante fluminense.

Por possuir condições geográficas, históricas, políticas e reunir características as mais diversas, o Rio de Janeiro vem, há muito tempo, exercendo o papel unificador do conjunto heterogêneo que constitui o português brasileiro. A cidade-metrópole absorve, de todos os cantos do país, as características locais, amalgamando-as e fundindo-as em um denominador comum — uma soma de variedades regionais, inclusive as suas próprias, pois há um regionalismo intrínseco, formado a partir das diversas áreas e classes sociais que dividem a cidade.

Sem esquecer que o linguístico reflete o social, pretende-se apresentar a variação fônica existente no português do Brasil, mais especificamente, no Rio de Janeiro, mas também em outros pontos do país. O intuito é evidenciar que existem processos linguísticos que caracterizam determinado dialeto em oposição a outros, mas também desmistificar a ideia generalizada de uma visão dicotômica, já que, na maioria das vezes, a diferença entre um e outro dialeto reside apenas na frequência de aplicação de determinada regra. Não se pode nem mesmo afirmar que o português brasileiro siga sempre um determinado caminho, e o português europeu, necessariamente, outro.

Para traçar um panorama geral da fala do Rio de Janeiro, enfocam-se, a seguir, algumas marcas fonéticas que caracterizam o português brasileiro como um todo. O ponto de partida são trabalhos variacionistas, já realizados e/ou publicados, sobre a palatalização do /S/ em coda silábica, a ditongação diante de /S/, a posteriorização e fricativização do /R/, o apagamento do segmento no infinitivo dos verbos, a vocalização do /L/ e o processo de harmonização vocálica.[1] Os dados, extraídos de entrevistas com falantes de curso universitário completo, do Projeto NURC (<http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj>), estratificados por faixa etária, gênero e origem geográfica, foram analisados na perspectiva da sociolinguística quantitativa laboviana (LABOV, 1994).

As consoantes em coda silábica

Os fonemas /s/, /r/ e /l/ apresentam, em posição de coda silábica, como vem sendo reafirmado por Callou, Leite e Moraes (1996, 2002, 2003), um elevado grau de polimorfismo, prestando-se, exemplarmente, à caracterização de fenômenos variáveis no português do Brasil. Essa variação pode ser explicada pelo maior espaço articulatório existente para as possíveis realizações dos segmentos fônicos, uma vez que os contrastes atuantes em outras posições aí se anulam, acarretando uma latitude articulatória mais ampla. Esse maior espaço articulatório abrange tanto a dimensão vertical (grau de abertura), quanto longitudinal (área de articulação). Por exemplo, as realizações do /r/ como uma vibrante ou fricativa e do /l/ como consoante ou semivogal são variações que se verificam no eixo vertical. Já as realizações alveolar/velar/aspirada do

[1] A maioria dos trabalhos sobre os temas referidos — nos quais nos baseamos — foi realizada em coautoria com Yonne Leite e João Moraes, parceiros e amigos de sempre.

/r/, alveolar/pós-alveolar/aspirada do /s/ e alveolar/velar do /l/ se devem a um deslocamento na dimensão longitudinal.

Em relação ao /r/ e ao /s/, pode-se dizer que a tendência expressa pelas variações dos fonemas segue uma mesma direção no português do Brasil e no português europeu — posteriorização e palatalização, respectivamente —, embora haja diferenças a serem observadas, e o fenômeno se encontre em estágios diversos nas diversas regiões do país e nas duas variedades continentais. No que tange ao /l/, a oposição é mais marcante, já que a vocalização — e consequente ditongação — não se registra como traço geral ou regional no português europeu: ela se apresenta como definidora do português do Brasil, embora sua ocorrência não deixe de verificar-se na variedade europeia.

No português do Brasil, em posição de coda silábica, foram registradas[2] as realizações fônicas das consoantes /r/, /s/ e /l/ apresentadas no Quadro 1.

/r/	/s/	/l/
vibrante apical múltipla	fricativa alveolar	consoante alveolar
vibrante uvular	fricativa pós-alveolar	consoante velarizada
fricativa velar	fricativa laríngea	semivogal
fricativa laríngea (aspiração)	zero fonético	zero fonético
vibrante apical simples		
aproximante retroflexa		
zero fonético		

Quadro 1 – As realizações de /r/, /s/ e /l/ em coda silábica no português do Brasil

A propósito do *S*

A realização palatalizada do ***S*** em coda, no português do Brasil, o famoso "chiado carioca", se restringia, de início, ao que tudo indica, ao Rio de Janeiro. Considerada por muitos uma pronúncia "nobre", importada da Corte portuguesa, seu uso estendeu-se ao Nordeste, região para a qual o falar da antiga capital representava uma norma de prestígio.

[2] Analisaram-se 4.334 ocorrências de /r/, 9.026 de /s/ e 2.595 de /l/, oriundas de trinta inquéritos do tipo diálogo entre informante e documentador (DID) ou diálogo entre dois informantes (D2), em cinco cidades brasileiras: Porto Alegre (POA), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (SSA) e Recife (RE).

Qualquer falante percebe que, no português brasileiro, existe uma nítida diferenciação por região e até por faixa etária e gênero. A cidade do Rio de Janeiro apresenta, dentre os grandes centros urbanos, alto índice de palatalização, seguida pela de Recife, por oposição a Porto Alegre e São Paulo. Salvador apresentava, na década de 70 — quadro hoje já alterado (MOTA, 2002) —, um comportamento intermediário, havendo, pois, uma gradação de percentual de palatalização, por cidade, como se pode ver na Figura 1.[3]

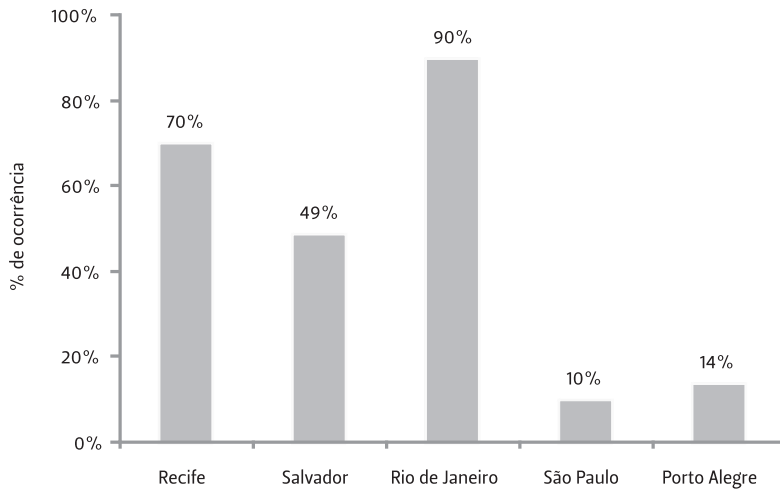



Figura 1 – Percentuais de palatalização na fala culta de cinco cidades brasileiras, na década de 70

A hipótese de a palatalização do /S/ constituir uma mudança "de cima para baixo", por imitação do dialeto de Lisboa, de início, apoia-se em evidências fracas, porquanto o processo de expansão da regra não esteja atestado historicamente. De todo modo, a realização alveolar mantém-se em área extensa do país, embora a pronúncia palatal se difunda em zonas consideradas sibilantes.

Estudos em tempo aparente e em tempo real (tendência), com dados do Projeto NURC, das décadas de 70 e 90, mostraram que, no Rio de Janeiro, na fala culta, o processo de palatalização está quase completo, mais em coda silábica interna — *ga*[ʃ]*to* — que na externa — *lapi*[ʃ], como se pode ver na Tabela 1, adaptada de Callou, Leite e Moraes (2002).

[3] Deu-se preferência a apresentar aqui os dados relativos à posição interna de vocábulo — *pa**s**ta*, *ce**s**ta*, *su**s**peito*, *tran**s**parente* — pelo fato de, na posição final de palavra, aspectos morfológicos estarem envolvidos.

Tabela 1 – Realização do S na fala culta carioca, em tempo real, por contexto

Realização	Década de 70		Década de 90	
	Sílaba interna	Sílaba final	Sílaba interna	Sílaba final
Palatal	**85%**	72%	**91%**	76%
Alveolar	3%	23%	4%	19%
Aspirada	3%	1%	1%	1%
Apagamento	9%	3%	3%	4%

No trabalho pioneiro de Callou e Marques (1975), foram analisadas 2.579 ocorrências em indivíduos de três níveis de escolaridade, homens e mulheres, moradores de seis áreas da cidade do Rio de Janeiro. Detectou-se um percentual geral de palatalização de 85%, que podia variar em função de alguns condicionamentos: nível de escolaridade, gênero e local de residência do falante. Em falantes com nível médio, registrou-se maior variabilidade, com percentual mais baixo de palatalização (76%). A realização não palatal (alveolar) mostrou-se mais frequente na fala das mulheres (12%) que na dos homens (6%) e na Zona Sul, área em que é mais acentuada a interação sociocultural e espacial.

Quando se comparam os dados das três faixas etárias do Projeto NURC recolhidos nas décadas de 70 e 90, pode-se observar que há uma variação estável nas duas décadas (Figura 2).

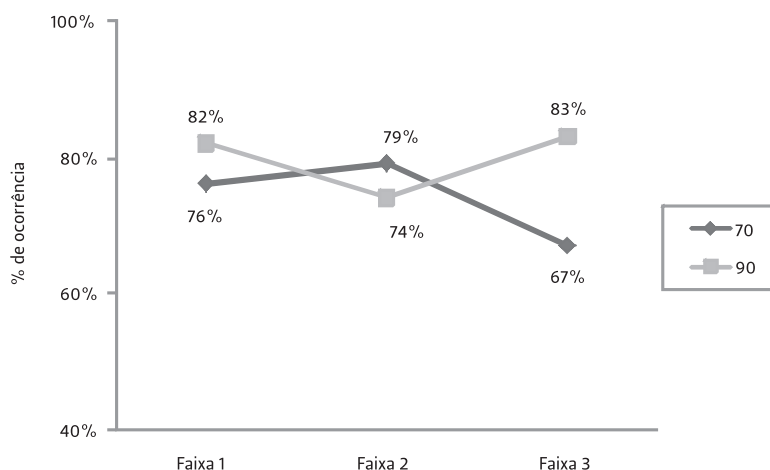



Figura 2 – Palatalização do S na fala culta carioca, em tempo real de curta duração

No português europeu, à palatalização do /S/ se soma um processo de fusão, variável, com /s/, no interior e em fronteira de palavra, como em *nascer* [naʃer] ou [naʃ**s**er] e em *os sapatos* [uʃapatuʃ] ou [uʃ#sapatuʃ] (ANDRADE; RODRIGUES, 2004, p.257). A fusão em [ʃ] não se limita ao falar de Lisboa, tendo também expressão significativa em Braga (p.263).

A propósito do *R*

Os róticos são conhecidos por sua considerável variabilidade entre as línguas do mundo. Em português, a identificação, de imediato, de uma chamada vibrante simples, como em *caro*, e uma chamada vibrante múltipla, como em *carro* — com oposição apenas no contexto intervocálico — não oferece dificuldade. A posteriorização parece datar de fins do século XIX e, em relação ao chamado "r forte", diz, em dois momentos, Gonçalves Vianna:

> Ele se pronuncia um pouco mais para trás que o r simples e é geralmente lingual. Podemos encontrar individualmente r vibrantes uvulares, mesmo entre aqueles que pronunciam o r simples como lingual [...]. Algumas vezes pronuncio o r inicial como uma fricativa sonora, uma espécie de rz [...]. Encontrei raramente esta particularidade na pronúncia de outras pessoas portuguesas. Este r fricativo sonoro é entretanto bastante frequente na pronúncia de brasileiros [...]; não saberia dizer, todavia, até que ponto esta pronúncia é individual ou dialetal: eu a notei entre naturais de Pernambuco e de São Paulo (VIANNA, 1883, p.20).

> A pronúncia uvular rr [...] difundiu-se cada vez mais nas cidades. Entretanto, considera-se ainda viciosa, sendo preferível sempre o rr apical ao *grasseyement* do R [...] (VIANNA, 1903, p.19).

Há na literatura muitas outras informações, nem sempre precisas e, às vezes, prescritivas, sobre a pronúncia do ***R*** no Brasil.

> Chamaremos, a rr, vibrante forte. É biarticulado, porque a ressonância é bucal, e línguo-alveolar [...] É vício, infelizmente muito generalizado, produzir a vibração línguo-velar, como fazem franceses e alemães. Os próprios franceses condenam esse r grasseyé, preferindo, por mais suave e claro, o r roulé (VERNEY, 1949, p.143).

> Vale a pena [...] tratar do r forte nordestino, inicial e medial, que Marroquim (*op. cit.*, p.35) descreve como tendo sofrido notável mudança de

ponto de articulação: passa de lingual dental tremulante para gutural ligeiramente tremulante, com insensível som aspirado. É um som muito generalizado, de cultos e incultos. O r forte cearense, diz Martins Aguiar, "é uma consoante velar que se articula com o tronco da língua aproximado do palato mole".
Realmente o antigo r forte apical, articulado com a ponta da língua na região incisival ou alveolar superior (que era o do latim) tem sido substituído, em Português e em muitas línguas, por um r posterior, de que há dois tipos: velar e uvular. No primeiro a ponta da língua fica relaxada e retraída; o pós-dorso levanta-se de forma a ficar próximo do véu palatino. No segundo o pós-dorso eleva-se mais profundamente, até tocar a úvula [...] Hoje, contudo, é forçoso reconhecer que tal realização fonética do rr está muito generalizada em Lisboa, e por todo o País (SILVA NETO, 1970, p.626-627).[4]

Para o /R/ forte, existem diversas pronúncias, tanto no Brasil como em Portugal. Mas a que se generaliza nos dois países, e por consequência convém adotar de preferência, consiste em fazer vibrar diversas vezes a parte posterior da língua ao nível do véu palato. Este /R/ é pois muito diferente da consoante espanhola correspondente, e seu ponto de articulação não é mais absolutamente o do /r/ simples português. Ele está muito próximo ao r francês dito "uvular" (TEYSSIER, 1970 [1982, p.38-39]).

Em relação ao /R/ carioca, afirma Houaiss (1958 [1970, p.35]) que "ocorre como 1 e 2) uvular surdo e sonoro; 3) velar e 4 e 5) alveolar, este último múltiplo ou simples [...]", afirmação que vai de encontro à de Nascentes (1922 [1953]), que observou os analfabetos e nunca ouviu o /R/ uvular surdo ou sonoro na área carioca. Em trabalho sobre a pronúncia radiofônica do Rio de Janeiro, Soares (1977, p.14), a partir de entrevistas feitas com locutores da cidade, conclui que "o /r/, vibrante múltiplo apicoalveolar, é considerado por muitos pronúncia artificial no Rio, mas é ainda o que a maioria realiza". Mattoso Câmara Jr. (1977, p.78) acrescenta: "o /r/ inicial apresenta, como variante facultativa, uma realização velar, que é muito comum na pronúncia carioca, como alhures em Portugal e no Brasil".

Para resumir: parece ter havido uma mudança da norma de pronúncia do /R/ forte, do ponto de articulação (anterior para posterior), que coincide com a do modo de articulação (vibrante para fricativa); as diversas pronúncias concorrem ainda hoje e já coexistiam no final do século passado, possivelmente apenas

[4] O texto citado de Mário Marroquim é *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. São Paulo: Nacional, 1934.

em nível individual (VIANNA, 1883); a realização apicoalveolar era considerada até meados do século XX, pelo menos, a forma padrão básica para a linguagem do rádio, teatro, televisão, portanto, a variante de "maior prestígio".

Em termos gerais, a partir de dados do Projeto NURC, pode-se dizer que o percentual de posteriorização da consoante, na fala culta, não é uniforme, como se pode observar na Figura 3.

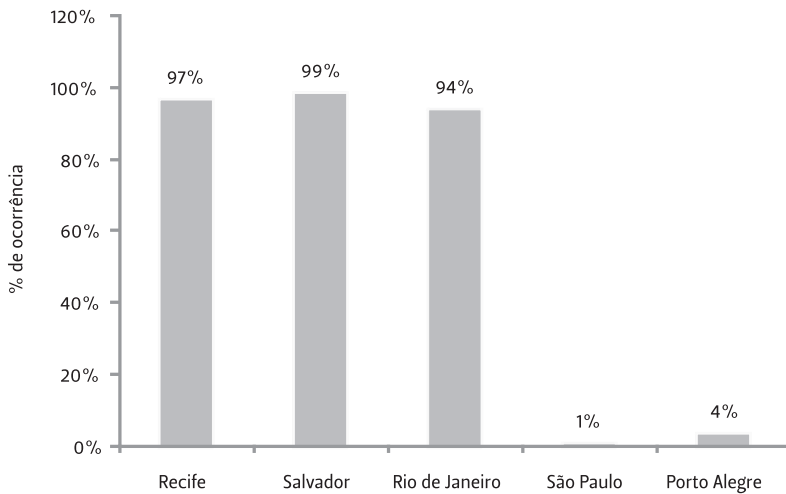



Figura 3 – Posteriorização do R na fala culta de cinco cidades brasileiras

Apesar de procurar relacionar regionalmente as variantes, o falante — não especialista — não se dá conta do tipo de ***R*** que emprega, ele mesmo ou seu interlocutor, a não ser quando se trata do estigmatizado "*r* caipira".

Callou (1987) mostra, em sua tese, que a variante que predomina na fala culta carioca, na década de 70, é a fricativa velar, com exceção em final de vocábulo, em que ocorre preferencialmente o apagamento ou a aspiração. Outra conclusão a que chega é a de que a mudança da norma de pronúncia estaria mais avançada entre as mulheres, em todos os contextos, embora mais flagrante em posição inicial, como se pode verificar na Figura 4 (contraste nítido com os falantes do gênero masculino: 0,79 *versus* 0,21, respectivamente).

Outros fatores sociais que se mostraram significativos foram área de residência do falante e sua faixa etária. Em relação à área, nota-se o predomínio da realização fricativa na área suburbana — aparentemente, mais inovadora (Figura 5).

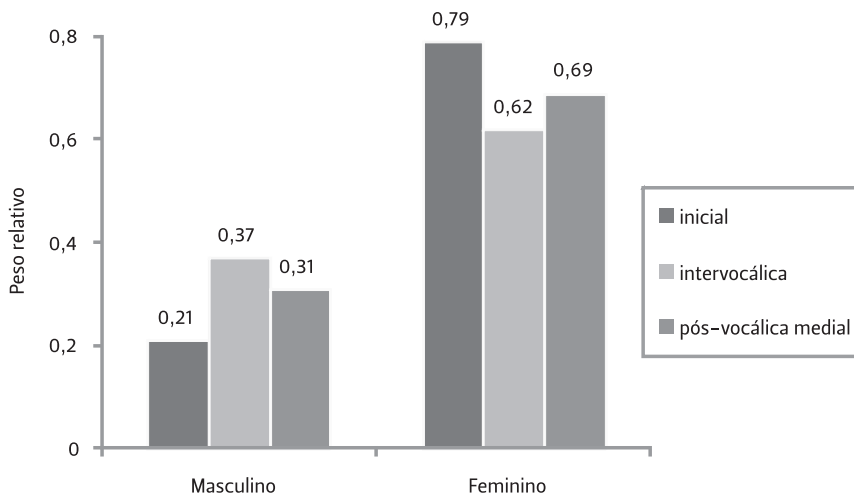



Figura 4 – Peso relativo da variante fricativa por gênero e contexto na fala culta carioca

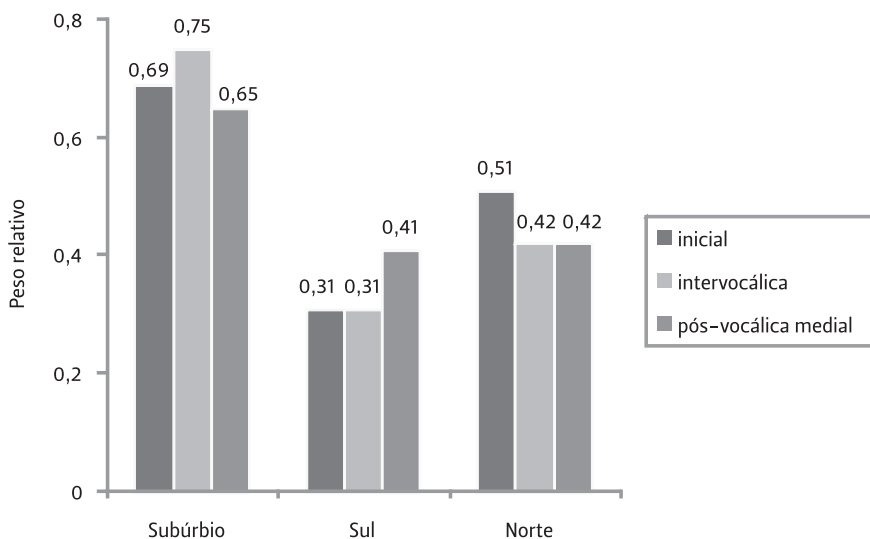



Figura 5 – Peso relativo da fricativa velar por área de residência e contexto na fala culta carioca

A distribuição por faixa etária indica uma curva de mudança em curso, em tempo aparente, com ápice de uso da variante mais inovadora na faixa mais jovem e muito semelhante na faixa acima de 51 anos. Em posição intervocálica, a curva é mais acentuada por ocorrer uma queda da primeira para a segunda faixa etária, o que não ocorre nas demais posições (Figura 6).

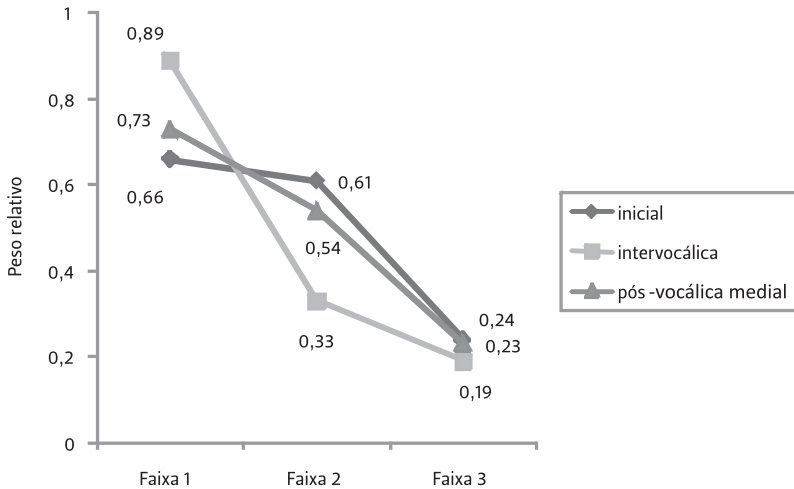



Figura 6 – Peso relativo da fricativa velar por faixa etária e contexto na fala culta carioca

Callou, Leite e Moraes (2002), analisando dados do Projeto NURC da década de 90, verificaram ser a fricativa glotal e não a fricativa velar que predomina hoje em muitos dialetos, em todos os contextos. Na década de 70, esse uso era ainda incipiente em *onset*. Esse processo poderia ser explicado como um enfraquecimento, não exclusivo da posição pós-vocálica. Atualmente, essa simplificação é formalizada como um processo de debucalização, que cancela os traços da cavidade oral (ABAURRE; SANDALO, 2003).

A perda do ***R*** final tem sido avaliada sob ângulos diversos: um que a considera uma pronúncia estereotipada, um demarcador social, com indícios de recuperação, inclusive em hipercorreções — *café - r - amargo* — (HOUAISS, 1958 [1970]); outro que prediz sua completa perda em dialetos não padrão (D'ARC, 1992). Pode-se dizer que se trata de fenômeno antigo no português do Brasil. Considerado, no início, uma característica dos falares incultos, era utilizado, no século XVI, nas peças de Gil Vicente, para singularizar o linguajar dos escravos. O fenômeno expandiu-se paulatinamente, é hoje comum na fala dos vários estratos sociais e corresponde ao estágio final de um processo de enfraquecimento que leva à simplificação da estrutura silábica no português do Brasil (R → h → Ø e, consequentemente, CVC → CV).

Em trabalho de 1996, Callou, Leite e Moraes analisam a realização do ***R*** em posição de travamento silábico nos cinco centros urbanos do Projeto NURC, usando apenas as amostras da década de 70. O grupo de fatores "posição inter-

na/externa no vocábulo" foi selecionado como o mais significativo de todos. Assim, o comportamento do ***R*** em final de vocábulo deve ser analisado separadamente, uma vez que a posição final (externa) constitui o ambiente onde o apagamento se dá mais frequentemente, como se pode ver na Figura 7.

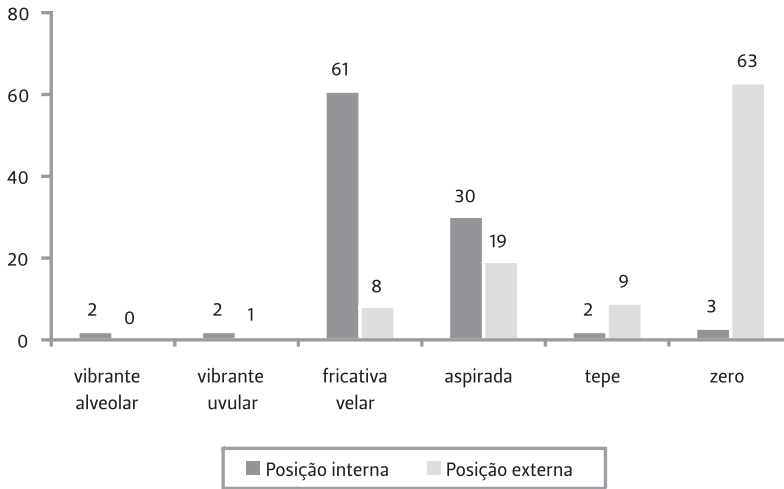



Figura 7 – Realização do R em posição interna e externa na fala culta carioca, na década de 70

Distribuição similar pode ser observada nas amostras da década de 90 (Figura 8).

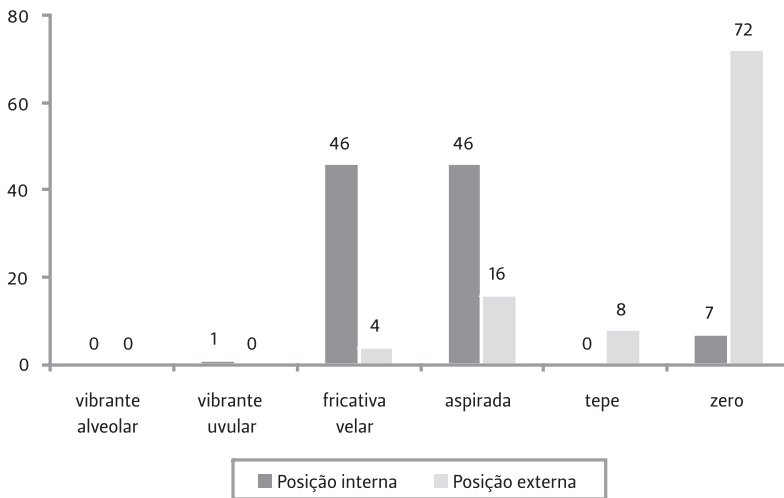



Figura 8 – Realização do R em posição interna e externa na fala culta carioca, na década de 90

Outra grande oposição reside na classe morfológica: nos verbos, o percentual de cancelamento (em *anda(r)*, por exemplo) está sempre acima de 60% e nas demais categorias (em *poma(r)*, por exemplo) abaixo de 40%, os valores mais altos em falantes de menor escolarização (Projeto PEUL) (Figura 9). Observe-se que somente nos falantes com grau universitário (Projeto NURC) há um aumento da frequência de apagamento, da década de 70 para 90, o que é um forte indicativo de se tratar, nos termos de Labov (1994), de uma mudança "de baixo para cima".

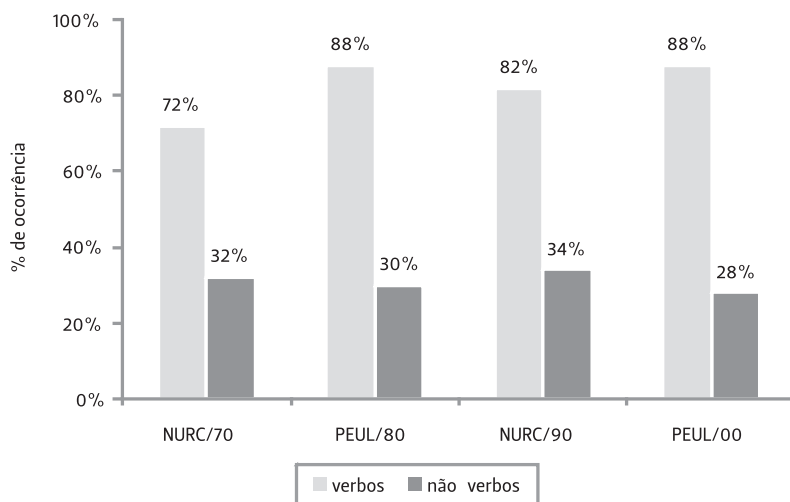



Figura 9 – Apagamento do R em verbos e não verbos no Projeto NURC (fala padrão) e no Projeto PEUL (fala não padrão)

Callou (1987) afirma que "A mudança da norma de pronúncia do /R/ se insere no espaço multidimensional por sua vez histórico, social e linguístico" e, nesse sentido, demonstra que a variável extralinguística área geográfica de residência atua, no Rio de Janeiro, como fator de condicionamento nesse fenômeno de variação. Baseando-se na divisão oficial do IBGE, divide a cidade em três áreas: Zona Sul, Zona Norte e Zona Suburbana, sendo esta última composta pelas regiões administrativas de Méier (XII), Engenho Novo (XIII), Irajá (XIV), Madureira (XV), Bangu (XVII) e Jacarepaguá (XVI). *Grosso modo*, essa grande região suburbana da cidade, na década de 70, equivale àquela área rural de subsistência em torno do Rio de Janeiro, nas últimas décadas do século XVIII.

Na Tabela 2, fica evidente a atuação da variável área geográfica de residência, que apresenta percentuais e pesos relativos distintos pelas três áreas para a forma inovadora (fricativa posterior, velar ou glotal).

Tabela 2 – Percentuais e pesos relativos da variante fricativa posterior por zona urbana/suburbana carioca

	Zona Norte	Zona Sul	Zona Suburbana
Probabilidade	.428	.305	.753
Frequência	84, 68%	79,12%	94,57%

Os valores apontados deixam claro que "A Zona Sul [...] apresenta-se como a mais conservadora e a Zona Suburbana como a mais inovadora, talvez por ser menos sensível às formas de prestígio — 'R' realizado como vibrante" (CALLOU, 1987, p.81).

A propósito do *L*

O fonema /l/, em posição de coda silábica, apresenta variações significativas de natureza estrutural e extralinguística que permitem estabelecer mais uma vez uma diferenciação entre áreas dialetais brasileiras e entre variedades continentais. Considera-se, tradicionalmente, que a realização deste segmento fônico — como uma semivogal ou como uma lateral velarizada — constitui um dos traços diferenciadores do português brasileiro em relação ao português europeu. No que se refere ao português europeu, como afirmam Mateus et al., (2003), a realização padrão do /l/ em posição de coda é a lateral velarizada: "o [L] final de sílaba e de palavra é pronunciado como [ł] mas com uma elevação da língua na parte posterior da boca, o que se denomina uma velarização" (p.998).

A vocalização já foi um estigma, localizado nas classes menos cultas, o que se depreende, por exemplo, das afirmações de Silva Neto (1963, p.184): "Contra essas tendências (e mais a de vocalizar o l velar: Brasiu, carnavau, etc.) levanta-se com muita força o ensino escolar", e de Antenor Nascentes (1922 [1953, p.48]): "A classe semiculta vocaliza-o diante de a, e, i, [...]".

Tomando por base, mais uma vez, dados da fala culta de cinco cidades brasileiras recolhidos na década de 70, o quadro de vocalização, geral no país, era o que mostra a Figura 10.[5]

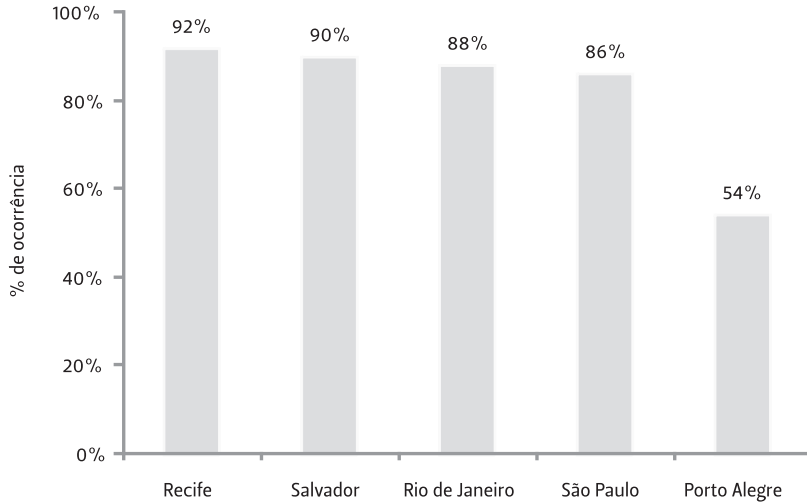



Figura 10 – Vocalização do /l/ na fala culta de cinco cidades brasileiras na década de 70

Confrontando falantes do Rio de Janeiro, na década de 70 e de 90, para um estudo em tempo real de curta duração (estudo de tendência), verifica-se que o percentual de vocalização do *L* permanece praticamente inalterado, em coda interna (*sa*[**w**]*do*) e, principalmente, externa (*fina*[**w**]), uma vez que se trata de uma mudança já efetivada.

O processo de vocalização do /l/ final de sílaba teria um rastro milenar. Visto como uma inovação do português do Brasil, apresenta registros no latim vulgar e nas línguas românicas: **paupare* < *palpare*. Kolovrat (1923) traz à tona o fato de Schuchardt fazer referência a grafias do tipo *autis*, *auta*, *cauculus*, levando a supor que o timbre do ***l*** fosse semelhante ao do ***u***. Segundo Grandgent (1963, p.186), essa modificação, esporádica no século IV, generalizou-se nos séculos VIII e IX, preferencialmente diante de /t/ precedido de /a/, em línguas como o francês, provençal, português, espanhol e em inúmeros dialetos italianos.

[5] Atualmente, o índice de vocalização em Porto Alegre aumentou, mas ainda se mantém uma diferenciação entre o Norte, Nordeste, Sudeste e o Sul do país.

Pode-se dizer, assim, que a vocalização do /l/ em posição de coda é um processo histórico. Inovador, com certeza, é o avanço do processo no Brasil, que invadiu inclusive áreas consideradas mantenedoras do /l/, como a do Rio Grande do Sul. O fenômeno é tão atuante que leva à recuperação do ditongo [ow] – [k**ow**ʃa] ← *c**ol**cha* (que se opõe a *c**o**xa*) –, ditongo esse quase desaparecido na fala: *tr**ou**xa* → [tr**o**ʃa], *p**ou**co* → [p**o**ku].

Ditongação de vogal seguida do arquifonema /S/

Outro caso de formação de ditongo diz respeito à ditongação de uma vogal seguida do arquifonema /S/, tendência bastante forte no dialeto carioca: *mê*[j]*s*, *rapa*[j]*z*.

Révah (1958), em seu trabalho sobre "L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVIe siècle à nos jours", afirma que esse processo se limita à posição final acentuada e constituiria um traço de oposição entre o português brasileiro e o português europeu. De acordo ainda com o autor, a pronúncia seria estigmatizada, devendo ser evitada na fala culta. Sousa da Silveira (1964) e Silva Neto (1963) confirmam que essa realização ocorre mais frequentemente no dialeto não padrão e poderia ser explicada como decorrência da palatalização do ***S*** no Rio de Janeiro.

A criação desse ditongo acarreta uma neutralização entre os contrastes que se registram na língua escrita, como, por exemplo, *mas* (conjunção) e *mais* (advérbio), *pôs* (3ª pessoa do verbo pôr) e *pois* (conjunção), atestado até mesmo na poesia, em rimas do tipo: *azuis/luz*, *jamais/voraz*.

Trata-se, na verdade, de um processo variável, em que atuam tanto o acento lexical, referido por Révah, quanto o acento frasal, e, ainda, outros condicionamentos, entre eles, dimensão do vocábulo e tipo de vogal precedente. Em se tratando de um processo variável, a formação do ditongo deve ser considerada um processo fonético, não sendo como tal representado na transcrição fonêmica, uma vez que se trata de um falso ditongo e não de ditongo verdadeiro (BISOL, 1989a, 1994). De fato, pelo menos no Rio de Janeiro, a implementação do *glide* vocálico pode ocorrer com qualquer uma das realizações listadas na Tabela 3, embora seja mais frequente com a realização palatal, tanto na década de 70 quanto na de 90.

Tabela 3 – Ditongação da vogal quanto ao tipo de realização fônica do arquifonema em posição final acentuada, na fala culta carioca

Época	[s]	[ʃ]	[h]	[∅]
Década de 70	23%	**75%**	2%	4%
Década de 90	15%	**80%**	1%	3%

A ditongação pode ainda ocorrer, em casos raros, em posição medial e inicial de palavra. Nos dados analisados, isso se dá apenas em seis vocábulos, sempre com o [ʃ] palatalizado: *mesmo*, *desde*, *transformado*, *responsável*, *restrita*, *entusiasmado*. Observe-se que apenas no último exemplo a inserção não ocorre em sílaba inicial e que apenas em dois casos (*mesmo* e *desde*) isso se dá na sílaba que recebe o acento. Vale lembrar que, em português, as sílabas iniciais são as que recebem preferencialmente o acento secundário. A Tabela 4 mostra que (i) as sílabas tônicas e também as não tônicas apresentam um peso relativo mais alto de aplicação da regra de ditongação quando recebem o acento frasal e (ii) o peso relativo é baixo quando não incidem sobre ela os acentos lexical e frasal.

Tabela 4 – Inserção de [j], levando-se em conta o acento lexical e frasal na fala culta carioca

Sílaba / acento	Frequência	Probabilidade
+tônica +acento	82%	.72
+tônica –acento	75%	.64
–tônica +acento	77%	.67
–tônica –acento	43%	.30

Como acontece com muitos outros fenômenos, parece atuar também o princípio da saliência fônica, a inserção do [j] ocorrendo prioritariamente em vocábulos monossilábicos: *pa*[j]*z*, *fa*[j]*z*, *tra*[j]*z*, *pá*[j]*s* (Tabela 5).

Tabela 5 – Ditongação e dimensão do vocábulo na fala culta carioca, nas décadas de 70 e 90

Sílabas do vocábulo	Década de 70		Década de 90	
	Freq.	Prob.	Freq.	Prob.
Uma	65%	.63	62%	.70
Duas	48%	.45	27%	.41
Três ou mais	41%	.39	19%	.32

As vogais pré-tônicas

No Brasil, processos como a neutralização de vogais — que reduz o quadro de sete vogais tônicas para cinco pré-tônicas — estabelece, para Antenor Nascentes (1922 [1953]) e Mattoso Câmara Jr. (1953), a linha divisória entre os falares do Norte, que optam pela realização aberta das vogais médias, e os falares do Sul, que as realizam como fechadas, com exceção das palavras derivadas com os sufixos *-inho/-zinho*, *-íssimo/-a*, *-mente*, que mantêm, em posição pré-tônica, a vogal aberta de sua base, como, por exemplo, *hist*[ɔ]*ria* / *hist*[ɔ]*rinha*, *b*[ɛ]*la* / *b*[ɛ]*lamente* / *b*[ɛ]*líssimo*, *s*[ɔ] / *s*[ɔ]*zinho*, *p*[ɛ] / *p*[ɛ]*zinho*. Nas cinco cidades analisadas, duas no Nordeste, duas no Sudeste e uma no Sul, a oposição é evidente (Figura 11).

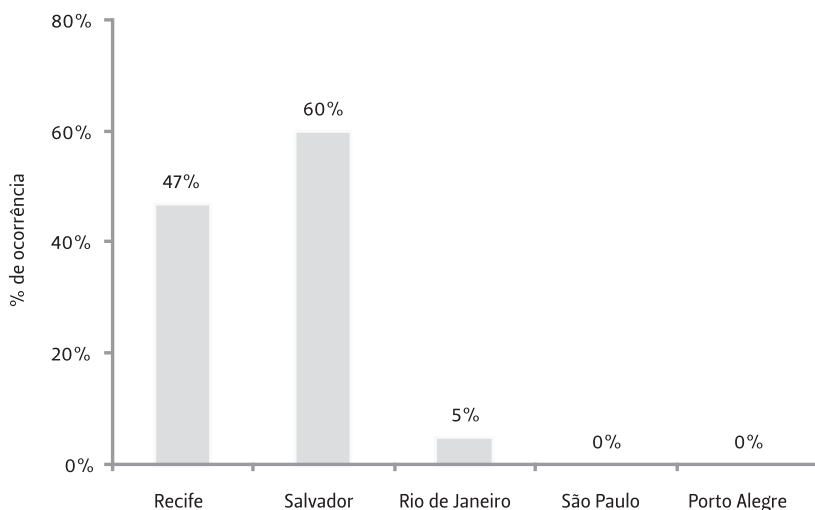



Figura 11 – Percentual de vogal pré-tônica média aberta na fala culta de cinco cidades brasileiras

Para um falante nordestino, as pré-tônicas fechadas são marcas da fala carioca, mas a questão não se resume apenas a ser a vogal aberta ([ɛ] / [ɔ] ou fechada ([**e**] / [**o**]), mas a poder ocorrer o alteamento para [**i**] e [**u**], a chamada harmonização vocálica. Estudos mais recentes sobre esse processo, na perspectiva variacionista laboviana (LABOV, 1972), procuram mensurar o percentual de variação e especificar os fatores a ela relacionados, já que existe tripla alternância num mesmo dialeto e numa mesma palavra, como em *m*[e]*lhor* /

m[i]*lhor* / *m*[ɛ]*lhor*. Esses estudos (BISOL, 1981, 1989b; CALLOU; LEITE et al., 1995; CALLOU; LEITE; MORAES, 1991, 1998; YACOVENCO, 1993; SILVA, 1989; CASTRO, 1990; VIEGAS, 1987), entre outros, evidenciam uma baixa produtividade da regra (em torno de .30) de elevação da vogal, conforme se vê na Figura 12.

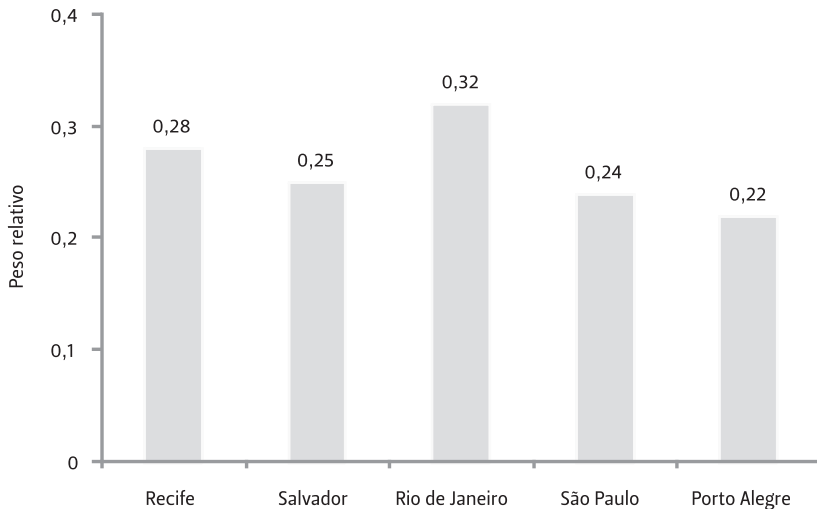



Figura 12 – Peso relativo de aplicação da regra de harmonização vocálica em cinco cidades brasileiras

Discute-se também uma assimetria de comportamento das vogais tônicas /i/ e /u/ como propulsoras do processo de harmonização. Em geral, é mais provável que a vogal anterior /i/ desencadeie o processo de elevação da pré-tônica média que a sua correspondente posterior /u/. Em todas as análises, as consoantes adjacentes podem também condicionar o processo de elevação. Para a vogal posterior, por exemplo, não é a vogal alta da sílaba subsequente que se mostra o fator mais atuante, mas sim o ponto de articulação do segmento precedente: os segmentos labial e velar são os maiores propulsores do processo na fala do Rio de Janeiro: peso relativo de .81, para os velares, e .78, para os labiais. Assim, é mais provável que se elevem as vogais posteriores de *moleque*, *bolacha* e *colégio* do que as de *soluço*, *rotundo*, *prodígio* e *sorriso*. Só se pode, a rigor, pois, falar de uma harmonização vocálica, no caso da vogal anterior. No caso das posteriores, a elevação é determinada primordialmente

por ajustamento ao ponto de articulação da consoante precedente e, apenas secundariamente, pela altura da vogal tônica.

Pontos dignos de nota são (i) o de o alteamento ser mais frequente em falantes mais velhos, diminuindo gradativamente nas gerações mais jovens, uma curva ligeiramente descendente, indicativa, portanto, de diminuição da regra, e (ii) a questão de determinar se a elevação da vogal pré-tônica corresponde a um único processo, sob o rótulo de harmonização vocálica, ou a dois tipos de processo: um de natureza fonológica, a tradicional harmonização vocálica — espraiamento do nó terminal [-aberto 2] de uma vogal alta para o núcleo vocálico antecedente, desde que seja uma vogal média; e outro, de natureza fonética, determinado pela configuração acústica dos segmentos consonantais adjacentes.

Considerações finais

A partir do que foi apresentado, pode-se admitir que o falar do Rio de Janeiro tenha suas marcas próprias, mas, excetuando-se a famosa palatalização, suas características fônicas servem também para definir outros dialetos, e seu comportamento, no universo das cinco cidades caracterizadas, é, em geral, intermediário, menos marcado, o que talvez explique, de um ponto de vista linguístico, que seja uma pronúncia considerada "padrão" dentro do conjunto dos falares brasileiros. Além disso, a cidade do Rio de Janeiro ocupa uma posição privilegiada, no que se refere à educação básica, apresentando a menor taxa de analfabetismo entre as 12 maiores capitais do país. A escolaridade média é de 8,2 anos, uma taxa insatisfatória para os padrões dos países desenvolvidos, mas bem acima da média nacional de 5,5 anos.

De todo modo, embora, no que se refira estritamente a aspectos fonéticos, não se possa traçar um feixe de isoglossas que determinem uma área dialetal carioca nítida, não se pode esquecer que um perfil da fala não é estabelecido apenas por aspectos segmentais, mas também suprassegmentais. E isso é outra história...

Referências

ABAURRE, M. B.; SANDALO, M. F. Os róticos revisitados. In: HORA, D.; G. COLLISCHONN, G. (Org.). *Teoria lingüística*: fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p.144-180.

ALENCASTRO, L. F. (Org.) Vida privada e ordem privada no Império. In: *História da vida privada no Brasil.* v.2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.11-93.

ANDRADE, A.; RODRIGUES, C. Um exemplo de sandhi consonântico variável em português. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 19., Lisboa, 2003. *Actas...* Lisboa: APL, 2004. p.257-268.

BISOL, L. *Harmonização vocálica.* 1981. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.5, n.2, p.185-224, 1989a.

BISOL, L. Vowel harmony: a variable rule in Brazilian Portuguese. In: *Language variation and change*. v.1. Cambridge: Cambridge University Press, 1989b. p.185-198.

BISOL, L. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.10, p.123-140, 1994.

BITTENCOURT, A. Ribeiro. *Longos serões do campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

CALLOU, D. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no Rio de Janeiro. *Organon*, Porto Alegre, v.5, n.18, p.71-78, 1991.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (Org.). *Gramática do português falado*. v.6: Desenvolvimentos. Campinas: UNICAMP, 1996. p.465-493.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. O sistema pretônico do português do Brasil: regra de harmonia vocálica. In: CONGRESSO INTERNAZIONALE DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21., 1995, Palermo. *Atas...* Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. v.5. p.95-100.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. (Org.). *Gramática do português falado*. v.8: Novos estudos descritivos. Campinas: UNICAMP; FAPESP, 2002. p.537-555.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processos de mudança no português do Brasil: variáveis sociais. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês (Org.). *Razões e emoção. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. v.1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003. p.87-114.

CALLOU, D.; LEITE, Y. et al. Um problema na fonologia do português: as vogais pretônicas na fala culta carioca. In: PEREIRA, C. C.; PEREIRA, P. (Org.). *Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários. In memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p.59-70.

CALLOU, D.; MARQUES, M. H. O -s implosivo na linguagem do Rio de Janeiro. *Littera*, Rio de Janeiro, n.14, p.9-137, 1975.

CÂMARA Jr., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

CÂMARA Jr., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CASTRO, Elzimar. *As pretônicas na variedade mineira juizdeforana*. 1990. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

D'ARC, J. *Difusão lexical na vibrante final*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GRANDGENT, C. H. *Introducción al latín vulgar*. Madri: Fénix, 1963.

HOUAISS, A. Sobre alguns aspectos da recuperação fonética. In: SIMPÓSIO DE FILOLOGIA ROMÂNICA, 1., 1958, Rio de Janeiro. *Anais*... Rio de Janeiro: MEC, 1970 [1958]. p.25-38.

KOLOVRAT, G. de. *Étude sur la consonne l dans les langues romanes*. Paris: Jouve, 1923.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Filadelfia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Cambridge: Blackwell, 1994.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. 5.ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MOTA, J. *O -s em coda silábica na norma culta de Salvador*. 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro, Simões, 1953 [1922].

RÉVAH, I. S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI[e] siècle à nos jours. CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO. 1., 1956, Salvador. *Anais...* Rio de Janeiro: MEC, 1958. p.387-402.

SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano*. 1989. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.* 2.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA NETO, S. da. A língua portuguesa no Brasil. In: *História da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970. p.581-636.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português*. 7.ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1964.

SOARES, M. A. B. P. *Normas de pronúncia radiofônica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ; Museu Nacional, 1977.

TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa.* Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1982 [1970].

VERNEY, L. A. *Verdadeiro método de estudar* (1742). v.1. Lisboa: Sá da Costa, 1949.

VIANNA, A. R. G. *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1883.

VIANNA, A. R. G. *Portugais*. Leipzig: Teubner, 1903.

VIEGAS, M. do C. *Alçamento de vogais pretônicas*: uma abordagem sociolinguística. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

YACOVENCO, L. C. *As vogais médias pretônicas no falar culto carioca*. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Luise Ey e a descrição da pronúncia portuguesa em manuais de português para alemães em princípios do século XX

Eberhard Gärtner
Universidade de Leipzig

Quando me foi solicitado escrever um texto em homenagem à nossa estimada colega Jacyra Mota, linguista, sobretudo foneticista e pioneira da Geolinguística no Brasil, aceitei espontaneamente o honroso convite, duvidando, porém, se eu, gramático, sintaticista, trabalhando longe do Brasil, poderia contribuir com algum texto que tivesse um mínimo de interesse para ela. Lembrei-me, então, de Luise Ey, pioneira na Alemanha dos estudos portugueses, que, valendo-se das obras do foneticista português Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, lançou as bases científicas da descrição da pronúncia do português em manuais dessa língua, editados na Alemanha.

Luise Ey - dados biobibliográficos

Luise Ey,[1] filha de um proprietário de terra e produtor de fósforos, nascida a 18 de fevereiro de 1854 na fazenda Eylungen, no noroeste do atual Estado Federado da Turíngia, estudou música em Berlim, cursou o Seminário para professoras de Lübeck e passou a trabalhar como professora e educadora em Karlsruhe, aperfeiçoando os seus conhecimentos de francês durante uma estadia na França. Em 1883, aceitou trabalhar por três anos como professora de francês numa escola alemã para moças no Porto. Decorridos os três anos, passou a dar aulas de língua em várias cidades de Portugal. Motivada pela amizade com o escultor José Joaquim Teixeira Lopes e seu filho António, estudou desenho histórico e escultura na Academia das Belas Artes do Porto, onde conheceu Carolina Michaëlis de Vasconcelos, grande estudiosa das coisas portuguesas, da qual recebeu os incentivos decisivos para estudar a língua e a literatura portuguesas, mantendo ao mesmo tempo estreito contacto com escritores e artistas do país. Passados treze anos (em vez dos três previstos), voltou, em 1896, para a Alemanha, onde, depois de mais uma estadia em Portugal (1905-1906), passou a empenhar-se na divulgação da língua e da literatura portuguesas na Alemanha. Em 1908, ensinou Português na Escola Superior do Comércio, a partir de 1909, no Instituto Colonial de Hamburgo, aberto a 20 de outubro de 1908 (KALWA, 2004, p.18), e, a partir do semestre de verão de 1910, em uma "docência de duração limitada". Com a fundação da Universidade de Hamburgo, em 1919, passou a ser professora de língua e

[1] Para os dados sobre a vida de Luise Ey, baseamo-nos em Kalwa, 2004, p.22-29.

cultura portuguesas no Departamento de Filologia Românica (*Romanisches Seminar*). Em 1924, aposentou-se, depois de quase quinze anos de atividade docente dedicada ao português. Faleceu a 17 de maio de 1936, em Hamburgo (KALWA, 2004, p.22).

Luise Ey pertenceu, junto com Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), a um pequeno grupo de intelectuais alemães que, já no começo do século passado, compreendiam a importância da língua portuguesa e dos contactos econômicos e culturais com os países lusófonos, nomeadamente com o Brasil, e que se empenharam em favor da sua divulgação na Alemanha. Assim, ela preparou edições críticas e fez traduções de obras de autores portugueses do século XIX e de princípios do XX e publicou artigos e resenhas sobre escritores portugueses de Gil Vicente a Eça de Queirós.

Mesmo não tendo uma formação específica em Filologia, Luise Ey publicou, em 1904[2] e em 1909,[3] um dicionário das línguas portuguesa e alemã, com indicação da pronúncia segundo o sistema fonético do método Toussaint-Langenscheidt, e preparou, para 1908, a quarta edição, revista e ampliada, da *Kleine portugiesische Sprachlehre* (1900 [1883]) (*Pequena gramática da língua portuguesa*) de Gustav Carl Kordgien, na qual, além de outros melhoramentos, substituiu a breve descrição da pronúncia, sumária e em parte errada, por uma inteiramente nova, baseada sobretudo em Viana (1903), para a qual se serviu da transcrição fonética da Association Phonétique Internationale. Em 1910, editou a sua *Neue portugiesische Konversationsgrammatik*, a qual constituía uma edição revista e ampliada da *Portugiesische Konversations-Grammatik* de Gustav Carl Kordgien, publicada pela primeira vez, e em coautoria com Carl Marquard Sauer, em 1887, com segunda edição em 1899. Alguns artigos de revista de sua autoria tratam de questões da pronúncia do portugês, inclusive das suas particularidades brasileiras.[4]

Os trabalhos didáticos de Luise Ey, embora criticados em alguns detalhes, entre outros por Adolf Rambeau (KALWA, 2004, p.25, nota 28), tiveram

[2] EY, Luise. *Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache*, mit Angabe der Aussprache nach dem phonetischen System der Methode Toussaint-Langenscheidt, 2. Teil: *Deutsch-Portugiesisch*, Berlin-Schöneberg: Langenscheidt, 1904.

[3] EY, Luise. *Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache*, mit Angabe der Aussprache nach dem phonetischen System der Methode Toussaint-Langenscheidt von Gustav Rolin, zusammengestellt von Luise Ey, 1. Teil: *Portugiesisch-Deutsch*, Berlin-Schöneberg: Langenscheidt, 1909.

[4] EY, Luise. Die luso-brasilianische Sprache und ihre Wandlungen. *Die Neueren Sprachen*, v.36, n.5, p.357-362, jul. 1928.

o elogio de reconhecidos filólogos portugueses, como José Joaquim Nunes (cf. a seguir). Manual de Paiva Boléo, que, de 1929 a 1935, foi leitor de Português no Departamento de Filologia Românica da Universidade de Hamburgo, oportunidade em que chegou a conhecer Luise Ey pessoalmente, assim se pronunciou sobre ela em 1936:

> Depois de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos — e, sob certos aspectos, ao lado dela — não há seguramente senhora estrangeira, neste primeiro quartel de século, que tenha mais direito, pela sua actividade, dedicação e desinteresse em prol do nosso País, à estima e ao reconhecimento dos portugueses (*Boletim de Filologia*, v.4, n.1-2, p.220, 1936 apud Kalwa, 2004, p.24, nota 23).

A descrição da pronúncia portuguesa na *Kleine portugiesische Sprachlehre*

A *Kleine portugiesische Sprachlehre*, de autoria de Gustav Carl Kordgien, editada pela primeira vez em 1883, continha um capítulo muito curto (4 páginas) sobre a pronúncia das letras do alfabeto português, que era deficiente em alguns pontos, errado em outros. Luise Ey introduziu uma descrição totalmente nova e mais ampla (18 páginas) na quarta edição, de 1908, baseando-se, conforme ela mesma indica na nota prévia da edição, na descrição dada por Viana na sua obra *Portugais, phonétique et phonologie, morphologie, textes*, de 1903, cujo sistema de signos de transcrição ela simplifica um pouco com o intuito de utilizar um número o mais reduzido possível de signos, renunciando a indicar as diferenças entre "ə e ə̥, ĭ, ɪ̥, ɪ, ɪ., ɪ̊ ; u, u̥, ŭ, ů" e, por motivos de espaço, a descrever fenômenos da fonética sintática, como também declara na mencionada nota prévia (EY, 1924, p.2).[5]

A descrição das **vogais orais** feita por Luise Ey satisfazia com certeza as necessidades práticas do ensino para principiantes. Ela descreve, na ordem alfabética das letras que as representam na grafia, as sete vogais tônicas ([a], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o], [u]), as reduzidas ([ɐ], [ə], [ə̥], [ɪ̥], [ĭ], [u̥], [ŭ]) (embora nem sempre usando o mesmo signo ou signo nenhum), a baixa velarizada [ɑ], a [e] palatalizada em [ɐ] antes de palatal, a [i] aberta antes de [ɫ] ou [u], as semi-

[5] Devido à dificuldade de acesso à primeira edição, citamos segundo a oitava, de 1924.

consoantes [ɪ̥] e [w] e as nasais [ɐ̃], [ã], [ẽ], [ĩ], [õ], [ũ]. A descrição dos sons é feita, em parte com a terminologia ainda hoje usual em Fonética Articulatória, como, p. ex. "aberto", "fechado", em parte com termos hoje considerados não técnicos, como "*hohl*" ('*oco*') (para [ɫ]), ou "*getrübt*" ('*turvado*') para o [o] do ditongo nortenho [ow] e outros sons, e, em muitos casos, seguindo o exemplo de Viana (1903), pela comparação com outras línguas, nomeadamente com o alemão padrão ("[e] — ê, e — como o alemão *ee* em *See* ('*lago*')" (EY, 1924, p.7),[6] e mesmo com dialetos alemães ("[ũ] [...] como na palavra suábia ***Huh***' (=*Huhn* ('*galinha*'))" (p.9) e "[aɪ̥] [...]; aproximadamente como ***beide*** no dialeto da Prússia oriental" (p.11). Na apresentação gráfica do sistema vocálico em forma de pirâmide (ou triângulo), que revela a penetração teórica dos dados, a autora foi menos feliz, embora tivesse o exemplo de Viana (1903) e provavelmente também os de Viana (1883, 1892).

Viana, na sua descrição das vogais do português de 1903, apresenta todas as vogais orais, tônicas e átonas, assim como as resultantes de processos de assimilação, em três séries, que correspondem às vogais anteriores, centrais e posteriores. Este sistema constitui uma versão muito mais detalhada do que a pirâmide de 1883, geralmente mais conhecida entre linguistas luso-brasileiros. Distingue-se dela pelo tratamento do [ɑ] num nível próprio;[7] por uma maior diferenciação das variedades do <i> em anterior, central e aberta (antes de [ɫ] e [u]); pela inclusão das vogais cochichadas [u̥] (átono entre duas consoantes surdas e final de palavra), [e̥] (substituto de [ə] ou [i] em sílaba átona em contato com consoantes surdas) e [ɪ̥] ([ɪ̥] em contato com pré-palatal surda), assim como pela inclusão do nível das semivogais cochichadas [ů] e [i̊] entre consoante surda e a vogal átona [u̥].

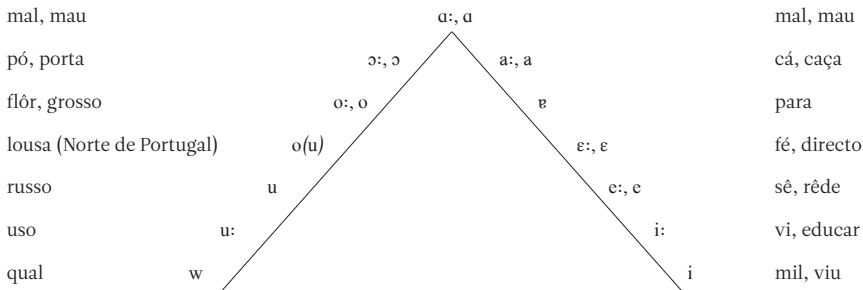
---

[6] A tradução das citações para o português em todos os casos é minha. E.G.

[7] Com esta descrição, Viana atribui ao [ɑ] uma altura (grau de abertura) diferente da do [a], considerado neutro, descrição não seguida por alguns autores, como Krenn e Mendes (1971), que lhe atribuem uma posição recuada (velarizada) na mesma altura do [a], o que transforma a pirâmide (o triângulo) em trapézio e parece mais adequado.

Voyelles orales:					Exemplos:[8]			
Neutre		A				*má*		
Ouvertes	ɑ				*mau, mal*			
Mi-ouvertes	ɔ	ɐ		ɛ	*pó, avó*	*para, cereja*		*pé*
Mi-fermées	o	ɘ		e	*avô*	*se, te*		*sê*
Fermées	u	i̥	ɪ	i	*cru*	*tijolo*	*mil, viu*	*vi*
Voyelles chuchotées[1]	u̥	ɘ̥		ɪ	*pato, topar*	*tapetar*		*feixe, fechar*
Demi-voyelles	ŭ	ı		ĭ	*água, pau, deu-a*			*águia, pai, maio*
Demi-voyelles chuchotées	ů			i̊	*fátuo*			*pátio*

(VIANA, 1903, p.11.)

Luise Ey, provavelmente seguindo a tradição da Fonética Histórica das línguas românicas, empregou o triângulo usual naquela disciplina, o qual organizava os sons do latim vulgar em duas séries somente, uma anterior e outra posterior (EY, 1924, p.10), adaptando, porém, a sua forma à da pirâmide de Viana, com a vogal mais baixa (aberta) no topo, e os sons mais altos (fechados) na base da mesma:

Como resíduo do sistema usado para a descrição do latim vulgar, nota-se a combinação de quantidade e qualidade vocálicas na vogal extrema ‹*u*› u- breve e aberta, u: - larga e fechada).

Os signos i: e i, que parecem representar a mesma relação entre vogal fechada e aberta, têm, no entanto, outro significado. O signo i representa indistintamente "uma *i* fechada, tônica ou átona, como a *i* alemã de *Biene*, porém mais curta (vi [vi:], educar [iđuˊkar])" e uma *i* breve, aberta, antes de "[ɫ] oco" ([miɫ]) ou [u] ([viu]) (EY, 1924, p.8). Assim, a autora procedeu a uma simplificação considerável da descrição pormenorizada de Viana, justificável, talvez, pelos objetivos práticos do livro. A localização da vogal [i] aberta e da

[8] Este arranjo dos exemplos em forma de triângulo paralelo ao dos sons, usado também em Viana (1883), é nosso.

recuada antes de [ɫ] acima da [i] fechada, no entanto, é simplesmente errada. Na descrição das vogais médias e baixas, ela evita esse relacionamento entre a quantidade e a qualidade vocálicas.

Outro resíduo da descrição do sistema do latim vulgar é a ausência da série das vogais centrais [A], [ɐ], [ə], [ɪ̯], e [ə̥], que constitui uma particularidade característica do sistema fonético do português. Isto obrigou a autora a integrar o som [ɐ], que ela descreve como "a breve, que se aproxima um pouco de uma *ä* aberta [i.e. [ɛ] E.G.], sendo igual à a do inglês *bɐg* ou *ɐbout*" (EY, 1924, p.7),[9] na linha das vogais anteriores, entre [a] e [ɛ], embora desde Viana (1883, 1903) se soubesse que a altura do [ɐ] é a mesma do [ɛ] e do [ɔ]. Também a obrigou a renunciar à inclusão do [ə] no triângulo, embora descreva o som no texto.[10]

Por motivos não claros, a autora colocou o som [ɑ], variante posicional velarizada (ou recuada) do [a], no topo do triângulo, embora Viana a excluísse do sistema básico em 1883 e em 1892, descrevendo-a inequivocamente como variante guturalizada por uma [ɫ] a fechar a mesma sílaba (VIANA, 1883, p.21; 1873, p.103), e quando a incluiu, em 1903, lhe atribuísse uma posição recuada em relação a [a], embora com abertura maior (VIANA, 1903, p.11). Como o traço que na verdade opõe [ɑ] a [a] é o [+ recuado], os dois sons deveriam ficar no mesmo nível, de forma que o sistema adotaria a forma não de um triângulo, mas, sim, de um trapézio, como se vê, p. ex., em Krenn e Mendes (1971, p.4). Uma consequência desta organização do triângulo é o facto de que as vogais médias anteriores — (semiabertas e semifechadas) — ([ɛ], [e]) não aparecem no mesmo nível que as posteriores ([ɔ], [o]), fato agravado ainda pela inclusão do som [o], resultante de monotongação do ditongo dialetal [o(u)] (*lousa*) no Norte de Portugal, num sistema que só deveria receber os sons da pronúncia normal do Centro e Sul do país, como fez Viana em todas as suas obras.

Os distintos sons correspondentes a <e>, <i> e <u> átonos, Luise Ey não os inclui no triângulo; descreve-os, no entanto, no texto, mostrando que o [ə] entre consoantes surdas pode ficar quase mudo (*repetir* [rrəp(ə)´tir] = [ə̥]) e que o [ɪ̯] soa fraco antes de palatais sonoras (*tejolo* [sic] [tɪ̯ʒolu]), emudece

[9] Com essa definição, a autora segue Viana, que define o som [ɐ] como "tout à fait semblable à l'*a* atone de l'anglais *about*" (VIANA, 1883, p.3; 1973, p.85).

[10] Outro motivo para a inclusão do [ɐ] e a não inclusão de [ə], [ɪ̯], e [ə̥] poderia ser a noção intuitiva *avant la lettre* de o [ɐ] estar em oposição fonológica com [a] nas formas verbais, sendo portanto um fonema, enquanto [ə], [ɪ̯], e [ə̥] são sempre alofones de /e/ ou /i/.

quase antes de palatal surda (*fechar* [f[ı̯]ʃar] = [ı̯] e soa mais ou menos como [j] antes de vogal (*criado* [krı̯ađu] = [ĭ]). [u̥] é exemplificado com *disputar* e *barco;* [ŭ] aparece sob a forma [w]: *qual* [kwɑł]. A localização da semiconsoante [w], que ela estranhamente chama de "*u* redobrado" (EY, 1924, p.10), é adequada. O que estranha é que não considere no triângulo a semiconsoante [j], embora a descreva no texto.[11] Na descrição dos ditongos, Ey reúne a semiconsoante dos ditongos crescentes e a semivogal dos decrescentes sob um mesmo signo: [ı̯] e [u], respetivamente. Dos sons [ů] e [ı̊] (antes de [u̥]), ela não trata especialmente. No seu triângulo faltam, portanto, os níveis das vogais e semivogais cochichadas.

Com tudo isto, a autora obtém um triângulo de sete graus de abertura (alturas) que não corresponde à realidade da língua falada, motivo pelo qual foi alterado em parte em edições posteriores revisadas por Fritz Krüger.

A descrição das **vogais nasais** é adequada. A autora enumera os seis sons ([ɐ̃], [ã], [ẽ], [ĩ], [õ], [ũ]), caracterizando-os simplesmente como "nasais" ou "pronunciados pelo nariz" (EY, 1924, p.7), sem entrar nos pormenores fisiológicos da sua produção, explica o som [ã] como resultado da contração de [ɐ] com [ɐ̃] átono (*à antiga* [ãːn´tigɐ]) e menciona, como Viana (1903, p.16) a pronúncia reduzida de [m] antes de [p, b] e de [n] antes de [t, d]; negligencia, porém, a de [ŋ] antes de [k, g] (p.6-9 passim), registrada também por Viana.

Na descrição dos **ditongos orais**, Luise Ey, seguindo de perto a de Viana, distingue onze ditongos decrescentes ([aı̯], [ɛı̯], [ɐı̯], [ɔı̯], [oı̯], [uı̯] e [ɑu], [ɛu], [eu], [iu], [ou] (EY, 1924, p.11-12) e dez ditongos crescentes ([ı̯a], [ı̯ɛ], [ı̯o], [ı̯ɔ], [ı̯u][12] e [ua], [uɑ], [uɛ], [ue], [ui], renunciando, porém, a eclarecer que em português só são estáveis os decrescentes, e dos crescentes só aqueles que têm a semiconsoante [w] precedida de [k] ou de [g]. No signo do ditongo [iu], ela junta, sem usar signos distintos, os ditongos [ıŭ] e [iŭ], distinguidos por Viana (1903, p.14), descrevendo, porém, no texto a sutil diferença entre a pronúncia de *riu* [*rriu*] (com *i* aberto) e *rio* [*rriu*] (com *i* fechado) (EY, 1924, p.15). Entre os ditongos decrescentes, diferentemente de Viana, ela ainda inclui o [*ou*] de *Douro*.

[11] "[ı̯] — *i* e *e* — uma i fugaz, semiconsonântica, correspondente a toda *i* e *e* pré-vocálica átona e pronunciada mais ou menos como *j*, conforme siga a uma consoante dura ou mole [sic]: *criado*, *tear*, *fiel*, *viola* [...] [krı̯´ađu, tı̯´ar, fı̯´ɛł, vı̯´ɔlɐ]" (EY, 1924, p.8).

[12] Falta [ı̯ɑ] de *real* [rrı̯ɑł], que a própria autora transcreve assim no pequeno dicionário integrado no livro.

O tratamento dos **ditongos nasais** é breve, porque também aqui a autora renuncia a uma descrição pormenorizada dos aspectos fisiológicos da sua emissão, remetendo à descrição das vogais nasais simples. Ela não se esquece, porém, de mencionar que também os sons [ɪ̥] e [u] "de acentuação débil" são nasais (EY, 1924, p.13), o que, de uma maneira geral, não se tem indicado na transcrição fonética dos manuais de ensino até hoje. Os dados aduzidos são completos. A autora enumera [ɐ̃ɪ̥], [õɪ̥], [ũɪ̥] e [ɐ̃u], além de [õɪ̥(ɐ̃ɪ̥)] (de *põem*).

Também menciona, como Viana (1903, p.16), a particularidade brasileira de pronunciar [ẽɪ̥] [sic] as grafias *ãe* [sic]*; em* e *ens* (EY, 1924, p.14), negligenciando, como ele, a de [eɪ̥] (em vez de [ɐɪ̥]) para o ditongo ‹ei› e a de [e] (em vez de [ɐ]) para ‹e› antes de consoante palatal.

Dos **tritongos**, Luise Ey diz simplesmente que se compõem de um ditongo decrescente antecedido de *i* ou *u* "de acentuação débil", a qual nunca é nasal, e aduz os mesmos exemplos que Viana (1903, p.16): *leais, fiéis, fieis, miau, poeira, leão* e *leões*, com a sua transcrição fonética.

Para a descrição das **consoantes**, Viana (1903, p.17) dá o seguinte esquema:

<table>
<tr><td>Postpalatales</td><td>k ɡ ɡ̠
k̟ [13] ɡ̟ ɡ̚</td><td>ŋ
ŋ̟</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Médiopalatales</td><td></td><td>ɲ</td><td></td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Prépalatales</td><td></td><td></td><td>ʃ̟ ʒ̟
ʃ ʒ</td><td>λ</td><td></td></tr>
<tr><td>Linguales</td><td>t d đ</td><td>n</td><td>s z</td><td>l ł</td><td>ɹ rr,r[14]</td></tr>
<tr><td>Labiodentales</td><td></td><td></td><td>f v</td><td></td><td></td></tr>
<tr><td>Bilabiales</td><td>p b ƀ</td><td>m</td><td></td><td></td><td></td></tr>
</table>

Como se vê, Viana considera seis zonas de articulação. O modo de articulação não entra no quadro *expressis verbis*, mas nota-se facilmente no arranjo dos sons: oclusivas surdas (k, k̟ , t, p), oclusivas sonoras (ɡ, ɡ̟ , d, b), oclusivas

[13] No texto de Ey, o signo diacrítico se encontra à direita e no mesmo nível da letra.

[14] O signo "r" é provavelmente uma gralha tipográfica, pois no original está fora do quadro e não é comentado no texto, onde Viana só trata do [ɹ] simples e do [rr] múltiplo e sua variante uvular [ʀ]. Nos exemplos, alterna com [ɹ].

sonoras fricativizadas (g̠, g̠˷, đ, ƀ), nasais (ŋ, ŋ˔, ɲ, n, m), fricativas surdas (ʃ˔, ʃ, s, f), fricativas sonoras (ʒ˔, ʒ, z, v), laterais (λ, l, ɫ) e vibrantes (ɹ, rr, r).

Nas oclusivas pós-palatais (ou velares) e nas frictivas pré-palatais, Viana distingue duas séries de variantes: uma básica, que ocorre antes de vogais centrais e posteriores assim como antes de consoantes (k, g, g̠, ŋ, ʃ, ʒ) e outra palatalizada (k˔, g˔, g̠, ŋ˔, ʃ, ʒ˔), que ocorre antes das vogais anteriores (ɛ, e, i) e ainda antes de (ɪ, ɪ̥, ɪ̥) no caso das fricativas pré-palatais. A mesma distinção é feita para o som de transição pós-palatal [ŋ], cuja variante palatalizada [ŋ˔] ocorre depois de vogal anterior (*língua* [ˊliŋ˔ gŭɐ]). Ao lado das oclusivas sonoras, o autor arrola as suas variantes fricativizadas (ƀ, đ, g̠, g̠˷), ressaltando que elas "ne sont pas absolument des fricatives", já que "elles commencent comme des plosives et finissent comme des fricatives" (VIANA, 1903, p.19).

Na lista de exemplos para cada som que se segue ao quadro e à sua explicação, Viana ainda indica as variantes surdas por assimilação das consoantes sonoras (ŋ̊, ŋ̊˔, n̥, ɫ̥, ɹ̥, m̥), que ocorrem em *franco* [ˈfɹɐ̃ŋ̊ku], *cinco* [ˈsĩŋ̊˔ku], *santo* [ˊsɐ̃n̥tu]], *faltar* [fɑɫ̥ˊtaɹ], *perto* [ˊpɛɹ̥tu̥] e *campo* [ˊkɐ̃m̥pu̥].

Luise Ey descreve as consoantes, como as vogais, também na ordem alfabética das letras que as representam, renunciando a uma apresentação em forma de quadro. Para facilitar a comparação com a descrição de Viana, reunimo-las aqui no quadro seguinte, inspirado no de Viana:

k	g	g̠							
			ɲ						
				ʃ	ʒ	λ			
t	d	đ	n	s	z	l	ɫ	ɹ	rr
				f	v				
p	b	ƀ	m						

A descrição distingue-se da de Viana pelo facto de Ey ter omitido o "som transitório" [ŋ] (e consequentemente a sua variante palatalizada [ŋ˔]), o que ela também faz no texto quando trata da realização reduzida das consoantes nasais finais de sílaba, assim como pela omissão das variantes palatalizadas das fricativas pré-palatais (ʃ˔, ʒ˔) e das oclusivas pós-palatais (ou velares) (k˔, g˔, g˷), omissão que parece justificável por se tratar de um manual para principiantes.

Na descrição das restantes consoantes, segue a orientação de Viana, valendo-se, muitas vezes, da comparação com sons idênticos ou semelhantes do alemão: "*p* e *t* como em alemão, porém sem aspiração" (EY, 1924, p.17); "[*lh*] pronuncia-se aproximadamente como lj (foneticamente: ɦ[15])" (p.16). Em outros casos, compara com o francês: "ɡ antes de *e*, *i* soa como no francês antes das mesmas vogais" (p.16); "*n* combina-se como *l* com *h*, formando um som palatal, que se assemelha ao francês *gn*" (p.17); ou com o inglês: "ɫ soa oco como inglês *ll* em *well*"; "aproxima-se [...] o d ao th sonoro do inglês" (p.16). A autora chama a atenção para a ausência de aspiração nas oclusivas surdas assim como para a pronúncia fricativizada das oclusivas sonoras em posição intervocálica ou entre vogal e consoante sonora, introduzindo os signos [ƀ, đ, g̠].

Como se vê, a descrição compreende praticamente todos os sons consonânticos do português normal europeu, com exceção do [ŋ].

Apesar de a autora não usar a terminologia dos traços fonéticos, hoje indispensável, a sua descrição é por vezes bastante detalhada, por exemplo, quando alude à pronúncia das vibrantes simples ([r], a [ɹ] de Viana) e múltipla ([rr]) em função do seu entorno: [r] depois de consoante na mesma sílaba (*preto*), em posição intervocálica (*caro*) e em final de palavra (*flor*); [rr] em posição inicial de palavra (*rei*) ou depois de *l, n, s* (*bilro, honra, Israel*), assim como <rr> em posição intervocálica (*carro*). Tratamento igualmente detalhado recebe a pronúncia de <s> e <z>.

> A *s* tem pronúncia diferente de acordo com a sua posição.
> a) A *s* inicial de palavra é surda. A nossa transcrição da *s* surde é **s**: *sal* [sɑɫ] "Salz".
> b) A *s* final, que se pronuncia como *sch* antes de pausa ou antes de consoante surda (*p, q, t, c*), notam-la ʃ: *isto* [iʃtu]] "dies".
> c) Esta s final, antes de consoante sonora, pronuncia-se ʒ [...], notando-se assim mesmo: *rasgo* [ˊrraʒgu] "Zug", *lesma* [ˊleːʒmɐ] "Schnecke".
> d) Quando a *s* final se encontra antes de uma vogal, junta-se a ela, transformando-se em *s* sonora [z]: *as asas* [ɐz͡ azɐʃ] "die Flügel".
> e) A *s* entre vogais é pronunciada sonora [z], a não ser que a vogal precedente faça parte de um prefixo (caso em que agora o *s* se redobra): *rosa* [ˊrrɔzɐ] "Rose" [...]; mas *resentir* [rrəsẽnˊtir] (em ortografia nova *ressentir*).

[15] Ey usa o signo ɦ do alfabeto fonético da Association Phonétique Internationale, ao qual, na verdade, corresponde outro valor fonético, certamente pela semelhança gráfica com a sequência *lj* e por simbolizar melhor a simultaneidade de produção dos dois sons.

Nota: No Brasil a *s* sob a), d) e e) é pronunciada como no português, a sob b) (*s* impurum) também como *s pura*, a sob c) como z, portanto *as moscas* = ɐź moskɐs (EY, 1924, p.17-18).

Como a autora parte da letra para o som, ela dedica uma descrição detalhada à pronúncia da letra ‹x›, aduzindo exemplos com os sons [ʃ] (*xadrez, feixe, expor*), [ks] (*xilógrafo, fixo*), [s] (*auxílio*) e [z] (*exército*), com a sua devida transcrição fonética.

Um parágrafo é dedicado às "consoantes surdas", onde trata, além do ‹h›, de letras não pronunciadas na ortografia da época, como em *Jaco(b), au(g)mento, conde(m)nar,(p)salmo*. Neste contexto também menciona a função das letras ‹c› e ‹p› de indicar a pronúncia não reduzida da vogal átona antecedente: *actual* [atú ɑɫ], *adoptar* [ađɔ́ tar].

Segue-se um parágrafo dedicado à acentuação, em que descreve, resumida mas corretamente, as regras da acentuação fonética (e gráfica). Em forma de notas, repete, neste parágrafo, observações já feitas anteriormente (EY, 1924, p.8) sobre a pronúncia de ‹i› átono como [ə] em sílaba pretônica antes de tônica com [i] (*divide* [də́ vi:đə]) e integra um longo trecho, onde apresenta nove casos em que ‹e› átono é pronunciado [i] em vez de [ə]: (1) inicial de palavra (*elogio*), (2) diante de palatal (*adejar*), (3) depois de palatal em posição final de palavra (*ség e*), (4) em formas derivadas, em que *e* tônico se torna átono (*resto* › *restante*), (5) antes de vogal ou ditongo nasal ("muito breve" [ı̯] (*leal, leão*), (6) nos ditongos ‹ãe›, ‹õe(s)› (*mãe, corações*), assim como nos ditongos ‹ae, óe(s), ue(s)› da ortagrafia antiga (*pae, heróes*), (7) entre consoante surda e vogal final de palavra, também surda (*pátio*), (8) na sílaba flexional ‹-es› (*favores, deves*) e (9) na conjunção *e*, "que soa i ou ı̯", "igualmente a ‹e› final de *que, me, te, se*, assim como a ‹e› final de *êle, entre* e de formas verbais quando está antes de vogal inicial": *que é isto* [kiɛiʃtu]? *êle e eu* [eli:́ eu] (EY, 1924, p.16).

O subcapítulo *Phonologie*, em que Viana trata da sílaba, da metafonia e da fonologia sintática, não foi integrado por Luise Ey na sua descrição.

Resumindo, pode-se constatar que, apesar de alguns defeitos de caráter bem mais teórico, explicáveis em parte pela falta de uma formação filológica da autora, e que também se manifestam no arranjo do material fônico, a descrição dada, nomeadamente a descrição dos sons, inclusive a de certos processos de variação posicional, correspondiam às necessidades práticas de um livro para principiantes e estavam de acordo com a descrição usual dos sons

em manuais naquela época. Em edições do livro posteriores ao falecimento da autora, Fritz Krüger corrigiu a maioria dos defeitos mencionados (cf. abaixo).

A descrição da pronúncia portuguesa na *Portugiesische Konversationsgrammatik*

A descrição da pronúncia portuguesa na *Portugiesische Konversationsgrammatik*[16] é mais volumosa, compreendendo 57 páginas. Começa com uma tabela dos signos de transcrição fonética, com breve explicação dos signos e exemplos. O núcleo do capítulo é constituído pelas "Regras para a pronúncia do português", que compreende vinte páginas e é quase idêntico ao respetivo capítulo da *Kleine portugiesische Sprachlehre.* A autora melhora a exposição, simplificando aqui, introduzindo novos detalhes acolá, alterando às vezes o arranjo do material fônico e das explicações, tudo com o efeito de maior clareza e simplicidade da exposição. A maior alteração talvez seja a renúncia à indicação da quantidade silábica mediante o signo [ː], que desapareceu de quase todo o texto.[17] Melhoramentos pontuais são a introdução de algumas observações sobre a natureza da crase (EY, 1921, p.7), a introdução do [w] surdo (o [ů] de Viana) em *vácuo* [ˈvakwu] (p.10).[18] Ao falar dos ditongos decrescentes, ela acrescenta "ou verdadeiros" (p.12) e aos ditongos crescentes, "ou falsos" (p.13), reconhecendo, então, a particularidade do português de só conhecer como estáveis os ditongos decrescentes (e os crescentes com o *u* de *qu*), e explica o carácter não silábico de *i* e *u* (p.13). Mas a autora não modifica a estrutura da pirâmide das vogais (só lhe tira os sons longos), e o som [ŋ] continua faltando.

As novidades da descrição na *Konversationsgrammatik* são muitas. Encontramos uma lista que relaciona as qualidades vocálicas em sílaba tônica e sílaba átona, antes de consoantes e antes de vogais (EY, 1921, p.24-25, §15,), como se vê no seguinte extrato:

[16] O termo *Konversationsgrammatik* não tem, a nosso ver, correspondente em português. A edição inglesa leva o título *Portuguese Conversation-Grammar*, a francesa é intitulada *Grammaire portugaise*, simplesmente. Trata-se de um manual para discentes com conhecimentos básicos, que combina trechos de gramática com textos e exercícios.

[17] Constitui uma incoerência a manutenção de [iː] e [uː] na lista do parágrafo 15.

[18] Falta, no entanto, a inclusão do [ȋ] de *pátio*.

A. Antes de consoantes

1. Primeira sílaba tônica:		2. Primeira sílaba átona
a : [ˊfalɐ] = fala *er, sie spricht*	(a clara passa a ɐ turvada)	ɐ : [fɐ́lar] = falar *sprechen*
[...]		
ɐ : [ˊlɐɲɐ] = lenha *Brennholz*	(ɐ turvada passa a i.)	i : [lĭɲɐi̯ru] = lenheiro *Holzfäller*
[...]		

B. Antes de vogais

[...]		
ɐɪ̯ : [ˊsɐɪ̯ɐ] = ceia *Abendessen*	(ɐɪ̯ torna-se i) [sic]	ɪ̯ : [sɪ̯́ar] = cear *zu Abensessen*
[...]		

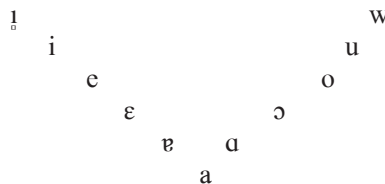
Seguem-se um parágrafo sobre a apofonia (§16 *Ablaute*) e outro sobre a metafonia (§17 *Umlaute*), uma longa lista dos "distintos valores fonéticos de cada letra do alfabeto português" (EY, 1921, p.27-45, §18), seguida, dentro do mesmo parágrafo, de um "rol das palavras que em sílaba átona têm ɑ puro [a], *e* aberto [ɛ] ou *o* aberto [ɔ]" (EY, 1921, p.45-48), um parágrafo sobre a "ligação das palavras e consequentes alterações fonéticas" (EY, 1921, p.48-49, §19) com uma "Apresentação e aplicação das regras dadas acima em um texto coerente" (EY, 1921, p.48-51, §20), onde reproduz o *Padre Nosso* com a transcrição fonética e tradução para o alemão, de Viana (1903), um parágrafo sobre divisão silábica (EY, 1921, p.51-52, §21), uma lista de homófonos (EY, 1921, p.52-53, §22), e outras duas de homógrafos, sem acento diferencial e com ele (EY, 1921, p.53-55, §§23, 24), e, finalmente, três parágrafos sobre, respectivamente, letras iniciais (§25), abreviaturas (§26) e sinais de pontuação (§27).

Esta descrição detalhada, apesar de um ou outro defeito, constituía, na sua época e durante muito tempo, a melhor descrição da fonética portuguesa em língua alemã, antes do advento da Fonologia Portuguesa, que na Alemanha só se deu com dois artigos de Helmut Lüdtke de 1952 e 1953, respetivamente. Assim se compreende que o conhecido filólogo português José Joaquim Nunes, já em em 1912,[19] tenha classificado a *Neue portugiesische Konversations-Grammatik* como "um verdadeiro tratado teórico-prático da língua actual".

[19] NUNES, José Joaquim. Portugiesische Sprache. In: VOLLMÖLLER, Karl (Ed.). *Kritischer Jahresbericht über die Fortschritte der Romanischen Philologie*, 12,1-I (1909-1910). Erlangen: Junge, 1912. p.229 (apud KALWA, 2004, p.25, nota 27).

Modificações introduzidas por Fritz Krüger na *Kleine portugiesische Sprachlehre*

Depois do falecimento de Luise Ey, em 1936, os seus dois manuais foram trabalhados para novas edições por Fritz Krüger, catedrático extraordinário desde 1924, catedrático ordinário de Filologia Românica a partir de 1928 e, desde 1933, diretor único do Departamento de Filologia Românica de Hamburgo. Em 1939, Krüger preparou a quinta edição da *Portugiesische Konversationsgrammatik* e, em 1948, a décima primeira da *Kleine portugiesische Sprachlehre*, que saiu em 1949 sob o simples título *Portugiesische Sprachlehre de Luise Ey, edição refundida por Fritz Krüger*.[20]

Krüger, conforme declara no prefácio de 1948, reescreveu e ampliou o capítulo sobre a pronúncia. O capítulo, agora intitulado "Pronúncia e ortografia", traz primeiro um quadro dos signos fonéticos, quase idêntico ao de Ey (1921), no qual, além de simplificar e precisar algumas descrições, substitui o signo [ɦ] para o dígrafo <lh> pelo signo [λ] e introduz o som transitório [ŋ]. Na apresentação gráfica das vogais, ele diz basear-se em Viana (1903), mas exclui, como Ey, a série das vogais centrais. Como se limita a apresentar as vogais tônicas e as semivogais, excluindo as variantes reduzidas de <e> e <i>, o único problema que lhe resta é a distribuição das variantes de <a>. Seguindo Viana, coloca [a] no topo da pirâmide, [ɑ] na linha das vogais posteriores entre [a] e [ɔ], e [ɐ] na linha das vogais anteriores entre [a] e [ɛ]. Com isso, considera o traço [+recuado] do [ɑ], mas atribui-lhe outro grau de abertura; no [ɐ] ignora os traços [+central] e [+semiaberto]. Mas, no seu triângulo, as aberturas idênticas das vogais anteriores e posteriores semiabertas, semifechadas e fechadas e as semivogais ficam finalmente no mesmo nível:

(KRÜGER; EY, 1958, p.3.)

[20] Citamos pela reedição não modificada (KRÜGER; EY, 1958).

Segue-se o capítulo “Os sons isolados”, em que, partindo das letras, e em ordem alfabética, assinala-lhes os distintos valores fonéticos. Começa dando o rol dos sons correspondentes à respetiva letra, para depois tratar de som por som, dando uma breve descrição, às vezes fisiológica (p.ex.: “[ɑ] com elevação da parte posterior da língua, antes dos sons palatais [ɫ] e [u] na mesma sílaba: falta [ˊfɑɫtɐ] […] *Fehler*, causa [ˊkɑuzɐ] *Ursache*” (KRÜGER; EY, 1958, p.3). Nas vogais, os distintos sons são classificados segundo o caráter tônico ou átono da sílaba. Fora algumas modificações nos detalhes, o capítulo segue de perto o texto do capítulo “Distintos valores de cada letra do alfabeto português” de Ey (1921, p.27-45).

Uma novidade, que mostra a maior penetração teórica, é a introdução de um subcapítulo dedicado aos sons nasais, onde Krüger trata dos mesmos sons que Ey (à exceção de [õɪ̯(ɐ̃ɪ̯)] *põem*), mas sistematiza melhor a descrição, comparando inicialmente o grau de nasalidade e o timbre das vogais nasais com as do francês, língua amplamente conhecida na Alemanha, ressaltando o caráter mais fechado das nasais portuguesas, especificando os casos em que se produz uma consoante nasal após a vogal, considerando também o [ŋ] em *banco*, mencionando a nasalação tanto regressiva como progressiva do português, mostrando particularidades decorrentes da posição na palavra (I. final de palavra: *-ã, -im, -om, -um*; II. interior de palavra (com consoante nasal transitória antes de bilabiais, dentais e velares); III. inicial de palavra: *em-*, *en-* [ĩ]) e tratando dos ditongos nasais, fatos, na sua maioria, também descritos por Ey, mas agora melhor sistematizados. O subcapítulo sobre os ditongos orais é relativamente curto e não traz nada de novo, aquele sobre a harmonia vocálica, que se lhe segue, retoma os dados do parágrafo sobre a apofonia (§16 *Ablaute*) de Ey (1921). O trecho seguinte, “Os sons em grupos”, trata da ligação das palavras, sistematizando os fenômenos segundo os sons em contato (I. C+V, II. C+C, III. V+V). Seguem-se trechos sobre a acentuação fônica, quatro pequenos textos de quatro linhas com transcrição fonética, um trecho sobre os signos ortográficos (cedilha, til, apóstrofo, hífen), um trecho sobre os acentos gráficos, outro sobre os sinais de pontuação e — uma novidade — um trecho sobre as particularidades da ortografia (usos mantidos no Brasil depois do Acordo Ortográfico de 1931) e da pronúncia brasileiras, onde menciona (1) a pronúncia menos reduzida das vogais átonas (<e> e <o> pré-tônicas: [e] em vez de [ə], [o] em vez de [u] (*pequeno*, *senhora*; *cobrar*); <-e> final de pa-

lavra (*gente*, *noite*) tendendo a [i]; (2) os ditongos <ei> e <ou> pronunciados [e] e [o], respetivamente (*brasileiro*, *brasileira; pouco*, *andou*); (3) as desinências -*cio* e -*cia* pronunciadas muitas vezes -*ço* e -*ça*: *negócio* > *negoço*, *sacrifício* > *sacrifiço*; *paciência* > *paciênça*; (4) debilitamento e queda das consoantes finais <l> e <r>: *me(l)*, *genera(l)*; *canta(r)*, *chove(r)*; (5) pronúncia popular [j̯] de <lh>: *palha* [ˈpaj̯ɐ], etc., (6) pronúncia de <s> e <z> finais de palavra como [s] (antes de pausa ou consoante surda: *seis*, *dez*; *seis peras*, *dez peras*) e [z] (antes de consoante sonora: *seis maçãs*, *dez maçãs*), em vez de [ʃ] e [ʒ], respetivamente.

Vê-se que as informações são imperfeitas e heterogêneas quanto ao nível diastrático descrito, mas mostram grande interesse pelo Brasil.

Conclusão

Espero ter mostrado como Luise Ey, pioneira dos estudos portugueses na Alemanha, conseguiu aplicar os ensinamentos de Gonçalves Viana aos fins didáticos, primeiro em um manual para principiantes, depois, com correções, melhoramentos e inclusão de mais dados, em um manual para avançados, e como parte da sua descrição entrou, inteiramente remodelada pela pena de Fritz Krüger, nas edições do livro posteriores ao seu falecimento, tornando-o uma base sólida para os discentes do português, também no ensino universitário.

Referências

EY, Luise; KORDGIEN, Gustav Carl: *Kleine portugiesische Sprachlehre* (Methode Gaspey-Otto-Sauer), korrigiert und umgearbeitet von Luise Ey. 4.ed. Heidelberg: Groos, 1908. Edições posteriores: 5.ed., 1912; 6.ed., 1916-1919; 7.ed., 1921; 8.ed., 1924; 9.ed., 1928; 10.ed., 1936.

EY, Luise. *Neue portugiesische Konversations-Grammatik*. Heidelberg: Groos, 1910. Edições posteriores: 2.ed., 1914; 3.ed., 1921; 4.ed., 1926.

KALWA, Erich. *Die portugiesischen und brasilianischen Studien in Deutschland (1900-1945)*: ein institutionsgeschichtlicher Beitrag. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2004.

KORDGIEN, Gustav Carl. *Kleine portugiesische Sprachlehre*. 3.ed. Heidelberg: Groos, 1900 [1883].

KORDGIEN, Gustav Carl. *Portugiesische Konversations-Grammatik.* 2.ed. Heidelberg: Julius Groos, 1899 [1887].

KRENN, Herwig; MENDES, M. Adélia Soares de Carvalho. *Modernes Portugiesisch*: Grammatik und Lehrbuch. Tübingen: Niemeyer, 1971.

KRÜGER, Fritz; EY, Luise. *Portugiesische Sprachlehre. Methode Gaspey-Otto-Sauer.* 11.ed. Heidelberg: Julius Groos, 1949. Edições posteriores: 12.ed.,1958; 13.ed.,1962.

KRÜGER, Fritz; EY, Luise. *Portugiesische Konversationsgrammatik.* In neuer Bearbeitung von Fritz Krüger. 5.ed. Heidelberg: Groos, 1939.

LÜDTKE, Helmut. Fonemática portuguesa. *Boletim de Filologia*, Lisboa, n.13, p.273-288, 1952; n.14, p.197-217, 1953.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Estudos de fonética portuguesa.* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.

VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves. *Portugais:* Phonétique et phonologie. Morphologie. Textes. Leipzig: Teubner, 1903. (Viëtor, Wilhelm: Skizzen lebender Sprachen, 2. Portugiesisch).

Um estudo sobre Processos de Simplificação Fonológica na aquisição do português

Elizabeth Reis Teixeira
Universidade Federal da Bahia

Introdução

Reunir informações sobre o percurso maturacional que permeia o desenvolvimento fonológico em português tem sido uma de nossas preocupações constantes. Inicialmente, nossa investigação direcionou-se à análise da ordem em que os distintos elementos contrastivos do Sistema Adulto são adquiridos por crianças falantes do português. Para tanto, através de um estudo experimental procedeu-se à Análise Contrastiva entre Sistema Adulto e Sistema Infantil, que, como bem lembra Grunwell (1987, p.78) utiliza, basicamente, o "*phoneme-by-phoneme approach*", abordagem tipicamente usada nos procedimentos dos tradicionais testes de articulação (na verdade, exames fonético-fonológicos). Os resultados desta análise foram reunidos no PDFP – Perfil do Desenvolvimento Fonológico em Português (TEIXEIRA, 1991).

O PDFP, produto final do Projeto A Aquisição da Fonologia por Falantes do Português, desenvolvido pelo PROAEP (Programa de Aquisição da Fonologia e Ensino do Português),[1] consiste em um conjunto de normas que refletem a ordem aquisicional na qual as diferentes classes de sons do sistema da língua são adquiridas. Essas normas, bem entendido, resultam dos padrões fonológicos observados na fala dos sujeitos testados,[2] e, como tais, podem ser usadas para verificar se o desenvolvimento do sistema de sons da criança está ocorrendo da forma esperada, ou se existem características atípicas ou desviantes.[3]

Assim como o PROPH – Profile of Phonology (parte do Profiling Linguistic Disability, de Crystal, 1982) e o PACS – Phonological Assessment of Child Speech, de Grunwell (1985), o PDFP teve como objetivos:

- fornecer um quadro de referência abrangente para subsidiar a análise exaustiva dos dados fonológicos em categorias que representem os contrastes estruturais disponíveis na língua;

[1] O PROAEP, na realidade, iniciou seu trabalho de pesquisa em 1985, com o nome de Projeto Aquisição da Fonologia por Falantes do Português – AFFP, momento em que se efetuou o primeiro vínculo com o CNPq, através da concessão de Auxílio Pesquisa e Bolsa Individual de Pesquisa. Em 1987, foi efetivamente institucionalizado como grupo de pesquisa, tendo a partir daí sua continuidade garantida através dos apoios recebidos do Instituto Anísio Teixeira, do FAP/FAPEX e do CNPq.

[2] O *corpus* do PROAEP é formado de amostras de fala de 216 crianças soteropolitanas seccionadas em nove grupos etários e três classes sociolinguisticamente definidas com base no nível de escolarização parental: classe A: formação universitária; classe B: formação secundária; classe C: formação primária ou inferior. Os grupos etários vão da idade de 2;1 a 5;0 (seccionados semestralmente) e de 5;1 a 8;0 (seccionados anualmente).

[3] Para maiores detalhes do processo de normatização, cf. Teixeira (1991).

- identificar o patamar linguístico atingido por um indivíduo em relação à norma esperada (i.e., o comportamento da maioria dos indivíduos em um grupo etário). No caso do PDFP, recorta-se, além do grupo etário, a classe sociolinguística.

Contudo, embora o PDFP focalize a dimensão maturacional dos sistemas investigados nas análises aí apresentadas, nos limitamos à simples constatação de que, em determinados estágios maturacionais, determinados elementos do sistema já estão ou não adquiridos, sem entrarmos na discussão das razões pelas quais os sons ou as classes de sons do sistema-alvo deixam de estar presentes nos padrões infantis estudados.

Essa dimensão qualitativa em relação ao desenvolvimento fonológico no português já mereceu nossa atenção em trabalhos anteriores, nos quais estudávamos uma amostra menor e diferenciada de sujeitos (TEIXEIRA, 1985, 1988).

Para tanto, utilizamos como quadro de referência teórico a Fonologia Natural e descrevemos os padrões infantis observados em termos da ocorrência de Processos de Simplificação Fonológica. A este respeito, como bem acrescenta Grunwell (1987, p.206),

> [...] o tema da naturalidade na construção do sistema fonológico tem-se tornado cada vez mais relevante para a análise fonológica. O conceito de naturalidade é usado para explicar a motivação da ocorrência dos padrões fonológicos. A naturalidade tem a ver com fatores fonéticos, que resultam de características fisiológicas/articulatórias e/ou psicológicas/perceptuais dos sons. Assim como na Teoria da Marcação, alguns sons são mais naturais, mais fáceis de pronunciar/perceber do que outros. O uso de sons mais naturais implica no uso de padrões mais simples de pronúncia.

É importante ressaltar que os Processos de Simplificação são, na verdade, apenas uma outra maneira de se descrever as relações sistemáticas existentes entre a pronúncia padrão e as realizações individuais. No que diz respeito à aquisição da linguagem, os processos evocam a noção de que os padrões da fala infantil são mais simples do que os padrões da fala adulta alvo, e a sua supressão acarreta um crescimento em termos de complexidade à organização dos sistemas.

Os processos (ou, de outra forma, as regras transformacionais) são, de fato, dispositivos notacionais formais para detalhar os "erros" de pronúncia da criança. Eles têm, contudo, uma importante vantagem sobre a classificação

tradicional de erros como "substituições, distorções e omissões", à medida que a presença de outros fatores (como, por exemplo, os sons adjacentes) possam ser levados em conta, i.e., sua aplicação pode estar sujeita às pressões do contexto linguístico mais imediato. Eles se tornam, assim, capazes de ressaltar o fato de que o desenvolvimento fonológico leva à expansão das possibilidades estruturais dos padrões de fala da criança e à criação e ao estabelecimento de um sistema de contrastes.

Embora os Processos Fonológicos sejam, na verdade, apenas uma forma mais abrangente e mais generalizada de análise de erros, eles fornecem um quadro teórico mais amplo do que a clássica Análise de Erros, à medida que proporcionam uma descrição sistemática das simplificações no nível sistêmico e no nível estrutural, e, quando necessário, dão conta dos fatos contextuais que influenciam determinadas realizações de pronúncia. Em consequência, resultam em descrições mais generalizadas e econômicas das diferenças entre as pronúncias adultas e as pronúncias infantis. Em ambos os casos, contudo, como bem enfatiza Grunwell (1987, p.45): "O erro de articulação [...] é visto como uma produção não padrão de um ou mais sons adultos".

A fim de corroborar os resultados obtidos em Teixeira (1985, 1988) e os constantes no Perfil do Desenvolvimento Fonológico em Português – P.D.F.P. (TEIXEIRA, 1991), classes distintas de sons que compõem o sistema fonológico do português serão aqui examinadas, tendo em vista os Processos de Simplificação Fonológica que afetam sua aquisição, em particular os mais iniciais: Assimilação, Oclusivização, Anteriorização/Posteriorização e Ensurdecimento.

Discussão dos resultados

A partir das descrições dos Processos Fonológicos mais comuns e dos padrões de desenvolvimento dos segmentos e sequências aos quais eles se aplicam, fica evidente que existe uma cronologia para a ocorrência e o desaparecimento dos processos.

A Figura 1 sintetiza o desenvolvimento fonológico em termos do desaparecimento dos Processos de Simplificação estudados, até agora, de forma sistemática, no PROAEP.

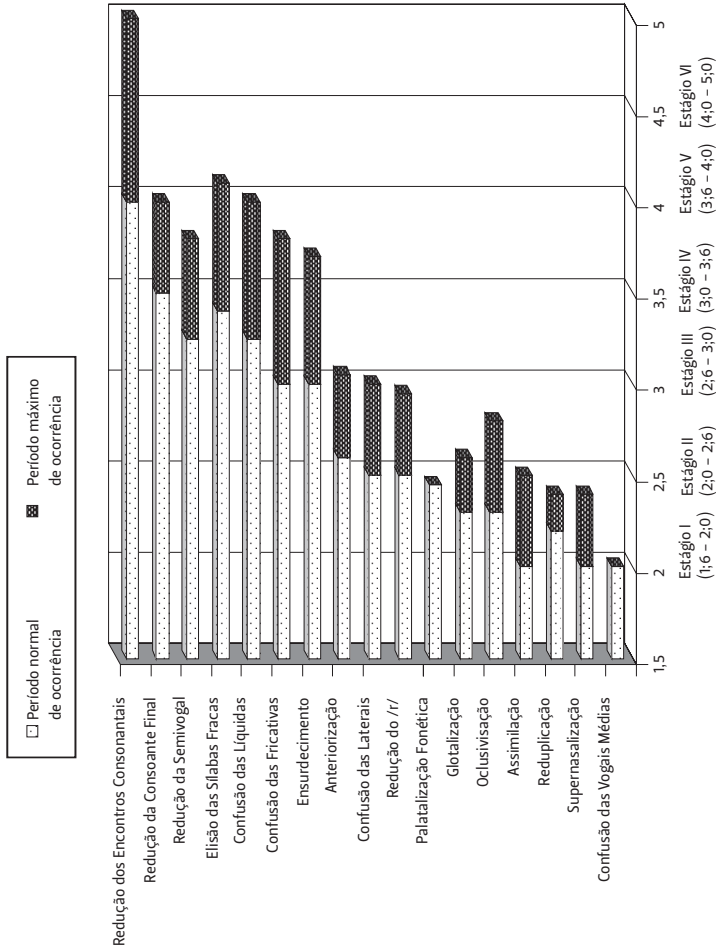



Figura 1 – Processos de Simplificação Fonológica no português

Fonte: Teixeira, 1985.

Nota: O primeiro pontilhado refere-se à idade média em que os processos foram encontrados na fala dos sujeitos; o segundo pontilhado, mais forte, refere-se às idades máximas em que os processos foram encontrados.

A idade limite em que um processo é descartado pela maioria dos sujeitos (i.e., o "ponto de corte") foi considerada como o momento em que se verifica uma maior queda em relação ao número de ocorrências, ou seja, o momento em que um determinado processo, após atingir seu **pico** em termos de ocorrência, cai, promovendo o maior intervalo (registrado entre pico e queda).

Da forma como sugerido por Grunwell (1981), a linha contínua que aparece no gráfico vai até a idade em que um dado processo parece ser descartado pela maior parte das crianças. A linha pontilhada escura indica a idade máxima até a qual a ocorrência do processo foi constatada. Neste último caso, ou se evidencia o uso do processo de forma variável na fala de um ou mais indivíduos (i.e., o processo tem aplicação esporádica) ou sua atuação é identificada em pronúncias (*ad hoc*) de determinadas palavras, como *fósforo* e *ônibus* (ambas formas proparoxítonas e sujeitas à simplificação estrutural mesmo no Sistema Adulto).

Os estágios maturacionais em que os processos são considerados descartados, da mesma forma como indicado em Teixeira (1985), devem ser interpretados com flexibilidade; i.e., o estágio em que um processo é descartado deve ser ampliado por um período de seis meses em ambas as direções, de maneira a acomodar as **diferenças individuais** no ritmo aquisicional.

Ao cruzarmos os dados dos dois trabalhos, Teixeira (1985, 1988) e Teixeira (1991), dois tipos de comparação se fazem necessários:[4]

No primeiro caso, os resultados do PROAEP confirmam — a despeito de algumas diferenças em relação às idades de desaparecimento do processo — as tendências maturacionais básicas observadas anteriormente (TEIXEIRA, 1985, 1988 e 1993), a saber:

A **Oclusivização** na classe A (única investigada anteriormente) desaparece entre 2;1 e 2;6, podendo, contudo, ser encontrada esporadicamente até 5 ou 6 (devido, exclusivamente, a pronúncias de algumas palavras proparoxítonas). Em Teixeira (1988), o desaparecimento do processo era reportado antes de 2;6, tendo, contudo, sido registrado de forma esporádica até quase 3;0.

A **Anteriorização**, que apenas em Teixeira (1985) é estudada junto com a **Posteriorização**, parece durar um estágio maturacional além do que se havia

[4] Em Teixeira (1985, 1988) apenas sujeitos da classe A (crianças cujos pais possuíam nível universitário) foram testados, enquanto em Teixeira (1991) foram testadas crianças com pais de nível secundário (classe B) e primário ou inferior (classe C).

previsto (por volta de 2;6, mas tendo sido encontrado naquele *corpus* até mais ou menos 3;1). No PROAEP, o processo desaparece entre 2;7 e 3;3, mas pode ocorrer esporadicamente até os quatro anos, uma vez que, agora, ele passa a incluir — como discutiremos abaixo — o processo anteriormente tratado como Confusão das Fricativas.

O **Ensurdecimento** mostrou ser, junto com a Anteriorização, o mais tardiamente descartado. Durava até 3;0 e remanescia até mais ou menos 3;8 ou 3;9. Porém, no *corpus* do PROAEP, sua duração vai até 3;6, podendo remanescer em menor ou maior grau até os sete anos.

A **Assimilação**, em Teixeira (1985, 1988), é considerada, junto com a Reduplicação como um processo bastante inicial, descartado até antes de dois anos, mas podendo ocorrer, de forma esporádica, até os três anos. Esses resultados, contudo, foram revisados em um estudo longitudinal (e bastante mais exaustivo) sobre a Assimilação e a Reduplicação (TEIXEIRA, 1993), em que conseguimos mostrar como o processo da Assimilação pode ser encontrado em funcionamento, de forma bastante diferenciada, até a idade de 4;11 — embora de forma já não tão produtiva como nos estágios iniciais da fala dos dois sujeitos então investigados. De qualquer forma, os dados do PROAEP, no que diz respeito à normatização, parecem confirmar estas últimas tendências maturacionais observadas: a Assimilação desaparece nas classes A e B até os 3;0, podendo remanescer esporadicamente até 4;6. Apenas na classe C é que o processo parece durar mais: vai até 3;6, podendo remanescer até os sete anos.

Ao cruzarmos os resultados obtidos no P.D.F.P. (TEIXEIRA, 1991) com os resultados que emergiram das análises posteriores dos processos sistematicamente investigados, chegamos a análises bastante coincidentes — i.e., os achados de um tipo de análise recapitulam, de certa forma, os resultados oriundos do outro (conforme se pode observar na Figura 2) e podem-se juntar os perfis das classes A e B.

A Oclusivização é descartada até 2;6, ou 3;0, ou 3;6 (pelas classes A, B e C, respectivamente), o que coincide com o momento em que os segmentos e/ou classes naturais mais afetadas pelo processo — como as fricativas labiais / f, v /, as nasais anteriores / m, n / e a lateral também anterior / l / — são adquiridos.

Estágio / Grupo etário	Consoantes iniciais	Consoantes finais		Semivogais	Encontros consonantais		Processos em operação
		P.A	P.I		P.A	P.I	
I (2;1-2;6)	**p b t d k g f v m n l**	**L**					(3) (4), (5), (6) **(7), (8)** , (9), (10), (11), (12), (13)
II (2;7-3;0)	**s z** ɲ **r**	**S**	**L**	**w**			(5), (6), **(7),** (8) (9), **(10)** (11), (12),(13)
III (3;1-3;6)	ʃ ʒ ʎ		**S**	**y**			**(6), (7),** (9) **(10)** (12), (13)
IV (3;7-4;0)	ɾ		**R**		C + **l**		(13)
V (4;1-4;6)					C + ɾ	C + **l**	(13)
VI (4;7-5;0)						C + ɾ	(13)

Figura 2 – Perfil combinado do desenvolvimento fonológico – classes A e B

Nota: (1) Reduplicação; (2) Assimilação; (3) Oclusivização; (4) Redução do /r/; (5) Confusão das Laterais; (6) Anteriorização; (7) Ensurdecimento; (8) Confusão das Fricativas; (9) Confusão das Líquidas; (10) Elisão das Sílabas Fracas; (11) Redução da Semivogal; (12) Redução da Consoante Final; (13) Redução dos Encontros Consonantais

As outras fricativas afetadas — a dentoalveolar e a palatoalveolar — , na verdade, continuam a ser afetadas não só pela Oclusivização, como veremos abaixo, mas principalmente pela Anteriorização e Posteriorização; e só emergem definitivamente no sistema a partir de 3;1 (em todas as três classes estudadas).

A estratégia mais produtiva do processo de Anteriorização é a Alveolarização de Fricativas com marca palatal. A estratégia mais produtiva da Posteriorização é a Palatalização das Fricativas Dentoalveolares.

Em Teixeira (1985, 1988), tratamos esta oscilação do traço de Ponto envolvendo as fricativas coronais como um processo separado — a Confusão das Fricativas —, cuja ação ora palatalizava os segmentos [-palatais], ora despalatalizava (em um momento aquisicional posterior) os segmentos marcados como [+palatais].

Em síntese, a este respeito, os resultados do PROAEP confirmam as tendências maturacionais anteriormente reportadas:

- a Anteriorização e a Posteriorização, na verdade, são processos, por assim dizer, complementares, vez que ambos envolvem mudança no traço de Ponto de Articulação (para direções opostas em relação ao *continuum* do trato oral);
- a Anteriorização das Fricativas — que alveolariza as fricativas palatais até 3;6 — dura até mais tarde do que a Posteriorização, através da palatalização das dentoalveolares, que é descartada até 3;0 (apenas na classe C os dois processos são descartados simultaneamente);
- de acordo com os resultados do P.D.F.P. (TEIXEIRA, 1991), de modo geral, as consoantes anteriores parecem ser adquiridas nos estágios mais iniciais, momento em que já foram descartados, para a maioria dos sujeitos testados, os processos de Oclusivização, Posteriorização e Assimilação.

O processo de Ensurdecimento, que afeta, em grande parte, as oclusivas e as fricativas, foi descartado aos 3;6 nas classes A, B e C — o que coincide, aproximadamente, com o período final para a aquisição das últimas consoantes obstruintes (i.e., as fricativas palatais).

A Assimilação, que afeta predominantemente as oclusivas e fricativas (no que diz respeito ao traço de Modo) e os segmentos alveolares e velares (no que diz respeito ao Ponto), vai durar, praticamente, o mesmo tempo que duram os processos que mais inicialmente afetam esses elementos: a Oclusivização e a Posteriorização (a não ser na classe C).

Conclusões

Através da comparação (ou cruzamento) dos resultados da análise sobre o desenvolvimento dos elementos contrastivos no sistema da língua e dos re-

sultados da análise dos padrões de simplificação que afetam classes e segmentos (ou os Processos de Simplificação Fonológica) fica evidente que o que se apresenta na Figura 2 não é apenas a idade em que cada som do Sistema Adulto passa a ser pronunciado adequadamente pelos sujeitos aprendizes, mas é o desenvolvimento do sistema de contrastes desses indivíduos. Por exemplo, como vimos acima, o quadro de consoantes obstruintes só está completamente adquirido (i.e., com todos os potenciais contrastes ocorrendo) a partir de 3;6, quando os processos de Oclusivização, Posteriorização, Anteriorização e Ensurdecimento são, finalmente, descartados.

Em resumo, foram aqui tratados todos os Processos Sistêmicos mais gerais e universais (i.e., reportados em outras línguas) que operam as mudanças mais básicas possíveis nos traços de:

- Modo: Oclusivização
- Ponto: Posteriorização e Anteriorização
- e Sonoridade: Ensurdecimento

das consoantes, que ocorrem na posição inicial na sílaba (sem falar no Processo de Assimilação, que efetiva mudanças dos três tipos de traços acima citados, decorrentes da pressão do contexto fonológico).

Por Processos Sistêmicos estamos, aqui, nos referindo àqueles processos que operam mudanças no paradigma de especificação dos traços dos elementos do sistema, também chamados de processos paradigmáticos. Existem, ainda, outros processos paradigmáticos anteriormente descritos (principalmente em Teixeira, 1985 e 1988) que consideramos bastante específicos do sistema fonológico do português:

- Redução do /r/
- Confusão das Laterais
- Confusão das Líquidas

(sem falar na Confusão das Fricativas, já descrito e tratado acima, juntamente com os processos de Anteriorização e Posteriorização).

Destes três processos remanescentes, os dois primeiros poderiam, também, ser incluídos no tratamento dado à Anteriorização — à medida que as mudanças de traço resultantes em ambos os casos implica na realização de elementos [+anteriores] —, basicamente a lateral dentoalveolar como realização tanto do “erre” (aqui tomado como uma fricativa velar) como da lateral palatal /λ/. Contudo, a Anteriorização não é o único padrão implementacional

a afetar esses elementos (principalmente o /r/) —, aspectos esses que não seriam captados, caso essa alternativa teórica fosse adotada.

Mais específico, ainda, à língua parece ser o processo de Confusão das Líquidas, através do qual o "erre" brando vai ser afetado, podendo ser anteriorizado para [l], elidido ou oclusivizado, merecendo, portanto, um tratamento exclusivo, principalmente dada a sua aquisição tão tardia.

Finalmente, é relevante ressaltar o comportamento quase exclusivo da classe C no que diz respeito ao uso desses cinco processos ora estudados: além de ser, maturacionalmente, a classe em que os elementos e/ou classes de sons são adquiridos mais tardiamente, a classe C — comparativamente às classes A e B — é aquela que carrega o número proporcionalmente maior de ocorrências de todos os processos investigados. Em outras palavras, é a classe C aquela que mais oclusiviza, anterioriza, posterioriza, ensurdece e assimila — fatos que estão de acordo com as tendências, já bem documentadas na literatura, sobre as simplificações observadas nas pronúncias de falantes usuários da variante popular (BORTONI, 1985; TEIXEIRA, 1986; HORA, 1997; PRETI, 1998; SIMÕES, 2006, entre outros).

Referências

BORTONI, Stella Maris. *The urbanization of rural dialect speakers*: a sociolinguistic study in Brazil. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CRYSTAL, D. *Profiling linguistic disability*. London: Edward Arnold, 1982.

GRUNWELL, Pamela. The development of phonology: a descriptive profile. *First Language*, Londres, v.2, n.3, p.161-191, 1981.

GRUNWELL, Pamela. *PACS (Phonological Assessment of Child Speech).* San Diego, Califórnia: College Hill Press, 1985.

GRUNWELL, P. *Clinical phonology*. 2.ed. rev. Londres: Chapman & Hall, 1987.

HORA, Dermeval da (Org.). *Diversidade linguística no Brasil.* João Pessoa: Ideia, 1997.

PRETI, Dino. *Sociolinguística*: os níveis de fala. São Paulo: EdUSP, 1998.

SIMÕES, Darcília. *Considerações sobre a fala e a escrita*: fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola, 2006.

TEIXEIRA, E. R. *The acquisition of phonology in cases of phonological disability in Portuguese-speaking subjets*. 1985. Tese (Doutorado) – University of London, Londres. Inédita.

TEIXEIRA, E. R. Reflexões sobre a relação entre Processos Fonológicos Aquisicionais e Processos Marcadores de Estigmatização Sociolinguística. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL, 1., Salvador, 1986. *Atas...* Salvador: UFBA, 1986. p.101-107.

TEIXEIRA, E. R. Processos de Simplificação Fonológica como parâmetros maturacionais em português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.14, p.53-63, 1988.

TEIXEIRA, E. R. Os Processos de Reduplicação e Assimilação na fala infantil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, n.10, p.80-96, 1993. (Também publicado em ENCONTRO NACIONAL SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM, 1., Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: CEAAL/PUC-RS, 1989. p.92-116.

TEIXEIRA, E. R. Perfil do desenvolvimento fonológico em português (P.D.F.P.). *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n.12, p.225-237, 1991.

A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza

Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal da Paraíba
Universidade Federal do Ceará

Introdução

O português falado no Ceará vem sendo analisado não só por especialistas cearenses, como, também, por pesquisadores que chegaram ao Estado com o propósito de dar continuidade a esses estudos. Tais trabalhos seguem uma longa tradição de professores e estudiosos, quer da área de Letras quer de outras áreas, todos, porém, com o objetivo dos mais proveitosos de coletar dados e informações para a análise do falar cearense no seu aspecto fonético-fonológico.

Os novos trabalhos sobre os aspectos fonético-fonológicos do falar do Ceará estão ligados não só a pesquisas de caráter mais técnico-científico e, em alguns casos, são teses de Doutorado e dissertações de Mestrado, tendo-se, revestido, por isso mesmo, de cuidados metodológicos mais apurados, que os anteriores não tiveram, sem que isso lhes tire, contudo, o valor e a importância. Entre os trabalhos atuais destacaríamos: o de Cláudia Nívea Roncarati de Souza, sobre o *Enfraquecimento das fricativas sonoras* (1988); o de José Auber Uchôa, sobre *A sinalização de limites e conexões sintagmáticas por elementos prosódicos no dialeto de Fortaleza* (1996); os de Maria Silvana Militão de Alencar, sobre *A linguagem regional popular na obra de Patativa do Assaré: aspectos fonéticos e lexicais* (1977) e *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /ɾ /* (2007); os de Aluiza Alves de Araújo, *A monotongação no falar de Fortaleza* (2000) e *As vogais pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista* (2007); o de Ana Gláucia Santiago, *A metátese da consoante vibrante / r / nos padrões vocálicos CVC e CCV(C) no português falado em Russas-Ce* (2003); o de Karine Oliveira Capistrano, *Estudo da nasalidade na cidade de Fortaleza numa perspectiva perceptual e fonética* (2004); e os de Maria do Socorro Silva de Aragão: “A despalatalização e consequente iotização no falar de Fortaleza” (1996), “O uso das proparoxítonas no falar de Fortaleza” (1997), “As palavras proparoxítonas no falar de Fortaleza” (2000a), “Aspectos fonético-fonológicos do português não padrão do Ceará: a despalatalização e iotização” (2000b), “Os estudos fonético-fonológicos no Estado do Ceará” (2000c), “Convergências fonéticas no falar da Paraíba e do Ceará” (2008).

Esses trabalhos têm *corpora* bastante homogêneos, de falantes de pouca escolaridade, de zonas urbana e rural, homens e mulheres, e de classes sociais de nível médio e baixo. Dentre os trabalhos sobre o falar cearense que tratam

dos aspectos fonético-fonológicos destacaríamos, por seu pioneirismo, os de Aguiar (1937) e de Seraine (1984).

Uma das marcas fonéticas do falar cearense é a neutralização dos fonemas / v, z, ʒ, r /, realizados sob a variante [ɦ], como nos casos de *vamos* [ˈvâmus] > [ˈɦâmus]; *tava* [ˈtava] > [ˈtaɦa]; *mesmo* [ˈmezmu] > [ˈmeɦmu]; *mais* [ˈmayz] > [ˈmayɦ]; *gente* [ˈʒêti] > [ˈɦêti]; *janela* [ʒâ ˈnɛla] > [ɦâ ˈnɛla].

Este trabalho fará uma análise desse fato no falar de Fortaleza.

Neutralização e arquifonema: considerações teóricas

A neutralização de fonemas vem sendo estudada desde a década de 30, quando a Escola de Praga, capitaneada por Nicolai Troubetzkoy, propôs que, em determinados contextos, dois fonemas podem ser neutralizados, ou seja, que a oposição entre eles desaparece, daí resultando o arquifonema.

A neutralização, segundo Xavier e Mateus ([199-], p.258) é "fenômeno que consiste na perda de distinção entre dois fonemas quando estes ocorrem em determinados contextos. Certas vogais neutralizam-se em português quando em posição átona".

A esse respeito diz Troubetzkoy (1949, p.81):

> Dans les positions où une oposition neutralisable est effectivement neutralisée, les marques spécifiques d'un des termes de l'opposition perdent leur valeur phonologique et les traits que les deux termes ont en commun (c'est-à-dire la base de comparaison de cette opposition) restent seuls pertinents. [...] par archiphonème nous entendons l'emsemble des particularités distinctives qui sont communes aux deux phonèmes.

Já para Martinet (1968, p .98):

> [...] el archifonema es el conjunto de rasgos pertinentes comunes a dos o más fonemas que son los únicos que los presentam todos. Allí donde se realiza el archifonema, se dice que hay neutralización.

Ao discutir a neutralização e o arquifonema, Mounin (1974, p.230-231) diz:

> En phonématique, la neutralisation est la partie d'une opposition distinctive dans un contexte phonique déterminé. Cette impossibilité de choix

se manifeste entre deux ou plusieurs traits communs qu'ils sont les seuls à présenter dans le système. La neutralisation va donc jouer principalement au niveau des séries e des ordres. Là où l'opposition est neutralisée apparaît une seule unité, l'archiphonème, qui coiffe en quelque sorte les deux unités neutralisées.

A neutralização ocorre sempre na intersecção de dois fonemas que se oponham por um único traço, ou seja, só nas oposições bilaterais pode ocorrer a neutralização dos dois fonemas.

Na língua portuguesa, por exemplo, os fonemas / s / e / ʃ /, que se opõem pela zona de articulação,

sapa / ˈsapa / [s] { fricativa, oral, surda, alveolar }
chapa / ˈʃapa / [ʃ] { fricativa, oral, surda, palatal }

neutralizam-se nas posições mediais: vogal + / s / + consoante, vogal + / ʃ / + consoante, resultando, em consequência, o arquifonema / S /, que é definido pelos traços pertinentes que correspondem à intersecção dos dois fonemas neutralizados, podendo realizar-se ora como [s], ora como [ʃ], sem que haja mudança de significado da palavra em que ocorre, como no seguinte esquema:

/ s / [s] [ˈbasta]
→ / S / = / ˈbaSta / *basta*
/ ʃ / [ʃ] [ˈbaʃta]

Segundo Xavier e Mateus ([199-], p.49): "O arquifonema é representado através de um símbolo próprio (por vezes utiliza-se uma letra maiúscula, como para o morfema do plural / S /, em português)".

Os *corpora* da pesquisa

O primeiro *corpus* integral dos dialetos sociais cearenses

O *corpus* do Projeto Dialetos Sociais Cearenses, por nós utilizado para este trabalho, foi obtido através de entrevistas, conversas espontâneas e interação médico-paciente. A amostra relativa às entrevistas foi organizada de acordo com a metodologia variacionista, levando-se em consideração as seguintes variáveis:

- Localidades: bairros de Fortaleza
  a) Serrinha
  b) Maracanaú
  c) Parquelândia
  d) Montese
  e) Conjunto Esperança
  f) Nova Assunção
  g) João XXIII
  h) Damas
  i) Quintino Cunha
  j) Ellery
  l) Henrique Jorge

- Sexo
  a) Masculino
  b) Feminino

- Faixa etária
  a) 10-11 anos - (início da vida escolar - séries iniciais do 1º grau)
  b) 14-15 anos - (término do 1º grau - 5ª a 8ª séries)
  c) 18-25 anos - (término do 2º grau e início da integração no mercado de trabalho)
  d) 37-43 anos - (integração no mercado de trabalho)

- Grau de instrução
  a) Analfabeto
  b) Primário
  c) Ginásio
  d) 2º grau

- Classe social
  a) Classe social B (média): tem casa própria confortável; tem carro; lê jornal, revista; tem alguma atividade intelectual; tem renda familiar acima de cinco salários mínimos.
  b) Classe social C (baixa): não tem casa própria; não tem carro; não lê jornal, revista; não tem atividade intelectual; tem renda familiar até três salários mínimos.

A amostra inicial prevista para 72 entrevistas reduziu-se, por uma série de fatores, a 18 entrevistas, das quais 13 foram transcritas na primeira fase do projeto, e cinco na segunda fase. Dessas entrevistas transcritas e que fazem parte do banco de dados publicado pela Universidade Federal do Ceará sob o título *A linguagem falada em Fortaleza: diálogos entre informantes e documentadores - materiais para estudo* (ARAGÃO; SOARES, 1996), utilizamos como amostragem para este trabalho apenas seis entrevistas, levando em conta as seguintes variáveis sociais:

a) *Sexo*

Feminino	03 informantes
Masculino	03 informantes

b) *Faixa etária*

10 a 11 anos	02 informantes
14 a 15 anos	02 informantes
18 a 25 anos	02 informantes

c) *Grau de instrução*

Primário	02 informantes
Ginasial	02 informantes
2º Grau	02 informantes

d) *Classe social*

Classe B	03 informantes
Classe C	03 informantes

O *corpus* do Projeto ALiB - Ceará

Complementando o *corpus* do Projeto Dialetos Sociais Cearenses, tomamos para comparação inquéritos experimentais do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) - Estado do Ceará, referentes à cidade de Fortaleza, utilizando itens lexicais do Questionário Fonético-Fonológico e do Questionário Semântico-Lexical (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001). Foram selecionados quatro inquéritos, cujos informantes atendiam às seguintes características:

a) *Sexo*

Feminino	02 informantes
Masculino	02 informantes

b) *Faixa etária*

18 a 30 anos 02 informantes

45 a 60 anos 02 informantes

c) *Grau de instrução*

Fundamental até a 4ª série 02 informantes

Superior 02 informantes

Neutralização dos fonemas fricativos sonoros /v, z, ʒ/ e o fonema / r / em sua variante aspirada [ɦ] no Estado do Ceará

No falar de Fortaleza, em determinados contextos, os fonemas / v, z, ʒ /, classificados como fricativos sonoros, neutralizam-se com o fonema vibrante múltiplo / r /, em sua variante aspirada [ɦ], marca da realização desse fonema na região nordestina.

Esse fenômeno já vem sendo estudado por muitos pesquisadores de diferentes regiões do país, havendo, contudo, nesses estudos, divergências quanto ao seu caráter diatópico ou diastrático.

Há, desde há muito tempo, a noção de que a realização aspirada dos fonemas / v, z, ʒ / é um caso de variante social, ligada ao nível de escolaridade dos falantes, tornando-a, de certo modo, fator de estigmatização. Autores como Silveira Bueno (1944, p.22) e Martins de Aguiar (1937, p.299) chegam a afirmar que o fato está ligado ao *nível intelectual inferior* do falante, considerando seu falar *rústico, popular e plebeu*. Diz Silveira Bueno:

> Há no Norte do Brasil todo e também no Rio de Janeiro, talvez por causa do grande número de nortistas aí residentes, um r gutural [...]. De estudos por nós feitos em vários meses de observação nos estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco e na cidade do Rio de Janeiro, notamos que, em muitas pessoas, mormente quando o nível intelectual é inferior, este r gutural já se vai transformando em pura aspiração representada pelo h ou pelo j em espanhol.

Martins de Aguiar (1937) e Florival Seraine (1984), em seus estudos de fonética e fonologia do falar do Ceará, fazem referência à neutralização ou enfraquecimento dos fonemas / v, z, ʒ /, ligando este fato não apenas a fatores

linguísticos externos, mas a fatores regionais, como marca do Estado do Ceará. Em ambos os autores temos casos como:

a) Realização do / ʒ / como [ɦ]
jumento [ʒuˈmẽtu] > [ɦuˈmẽtu]
gente [ˈʒẽ*ti*] > [ˈɦẽti]

b) Realização do / v / como [ɦ]
estava [iʃˈtava] > [iʃˈtaɦa]
vamos [ˈvâmus] > [ˈɦâmus]

c) Realização do / z / como [ɦ]
fazenda [faˈzẽda] > [faˈɦẽda]
fazer [faˈze] > [faˈɦe]

Ao concluir os estudos sobre a realização de / v, z, ʒ /, Martins de Aguiar (1937, p.299) diz: "Portanto, três consoantes portuguesas tendem a unificar-se na faucal h, na linguagem popular e infantil: o j, o v e o z".

Outros autores veem nesse caso um fato puramente fonético de articulação familiar, descuidada, relaxada, de facilidade de articulação, sem que isso venha a marcar uma variante regional ou social.

Contudo, trabalhos mais atuais têm contestado essa teoria, como o de Roncarati (1988, p.76), para o português falado em Fortaleza, quando propõe que as causas mais importantes para o enfraquecimento das consoantes fricativas sonoras e sua reificação em [ɦ] são de caráter lexical e interacional. Em suas palavras: "As evidências de nosso estudo demonstram que os fatores mais influentes no enfraquecimento das fricativas sonoras são de natureza lexical e interacional". Como fatores linguísticos mais importantes, mostra a autora que a natureza da consoante seguinte, a presença do morfema do imperfeito -*ava* e a natureza da vogal seguinte são as que mais influenciam o enfraquecimento das consoantes fricativas sonoras e sua consequente reificação na aspirada [ɦ].

O trabalho de Roncarati, feito a partir do *corpus* do Projeto Dialetos Sociais Cearenses, com informantes de faixas etárias, sexo, escolaridade e classes sociais bem delimitados, faz uma análise bem ampla e profunda do enfraquecimento dos fonemas / v, z, ʒ /.

Ao iniciar seu trabalho, a autora faz um histórico dos estudos sobre o enfraquecimento das fricativas sonoras, citando, inclusive, Aguiar e Seraine já referidos. Seu objetivo foi, entre outros, o de descobrir que contextos linguísticos e pragmáticos determinam ou facilitam o enfraquecimento e/ou o apagamento das fricativas sonoras / v, z, ʒ /, observando, também, o nível de estigmatização desses fenômenos no grupo social em que os informantes estão inseridos, servindo o teste de atitude linguística para caracterizar e classificar os informantes em termos de escolaridade e posição social.

Para compor sua amostra, a autora estabeleceu dois tipos de fatores que poderiam influenciar ou determinar o enfraquecimento e o apagamento das fricativas sonoras:

1) Fatores sociais: sexo, escolaridade, idade, classe social, procedência (urbana, rural) e estigmatização.

2) Fatores linguísticos: distância da tonicidade, qualidade vocálica, consoante seguinte, usualidade do item lexical.

Feitos os levantamentos, o *corpus* ficou assim constituído: 4.066 casos de enfraquecimento das fricativas sonoras e 508 casos de apagamento dessas fricativas. Os resultados, comprovados estatisticamente, permitiram as seguintes conclusões:

a) São fatores linguísticos para o enfraquecimento e/ou o apagamento:

(i) natureza da vogal seguinte;
(ii) natureza da consoante seguinte;
(iii) presença do morfema do imperfeito -*ava*;
(iv) distância da tonicidade.

b) São fatores sociais que favorecem o enfraquecimento e/ou o apagamento:

(i) nível de formalidade: fala mais relaxada, mais rápida e menos monitorada;
(ii) itens lexicais mais usuais;
(iii) relevância informacional e economia linguística.

O trabalho, bastante longo e completo, desenha um amplo quadro do comportamento das consoantes / v, z, ʒ / no falar do Ceará, complementando, assim, o que já havia sido feito nesse sentido por outros autores.

Dando continuidade e complementando esses estudos, analisamos o fenômeno da neutralização dos fonemas / v, z, ʒ, r / e sua realização sob a variante aspirada [ɦ] a partir de inquéritos do *corpus* experimental do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Estado do Ceará, com metodologia diferente, utilizando itens lexicais do Questionário Fonético-Fonológico e do Questionário Semântico-Lexical (COMITÊ..., 2001).

Para uma melhor compreensão do fenômeno da neutralização ou do enfraquecimento dos fonemas / v, z, ʒ /, representamos, a seguir, o processo de neutralização dos fonemas envolvidos, os arquifonemas daí resultantes e sua realização no falar de Fortaleza:

cavo / ˈkavu / > / v / { fricat., or., son., labiodent. } [v] [kaˈvalu]
➞ / R / *cavalo*
carro / ˈkaru / > / r / { fricat., or., son., alveol. } [ɦ] [kaˈɦalu]

Assim, os dois fonemas / v / e / r / neutralizam-se, e o arquifonema / R / daí resultante pode ser realizado como [v] ou como [ɦ], sem que isso determine um novo signo.

Nos outros casos ocorre o mesmo:

caso / ˈkazu] > / z / { fricat., or., son., dor.alv.} [z] [faˈzẽda]
➞ / Z / *fazenda*
carro / ˈkaru / > / r / { fricat., or., son., alv. } [ɦ] [faˈɦẽda]

gente / ˈʒẽti / > / ʒ / { fricat., or., son., palatal} [ʒ] [ʒâˈnɛla]
➞ / R / *janela*
rente / ˈrẽti / > / r / { fricat., or., son., alveolar} [ɦ] [ɦâˈnɛla]

Para nossa análise foram levados em consideração os seguintes aspectos:

a) Fatores internos à estrutura fonética da língua

Os fatores linguísticos internos que mais marcaram o fenômeno, no falar do Ceará, foram:

(i) Vogal seguinte
cavalo [kaˈvalu] > [kaˈɦalu]
presas [ˈprezas] > [ˈpreɦas]

(ii) Posição inicial de palavra
vamos [ˈvâmus] > [ˈɦâmus]
jumento [ʒuˈmẽtu] > [ɦuˈmẽtu]

(iii) Posição medial de palavra

mesmo [ˈmezmu] > [ˈmeɦmu]

inverno [ĩˈvɛɦnu] > [ĩˈɦɛɦnu]

b) Fatores diastráticos: registro culto e popular

As variáveis diastráticas analisadas foram a faixa etária, o sexo e a escolaridade, e, nos três casos, não houve uma influência considerável. O que mais marcou, do ponto de vista diastrático, foram os estilos formal/informal, tenso/distenso, monitorado/não-monitorado. Assim, tanto os jovens como os mais idosos, homens e mulheres, com pouca ou muita escolaridade neutralizam a oposição entre os fonemas / v, z, ʒ, r / e usam a variante [ɦ]. Ao compararmos, informalmente, o *corpus* utilizado em nosso trabalho a um *corpus* da norma culta, também do Ceará, percebemos que a neutralização ocorre, não apenas na linguagem popular de pessoas de pouca escolaridade, mas, também, na linguagem padrão, de pessoas de classe social alta e de grande escolaridade, o que comprovaria que esses fatores não são determinantes nem favorecem o enfraquecimento e a neutralização desses fonemas.

c) Fatores diatópicos: marca regional do fenômeno

Quanto aos fatores diatópicos, chegamos à conclusão de que essa neutralização dos fonemas / v, z, ʒ, r / é uma marca do falar não apenas do fortalezense, mas do cearense de modo geral, uma vez que ocorre em informantes de faixas etárias diferentes, de nível sociocultural e de escolaridade diferentes e de diferentes sub-regiões do Ceará.

Assim, consideramos a neutralização dos fonemas / v, z, ʒ, r / e sua realização sob a variante [ɦ] fonético-fonológica e sociodialetal, uma vez que está relacionada não apenas com a pouca escolaridade do falante, mas com o contexto situacional de informalidade de falantes mais escolarizados, sendo, portanto, uma marca diastrática ou social, muito forte em todo o Estado do Ceará, passando a ser, também, diatópica ou geográfica.

A consciência linguística do fortalezense e de todo o Estado reconhece esse fato linguístico como algo do Ceará, mesmo os não especialistas, como se pode constatar na música "A Rural", que, de modo irônico, explora esse traço de pronúncia:

Lá vem, lá vem, lá vem a Rural	[lay ˈɦẽy, lay ˈɦẽy lay ˈɦẽy a ɦuˈɾaw]
Arruma a mala aí, arruma a mala aí	[aˈɦûma ˈmalaˈi]
Arruma a mala aí	

A Rural vai arribar [a ɦuˈɾaw vay aɦiˈba]
Arruma a mala aí, arruma a mala aí
A Rural vai desabar [a ɦuˈɾaw vay diɦaˈba]
Vamos ver o mar [ˈɦâmu ˈɦe u ˈma]
Vamos é na Rural [ˈɦâmu ɛ na ɦuˈɾaw]

Concluímos, assim, que o enfraquecimento e a neutralização dos fonemas / v, z, ʒ, r / e sua realização sob a variante [ɦ] têm como fator principal a estrutura fonética interna e se constituem como marcas regionais do Estado do Ceará.

Referências

AGUIAR, Martins de. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, v.5, n.51, p.271-307, 1937.

ALENCAR, M. Silvana de. *A linguagem regional popular na obra de Patativa do Assaré*: aspectos fonéticos e lexicais. 1977. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

ALENCAR, M. Silvana de. *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /ɾ /.* 2007. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de et al. A despalatalização e consequente iotização no falar de Fortaleza. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO GELNE, 14., 1996, Natal. *Livro de resumos*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1996.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. O uso das proparoxítonas no falar de Fortaleza. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO GELNE, 15., 1997, Recife. *Livro de resumos*. Recife: UFPE, 1997. p.83.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. As palavras proparoxítonas no falar de Fortaleza. *Acta Semiotica et Lingvistica*, São Paulo, v.8., p.61-88, 2000a.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. Aspectos fonético-fonológicos do português não padrão do Ceará: a despalatalização e iotização. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHOEMBERGER, A. (Org.). *Aspectos geolinguísticos do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000b. p.159-184.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. Os estudos fonético-fonológicos no Estado do Ceará. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 15., 2000, Niterói. *Boletim Informativo ANPOLL*, Niterói, n.30, p.72-75, 2000c.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. Convergências fonéticas no falar da Paraíba e do Ceará. In: ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). *Estudos geolingüísticos e dialetais sobre o português. Brasil-Portugal.* Campo Grande: UFMS, 2008. p.181-200.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de; SOARES, Maria Elias (Org.). *A linguagem falada em Fortaleza*: diálogos entre informantes e documentadores – materiais para estudo. Fortaleza: UFC, 1996.

ARAÚJO, Aluiza A. de. *A monotongação no falar de Fortaleza.* 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

ARAÚJO, Aluiza A. de. *As vogais pretônicas no falar popular de Fortaleza*: uma abordagem variacionista. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

BUENO, Francisco da Silveira. *A formação histórica da língua portuguesa.* São Paulo: Saraiva, 1944.

CAPISTRANO, Karine O. *Estudo da nasalidade na cidade de Fortaleza numa perspectiva perceptual e fonética.* 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo.

MARTINET, A. *Elementos de lingüística general.* Madrid: Gredos, 1968.

MOUNIN, G. *Dictionnaire de la linguistique.* Paris: Presses Universitaires de France, 1974.

RONCARATI, C. N. et al. Enfraquecimento das fricativas sonoras. *Relatório final*: *Projeto Dialetos Sociais Cearenses*. Fortaleza: FINEP; FCPC; UFC, 1988.

SANTIAGO, Ana Gláucia. *A metátese da consoante vibrante / r / nos padrões vocálicos CVC e CCV(C) no português falado em Russas-Ce.* 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SERAINE, Florival. Relações entre níveis de norma na fala atual de Fortaleza. In: ______. *Linguagem e cultura*: estudos e ensaios. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

TROUBETZKOY, N. S. *Principes de phonologie*. Paris: Klinksieck, 1949.

UCHOA, J. A. *A sinalização de limites e conexões sintagmáticas por elementos prosódicos no dialeto de Fortaleza.* 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Org.) *Dicionário de termos linguísticos*. v.1. Lisboa: Cosmos, [199-].

Umas palavras de amizade

O texto que escolhi para homenagear a Professora Jacyra Mota desenvolve-se em torno de uma obra com que convivi durante largos anos e que me exigiu um trabalho filigranado de rigor e paciência. Escolhi-o porque a sua realização me ajudou a admirar o cuidado posto no estudo minucioso da língua e no interesse pela gente que a fala, apanágio de uma dialectóloga e sociolinguista com a competência de Jacyra Mota. Estou segura que ela continuará a disseminar, por muitas e alheias terras e junto dos que se interessam pela língua portuguesa, o conhecimento que adquiriu no seu convívio longo e afectuoso com os dialectos do português brasileiro.

O texto

Trabalhar durante muitos anos sobre um texto que descreve a vida e a personalidade de Júlio César provocou-me uma espécie de admiração amorosa por esse homem que era ao mesmo tempo um ditador frio e um amante apaixonado, um escritor criterioso e um manipulador de opiniões, um político astuto e um magnífico orador. Refiro-me a "Li fet des romains" a obra francesa do século XIII que foi traduzida em português durante a primeira metade do século XV com o nome de *Vida e feitos de Júlio César*. A história deste manuscrito é hoje ainda um mistério, e o seu autor, um desconhecido. Sabe-se que o manuscrito pertencia à biblioteca de um neto de D. João I, o Condestável D. Pedro, que foi rei de Aragão durante alguns anos.

A sua biblioteca foi inventariada na época da sua morte, em 1466, e a descrição de uma obra intitulada *Suetonyo de vida de Júlio César* permite identificá-la como sendo o manuscrito da *Vida e feitos de Júlio César* que hoje se encontra no Escorial e da qual publiquei uma edição crítica há mais de vinte anos (MATEUS, 1970).[1] Esse manuscrito atravessou 500 anos e trouxe até nós o conhecimento, não só dos interesses culturais da época, mas também de aspectos menos divulgados da língua portuguesa do século XV em virtude dos campos semânticos que integra e, portanto, de um vocabulário diversificado que se distribui por numerosos domínios lexicográficos.

[1] Cf. também Mateus, 1968, 1983. A segunda edição da *Vida e feitos de Júlio César* encontra-se no prelo.

A riquíssima personalidade de Júlio César — na minha opinião, uma das personagens mais notáveis de todos os tempos — levou-o a entregar-se a múltiplas actividades que foram descritas pelos biógrafos e estão presentes na obra a que me reporto. Mas neste drama outras personagens tomam parte além de César: Pompeu e a sua mulher Cornélia, Catão e a sua mulher Márcia, a bela Cleópatra, os valentes generais romanos, os intrépidos guerreiros gauleses, os conselheiros do ditador Júlio César, as mulheres que ele amou.

Uma análise lexicográfica, ainda que superficial, permite-nos descobrir conjuntos de termos que merecem uma referência especial. Alguns são importações directas do francês (como *deessa*, *varlete*, *crido* e *cridar* 'crier', *adreito* 'adroit', *lix* do francês 'lis', um engenho de guerra, *tortua* 'tortue, tartaruga'). Outros são verdadeiras invenções decorrentes de uma má interpretação do que estava escrito no manuscrito original (*tirqui* que traduz *tousique*, uma espécie de veneno; *dipse* em lugar de *aspe*, uma serpente; *bulgues* por *busfles*, búfalo). Outros termos ainda, os mais interessantes, não estão atestados nos dicionários e pode considerar-se que não sobreviveram. Tomemos como exemplo *conhocente* em lugar de 'conhecido', *cortadura* em vez de 'corte', *emburilhar* por 'embrulhar', *descerdo* em vez de 'sem cerco', *antreconhecer-se* em lugar de 'conhecer-se reciprocamente', *ducor* por 'doçura'.

Acrescente-se que certas palavras que surgem na *Vida e feitos* são referidas nos dicionários como tendo sido integradas na língua portuguesa numa época posterior ao século XV. Veja-se *arteria*, *entanguecer*, *fumigar*, *desalojar*, *dureza*, *lagrimejar*, *lica*, *minar*, *moonstro*, *multiplicador*, *nervudo*, palavras a que se atribui o século XVI como data da primeira atestação nos dicionários etimológicos.

O conhecimento profundo das duas línguas que possuía o tradutor permitiu-lhe utilizar um vocabulário específico para cada domínio semântico.

A guerra está omnipresente em dois terços da obra. Não é de estranhar, portanto, que se encontrem múltiplos seguintes termos para denominar os engenhos de guerra: *aguilhõoes*, *andaimos*, *arcos*, *artificios*, *beestas*, *bisarmas*, *brandõoes d'enxufre*, *caramanchõoes*, *cepos*, *dardos*, *engenhos*, *escalas*, *escorpiom*, *espadas*, *estacas*, *fachas*, *fogo grego*, *fortelezas*, *fouces*, *rocadoiras*, *frechas*, *fundas*, *gatas*, *lanças*, *lix*, *macos*, *moos*, *palanque*, *pedra*, *picõoes d'aceiro*, *seetas*, *torre*, *vaivem*, *viga*, *viratõoes* e porventura ainda outros. E, para descrever uma realidade inteiramente diferente, as serpentes que aterrorizaram os soldados

de Catão durante a sua travessia do deserto, encontram-se palavras conhecidas como *escorpiõoes*, *basaliscos*, *coobras*, *serpentes* e *dragõoes*, outras menos conhecidas como *jaculus*, *aspes* e *sepes* e outras simplesmente fantasiosas como *chiluidres* (chelydrus), *asibenes* (amphisbènes) ou *esmoris* (haemorrhois).

Antes de iniciar o tratamento de um assunto um pouco mais árido — algumas observações sobre o vocalismo português do século XV —, não resisto à tentação de transcrever a comovedora descrição da separação de Pompeu e da sua mulher Cornélia antes da partida do general para a batalha de Farsália. É sem dúvida um belo diálogo de amor conjugal, mas transmite, sobretudo, a tristeza do adeus, uma fugaz esperança de um futuro encontro e, ao mesmo tempo, a premonição da derrota e da morte.

> [...] E hũa noite jaziam na cama e Cornelia abraçou seu marido e quise-o beijar. E, quando ajuntou a sua face com a de seu marido, sentio que as lagrimas lhe corriam dos olhos; empero nom lhe ousou preguntar por quê. Empero bem cuidou que ele nom tiinha o coraçom aa sua vontade.
> — Boa irmãa — disse Pompeeo — o dia vem em que nos convem departir e viver alongados ataa que a batalha seja feita. E eu hei tanto tardado que Cesar me tem em pouco, e a mim parece muito quando me hei a partir de ti. E eu cuido mais ligeiramente vencer Cesar, agora que ele tem toda sua gente, que da primeira que nom tiinha mais que hũa parte. Mais o teu amor me detiinha e agora te enviarei a Mitelena, onde estês segura, e nom me rogues por ficar que assim convem que seja. Tu serás longe de mim polas aventuiras que podem viinr. Fortuna torna asinha hũu alto homem de alto a baixo, e nom convem que tu vejas meu perigoo; e, se o ouvires sem o veer, bem te podes sofrer.
> Eu vejo que tu nom me amas se te nom afastas de ouvir meu nojo. E, aalem desto, vergonha he que nós somos acerca da batalha e eu dormo cada noite com minha molher. [...]
> Quando ela ouvio estas novas ouve tam grande pesar que pasmou. E des que tornou em seu acordo, disse:
> — Oo Pompeo, eu vejo bem como esto he. Eu nom me devo queixar dos deoses nem de fortuna, ca eles nom me partem de ti; mais tu meesmo me departes e eu de ti me queixo! A morte nos devia departir; tu nos departes na vida. Ora som eu a mais desaventurada que nenhũa outra. Nom he custume que os pobres homẽes levem suas molheres em batalha; e tu me queres leixar, fazendo de ti pobre. E se nós nos partimos assi, Cesar, nosso imiigo, será muito ledo.
> Cuidas tu que eu poderei seer segura em quanto tu esteveres em perigoo? Nom praz a Deus. Nom sabes tu que nossa morte e nossa vida pende em hũu fio? Se tu has bem, eu averei bem, e assi polo contrairo.

> Cuidas tu que, se tu morreres, que eu queira mais viver? Deus me guarde. Eu te seguirei em quanto viveres e doutra guisa nom me convem viver, que ja mais nom averei prazer depois que tu morreres. [...]
> Hũa cousa te rogo, em fim: que, se fores vencido, que nom fugas pera honde eu estever, ca hi te devem buscar com razom. Eu nom queria seer cajam de teu perigoo.
> E despois que disse esto, saio da cama como molher fora de siso e disse que se hiria muito contra sua voontade; e nom quis sofrer que Pompeeo a abraçasse nem beijasse. E começarom ambos a chorar tanto que apenas podia dizer hũu ao outro: "A Deus vos acomendo". Nunca virom tam triste dia em toda sua vida como aquele. Todalas outras tristezas passadas lhe esqueecerom por aquela.
> A gente de Pompeeo a levou nos braços ataa naao, ca ela nom se podia teer. E nom lhe pesou tanto quando leixou sua terra, com medo de Cesar, por que levava consigo Pompeeo.
> Aquela noite primeira dormio soo e sentio mui grande pena, como quem o nom avia em custume. Sospirava e acordava ameude e lançava os braços cuidando a abraçar sua senhor, e achava o leito vazio. Quando lhe nembrava ficava muito triste e leixava-lhe sua parte, assi como se ela ali jouvesse, com esperança de a recobrar.
> (*Vida e feitos de Júlio César*, III, 10, § 18-20.)

As vogais

A contribuição que a *Vida e feitos de Júlio César* pode trazer para o estabelecimento do sistema vocálico da língua portuguesa no século XV deve-se à extensão da obra e à alternância da representação gráfica das vogais em diferentes ocorrências da mesma palavra, alternância que torna possíveis certas observações sobre a fonologia da língua. O objectivo da presente análise é simplesmente descritivo e não pretende reportar-se a uma teoria fonológica. Os dados foram colhidos no glossário exaustivo da obra, realizado a partir do texto editado, e cujas letras **A-S** foram publicadas no *Boletim de Filologia* (MATEUS, 1974-1988).[2] Considero conveniente introduzir aqui algumas notas relativas às normas de transcrição adoptadas na edição crítica do texto e que têm interesse para a presente análise:

- conservei as duplas grafias de todas as vogais, quer etimológicas quer não etimológicas;

[2] O terceiro volume da segunda edição da *Vida e feitos de Júlio César* (no prelo) é constituído pelo glossário agora completo.

- introduzi alguns diacríticos para marcar a sílaba acentuada, quando a palavra podia confundir-se com uma sua homógrafa, nomeadamente nas formas verbais de Futuro vs. Mais-que-Perfeito;
- mantive o til do manuscrito como indicação de nasalidade sobre duas vogais, embora graficamente apenas se sobreponha a uma delas (*romãao, hũa*); nos outros casos substitui-o por *m* ou *n* segundo as regras da ortografia actual e normalizei, segundo as mesmas regras, a utilização destas duas consoantes; em fim de palavra a nasalidade está indicada por *m* quando há um til sobre uma única vogal.[3]

As vogais átonas

A história das vogais átonas da língua portuguesa do século XV deu lugar a uma extensa bibliografia, podendo mesmo dizer-se que a discussão ainda não terminou sobretudo no que respeita a *e* e *o* tanto em posição medial como final.

Thomas Hart (1955) e Herculano de Carvalho (1962, 1984), apoiados em argumentos que tomam em conta principalmente as variedades dialectais e os crioulos de base portuguesa, afirmaram que, no fim de palavra, os fonemas /e/ e /o/ eram realizados como [i] e [u] "mais ou menos bem definidos". Herculano de Carvalho fala de uma certa oscilação entre as vogais [e, i] e as vogais [o, u], e acrescenta que esta oscilação poderia ter causas dialectais ou idiolectais.

A ortografia é um meio, entre outros, que permite o estudo da pronúncia, mesmo que se aceite a afirmação de Herculano de Carvalho sobre a preocupação do escritor (muitas vezes, copista) em seguir a sua própria doutrina (as regras da ortografia). Esta preocupação levou H. de Carvalho a considerar que as letras *e* e *o* representavam as realizações [i] e [u] átonos finais de *alface* e *ensino*, enquanto *i* e *u* serviam para representar as acentuadas [í] e [ú] de *tiro* e *fujo*.

Opinião diferente têm Révah (1959) e Naro (1971, 1973), como o faz notar Ana Maria Martins (1985). Estes autores afirmam que, no século XVI, as átonas finais seriam pronunciadas como [e] e [o]. Ainda que estes autores se apoiem sobre dados da geografia linguística e sobre descrições de gramáticos, as con-

[3] Todas as substituições efectuadas estão exemplificadas em outros pontos do manuscrito.

clusões de Révah foram contestadas por Herculano de Carvalho, e as de Naro, por Ana Maria Martins.

A alternância de grafias que se encontra em textos como a *Vida e feitos de Júlio César* podem servir como apoio para reforçar os argumentos apresentados pelos vários linguistas. Com o fim de contribuir para um novo estudo da questão, fiz um levantamento, no glossário do texto, de todas as duplas grafias que dizem respeito às vogais átonas, correspondendo às letras *e, i, o, u*. Comecemos pelas vogais finais.

Como acontece nos textos da mesma época, não há alternância entre as letras *e* / *i* precedidas de consoante e em posição final, ou seja, ou se utiliza o *e*, ou, para certas formas verbais, usa-se o *i*. Pelo contrário, com numerosas palavras terminadas em *o*, verifica-se uma alternância. Assim, encontra-se *muitus* a par de *muito*, *spiritus*, *regnus* (plural) e *terramotus*. Parece-me difícil de admitir que uma grafia com *u* final represente a vogal média [o], mesmo que se trate de uma vogal muito fechada, visto que isso permitiria atribuir excepcionalmente a este grafema um valor fonético, dado que a grafia tradicional para representar o [u] átono, mantida até ao presente, é um *o*.

Poderíamos simplesmente questionar-nos, como faz Ana Maria Martins (1985), sobre a causa da enorme preponderância das grafias *o* e *e* para as respectivas vogais átonas, nos textos portugueses desde o século XIII até aos nossos dias.

Em posição medial, entre consoantes, o texto da *Vida e feitos* apresenta também numerosas grafias duplas para as átonas *o* e *u*. Vejamos os seguintes exemplos: *emborilhar/emburilhar*, *dovidoso/duvidoso*, *bolir/bulir*, *escorpiom/escurpiom*, *comprir/cumprir*, *escoridade/escuridade*, *encoberto/encuberto*, *cobrir/cubrir* (e *cuberto*, *cubertor*, *cubertura*), *costume/custume* (e *custumado*, *custumadamente*), *descobrir/descubrir*, *fogir/fugir*, *floresta/fruesta*, *sopitaneamente/supitaneamente*, *sobitamente/subitamente*, *sogeiçom/subjeiçom*, *sobir/subir*, *sojugar/sujugar*.

Poder-se-ia deduzir desta oscilação que a pronúncia da vogal era já tão fechada que não se distinguiam os [u] etimológicos dos não etimológicos como sucede hoje em português europeu? Seria explicável assim a grafia *o* em palavras como *sospirar* ou *sosteer* em que o [u] é etimológico? Em todo o caso os dados das variedades brasileira e africana da língua portuguesa, no que diz respeito às vogais átonas não finais, tornam difícil acreditar que no século XV

o grafema *o*, nos exemplos apresentados, correspondesse a um claro [u] como no português europeu.

A oscilação entre *e* e *i* interconsonânticos é muito visível, embora não ocorra em final de palavra. Os exemplos são numerosos, e este texto apenas acrescenta alguns dados a factos que são bem conhecidos dos historiadores da língua. Eis os que inventariei numa primeira aproximação: *adevinhador/adivinhador*, *estrebeira/estribeira*, *apaceficar/apacificar*, *arteficio/artificio*, *carneceiro/carniceiro*, *celiarce/ciliarce* (magistrado), *dezer/dizer*, *fegura/figura*, *degnidade/dignidade*, *deleitoso/dileitoso*, *dereito/direito*, *derribado/dirribado*, *guarnecido/guarnicido*, *devisado/divisado* (mostrado), *edeficios/hedificios*, *especial/espicial*, *testemunho/testimunho*, *trencheira/trincheira*, *vestidura/vistidura*, *vertude/virtude*, *vever/viver*, *retenir/retinir*, *segnificança/significança*, *sesudo/sisudo*, *predestinar/predistinar*, *princepe/principe*, *preguiçoso/priguiçoso*, *pretoraira/pritoraira* (do pretor).

A análise da ocorrência de *e* / *i* em contexto de vogal merece uma outra observação: enquanto para *u* / *o* não há dupla grafia, *e* e *i*, representando a semivogal de um ditongo, alternam em *adeante/adiante*, *geolho/giolho*, *deessa/diesa*, *preetesia/preitesia* (pacto), *queexume/queixume*, *feeticeiro/feiticeiro*. Mais interessante ainda é a grafia *eei* para representar o ditongo [ei] das formas verbais da segunda pessoa do plural, como em *devieeis*, *deverieeis*, *poderieeis*, *querieeis*, *fazieeis*, *terrieeis*, *fosseeis*, a par de outras formas em que o ditongo é representado por dois *ee*: *tinhees*, *trabalhees*, *trabalharees*, *vencerees*, *veriees*. A letra *i* que toma o lugar da semivogal está em perfeita contradição com a normalização aconselhada por Fernão de Oliveira. Segundo este gramático,

> [...] em lugar de *i* pequeno serve *e* pequeno, como *memorea*, *hostea*, *necessareo*, *reverencea*, nas penúltimas das quaes partes e outras semelhantes eu nunca escreveria com *i* senão *e*, porque eu tenho que a penúltima pura ou última qualquer que se escreve com *i* sempre tem o acento da dição (OLIVEIRA, 1536 [1933, p.54]).

Conquanto este conselho se refira à sílaba final, compreende-se que Oliveira reservava o *i* para a sílaba tónica.

A propósito da segunda pessoa do plural, deve notar-se ainda que, se Williams (1938 [1961]) encontrou umas vinte formas com *d* intervocálico num texto do início do século XV, apesar da sua convicção de que a consoante já

não seria pronunciada nessa época, na *Vida e feitos de Júlio César* este *d* desapareceu completamente nas formas verbais. Mas se os ditongos que resultam da sequência de duas vogais etimológicas deixam o seu rasto na ortografia, a ditongação que destrói o hiato provocado pela queda de uma consoante entre duas vogais não se encontra ainda marcada graficamente. É o que sucede em *aldea*, *area*, *avea*, *cadea*, *feamente*, *correa*.

A alternância entre *e* / *o* em que o *o* substitui o *e* etimológico em palavras como *dozoito* (em vez de *dezoito*) é claramente uma assimilação provocada pelo facto de a sílaba que contém o *e* preceder (ou seguir) uma outra com um *o*. Este é o caso de *empeçoentado*/*empoçoentado*, *conhecer*/*conhocer*, *conhecimento*/*conhocimento*, *sepultura*/*sopultura*, *preposito*/*proposito*, *perfundo*/*profundo*.

Uma última nota relativa à regularização das categorias gramaticais que está em curso durante o século XV: certas palavras masculinas terminadas em *e* têm uma grafia alternante com *o*, o que, creio, é um caso raro nos textos contemporâneos. Veja-se as seguintes formas: *combate*/*combato*, *debate*/*debato*, *ediles*/*edilos*, *talente*/*talento*, *patrice*/*patricio*.

As vogais nasais

No que respeita às nasais, a alternância gráfica entre *am* e *om* em sílaba final, acentuada ou átona, encontra-se ao longo de todo o texto e incide quer sobre as formas nominais, quer sobre as formas verbais — à excepção das terceiras pessoas do plural do Presente e do Imperfeito do Indicativo que terminam sempre por *am*. Eis alguns exemplos: *cajam*/*cajom*, *caramancham*/*caramanchom*, *centuriam*/*centuriom*, *tendilham*/*tendilhom*, *senam*/*senom*, *dom*/*dam*, *dragom*/*dragam*, *entom*/*entam*, e também *salvaçom*, *solorgiam*, *padrom*, *procissom*, *pendom*, *pregom*, *perdom*, *aguilhom*, *alçapam*, *coraçom*, *perderom* (Pretérito Perfeito e Mais-que-Perfeito)/*perderom* (Futuro), *morreram*, *partiram*, *poderam*.

A par destas formas, existem outras em que o ditongo nasal é marcado pelo til. Trata-se, no entanto, exclusivamente de sílabas acentuadas em que a vogal é representada por um duplo grafema seguido por outro grafema vocálico que pode ser interpretado como a semivogal, tanto mais que se considera que a formação destes ditongos ocorreu durante o século XIV e no início do século XV. A alternância entre *ãao* e *õoe* é visível como em muitos textos da época: *anciãao*, *degrãao*, *pagãao*, *vãao*, *verãao*, *vilãao*, *sãao*, *serãao*, *sezãao*,

vermilhidõoe, *servidõoe*, *regidõoe* (rigidez), *veaçõoes* (actividades de caça), *torvõoes*, *picõoes*, *peõoes*.

Conclusão

Não existem sobre estes assuntos conclusões definitivas. O que pode fazer-se — o que tentei fazer — é acrescentar alguns dados a partir da escrita para reforçar os argumentos dos autores que se dedicaram a tratar a forma como se falava no tempo em que ainda não existiam gravadores que registassem a fala, e tudo passava através do texto escrito. Quero também render a minha homenagem a esses longínquos copistas que nos transmitiram, a seu modo, a constante dialéctica entre variação e normalização que é algo que se encontra no coração de todas as línguas vivas.

Referências

CARVALHO, J. Herculano de. Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas *e* e *o* em sílaba átona. *Revista Portuguesa de Filologia*, v.12, p.17-39, 1962. (Reeditado em *Estudos Linguísticos*. 2.ed. Coimbra: Coimbra, 1984. p.77-103).

HART JR., Thomas. Notes on sixteenth-century Portuguese pronunciation. *Word*, v.11, n.3, p.404-415, 1955.

MARTINS, Ana Maria. *Elementos para um comentário lingüístico do Testamento de D. Afonso II (1214)*. Lisboa: Faculdade de Letras, 1985. Não publicado.

MATEUS, Maria Helena Mira. La traduction portugaise inédite de Li Fet des Romains. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA ROMÁNICAS, 11., 1965, Madrid. *Actas...* Madrid: Revista de Filología Española, 1968. v.2, p.765-775.

MATEUS, Maria Helena Mira. *Vida e feitos de Júlio César*. Edição crítica da tradução portuguesa quatrocentista de "Li fet des romains". Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. (segunda edição no prelo).

MATEUS, Maria Helena Mira. Uma fonte francesa da cultura portuguesa no século XV. In: COLÓQUIO RAPPORTS CULTURELS ET LITTÉRAIRES ENTRE LE PORTUGAL ET LA FRANCE, 1982, Paris. *Actes*... Paris: Fondation Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais, 1983. p.59-65.

MATEUS, M. H. Mira. Glossário da *Vida e feitos de Júlio César* (Letras A a S). *Boletim de Filologia*, v.23-32, 1974-1988.

NARO, A. On the history of *e* and *o* in Portuguese: a study in linguistic drift. *Language*, Nova Iorque, v.47, p.615-645, 1971.

NARO, A. A história do *e* e do *o* em português - um estudo de deriva linguística. Tradução por L. Campos & K. Santos. In: ______. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973. p.9-51.

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramatica da lingoagem portuguesa.* Lisboa. 3.ed. por R. de Sá Nogueira. Lisboa: José Fernandes Júnior, 1933 [1536].

RÉVAH, I. S. Comment et jusqu'à quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des parlers portugais des XVIe.-XVIIe. siècles? COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, 3. *Actas*... Lisboa, 1959. v.1, p.261-272.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português*: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Tradução por A. Houaiss. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1961 [1938]. Tradução de *From Latin to Portuguese*: historical phonology and morphology of the Portuguese language.

"*Ami i jidiu di kaneta.*"
Félix Sigá,
trovador guineense do quotidiano*

Moema Parente Augel
Universidade de Bielefeld

* Este capítulo baseia-se em meus dois livros sobre a literatura guineense, *A nova literatura da Guiné-Bissau* (AUGEL, 1998) e *O desafio do escombro* (AUGEL, 2007).

Sou trovador de caneta
escultor de palavras
cinzelador do papel.

Os pensadores africanos são unânimes em concordar que um tema fundamental das tradições filosóficas da África negra baseia-se na ideia de que a identidade do indivíduo nunca pode ser separada de seu contexto sociocultural. Em lugar do cartesiano "penso, logo existo", nas tradições africanas predomina a ideia de que "eu sou porque nós somos; e é porque somos, que eu sou", como se expressou John S. Mbiti (1989) em seu livro sobre filosofia e religiões africanas.

Como o trovador, o *griot* ou o *jidiu* da cultura mandinga da África Ocidental, o poeta considera-se revestido da obrigação de preservar a memória cultural de seu povo.[1] Recontando sem peias a história, emprestando sua verve aos silenciados, ressuscitando as lembranças, recuperando, pela palavra ou pelo canto, as tradições encrustadas nos mitos e na memória popular, o poeta torna-se o porta-voz das pulsões de sua sociedade. É o *jidiu di kaneta*, o "trovador de caneta", como ironicamente se autonomeou Félix Sigá (*ami i jidiu di kaneta*), em um poema acutilante na língua guineense: Félix anuncia com orgulho ser um trovador, um poeta ou jogral que, "cheio de confiança no uso da razão", dispensa proteções ou camaradagens, diz o que acha conveniente sem lançar mão de nenhum escudo ou proteção; um trovador diferente dos demais, sem um instrumento musical para dedilhar seus versos, utilizando, em vez disso, o papel e a caneta, talvez o computador, esmerando-se em escolher as palavras adequadas, incomode ou não. Esse poeta-trovador (*jidiu*) é um "cinzelador de palavras, escultor do papel" que, destemido e intransigente, não se deixa corromper nem influenciar, fazendo do uso da palavra sua verdadeira missão, doa a quem doer, "e o resto que se dane". Refiro-me aqui

[1] A tradição oral mandinga conhece peças literárias, poemas épicos, que tratam de fatos históricos relativos aos guerreiros e chefes grupais, longos textos heroicizantes sobre a ética guerreira e os feitos da realeza, e que constituem um verdadeiro espelho da sociedade local. Os *djidius* ou *jidius*, como são chamados na Guiné-Bissau, isto é, os bardos ou trovadores, cantadores populares, celebram os atos heroicos dos grandes chefes mandingas e seus guerreiros, cantando os feitos das antigas gerações, mas também não se furtam a exercer críticas ou a satirizar o que não lhes agrada, acompanhados ao som do *korá,* instrumento em geral de 21 cordas, típico da África Ocidental, utilizado nas regiões onde se espalham os agrupamentos das etnias muçulmanas da família mandinga. Hoje, constituem uma presença frequente em todo tipo de celebração, seja casamento, batizado ou enterro, aniversário ou festa religiosa. Os *djidius*, tal como os repentistas das feiras e mercados nordestinos brasileiros, improvisam loas de boas-vindas, de agradecimento e de saudação para os anfitriões e sua família, seus convidados e mesmo para turistas, em restaurantes ou praças públicas.

a um poema de 26 versos, datado de 1991, com o título "Dimas"[2] publicado na antologia *Kebur. Barkafon di poesia na kriol*, em 1996, a primeira (e até o momento a única) obra conjunta no crioulo guineense, e do qual transcrevo a primeira e a última estrofes:

Dimas	Sim! É isso aí!
1. Fiansadu na roson	Confiado na razão
2. ami i jidiu	sou um trovador
3. sin tajadera	sem escudo ou proteção
[...]	
4. Jidiu di kaneta	sou trovador de caneta
5. Foladur di palabra	escultor de palavras / que esculpe as palavras
6. lañadur di karta	cinzelador do papel / um escritor como deve ser
7. ami i jidiu	sou trovador
8. n ka kumpra	não negociei / nada comprei
9. n ka roga	proteção não pedi
10. n ka pista	nada tomei emprestado
11. ka ten pantadura	de nada tenho medo / nada me assusta
12. ka ten kamaradia	não tenho amizades
13. pa m'pacan	que me detenham
14. Furat ku jitu	desenrasco-me com jeito
16. koños ku jitu	safo-me à minha moda
17. tras di roson	perseguindo meus ideais / minha razão

(*Kebur*, 1996, p.141).

O autor desse original poema, António Félix Sigá, nasceu a 16 de maio de 1954, em Bissorã, Guiné-Bissau. Foi o primeiro responsável pela Juventude Africana Amílcar Cabral (JAAC) na sua região natal (de 1975 a 1977) e na mesma época formou o conjunto musical de nome Tchon Tchomá. Exerceu desde então diferentes cargos dentro dos quadros do Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e do governo guineense, no campo da cultura, representando o país em vários eventos internacionais. Esteve presente nas duas últimas das quatro coletâneas poéticas nacionais de pós-independência,

[2] Eis um bom exemplo da riqueza da língua guineense. Muitos dos empréstimos do português adquiriram independência e tomaram novos significados nessa língua. O sintagma crioulo dimas (com a tônica na última sílaba), no contexto do poema, não significa 'demais', 'algo excessivo'. Trata-se aqui de uma interjeição que exprime afirmação ou confirmação de um ato ou de um fato, segundo o Dicionário do guineense (SCANTAMBURLO, 2002). Para traduzi-lo em português, é necessário lançar mão de uma perífrase: 'Sim! É isso aí!'. Agradeço a Odete Semedo a ajuda prestada para a compreensão e tradução do poema.

com oito poemas ao todo.[3] Além de escritor, é músico e compositor. Foi realizador e coprodutor de programas radiofônicos, tendo sido membro do conselho redatorial do jornal *Expresso Bissau* e repórter da televisão guineense. Participou na criação do Grupo de Expressão Cultural (GREC), um pequeno movimento que reuniu em Bissau um punhado de intelectuais guineenses e estrangeiros que publicou, na década de noventa, o periódico *Tcholona. Revista de Letras, Arte e Cultura.* Atualmente, é gestor de uma organização não governamental dedicada à medicina tradicional. Seu livro individual, *Arqueólogo da calçada* (SIGÁ, 1996),[4] foi editado pelo INEP, sigla pela qual é conhecido o importante Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, com sede em Bissau.

Félix Sigá tem ainda dois livros completamente prontos, aguardando uma possibilidade de publicação: *Homem, terra e mar falante*, evocação lírica das Ilhas Bijagós, de grande força telúrica, e *Semente entre pedras*, 88 poemas escolhidos dentre sua produção dos anos 1991 a 1993. Os poemas até agora publicados não dão uma verdadeira imagem da versatilidade nem do grande talento do poeta, cuja obra inédita é imensa, na sua grande maioria ainda fora do alcance do público; são de temática múltipla, escritos quase sempre em português, mas fazendo largo uso da língua guineense ou crioulo.[5]

Especulando o próprio eu

Embora no discurso literário guineense as especulações em torno do próprio eu, do destino individual, não sejam muito correntes, de muitos poemas de Félix Sigá emerge a insatisfação do sujeito poético, aprisionado interiormente em angústias existenciais. Entre os poetas guineenses, é aquele cujos textos mais ressaltam a amargura, o desamparo, frutos de conflitos identitários não resolvidos, levando-o a não acreditar em nada, indagando, desolado e cético:

3 *Antologia poética da Guiné-Bissau* (1990) e *O eco do pranto* (1992).

4 As citações dos poemas de Félix Sigá, salvo outra indicação, serão dessa edição. Sobre Félix Sigá, cf. AUGEL, 1998, p.281-297; AUGEL, 2007, sobretudo p.241-247.

5 Concordo com Luigi Scantamburlo quando argumenta, na introdução do seu *Dicionário guineense-português*, que "[...] a escolha do nome **Guineense** para designar a língua crioula da Guiné-Bissau, termo já utilizado por Marcelino Marques de Barros em 1897, ajudará a respeitar melhor o estatuto desta língua, verdadeiramente nacional, veicular e interétnica, e a evitar a conotação depreciativa que o termo crioulo tem ainda no país e no mundo" (SCANTAMBURLO, 2002, p.6). Empregarei aqui indiscriminadamente os dois termos.

Onde depositar credível
Tanto encanto obstruído?
Nem na crença íntima
Nem na voz rompante [...]
Nem nos direitos [...]
Nem nos sonhos
Que o direito me tolheu ("Contas guardadas", p.87).

Está-se diante do espelho do sujeito dividido, tal como se pode também verificar nos versos de *Entre o ser e o amar* (1996), de Odete Semedo, escritora também guineense. Entretanto, muito embora com a "mente em turbilhão / ventre em revolta" ("Noite derradeira", p.81), Sigá consegue, como a poetisa sua contemporânea, evadir-se através da palavra poética.

Os percalços da sua trajetória não lhe permitiram uma formação mais sistematizada, sendo um autodidata. Para um indivíduo independente e exigente, nem sempre tem sido fácil impor-se e fazer-se reconhecido em Bissau. As oportunidades de trabalho são poucas, as perspectivas profissionais problemáticas, a frustração está como que pré-programada. Daí, talvez, a desolação e o sentimento de abandono e profunda solidão ("sem perseguição aparente / escondi-me dos amigos // Por culpas e desculpas / martirizo-me sem cessar") ("Foragido", p.49), ao lado da causticidade refletida na aspereza de certos enunciados, o jeito abrupto e até rancoroso de expressar-se, os solavancos e as síncopes na enunciação, a procura de um vocabulário contundente e às vezes mesmo desconcertante que vai transmitir sem véus o estado de insatisfação do poeta, insatisfação com o mundo e consigo mesmo. Mas, no entanto (ou talvez justamente por isso), não perde a garra de lutar e de buscar seu lugar, numa vitalidade que está em coerência com o que o eu poético afirma, denotando com muita ênfase esse empenho: "rasgando a pele da terra / um rasto de carne [...] / escreve nas minhas artérias / uma vontade exaltante de viver" (*Antologia poética da Guiné-Bissau*, 1990, p.236).

O poeta tem consciência de que sua visão dos fatos e das gentes não agrada a todos, talvez cause mesmo indignação ou fastio. Seus versos evidenciam um constante questionamento, um debater-se em definir seu estar-no-mundo, mas também seu modo de ser. Em "Confissão aliciante", escancara seu avesso, numa visão de si mesmo profundamente negativa e até destrutiva:

Sou um facto escandaloso
que desafia os porquês
de um mundo desejado
[...] Sou sucata
de um destroço falhado
[...] levo enxadas
à ferrugem
[...] Sou a palavra mal pronunciada
[...] Sou a foz humana
de mil cascatas furiosas (p.21-22).

Sigá chega, no conflito consigo mesmo, até a querer rejeitar princípios básicos e universais, geralmente incontestados, por não mais acreditar neles: "Gostaria de odiar / consciente / a paz e a felicidade — sempre palavras" ("Natal querido", inédito). Sem querer fazer concessões, "estremece" por causa do "fedor da metamorfose", cansado de presenciar inverdades e falsidades, injustiças e promessas vãs, declarando que "farto / farto / farto ando" ("As favas da crença", inédito).

A literatura pode ajudar ou mesmo constituir-se instrumento para a superação de conflitos de identidade, como reação ou até como sublimação das tensões. A relevância da experiência estética literária como recurso catártico é sempre de novo constatada. Sentindo-se incompreendido e isolado, o eu poético procura entender a razão de ser "um pássaro gigante" que, embora, ao mesmo tempo, "destemido temido", não consegue alçar voo, estando "só a andar / sem asas / em tempos de mudança" ("O pássaro operário e o caçador de dotes", p.75-76). Todo o texto desse poema destila um clima de desencanto e acidez, numa composição ríspida e sincopada, em que as anáforas e as simetrias desempenham um papel tão importante quanto as assonâncias e os oxímoros:

Estou
estou perdido na ânsia
que a impaciência
me vem criando.

Perdido
perdido assim
como estou
lúcido na loucura tenebrosa
do ódio desta inveja

que olhos
em mim cravados
semearam-lhe no interior

O poeta desabafa seu pessimismo ("Quanto grito sorvido pelo silêncio / Tanto amargor"), mostrando uma completa inadaptação e solidão interior: "Não cabe — nem no ar — a minha casa" ("Contas guardadas", p.87). Mas os desapontamentos e frustrações não lhe tolhem a força de continuar nadando contra a corrente, numa teimosa e orgulhosa decisão de não se dobrar aos infortúnios. Conservando o corpo "ainda assim vertical", como declara no mesmo poema, prossegue, obstinado, como num desafio, à procura de mudanças, embora chegue à sóbria conclusão de que essa altivez ou orgulho não bastam, mas "foi tudo quanto tive".

Tal postura altiva e obstinada também se encontra em muitos de seus poemas inéditos da década de noventa: "Pobre sou / Mas não desfaleço", e, intuindo que seus brados de alerta e de protesto não caem em terreno fértil, dá ele mesmo a explicação: "Por nunca me cansar / Sou semente entre pedras".[6]

Félix Sigá perscruta os labirintos psíquicos de sua personalidade. Em seus versos, são sobretudo elementos externos e perturbadores, provenientes da realidade social envolvente, que parecem levá-lo quase ao desvario e pôr em questão a própria identidade. São metáforas que expressam bloqueios, limites, solidão. O autor sente-se isolado, aprisionado em dúvidas e em dilacerante pessimismo. A integridade da pessoa humana, material, psíquica e moral, assim como sua liberdade, física ou de pensamento, são algo de sagrado e intocável para ele. Se os regimes políticos perverteram, muitas vezes de modo superlativo, esses bens inalienáveis, as malhas emocionais enredam igualmente o indivíduo. E as cadeias do aprisionamento subjetivo são também cadeias. A prisão é imagem de degradação e de perda, em todos os níveis; de limitação, de repulsa, de abuso do poder e de impotência. A prisão é metáfora, tropo e topos, revelando uma comunicação interditada, dilacerada, de dupla incidência, que leva concretamente ao cerceamento da possibilidade de movimentação, de saída ou entrada, e também à separação, à marginalização social, ao isolamento psicológico. E assim se sente o eu poético, entre grades, acorrentado: "Era o cárcere / a última página / deste episódio / alucinante e necessário / do velho drama". As imagens

[6] Extraído do poema inédito "Semente entre pedras", título também do mencionado livro que Sigá tem pronto há mais de uma década.

evocam limites e solidão, em metáforas que negam a dádiva de uma vivência compartilhada. Impossível separar o sentimento subjetivo de abandono e impotência daquele causado pela desilusão coletiva em razão do fracasso dos ideais do passado. Não é difícil detectar o alcance político do poema, datado de 1992 (o momento histórico por que passava a Guiné-Bissau era de grandes tensões, perseguições políticas e arbitrariedades), quando conclui: "Era o cárcere / o fedor cessante / da transição obrigatória / era era sim era assim / o porto do poder" ("Transposição", p.48).

Há outros estados alienatórios que se assemelham psicologicamente ao emparedamento de uma prisão, e o reflexo do drama interior do indivíduo que se sente manietado moralmente pode-se ver refletido em "Foragido", um dos textos mais bem sucedidos da coleção, também de 1992. O poema, estruturado a partir de uma justaposição de conceitos, através de antíteses, oxímoros e inversões, espelha a perplexidade e o desacerto interior do sujeito poético. A vida é como o "prolongamento do presídio", em que ele vagueia, à procura da união dos opostos. Através de oposições semânticas e antíteses vigorosas, o sujeito poético oscila e cambaleia, sente-se moralmente manietado, escondendo-se, sem perseguição aparente, dos próprios amigos. Num grito de desespero, clama sua dificuldade de estar no mundo:

> No prolongamento
> do presídio
> vagueei pelas transversais
> procurando a liberdade
>
> Ávido insaciável
> talvez atrás de motivos
> desvairado incompreensível
> na senda do meu norte
>
> [...] De presidiário liberto
> a fugitivo livre
> por dívidas alheias
> refugiei-me solto
>
> [...] Por culpas e desculpas
> martirizo-me sem cessar
> mal caibo nos pátios
> aah, não sei mais a liberdade (p.49).

Os sintagmas "fugitivo livre" e "mal caibo" apontam para uma dinâmica do pensamento que envolve a passagem da passividade da frustração ou da resignação para a vontade de lutar e de superar tanto o derrotismo como a impotência em entender o momento presente. O poeta anseia livrar-se desse aprisionamento interior, da insegurança emocional que fustiga a racionalidade, e vencer os antagonismos que estão no mais profundo de si mesmo. Daí suas dissonâncias e a impaciente indignação. As causas da amargura e das oscilações de humor de Félix Sigá vêm sobretudo do exterior, de sua "ira santa" em relação aos representantes do poder e à má governança. Não só no tempo colonial havia opróbrio, prisões, perseguição e cerceamento de liberdade. Agora, no período de consolidação da nova república, o olhar exigente do intelectual se volta criticamente contra a corrupção de certos dirigentes e da burguesia, o concerto dos detentores do poder, o neocolonialismo em franca ascendência, e busca, "desvairado", embora ainda com certa timidez, uma possibilidade de reorientação ("na senda do meu norte").

É possível admitir-se, com Satya Mohanty, que se está diante de um sujeito impelido a procurar definir para si os vínculos de pertinência que o situem no mundo e o levem a elaborar processos identitários coerentes, constituindo as identidades posicionamentos a partir dos quais os indivíduos interpretam suas vivências e o mundo ao seu redor, aprendendo a definir e a reformular seus valores e alianças (MOHANTY, 1993, p.55). Pode-se observar que Sigá, nas suas perquirições, enleia-se em contradições, frutos das oscilações de seu estado de espírito: "sou pássaro andante / a construir tudo [...] sem asas / em tempo de mudança" ("O pássaro operário e o caçador de dotes", p.76); as ambiguidades do texto traduzem a busca de autodefinição, a procura do seu território próprio, mas também de redefinição de seu mundo de perdidas ilusões: "Marco passos / na incerteza / das coisas / certas" ("Compasso", p.93). Sempre de novo o poeta entrelaça, lançando mão de antinomias extremadas, sentimentos subjetivos e pessoais com um participante amargor face aos reveses por que passa a sociedade guineense. Com olhos "cegos de tanto ver", lança um convite consternado: "Chora comigo / a moleza dos braços e dos espíritos" ("Chora comigo", p.36). Às vezes, decepcionado com essa fraqueza de caráter e essa "moleza" tanto da parte da iniciativa privada como da parte do poder político, inconformado com o clima de corrupção, inoperosidade e arbitrariedade reinantes, considera-se "perdido", vendo "A vida / feita de sal e

limão // A felicidade / feita espuma // O destino / feito sonhos" ("Teimosia", p.90).

Mas o poeta vivencia também momentos de mais otimismo, por exemplo, quando o nascimento de um filho lhe devolve a esperança, e então confidencia: "trago na pele / a vida e o sol" ("Síntese", p.91) e "no breu absoluto / um lençol de luz súbito / transmuda-me" ("Clênyo, Filho", p.70).

No âmago de cada indivíduo existem contradições que não cabem num espaço identitário coerente. Movido ora por pulsões subjetivas, ora por revoltas ou emoções coletivas, o sujeito assume reiteradamente identidades diferentes em diferentes momentos, afirma Stuart Hall (e não só ele), e que não são unificadas ao redor de um "eu" consolidado, antes são móveis e cambiantes, continuamente deslocadas (HALL, 2000, p.13). Mas não queria chegar ao ponto de etiquetar as dúvidas e ambivalências de Félix Sigá como características da pós-modernidade, quando se tornou bastante generalizada a tão decantada "crise de identidade" que, ainda segundo Stuart Hall, deve ser vista como parte de um processo mais amplo de mudança, mudança essa que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (p.7). Nem as identidades culturais nem as identidades individuais são, hoje em dia, rígidas ou imutáveis, lembra Boaventura de Sousa Santos: elas "escondem negociações de sentido, jogos de polissemia" (SANTOS, 1999, p.135). O "eu individual" e o "nós coletivo" não se excluem, muito pelo contrário, entrelaçam-se, e esse entrelaçamento não pode ser vivenciado sem tensões.

Muitos dos textos que parecem tão pessimistas e desiludidos escondem um certo otimismo, uma esperança que, pelo menos através da denúncia e da exposição das mazelas da sociedade, estejam contribuindo para uma mudança, uma reforma das normas vigentes e, assim, para uma melhoria das condições do país e da população. Esse impulso tão vitalizante vai ser, entretanto, enfraquecido e freado pela constatação dos tênues resultados obtidos, pela decepção ante o autocentrismo e as ações em proveito próprio das forças hegemônicas.

Trovador do quotidiano

"Cantor da quietude e da amargura", como a voz poética se autodenomina, Félix Sigá também é sensível tanto ao "bulício" dos ambientes urbanos quanto ao bucolismo da vida rural e, em poemas de cunho social e ocasionalmente mesmo em um tom de reportagem jornalística, com verve e muita propriedade, quase sempre com ternura, oferece aos leitores *flashes*, instantâneos do quotidiano, que fazem adivinhar o jornalista sob a capa do poeta.

Coerente com o título do seu livro, o autor empreende uma "arqueologia" da vida urbana. Ele vai buscar inspiração na população plurifacetada da cidade de Bissau e esboça com traços seguros pinceladas do dia a dia guineense. Refere-se, em versos saborosos, às *bideiras* (vendedoras ambulantes) dos mercados da cidade ou das feiras à beira das estradas, seu olhar atento ora caindo sobre uma anciã carregando um pesado fardo, ora sobre "velhas e crianças / todas mulheres — todas bideiras", como a vendedora de comida que já não quer seguir os antigos costumes que obrigavam a mulher ao recato e à discrição; ora ainda sobre as empregadas domésticas "que também gozam férias", ou a prostituta, de nome Mary de "lábios pinta-pintados" ou qualquer outra figura popular. Mas também os rapazes bem vestidos e atentos à moda, o boêmio sempre bêbado e sonhador, "os militares que dançam fardados a sua civilidade", o mendigo "torpe, sudoroso, perseverante, arqueólogo da calçada" e mesmo os "emigrantes desalojados, emigrados da África-mãe" são alvos da sua observação e do seu realismo, da sua ironia e seu sarcasmo, da sua simpatia participativa.

As muitas representações femininas de Félix Sigá estão em adequação com a imagem de uma sociedade em franco processo de mudança e de modernização, apresentando rupturas dos esquemas conhecidos segundo os padrões culturais tradicionais.

Cenas da vida quotidiana, onde os choques entre o tradicional e o moderno são inevitáveis numa sociedade em transição, como é o caso atualmente na Guiné-Bissau, são saborosamente interpretadas por Félix Sigá. Como exemplo, no poema "Passa ku mon", muito sugestivo e bem sucedido, em que essa "transição" também se mostra formalmente na interferência do crioulo no texto português: o título é uma expressão típica da língua guineense, podendo ser traduzida por 'já passou da conta, isso é demais'.

Em toda a África, chama a atenção a presença das vendedoras do sexo feminino, nas estradas, nas ruas ou nos mercados, isoladas ou em grupos, uma das forças motrizes da economia do país. Félix Sigá faz sobressair esse tipo humano em mais de um poema, traindo sua simpatia e sua participação divertida, bem humorada e cordial. As *bideiras*, que vendem na rua seus produtos alimentícios, *mancara* (amendoim), cuscuz e *kanfurbat* (caldo picante de peixe, de porco ou galinha), no afã de levar para casa o dinheiro com o qual alimentam o marido e a família, têm necessariamente que esperar pelos fregueses durante todo o dia, quedando-se na rua "até *na fuska-fuska*", isto é, até o anoitecer. Elas dizem que vão ou foram vender seus produtos ("falam que foram *kulkar*"*)*, mas, na opinião de certos homens, só querem rir e fazer chistes e nem ao menos se vestem com recato como manda a tradição ("sem panos no vestido / nem de baixo nem de cima"). Não obedecem nem mesmo à divisão tradicional das tarefas destinadas a cada gênero: o trabalho da mulher consiste em cozinhar, lavar, cuidar dos filhos, enquanto o espaço reservado aos homens é a oficina ou o *lugar* (termo guineense indicativo da lavoura). Tais mulheres, por causa da vida que levam, fogem às normas preestabelecidas para o bom comportamento feminino e são por isso criticadas por homens que não as consideram sérias, pois "mulher própria" (decalque de *mindjer propi*), isto é, mulher que se preze, mulher decente, "só vale na porta do casamento", isto é, da porta de casa para dentro ("Pasa ku mon", p.95-96).[7]

Como um verdadeiro cronista da vida urbana, muitos dos poemas do seu livro A*rqueólogo da calçada* (1996) são como que breves estórias em versos, fixando momentos pitorescos ou humorísticos do dia a dia, como a história da prostituta Nonó, bela, apetecível e rechonchuda, "mais redonda do que o vinho dum barril selado", atuante no bairro bissauense que hoje é conhecido como "Reino", nos arredores do grande mercado do Bandim, reminiscência do reino de Ndjaká, o último régulo dos pepel, a etnia que dominava a região de Bissau e à qual o governo colonial pagou tributo até ainda nos inícios do século XX; esse bairro é hoje em dia centro de prostituição e do "lumpenato",

[7] Aqui transcrevo algumas passagens do longo poema "Pasa ku mon": Mulheres só rir rir só/ [...] Tardam na rua e no beco/ [...] Falam que *foram kulkar //* Seiz-hora sett-hora/ Só no beco/ Até na *fuska-fuska/* Mbé! Não é limpo/ Inda sem panos no vestido/ Nem de baixo nem de cima/ Eh! Uh! // Saem de manhã sem comer/ [...] Levam *mancara cuscuz kanfurbat/* [...] Desde que mundo é mundo/ Levantamos e vimos/ Mulheres só debaixo de homens/ Agora *badjudas* fumarem e gritarem/ Isso *passa com a mão*! // Dizem que eu tenho poeira na cabeça/ Cozinhar é trabalho de mulher/ Lavar e vestir meninos tudo também/ Homem é na oficina ou no *lugar/* Mulher própria só vale na porta do casamento (p.95). Agradeço a Tony Tcheka a ajuda prestada para a compreensão deste texto.

como diz o poeta, cenário de dramas da vida real. Ali, Nonó, depois de uma infância desprivilegiada e sem formação ("adiou a escola chata"), namorou o Aníbal, mas foi surpreendida "sedenta nos lábios de Jú", de quem engravidou. O destino de Nonó não poderia ser outro: desprezada pela sociedade, sem formação e sem meios, passou a viver, como outras companheiras de infortúnio, "no grande reino de Ndjaká".[8]

No extenso poema "Reportagem", o trovador-jornalista, em tom narrativo e prosaico, evoca com minúcias uma cena vivida durante uma curta viagem aos arredores da capital, onde de novo as personagens principais são mulheres do povo, ativas e conversadeiras doceiras a fritar guloseimas numa parada da estrada de Prábis. O autor é muito feliz na pintura da cena, delineando um verdadeiro quadro de costumes típicos regionais, ao sabor popular. Pode-se acompanhar os movimentos da matrona vestida com *pano tingido* (trata-se aqui de um tecido de algodão muito típico para certas etnias, tingido em vários tons de azul-anil) *e sutiã branco*, ou admirar *uma noiva*, isto é, uma jovem recém-casada, já com seu primeiro bebê. E o poeta recorre a uma metonímia: o *bambaram* é o largo pano que serve para envolver a criança e carregá-la nas costas. A jovem está esmeradamente vestida e enfeitada, "lábios pretos e gengivas azuis", argolas nas orelhas e um belo penteado de tranças pequeninas; o poeta observa mais adiante "seu homem / com uma linda caneta sem carga", muito entretido fingindo ler e tendo na mão um texto em russo: "o ABC da Política soviético", pois "estudou comunismo lá no socialismo tcheco"...

O vocabulário escolhido contribui para reforçar o ambiente característico de beira de estrada, e apenas quem viveu em Bissau pode desfrutar completamente o realismo e o frescor desse episódio que faria as delícias de fotógrafos e de antropólogos. Todos os sentidos são convidados a participar da encenação, em belas sinestesias: uma paleta de imagens visuais, onde os matizes se multiplicam e os olhos se encantam com a terra vermelha, com o colorido dos tecidos, com o sorriso saudável das mulheres, seus rostos pintados; sensações

[8] Naquele velho e grande bairro da capital/ reino de Ndjaká herdado por prostitutas e o lumpenato/ Nonó bela e boinha/ mais redonda que o vinho dum barril selado/ distribuía cortesia à vizinhança/ era gentil sem saber das origens do que tinha // Era a moeda — solução da avó/ perdida nas aventuras de satisfazer todas as idades/ para mitigar a sede, a fome/ e cobrir de linho a miséria nua // Sentia o amanhã distante/ adiou a escola chata/ seu peito vibrava por Aníbal/ atleta de grande gabarito [...] // Ah! mas era linda e mais do que sabia/ tinha a angústia de todas as frustrações/ no juízo meio nulo/ nasceu-lhe arrependimento e despertou/ recordou a idade e a escola escapulida // [...] No cu farto quantas vezes lambido e acariciado/ bunda cheia de amor e ciúmes/ levou um pontapé de biqueira/ [...] As nádegas rebolaram de dor/ que foi tão grande/ como os gritos que ela soltou/ no grande reino de Ndjaká/ onde as solteiras fazem seu pão cumprindo satisfações/ com homens bêbados e respeitados // Mas Ndjaká.../ Até quando? ("Lição", p.24-26).

auditivas fazem que os ouvidos se entonteçam com o *papiar* ininterrupto das *bideiras*, chegando a encobrir os demais ruídos: o cair da chuva, o mugir dos bois, o berrar das cabras, o tilintar de um par de brincos. E o palavreado é reforçado por assobios, bater de palmas, risadas. Além disso, imagens olfativas variadas, os cheiros impregnam a cena, entram pelas narinas a dentro: o fedor a urina "do chão e retrete encharcados", o cheiro *sabi*, isto é, 'gostoso') da farinha e do óleo na fritura das panquecas, o odor da terra úmida que "cheirava doutra maneira".[9]

Como aqui, em muitos poemas de Félix Sigá o picaresco, o humor não são casuais. Trata-se de um campo semântico escolhido e intencional, emprestando mais ênfase ao quadro esboçado. "O exercício sistemático do desrespeito" (ESCARPIT, 1967, p.60) é um dos fundamentos do humor e aí se enquadram perfeitamente esse e outros textos de Sigá, que se permite destruir tabus e convenções. O autor está assim de posse de um modo de reagir e de posicionar-se no mundo, de se liberar interiormente e reencontrar o domínio sobre si mesmo (LAMBERT, 1978, p.5).

O poeta capta com argúcia o embate desigual entre a imitação de ideias e gostos importados e os costumes locais, aponta com o dedo crítico e mesmo escarnecedor o estado lastimável e vergonhoso em que o país se encontra ("Essa Reconstrução mal iniciada") ("Perseverança", p.33), não poupando denúncias ("tu sabes / que o povo sabe...!"; "Eh! Eh!"), nem admoestações ("Cautela / que o casaco não cobre a camisa!") (p.37).

[9] [...] Na varanda cheia de gente/ Duma casa de adobe e palha/ Sem reboco e sem cimento/ Refelgas da chuva chateavam/ Boca calada eu olhava // Calei a minha boca/ Só cuspia e olhava a estrada vermelha/ Do quintal fedia de vez em quando/ Chão e retrete encharcados // Agora muge um boi e berram cabras/ Acabou de chover/ Era tarde — tardinha/ Não era lá muito tarde-tarde mesmo/ Mas tardinha já assim // Senhora de pano tingido e *sutiã* branco/ Também cuspia de vez em quando/ Entre o cheiro da farinha e do óleo *sabi* [...] // Uma noiva com o primeiro *bambaram* já/ Cabelo tecido pequenino-pequenino/ Brincos que dançam/ Com os vira-virar cabeça dela/ Lábios pretos e gengivas azuis [...] // Noiva nova-nova ainda/ Fritou frittou fritttou – mbé/ [...] Enquanto o seu homem/ Com uma linda caneta sem carga/ Folheava o *ABC da Política* soviético/ [...] Estudou comunismo lá no socialismo tcheco // Até que enfastiei o cheiro do azeite/ Mas como é que faço/ Hóspede em terra de gente/ Chuvisca — é uma chatice // A mãe da bebé fritava isto e aquilo/ Tirava um e punha outro e fritava/ Assim sóóo/ Até que a noite se cansou e caiu/ E ela papeava — có-cóoo — só assistindo/ Papeava e trabalhava e assoava/ [...] Dentes brancos/ Ria e tirava a língua/ *tocava palmas* exclamando/ Assoava e limpava no pano/ Às vezes arrotava e escarrava // Acabou o panquete quente-quente/ E *cambou* no cuscuz/ Mas espera aí, pa/ Não é feia nem um bocado/ Ela! Só visto/ E é rabadona/ Mas papear papeia/ Agora/ aquilo era verdade [...] ("Reportagem", p.101-104).

A voz do subalterno

Um dos eixos referenciais da obra de Félix Sigá gira em torno de manifestações poéticas expressando sentimentos de pertença, de identidade compartilhada, ao lado de indiscutível qualidade estética. Nos seus diferentes aspectos, seu discurso poético ilustra a maneira como o escritor, assumindo seu papel social, identifica-se com seu povo, exercendo a dupla função de porta-voz e intérprete.

A questão da identificação está sempre ligada a uma bifocalização, pois tanto se refere à produção de uma imagem de identidade como à transformação do sujeito ao assumir aquela imagem (BHABHA, 1998, p.76). Essa imagem retornada, que ressoa dentro de si como um eco de si mesmo, como uma repetição do eu, traduz a intenção, a postura do autor em ser visto como o Outro, em ser mesmo esse Outro (o subalterno[10] marginalizado, desprezado e até mesmo invisível, silenciado, ignorado pela sociedade) e dar-lhe visibilidade, voz e representação. Nos escritores guineenses, tanto em Félix Sigá quanto em Pascoal D'Artagnan Aurigemma ou em Tony Tcheka, mas igualmente na literatura de outros países ex-colonizados, pode-se verificar em muitos poemas uma tal postura de identificação e empatia.

O autor evoca os trabalhadores, os operários da construção civil, espoliados, vítimas inocentes, em Bissau como em muitos outros países, despersonalizados e reduzidos à mera condição de objetos, parecendo insetos: "Sobre a estrada seminua / há formigas apressadas / formigas humanas". Sem compensação de ordem material, a tarefa que têm a cumprir é grandiosa: esses "obreiros anónimos [...] como formigas [...] constroem uma pátria [...] / antecipando o amanhã". A linguagem dessa exploração do homem pelo homem é a mesma em toda parte do mundo: "E na língua das canseiras / a verdade que traz / o suor das lições / é culta e universal". Mas o poeta esperava para o seu país, depois da vitoriosa expulsão dos colonizadores e sobretudo depois da bem sucedida mudança política, uma outra realidade: esperava ver finalmente brilhar "o sol de transição" ("Como o corpo lê a letra", p.67-68).[11]

[10] O conceito de subalterno foi desenvolvido sobretudo por historiadores indianos no âmbito de um projeto pioneiro denominado *Subaltern Studies* e divulgado, de forma polêmica, por Gayatri Spivak, também indiana, teórica da literatura, docente nos Estados Unidos. "Subalterno" é o marginalizado, o silenciado, o ignorado, aquele sem voz, sem direitos.

[11] Não creio que Félix Sigá tenha conhecido o poema do brasileiro Vinícius de Moraes, "O operário em construção", quando compôs aqueles versos, mas há muitos elementos comuns aos dois autores.

Félix Sigá, como outros escritores guineenses contemporâneos, recupera com sua poesia a presença dos vencidos, esquecidos e marginalizados, fazendo-se um com eles, o que agudiza suas angústias existenciais.

A colonização interna

A autocolonização vai ainda mais longe que o neocolonialismo imposto pelos governos periféricos a seu próprio povo. Segundo Andrea Allerkamp (1991), a colonização interna refere-se a processos dentro do próprio sujeito que, como um território, é invadido por elementos de fora, explorado e submetido, colonizado enfim.[12] As conquistas e ocupações de áreas geográficas por potências estrangeiras, como foi o caso no vasto mundo colonial, estendem-se, tomando posse até das latitudes do subconsciente, do eu historicamente colonizado, da mente assim alienada.

A época *ki sabi el ba* designa, para os falantes crioulos, o tempo faustuoso e agradável que já se foi, que já passou e deixa saudades. Para muitos, o tempo da infância, para outros, o tempo em que socialmente tudo estava "nos seus devidos lugares", "os bons tempos coloniais". Félix Sigá levanta a sua voz crítica face esse tipo de indivíduo que, "enxada ao vento / lavra campos que nunca pisou", mostra-se inconformado e não sabe reconhecer os benefícios da nova época pós-libertação, aquele que "chora o tuga morto". O poeta, porém, compreende as razões dessa postura. Na verdade, essa incoerência vem do processo da "Reconstrução mal iniciada", tanto da falta de educação política e civil como da má gestão por parte dos dirigentes. Afinal, o que está faltando ao país é "mais bois, menos enxadas / mais tractor, mais pulverização barata" ("Perseverança", p.33-34), isto é, modernização, mecanização, maiores facilidades para o trabalho rural, uma vez que a economia agrícola representa o sustento quase que exclusivo do povo na Guiné-Bissau. O poeta almeja uma Guiné-Bissau em franco desenvolvimento, libertada do anacronismo e do atraso, emparelhada com as potentes nações do mundo.

Os indivíduos dos estados "periféricos" — e não apenas as instâncias econômicas e políticas — assumem os valores que são ditados pelo "Centro". Foi injetado pelos colonizadores, alimentando a ambição de fazer parte

[12] Gayatri Spivak, estudiosa indiana, enfoca diferentemente a colonização interna. Para ela, seria "o modo como os países metropolitanos discriminam em seu meio os grupos não emancipados" (SPIVAK, 1994, p.192).

dos círculos privilegiados, um novo comportamento, na base da aquisição de bens alienígenas e em grande parte inaccessíveis, sonhos impossíveis de serem alcançados pelas camadas mais largas das populações, desencadeando-se nas esferas mais favorecidas ondas de consumismo, de afetado arremedo do "mundo civilizado" por parte de uns poucos e consequente insatisfação da maioria. É a "cultura do consumo" de que fala Jeremy Seabrook (2001). Paralelamente, deu-se o processo do esquecimento construído, planejado, da própria história, da própria tradição. As estratégias colonialistas condenaram o colonizado a perder progressivamente a memória, esfumando-se nas brumas do silêncio suas ligações com a tradição. A camada dirigente, orientando-se pelos valores ocidentais, "modernos", encontra para si mesma formas de aproveitar-se das seduções e ofertas vindas de fora.

Em contraste com a míngua em que vive a maior parte da população, o poeta contrapõe os gastos excessivos da burguesia. Como satirizou Félix Sigá, no poema "Manás":

Compraram	[...] Já têm bacalhau
compraram	grão-de-bico e azeite
da China	maçãs uvas e figos
os fatos	Receberam de aviões
os vasos e mais	vinhos e whiskies
da França	[...] Mas compraram
os postiços	compraram [...]
as sapatilhas	crentes e ateus
de Portugal	cristãos e muçulmanos
outros calçados	todos
da América	serventes e o Presidente
os *jeans*	entraram no feriado (p.109-110).[13]

A postura política de Sigá é indisfarçável. Sua sátira estende-se ao comportamento dos dirigentes aos quais o bem-estar do povo pouco importa. Contundente, o poeta vocifera, em "Poema de palavras alheias", denunciando ser o palavreado demagógico das campanhas políticas "só de consoantes / esta linguagem das campanhas / única una uníssona / díspar disparado disparate /

[13] Tal comportamento reflete o que estava na época acontecendo no país: uma certa euforia depois das imensas dificuldades de abastecimento por que se passou nos anos seguintes à independência, quando tudo faltava e o racionamento era rigoroso. Na década seguinte, verificou-se, pouco a pouco, uma abertura da importação, e o comércio interno revitalizou-se lentamente. O ano de 1986 foi um marco importante para os começos da liberação econômica: os mercados estavam de novo abastecidos e presenciou-se uma verdadeira onda de consumismo, contra o qual o poeta dirige ironicamente seus versos.

búfalos de palavras". Os proparoxítonos soam como sopapos e as inesperadas metáforas, o trocadilho, as aliterações prosseguem na estrofe final: "para o cooperante ver / só folhagens / na fuligem do esquema" (p.73).[14] Importa ao poeta ressaltar a pátria Guiné-Bissau em suas contradições entre a submissão e a resistência, entre a prisão e a liberdade, entre os ideais revolucionários e a realidade da opressão política, interna e externa, da hora presente.

O direito à diferença: o emprego da língua guineense

A argamassa de que é modelada a poesia de Félix Sigá é de preciosa contextura. É autor de muitos poemas na língua guineense, dos quais não tratamos aqui, com a exceção do primeiro texto que abriu o presente capítulo, mas estão representados com dez títulos na antologia *Kebur. Barkafon di poesia na kriol* (1996), além de muitos outros inéditos.

Muitas vezes camuflado, o recurso à língua franca do país contribui para uma remodelação da língua de prestígio a partir de efeitos originais e vivificantes, sendo o idioma guineense onipresente na poesia em português de Félix Sigá. O poeta não só introduz na enunciação em português muitos termos e expressões em guineense, dando um tom de oralidade ao texto, como emprega construções guineenses aportuguesadas, causando, com essas transgressões, um proposital estranhamento.[15] Recorre também a vocábulos de algumas línguas étnicas, alterando com empréstimos escolhidos conscientemente a sintaxe portuguesa culta. Insere pequenas frases na língua guineense, de grande efeito estilístico, assinalando uma mudança de registro, a passagem de um tema mais geral para outro mais específico, ressaltando a origem social do sujeito. Também o emprego de diversos níveis da língua oficial contribui para uma maior plasticidade e realismo na obra poética do autor; os vulgarismos e o "calão", próprios de certos grupos sociais bissauenses, são usados para pôr em relevo certas especificidades sociogeográficas inconfundíveis.

[14] São versos de 1991, quando foi instalado o multipartidarismo na Guiné-Bissau, a partir da pressão dos países doadores, quebrando com o exclusivismo do até então partido único PAIGC. Foi o momento da formação de novos partidos; ainda não haviam começado a agir, mas já muito se falava de campanhas eleitorais para o primeiro pleito democrático, multipartidário do país, o que aconteceu apenas em 1994.

[15] Como exemplo, lembro o título de um poema acima citado, *Pasa ku mon* que significa 'isso é demais, passa da conta'. No corpo do poema, o autor usa a expressão em português "isso passa com a mão!", inteiramente incompreensível para os que não reconhecem ali o decalque guineense.

O surgimento de um enunciado em uma outra língua, no meio do texto em português, é sempre intencional, e essa aparição é estilisticamente bem marcada, patenteando um momento de tensão no acontecer literário. Na minha opinião, na poesia de Félix Sigá, assim como na prosa de Abdulai Sila, encontram-se os melhores exemplos dessa propositada inserção da língua materna no texto em português, num ato de criatividade e de liberdade, sinalizando um posicionamento transgressor consciente e não a exibição apenas ornamental de "guineismos". Além disso, o uso de línguas nativas nem sempre é de forma direta e às claras, mas sim detectável por detrás de muitas estruturas frásicas em português, sendo uma marca estilística própria a esses dois escritores que a manejam com maestria. Assim, *tocava palmas, cabelo tecido, cobou-o mal* (insultou-o), *contar passadas* (contar, passando adiante, notícias, acontecimentos ou "fofocas"), *ir kulkar* (vender produtos na rua ou na feira) são expressões imediatamente detectáveis pelos crioulófonos, mas de difícil compreensão para os leitores exógenos. Sem dúvida, o pleno gozo dessas pérolas estilísticas está reservado aos que dominam ambas as línguas, restando irreveladas aos não crioulófonos, ficando quando muito uma impressão de desconforto ou curiosidade diante de estruturas insólitas que se pressentem propositais sem ser possível decodificá-las.

Na poesia de Félix Sigá, a pintura de cenas é muito plástica e muito sugestiva. É com mestria que faz sobressair gestos, trejeitos, palavras e imagens denotadores do especificamente local, do popular e do suburbano. A feliz convivência entre os dois idiomas, que se faz de modo tão harmonioso e enriquecedor para o clima do poema, verifica-se em muitos dos seus textos, dos quais os exemplos acima referidos constituem apenas uma amostra. Nos versos aparentemente "só" escritos em português, percebe-se o substrato crioulo, como nas frequentes repetições da mesma palavra (*rir rir*; *belo belo andar*; *demais, demais*; *pequenino-pequenino*; *tarde-tardinha*; *quente quente*;[16] *vira-virar*), recurso comum de reforço enfático na língua local e no decalque crioulo que emerge das frases vernáculas.

Ao utilizarem transgressoramente a língua oficial, enxertando-a com crioulismos e elementos de outras línguas étnicas, subvertendo a sintaxe e emprestando-lhe um visual próprio, os autores guineenses estão assumindo uma postura política de rebelde independência, de clara contestação e de distan-

[16] Quente quente é uma adaptação do guineense *kintikinti*, advérbio que significa rapidamente, bem depressa.

ciamento anticolonialista, nacionalizando o instrumento herdado, praticando uma literatura menor, como entendem Gilles Deleuze e Félix Guattari: uma produção literária que subverte a língua "maior" que é a língua do dominador (e do segmento dominante). O autor ou a autora comporta-se como ponta de lança de um proclamar coletivo de autodefinição e autoafirmação. Verifica-se uma orgulhosa atitude que ressalta a diferença e que procura seu próprio espaço, a voz movendo-se entre a terrritorialidade, a desterritorialização e uma reterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1977). O idioma oficial e elitista, a estética legitimada são desmontados e desestabilizados para dar lugar a uma nova ordem, um novo espaço inventivo e libertário.

Ana Mafalda Leite, estudando à luz das teorias pós-coloniais a literatura angolana, onde a tematização e o questionamento da língua são recorrentes, ressalta que "o hibridismo linguístico foi uma das constantes mais significativas da textualidade africana em língua portuguesa"; refere-se à língua do colonizador como "lugar de abrogação e de apropriação" (LEITE, 2003, p.19), lembrando que o termo "abrogation" foi empregado pelos organizadores da conhecida coletânea de ensaios sobre estudos pós-coloniais intitulada *The empire writes back. Theory and pratice in post-colonial literatures* para indicar a "negação, supressão, da normatividade linguística, imposta pela metrópole colonial, e a apropriação da língua em múltiplas vertentes, e sua textualização".[17]

O português na África, tropicalizado e ruminado antropofagicamente, é reterritorializado. O autor se converte em filtro ou plataforma, porta-voz da coletividade antes subalterna e silenciada. É de novo Caliban opondo-se, pelo exercício da fala, a seu opressor. O espaço textual deixa de ser o lugar da enunciação de um "eu" autoral para tornar-se a expressão de um "nós" coletivo, pulsante de sentido político e de orgulhosa afirmação de sua diferença.

A língua guineense é onipresente na literatura em português de quase todos os escritores guineenses contemporâneos, não apenas em Félix Sigá. Tony Tcheka abriu seu livro inaugural (*Noites de insónia na terra adormecida*, 1996) com dez poemas enfeixados em um "Kantu Kriol". Sua segunda coletânea poética, *Guiné sabura que dói* (2008), também inclui poemas inteiros nessa língua, além de salpicar os demais poemas com termos em seu idioma materno,

[17] ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The empire writes back. Theory and practice in post-colonial literatures.* London: Routledge, 1989. p.4.

marcando assim seu espaço singular e específico. Odete Semedo decidiu-se, na sua primeira publicação, por uma obra bilíngue (*Entre o ser e o amar*, 1996), com poemas em português e em guineense. Nas suas obras posteriores (*Histórias e passadas que ouvi contar*, em dois volumes, 2000; e *No fundo do canto*, 2003), ela já procede de forma diferente, escrevendo em português, mas lançando mão com frequência do guineense. O mesmo acontece com Abdulai Sila, nos seus três romances (*Eterna paixão*, 1994; *A última tragédia*, 1995; *Mistida*, 1997) e igualmente com Filinto de Barros, que respinga seu romance *Kikia Matcho* (1997) com uma centena de termos na língua veicular do país. Muitas das obras aqui referidas lançam mão de um glossário para tornar as idiossincrasias guineenses mais accessíveis.

O uso que os autores africanos fazem da língua do colonizador pode ser tomado como um exemplo significativo da reação anticolonialista: os escritores guineenses, apropriando-se do português como veículo literário, praticam um ato político e de auto-afirmação, pois promovem, pela violação das normas vigentes do português continental culto, uma desconstrução consciente desse veículo de comunicação para, em seguida, reconstituí-lo, emprestando-lhe uma feição local e formalizando sua alteridade através de um discurso em que a língua guineense desempenha um relevante papel de diferenciação.

Concluindo, podemos afirmar que Félix Sigá é o poeta guineense que mais se afasta dos padrões estéticos metropolitanos. Seus poemas são reflexos do seu modo de estar no mundo e também dão prova de sua ótica muito pessoal de encarar e vivenciar a realidade do país. Fiel à programática declaração contida no poema “Dimas”, continua a fazer jus à sua vocação griótica, denunciando injustiças e desmandos, lançando mão do ridículo ou da sátira, longe de compadrios ou acomodações, orgulhoso por saber desenrascar-se, safando-se à sua maneira das adversidades e das decepções da vida. Sua voz *sui generis* é uma contribuição ímpar à arquitetura da identidade guineense através do instrumento literário.

Referências

ALLERKAMP, Andrea. *Die innere Kolonisierung: Bilder und Darstellungen des/der Anderen in deutschsprachigen, französischen und afrikanischen Literaturen des 20. Jahrhunderts*. Köln: Weimar; Wien: Böhlau, 1991.

ANTOLOGIA poética da Guiné-Bissau. Lisboa: Inquérito, 1990.

AUGEL, Moema Parente. *A nova literatura da Guiné-Bissau.* Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 1998. (Série Literária, Colecção Kebur, n.8).

AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombro. Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau.* Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

AUGEL, Moema Parente (Org.). *Kebur. Barkafon di poesia na kriol.* Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 1996. (Série Literária, Colecção Kebur, n.1).

BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka. Por uma literatura menor.* Rio de Janeiro: Imago, 1977.

O ECO do pranto. A criança na poesia moderna guineense. Lisboa: Inquérito, 1992.

ESCARPIT, Robert. *L'humour*. 4.ed. Paris: PUF, 1967. (Collection "Que sais-je?", n.877).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KEBUR. Barkafon di poesia na kriol. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 1996. (Série Literária, Colecção Kebur, n.1).Cf. AUGEL, Moema Parente, 1996.

LAMBERT, Fernando. L'humour négro-africain. *Recherche Pédagogie et Cultur. Regard sur les Littératures Africaines*, Paris, v.2, p.5-9, janv./févr. 1978.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2003.

MBITI, John S. *African religions and philosophy.* 2.ed. Oxford: Heinemann, 1989.

MOHANTY, Satya. The epistemic status of cultural identity: on *Beloved* and the postcolonial condition. *Cultural Critique*, n.24, p.41-80, primavera 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SCANTAMBURLO, Luigi. *Dicionário do guineense.* v.2: *Dicionário guineense-português. Disionariu guinensi-purtuguis*. Lisboa: FASPEBI, 2002.

SEABROOK, Jeremy. The metamorphoses of colonialism. In: *Globalization*, v.1, n.1, outono 2001. Disponível em: <http://globalization.icaap.org;> ou em: <http://www.postcolonialweb.org/poldiscourse/seabrook1.html>. Acesso em: 20 jan. 2004.

SIGÁ, Félix. *Arqueólogo da calçada*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), 1996. (Série Literária, Colecção Kebur, n.4).

SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.187-205.

Jogos e diversões infantis: preferências linguísticas e variáveis sociais

Silvana Soares Costa Ribeiro
Universidade Federal da Bahia

Introdução

Examinam-se, neste trabalho, as denominações para diversos brinquedos e brincadeiras infantis recolhidas no Nordeste brasileiro, descrevendo-se a variação lexical e considerando-se os usos conforme as variáveis sociais selecionadas.

Utiliza-se um segmento do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e apresentam-se os resultados obtidos nas nove capitais da região Nordeste, com a aplicação das perguntas referentes à área semântica *Jogos e diversões infantis*, uma das 14 que integram o Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB. O objetivo é verificar se há variação social (fatores gênero, faixa etária e grau de escolarização) na seleção lexical, identificável a partir dos dados recolhidos e com base na área semântica escolhida.

Jogos infantis nos dados do Projeto ALiB

O Projeto ALiB possui uma rede de pontos composta por 250 localidades, distribuídas por todo o território nacional, incluídas as capitais de estado, selecionadas levando-se em consideração a extensão de cada região, os aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento da área. Os informantes pesquisados devem totalizar 1.100 (um mil e cem) segundo seleção estabelecida pela metodologia do projeto. Dos questionários aplicados, tomaram-se as perguntas de números 155 a 167 do QSL: 155. CAMBALHOTA; 156. BOLINHA DE GUDE; 157. ESTILINGUE/SETRA/BODOQUE; 158. PAPAGAIO DE PAPEL/PIPA; 159. PIPA/ARRAIA; 160. ESCONDE-ESCONDE; 161. CABRA-CEGA; 162. PEGA-PEGA; 163. FERROLHO/SALVA/PICULA/PIQUE; 164. CHICOTE-QUEIMADO/LENÇO ATRÁS; 165. GANGORRA; 166. BALANÇO e 167. AMARELINHA (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p.34-35). Quatro dessas perguntas são interligadas em seu conteúdo, a saber: as perguntas 158 e 159 (papagaio de papel e a variante elaborada sem varetas) e 162 e 163 (brincadeira em que uma criança procura alcançar as outras, antes que chegue a um local combinado, e o nome do local combinado).

A escolha da área semântica de estudo *Jogos e diversões infantis* se deve, sobretudo, ao papel que as brincadeiras infantis desempenham na formação cultural e social de uma coletividade e à sua importância para a descrição do

folclore de um povo, revelando crenças e tradições. Admite-se, por outro lado, que o estudo de uma dada área semântica pode contribuir para a identificação de regiões dialetais do Brasil. Ao responderem ao questionário do ALiB, os informantes fornecem ao mesmo tempo dados linguísticos, culturais e sociais.

Brinquedos são objetos de divertimento infantil, utilizados desde a antiguidade e em evolução contínua. São artefatos construídos de diversos materiais (barro, tecido, papel, vidro, pedras, etc.), podendo ser artesanais ou industrializados. Existem brinquedos tradicionais como as pipas, os peões, as bolas, os jogos de tabuleiro, as brincadeiras em equipe e os mais modernos como os jogos idealizados para funcionamento em computadores. Alguns jogos e diversões infantis são elaborados e difundidos com fins pedagógicos.

A amostra constituída para este trabalho analisa os resultados obtidos com a aplicação dos inquéritos linguísticos a 72 informantes, oito por localidade, distribuídos, equitativamente, conforme a metodologia do Projeto ALiB: i) 36 informantes por cada gênero: masculino (M) e feminino (F); ii) 36 informantes por cada faixa etária: faixa 1 (F1), entre 18 e 30 anos, e faixa 2 (F2), entre 50 e 65 anos; e iii) 36 informantes por cada grau de escolarização: grau 1 (G1), com curso fundamental incompleto, e grau 2 (G2), com curso superior completo. As localidades pesquisadas são: São Luís - ponto 026; Teresina - ponto 034; Fortaleza - ponto 041; Natal - ponto 053; João Pessoa - ponto 061; Recife - ponto 070; Maceió - ponto 077; Aracaju - ponto 079 e Salvador - ponto 093.

O *corpus* composto a partir do levantamento inicial documenta um total de 1.100 dados. Em razão desse expressivo número e principalmente da diversidade de formas lexicais a serem estudadas, optou-se por considerar, para esta abordagem, as formas que ocorreram em primeiro lugar na resposta do informante, nas suas diferentes formas de realização, que totalizam 716.

A apresentação de cada um dos conjuntos de formas lexicais da amostra segue a ordenação das perguntas do QSL, área semântica *Jogos e diversões infantis*. Os subitens a seguir, nomeados pela forma registrada com maior frequência como resposta a cada uma das perguntas em análise, são acompanhados de tabelas que apresentam o conjunto das denominações recolhidas para cada uma das perguntas, indicando-se seus totais e respectivos percentuais de ocorrência, assim como sua distribuição numérica e percentual por cada uma das variáveis sociais examinadas. Neles também se dá conta de seu registro

nos dois dicionários da língua portuguesa consultados para este trabalho e se acrescentam, em alguns casos, observações pertinentes colhidas no decorrer dos inquéritos.

Cambalhota

Em todas as capitais do Nordeste do Brasil, a resposta mais frequente obtida para a pergunta 155 do QSL[1] foi ***cambalhota*** (47%), que passa a servir para as generalizações que são feitas sobre a brincadeira, além das formas lexicais ***bunda-canastra*** (24%), ***carambela*** (13%), ***maria-escambona*** (9%) e ***cabriola*** (3%). As formas com apenas uma ocorrência (***pulotrica***, ***virau*** e ***virar pinote***) foram agrupadas em outras denominações e correspondem a 4% do total.

A pesquisa em dicionários revelou que a forma ***cambalhota*** é entrada lexical. De acordo com Houaiss (2002), trata-se de "movimento ou exercício em que se faz o corpo girar para frente ou para trás, com ou sem apoio em qualquer superfície, realizando uma revolução em que os pés passam por cima da cabeça e voltam a tocar o chão". O autor registra as variantes *bagaço*, *cabriola* e *cambota*. Ferreira (1999) apresenta significado similar, destaca a existência do sinônimo *cambota* e acrescenta as variantes *cabriola* e *catrâmbias*, a última delas não documentada por Houaiss (2002).

Analisando-se as variáveis sociais contempladas, a forma majoritária ***cambalhota*** obteve o mais alto percentual entre os informantes do grau 2 de escolarização (75%) e, embora não com os maiores percentuais encontrados, apresenta-se com 69% na faixa etária 1 e 53% no gênero feminino. Os homens mobilizaram as formas ***bunda-canastra*** (63%) e ***maria-escambona*** (67%) com frequência mais alta do que as mulheres, e estas últimas os superaram no uso de ***carambela*** (67%). A preferência dos mais idosos e dos de grau 1 de escolarização, em relação aos informantes dos mesmos grupos, recaiu sobre ***bunda-canastra*** (69% e 63%, respectivamente), ***carambela*** (56% e 67%, respectivamente) e ***maria-escambona*** (67% para ambos). ***Cabriola*** teve uso equilibrado nos dois gêneros e nas duas faixas etárias e ocorrência exclusiva entre os de grau 1 de escolarização.

[1] "155. CAMBALHOTA
... a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? *Mímica*" (COMITÊ..., 2001, p.34).

Tabela 1 – Variação social: distribuição das denominações para CAMBALHOTA

Fatores sociais / Formas lexicais	M		F		F1		F2		G1		G2		Total	
	N°oc.	%	N°oc.	%	N°oc.	%	N°oc.	%	N°oc.	%	N°oc.	%	N°oc.	%
Cambalhota	15	47	17	53	22	69	10	31	8	25	24	75	32	47
Bunda-canastra	10	63	6	38	5	31	11	69	10	63	6	38	16	24
Carambela	3	33	6	67	4	44	5	56	6	67	3	33	9	13
Maria-escambona	4	67	2	33	2	33	4	67	4	67	2	33	6	9
Cabriola	1	50	1	50	1	50	1	50	2	100	0	0	2	3
Outras denominações	1	33	2	67	0	0	3	100	2	67	1	33	3	4
Total geral	34		34		34		34		32		36		68	

Gude

Ao serem inquiridos sobre como se chamam "as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?" (COMITÊ..., 2001, p.34), os informantes apresentaram uma grande variação de formas em uso. A resposta mais comum foi ***gude*** com 50% das ocorrências, definidora das generalizações que são feitas sobre o brinquedo, documentada em todos os pontos inquiridos, com exceção de Maceió, onde foi obtida a forma ***ximbra*** (11%). As outras formas lexicais foram: ***peteca*** (19%), ***bila*** (13%), ***marraio*** (3%), ***bola de fone***, ***vidro*** e ***cabiçulinha*** (com uma ocorrência cada, reunidas em outras denominações, com 4%).

A pesquisa em dicionários revelou que a forma ***gude*** é registrada como entrada de verbete. Houaiss (2002) a define como um "jogo infantil com bolinhas de vidro que, num percurso de ida e volta, devem entrar em três buracos dispostos em linha reta, saindo vencedora a criança que chegar primeiro ao buraco inicial" e indica derivações por metonímia (bolinha usada nesse jogo) e por analogia (qualquer outro jogo infantil com bolinhas de vidro). As variantes registradas no dicionário são: *belindre*, *berlinde*, *biloca*, *bilosca*, *birosca*, *bolita*, *búraca*, *búrica*, *bute*, *peteca*, *pirosca* e *ximbra*. Registro similar elabora Ferreira (1999), que apresenta algumas das variantes encontradas em Houaiss (2002), às quais acrescenta *baleba*, *cabiçulinha* e *firo*, para o português do Brasil, e ainda *berlinde* e *bute* para o português europeu.

O item lexical de mais alto uso, ***gude***, registrou-se com índices de frequência semelhantes nos dois gêneros (51% para as mulheres e 49% para os homens), obteve um percentual um pouco mais alto entre os informantes mais idosos (54%) e ainda mais elevado entre os de grau 2 de escolarização (63%). A forma ***peteca*** apresentou o percentual de 54% entre os informantes do gênero feminino e de faixa etária 1 e o de 62% entre os de grau 1 de escolarização. O índice de 56% foi obtido pela forma ***bila*** entre os informantes do gênero feminino e de grau 2 de escolarização, enquanto na faixa etária 1 seu índice de ocorrência chegou a 67%. ***Ximbra*** distribuiu-se igualmente pelas três variáveis, e ***marraio***, pelas variáveis gênero e faixa etária, tendo sido empregada, quanto à escolarização, unicamente pelos informantes de grau 1.

Tabela 2 – Variação social: distribuição das denominações para GUDE

Fatores sociais / Formas lexicais	M		F		F1		F2		G1		G2		Total	
	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%
Gude	17	49	18	51	16	46	19	54	13	37	22	63	35	50
Peteca	7	54	6	46	7	54	6	46	8	62	5	38	13	19
Bila	4	44	5	56	6	67	3	33	4	44	5	56	9	13
Ximbra	4	50	4	50	4	50	4	50	4	50	4	50	8	11
Marraio	1	50	1	50	1	50	1	50	2	100	0	0	2	3
Outras denominações	2	67	1	33	0	0	3	100	3	100	0	0	3	4
Total geral	35		35		34		36		34		36		70	

Baladeira

A resposta mais comum obtida para a pergunta 157 (QSL)[2] foi ***baladeira***, forma que é uma entrada lexical em Houaiss (2002), identificada como um regionalismo (Acre a Pernambuco), com remissão para o verbete **atiradeira**, que define como "arma ou brinquedo infantil para arrojar pedras ou objetos afins, de dimensões reduzidas, que consiste numa funda de material elástico, ger. borracha, presa às extremidades da bifurcação de uma pequena forquilha

[2] "157. ESTILINGUE/SETRA/BODOQUE
... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho?" (COMITÊ..., 2001, p.34).

de madeira, plástico ou metal", no qual aponta vários sinônimos, entre eles *baladeira*.

A segunda forma lexical encontrada com maior frequência foi ***estilingue***, que também está dicionarizada em Houaiss (2002), como "arma de arremesso constituída de uma forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingueta de couro, com que se lançam pedras para matar pássaros", para a qual aponta as variantes *atiradeira* e *bodoque*.

Ferreira (1999) registra as formas *baladeira* e *estilingue*, remetendo-as para *atiradeira*, que significa: "forquilha de madeira ou de metal, munida de elástico, com que se atiram pequenas pedras"; e indica os seguintes sinônimos documentados em várias partes do Brasil: *baleeira*, *beca*, *bodoque*, *badoque* ou *badogue*, *estilingue*, *funda*, *peteca*, *seta* e *setra.*

Além das formas mais recorrentes no *corpus*, a primeira com 41% de ocorrência e a segunda com 24%, documentaram-se: ***badoque***/***badogue*** (16%), ***peteca*** (12%), ***atiradeira*** (4%) e um grupo de outras denominações (***estilete*** e ***valuapê***) com 3%.

Considerando-se que há um outro brinquedo infantil conhecido como *peteca*, destaca-se que, ao ser documentada a forma ***peteca*** em resposta à pergunta 157 (QSL), o inquiridor buscou esclarecimento, como se pode ver no diálogo a seguir transcrito:

(01) *INF 077/03* – Aquilo é ***peteca***, nós chama estilingue, né? Mai peteca. Atualmente mehmo é peteca.
INQ – É, né? Agora estilingue é o quê? é mais antigo ou o quê?
INF 077/03 – Não, ele é mais simples, né?
INQ – É, né?
INF 077/03 – Agora peteca não, peteca é mais antiga.
(Inq. 077 (Maceió-AL) / Inf. 03 (homem, faixa etária 2, grau 1))

Ao se estudar o fator gênero, verificou-se que os itens ***baladeira*** (54%) e ***badoque***/***badogue*** (64%) foram mais utilizados pelos homens, ***estilingue*** (56%) e ***atiradeira*** (67%), pelas mulheres. Como na descrição das denominações para **cambalhota** e **gude**, também se podem evidenciar, de referência a **baladeira**, preferências de faixa etária por uma ou outra forma, observando-se maior uso de ***baladeira*** (64%) e ***badoque***/***badogue*** (55%) pelos informantes mais idosos, enquanto ***estilingue*** apresentou o percentual de 75% na fala dos mais jovens; ***atiradeira*** foi mobilizada apenas pelos informantes da faixa etária 2.

Em referência ao grau de escolarização, as variantes lexicais ***estilingue*** (75%) e ***atiradeira*** (67%) foram as mais frequentes na fala dos informantes de grau 2; ***badoque***/***badogue*** (64%), na dos informantes de grau 1; ***baladeira*** foi registrada de forma igualitária nos dos dois grupos. Destaque-se que ***peteca*** apresentou o mesmo percentual de ocorrência para os três fatores sociais.

Tabela 3 – Variação social: distribuição das denominações para BALADEIRA

Fatores sociais / Formas lexicais	M		F		F1		F2		G1		G2		Total	
	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%
Baladeira	15	54	13	46	10	36	18	64	14	50	14	50	28	41
Estilingue	7	44	9	56	12	75	4	25	4	25	12	75	16	24
Badoque/badogue	7	64	4	36	5	45	6	55	7	64	4	36	11	16
Peteca	4	50	4	50	4	50	4	50	4	50	4	50	8	12
Atiradeira	1	33	2	67	0	0	3	100	1	33	2	67	3	4
Outras denominações	1	50	1	50	2	100	0	0	2	100	0	0	2	3
Total geral	35		33		33		35		32		36		68	

Pipa

Nas nove capitais do Nordeste do Brasil, a resposta mais comum obtida para a pergunta 158 (QSL)[3] foi ***pipa***. Ao se pesquisar em Houaiss (2002) e em Ferreira (1999), verifica-se que há a remissão para *papagaio*, definida por Houaiss (2002) como o "brinquedo que consiste numa armação leve de varetas, recoberta de papel fino, à qual ger. se prende uma tira, o rabo, que lhe dá certa estabilidade quando empinado no ar por meio de uma linha", com as variantes *arraia*, *cafifa*, *pandorga*, *pipa* e *raia*. Em Ferreira (1999), o significado fornecido é similar ao de Houaiss (2002), a que são acrescentadas as variantes *arraia*, *cafifa*, *pandorga*, *pipa*, *raia*, *quadrado*, *tapioca* e *balde*, as três últimas não documentadas em Houaiss (2002).

A variante ***pipa*** apresentou o percentual de 51% como primeira resposta, e ***papagaio*** foi documentada em 29% dos informantes. ***Arraia*** e ***raia*** foram reunidas em um único grupo, com 17%, embora os dicionários da língua portu-

[3] "158. PAPAGAIO DE PAPEL/PIPA
... o brinquedo feito de varetas coberto de papel que se empina ao vento por meio de uma linha?" (COMITÊ..., 2001, p.34).

guesa consultados as tenham explicitado como variantes distintas. ***Coruja*** e ***índio***, agrupadas em outras denominações, correspondem a 3%. Destaque-se que, embora aqui não se esteja trabalhando com as ocorrências de segunda ou terceira respostas, ***pipa*** foi também muito produtiva nessas circunstâncias.

A propósito do surgimento de uma forma lexical ainda desconhecida do inquiridor — ***índio*** —, este, objetivando desfazer dúvidas posteriores, provocou o informante, que esclareceu:

(02) *INF 077/03* – Nós chama aqui de... de ***índio***.
INQ – Isso aqui? (a propósito da apresentação da figura/imagem correspondente à pergunta 158)
INF 077/03 – É índio.
INQ – É.
INF 077/03 – Eh... É índio mas atualmen...
INQ – Índio?
INF 077/03 – É. Atualmente nós chama de pipa, agora...
INQ – É?
INF 077/03 – Antigamente era índio, né? Soh...Vamo sotá sohtá um índio na praia? Aí nós ia pa ai pra praia (inint) subia.
INQ – Isso mesmo. Não conhecia esse nome não.
INF 077/03 – É índio.
(Inq. 077 (Maceió-AL) / Inf. 03 (homem, faixa etária 2, grau 1))

Em referência às formas lexicais ***pipa*** e ***arraia***, um dos informantes prestou as informações que estão no trecho a seguir transcrito:

(03) *INF 093/08* – Tem ***pipa***, tem... arraia. Chamam de arraia, chama de pipa. Tem até o periquito [...] Aí tem um que chama arraia, o maior chama-se pipa. Tem esses dois nomes.
INQ – É diferente a pipa da arraia?
INF 093/08 – Não, é tudo a merma coisa, só mais a sofisticação de gente rica que chama de pipa e pobre chama de arraia mermo.
INQ – É? Mas o formato, assim?
INF 093/08 – A diferença é muito poca. A arraia ela é retangular com duas vareta em xis (= x) e a pipa não. A pipa tem diversos outros... outros... outros formatos, a pessoa que dá o formato, e elas usam varetas de... bambu também, mas o papel é meio plastificado e... a arraia é de papel fino.
(Inq. 093 (Salvador-BA) / Inf. 08 (mulher, faixa etária 2, grau 2))

A forma majoritária, ***pipa***, teve mais alta frequência entre os falantes da faixa etária 1 (72%), do grau 2 de escolarização (61%) e do gênero feminino (56%), enquanto ***papagaio*** e ***arraia***, entre os homens (55% e 58%, respectivamente), os informantes de faixa etária 2 (80% e 67%, respectivamente) e os de grau 1 de escolarização (55% e 58%, respectivamente).

Tabela 4 – Variação social: distribuição das denominações para PIPA

Fatores sociais / Formas lexicais	M		F		F1		F2		G1		G2		Total	
	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%
Pipa	16	44	20	56	26	72	10	28	14	39	22	61	36	51
Papagaio	11	55	9	45	4	20	16	80	11	55	9	45	20	29
Arraia	7	58	5	42	4	33	8	67	7	58	5	42	12	17
Outras denominações	1	50	1	50	0	0	2	100	2	100	0	0	2	3
Total geral	35		35		34		36		34		36		70	

Pipa (variante sem varetas)

Ao contrário das formas anteriormente tratadas, ***pipa***, aplicada ao brinquedo sem varetas, e suas variantes lexicais documentadas nas nove capitais não se encontram registradas nos dois dicionários pesquisados.

A pergunta 159 (QSL)[4] apresenta relação direta com a pergunta anterior: trata-se de brinquedo de empinar no ar, que, diferentemente daquele identificado pelos informantes na pergunta 158 (QSL) como *pipa*, *papagaio*, *arraia*, etc., apresenta-se sem varetas. O brinquedo é em geral feito com papel simples, folhas de caderno, folhas de papel ofício ou até sacos de papel (sacos de pão) e apresenta dobradura também simples. Após realizar-se a dobradura, uma linha é amarrada ao brinquedo, e ele está pronto para ser empinado.

Na audição dos inquéritos estudados, se pode verificar que muitos informantes conhecem a variante do brinquedo e afirmaram se tratar "da mesma coisa", como se pode ver pelo exemplo (04). Outros declararam conhecer o brinquedo e, ao contrário, nomeá-lo de formas diferentes, como demonstra o exemplo (05).

[4] "159. PIPA/ARRAIA
E um brinquedo parecido com o (a)_______ (*cf. item 158*), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?" (COMITÊ..., 2001, p.34).

(04) *INQ* – Às vezes, em colégio mesmo, os meninos arrancam a folha do...
INF 077/05 – Ah, aqui nós conhece como ***pipa*** também.
INQ – É?
INF 077/05 – É pipa também.
INQ – Tudo é pipa?
INF 077/05 – Tudo é pipa. Os meninos arranca a folha de caderno, faz só um deseninho, pega, bota o cordão e sai puxano.
(Inq. 077 (Maceió-AL) / Inf. 05 (homem, faixa etária 1, grau 2))

(05) *INF 093/08* – [...] Tem até o ***periquito***, periquito num tem vareta não, mas parece um aviãozinho. Era assim que a gente empinava. Pobre normalmente empina periquito que num tem dinhêro pra comprá arraia. Aí compra... empina periquito [...]
INQ – E o papagaio?
INF 093/08 – É a merma coisa: papagaio, periquito, aviãozinho, tudo é a merma coisa. Ele num tem vareta nenhuma, ele parece um avião...
(Inq. 093 (Salvador-BA) / Inf. 08 (mulher, faixa etária 2, grau 2))

Embora ***pipa*** tenha sido a forma de maior frequência para designar a variante do brinquedo elaborada sem varetas, com 32% do total, documentaram-se várias outras, a saber: ***papagaio*** (19%), ***periquito*** (16%), ***curica*** (8%), ***bolachinha*** (5%), ***avião*** (5%), ***ratinho*** (5%) e ***chalopa***, ***coruja e sura*** agrupadas em outras denominações (8%).

Quanto à seleção de uso segundo as variáveis sociais, ***pipa*** obteve a preferência dos falantes da faixa etária 1 e do grau 2 de escolarização (67% para ambos), assim como dos do gênero masculino (58%). Ainda quanto ao gênero, os homens, em confronto com as mulheres, optaram por ***papagaio*** (71%) e ***curica*** (67%), e as formas lexicais ***periquito*** e ***bolachinha*** apresentaram igual distribuição pelos dois grupos de informantes. As variantes ***periquito*** (67%), ***papagaio*** (57%) e ***curica*** (67%) foram mais utilizadas por falantes da faixa etária 2, e ***avião*** obteve a mesma ocorrência entre os das duas faixas etárias. No que se refere ao grau de escolarização, observou-se a predominância das formas ***papagaio*** (71%) e ***periquito*** (67%) entre os de grau 1. Note-se ainda que: ***avião*** é variante exclusiva do gênero feminino; ***bolachinha***, da faixa etária 2; ***ratinho***, do gênero masculino e da faixa etária 1; essas três formas e mais ***curica***, de falantes de grau 1 de escolarização, registrando-se um baixo número de dados em todos os casos.

Tabela 5 – Variação social: distribuição das denominações para PIPA (variante sem varetas)

Fatores sociais / Formas lexicais	M		F		F1		F2		G1		G2		Total	
	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%
Pipa	7	58	5	42	8	67	4	33	4	33	8	67	12	32
Papagaio	5	71	2	29	3	43	4	57	5	71	2	29	7	19
Periquito	3	50	3	50	2	33	4	67	4	67	2	33	6	16
Curica	2	67	1	33	1	33	2	67	3	100	0	0	3	8
Bolachinha	1	50	1	50	0	0	2	100	2	100	0	0	2	5
Avião	0	0	2	100	1	50	1	50	2	100	0	0	2	5
Ratinho	2	100	0	0	2	100	0	0	2	100	0	0	2	5
Outras denominações	2	67	1	33	2	67	1	33	2	67	1	33	3	8
Total geral	22		15		19		18		24		13		37	

Esconde-esconde

Para a brincadeira infantil objeto da pergunta 160 (QSL),[5] a resposta mais comum registrada foi ***esconde-esconde*** (87%), forma com a qual se identificam todas as demais que têm na sua formação a presença de "esconder".

Esconde-esconde está dicionarizada, em Houaiss (2002), como o "jogo infantil em que um participante escondido deve ser encontrado pelos demais" e, em Ferreira (1999), como "jogo infantil em que uma criança deve sair à procura das demais, que se esconderam". Os dois lexicógrafos registram as variantes *bacondê*, *escondidas*, *escondido*, *manja*, *pegador* e *tempo-será*.

A forma lexical ***pega***, de baixa ocorrência (8%), não foi identificada nos dicionários pesquisados com o mesmo valor significativo de ***esconde-esconde***. Em Ferreira (1999) e Houaiss (2002) consta a remissão a *pique*, que não corresponde, entretanto, à brincadeira em questão, como se verá a seguir (cf. Pega-pega).

Pouca variação foi constatada entre os gêneros masculino e feminino na seleção da forma lexical ***esconde-esconde*** (51% e 49%, respectivamente); na fala dos homens, ocorreu ***pega*** (20%) com frequência bem abaixo da obtida na

[5] "160. ESCONDE-ESCONDE
... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?" (COMITÊ..., 2001, p.34).

das mulheres (80%). Esses dois itens lexicais foram mais usados por falantes da faixa etária 1, com 56% e 60%, respectivamente, e por informantes de grau 2 de escolarização, com os respectivos percentuais de 53% e 80%.

Tabela 6 – Variação social: distribuição das denominações para ESCONDE-ESCONDE

Fatores sociais / Formas lexicais	M		F		F1		F2		G1		G2		Total	
	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%
Esconde-esconde	28	51	27	49	31	56	24	44	26	47	29	53	55	87
Pega	1	20	4	80	3	60	2	40	1	20	4	80	5	8
Outras denominações	1	33	2	67	0	0	3	100	3	100	0	0	3	5
Total geral	30		33		34		29		30		33		63	

CABRA-CEGA

No que se refere à pergunta 161 (QSL),[6] a variante lexical ***cabra-cega***, com o índice de 60%, foi de longe a resposta mais comum para a brincadeira, em quase todas as capitais do Nordeste do Brasil, com exceção de São Luís e Teresina, tendo obtido a preferência dos informantes de grau 2 de escolarização (68%), da faixa etária 2 (63%) e do gênero feminino (55%). Seguiram-se as variantes ***cobra-cega*** com 27% e ***pata-cega*** com 10%. A primeira foi mais mobilizada pelos falantes menos escolarizados (65%), da faixa etária 1 (59%) e do gênero masculino (53%); a segunda, pelos da faixa 1 e pelos de grau 1 de escolarização (67% em ambos os casos), distribuindo-se igualmente pelos dois gêneros. Foram reunidas em outras denominações ***pega*** e ***tica-cola*** com 3%.

Houaiss (2002) apresenta ***cabra-cega*** como um "certo tipo de brincadeira infantil, em que um participante fica vendado e deve conseguir agarrar outro participante (e, em certas modalidades, identificá-lo) para ser por este substituído". O autor registra os regionalismos *batecondê* e *batepandé*, este último de Sergipe, descrito como uma "variante do jogo *cabra-cega*, executada com um pandeiro, que orienta a quem está com os olhos vendados", e o parônimo *cobra-cega* (zoologia). Registro similar faz Ferreira (1999), que também documenta o regionalismo *batecondê*.

---

[6] "161. ESCONDE-ESCONDE
... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?" (COMITÊ..., 2001, p.34).

Tabela 7 – Variação social: distribuição das denominações para CABRA-CEGA

Fatores sociais / Formas lexicais	M		F		F1		F2		G1		G2		Total	
	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%
Cabra-cega	17	45	21	55	14	37	24	63	12	32	26	68	38	60
Cobra-cega	9	53	8	47	10	59	7	41	11	65	6	35	17	27
Pata-cega	3	50	3	50	4	67	2	33	4	67	2	33	6	10
Outras denominações	2	100	0	0	1	50	1	50	2	100	0	0	2	3
Total geral	31		32		29		34		29		34		63	

Pega-pega

Para a pergunta 162 (QSL): como se chama "uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?" (COMITÊ..., 2001, p.34), a resposta mais comum foi ***pega-pega***. A pesquisa em dicionários revelou a forma dicionarizada *pique*, para a qual há indicação remissiva em *pega-pega*.

Houaiss (2002) apresenta *pique* como uma "brincadeira infantil em que uma das crianças deve correr atrás de outra(s) e pegá-la(s), o que pode ser feito em qualquer lugar, com exceção de um ponto, escolhido de comum acordo, onde se está a salvo". O autor registra uma segunda significação (derivação por metonímia), como sinônimo de "lugar em que os participantes dessa brincadeira estão a salvo. Ex.: o p. vai ser naquela árvore", e as variantes *angapanga*, *bota*, *bandeira-vogais*, *bicheira*, *cerca-lourenço*, *maria-macumbé*, *ganzola*, *pega*, *pega-pega*, *pegador*, *picula*, *pique*, *toca*, *trisca* e *voga*. Ferreira (1999) apresenta definição similar para a brincadeira. Registra também *pique* para o local combinado, além de *ganzola* (Maranhão) e *coito* (português europeu) como variantes para esse local.

Os dados levantados revelam os seguintes percentuais: 57% para ***pega-pega***, 14% para ***tica-cola***, 9% para ***picula***, 5% para ***toca*** e ***manja*** e 9% para outras denominações (***lagarta-pintada***, ***garrafão***, ***doidinho***, ***congelado***, ***brincadeira de gato***).

Analisado-se o fator gênero, constatou-se para ***pega-pega*** um índice mais alto entre as mulheres (56%), e, entre os homens, para ***manja*** (67%) e ***picula*** (60%), além da ocorrência de ***toca*** apenas entre eles. As variantes ***pega-***

pega (66%) e ***toca*** (67%) foram documentadas com maior incidência entre os informantes da faixa etária 1 que entre os da faixa 2; estes, por sua vez, apresentaram um maior índice de frequência para ***tica-cola*** (63%) e para ***picula*** (60%); ***manja*** ocorreu exclusivamente aos da faixa 2. No que se refere ao grau de escolarização, verificou-se o uso mais elevado de ***pega-pega*** (59%), ***tica-cola*** (63%), ***picula*** (60%) e ***manja*** (67%) pelos informantes de grau 2, e de ***toca*** (67%) pelos de grau 1.

Tabela 8 – Variação social: distribuição das denominações para PEGA-PEGA

Fatores sociais / Formas lexicais	M		F		F1		F2		G1		G2		Total	
	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%
Pega-pega	14	44	18	56	21	66	11	34	13	41	19	59	32	57
Tica-cola	4	50	4	50	3	38	5	63	3	38	5	63	8	14
Picula	3	60	2	40	2	40	3	60	2	40	3	60	5	9
Toca	3	100	0	0	2	67	1	33	2	67	1	33	3	5
Manja	2	67	1	33	0	0	3	100	1	33	2	67	3	5
Outras denominações	3	60	2	40	2	40	3	60	4	80	1	20	5	9
Total geral	29		27		30		26		25		31		56	

Mancha (local combinado)

A pergunta 163 (QSL)[7] apresenta relação direta com a pergunta anterior: trata-se de local combinado para se "salvar", o que indica muitas vezes que o falante pode estar empregando o nome da brincadeira como generalização para a brincadeira completa e não apenas para parte dela. O mesmo se pode dizer para a ocorrência de ***picula*** para a brincadeira (resposta à pergunta 162) e de ***ponto de picula*** (resposta à pergunta 163), incluída em outras denominações.

Como dito no item anterior, Houaiss (2002) apresenta no verbete *pique* a descrição de "lugar em que os participantes dessa brincadeira estão a salvo", como palavra formada por derivação por metonímia. Entre as variantes para *pique*, o autor registra *ganzola* como a brincadeira, forma que, nos dados levantados, foi documentada como o ponto/local combinado para se "salvar".

[7] "163. FERROLHO/SALVA/PICULA/PIQUE
... esse ponto combinado?" (COMITÊ..., 2001, p.34).

Nos dois dicionários pesquisados *manja* e *ganzola* são entradas lexicais remissivas.

Tratando-se das denominações obtidas para “o local combinado para se colocar a salvo quem brinca”, as de maior incidência foram ***mancha*** (37%) e ***manja*** (27%), seguidas de ***ganzola*** (13%), ***morto*** (7%) e outras denominações (17%).

Examinados esses itens lexicais em sua relação com as variáveis sociais, documentaram-se mais altos percentuais para ***mancha*** entre os falantes de grau de escolarização 2 (73%), da faixa etária 1 (64%) e do gênero feminino (55%) e, para ***manja***, entre os de grau 2 (75%), do gênero feminino e da faixa 2 (63% em ambos). ***Ganzola*** teve distribuição idêntica entre os falantes dos dois gêneros e das duas faixas etárias e foi utilizado unicamente pelos de grau 2 de escolarização; ***morto***, entre os dos dois graus de escolarização, além de se ter registrado exclusivamente no desempenho das mulheres e dos mais jovens.

Tabela 9 – Variação social: distribuição das denominações para MANCHA

Fatores sociais / Formas lexicais	M		F		F1		F2		G1		G2		Total	
	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%
Mancha	5	45	6	55	7	64	4	36	3	27	8	73	11	37
Manja	5	63	3	38	3	38	5	63	2	25	6	75	8	27
Ganzola	2	50	2	50	2	50	2	50	0	0	4	100	4	13
Morto	0	0	2	100	2	100	0	0	1	50	1	50	2	7
Outras denominações	4	80	1	20	2	40	3	60	4	80	1	20	5	17
Total geral	16		14		16		14		11		26		30	

CHICOTE-QUEIMADO

Ao serem perguntados como se chama “uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?” (COMITÊ..., 2001, p.34), muitos informantes declararam não conhecer a brincadeira, e o percentual de respostas não obtidas foi de 86%. Nenhuma das formas lexicais documentadas (10 ocorrências) — ***chicote-queimado***, ***cipó-***

queimado, ***batata-quente***, ***garrafão***, ***bombarquim***, ***tuinha***, ***lenço-atrás***, ***carniça*** e ***lacuxia*** — foi encontrada nos dicionários pesquisados com a acepção em causa, embora *chicote-queimado* esteja registrada em Houaiss (2002) para dois outros tipos de brincadeira infantil.

Em revista sobre o folclore brasileiro, consta a seguinte descrição para a brincadeira:

> Variante do tradicional jogo de esconder objetos a serem depois encontrados, o chicotinho-queimado é assim desenvolvido: as crianças se colocam em roda, com uma delas ficando do lado de fora e trazendo uma varinha (chicotinho) na mão. Enquanto os da roda cantam pequena melodia, o de fora corre por detrás delas, colocando a varinha no chão, aos pés de uma das do círculo. Nenhum dos que cantam deve olhar para trás: quem olhar, leva um beliscão. Quem teve a varinha colocada perto de si, deve pegá-la e correr em volta do círculo, tentando agarrar quem a colocou, que, por sua vez, trata de ocupar o lugar vago na roda. Nessa corrida, o que for alcançado, levará uma varada (FRADE, 1979, p.76).

Ainda em um estudo sobre o folclore brasileiro (CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR, 2008), informa-se que a brincadeira *chicotinho-queimado* também é conhecida como *lenço-atrás*, *corre-coxia*, *corre-cotia*, *ovo-choco* ou *ovo podre*.

Do exame dos poucos dados reunidos verificou-se que, em referência à variável gênero, as mulheres utilizaram mais as formas lexicais documentadas do que os homens; em relação ao grau de escolarização, os informantes de grau 2 lembraram-se de mais denominações do que os de grau 1; quanto à variável faixa etária, não houve variação.

Gangorra

Gangorra, documentada em todas as capitais do Nordeste do Brasil, foi a resposta de maior incidência para a pergunta 165 (QSL).[8]

Brinquedo comum nos parques infantis e nas escolas, a ***gangorra*** é descrita como "prancha retangular, comprida, apoiada somente no centro, que duas crianças, cada qual sentada numa de suas extremidades, impulsionam para o alto pela pressão dos pés no solo, de tal modo que, quando uma das

[8] "165. GANGORRA
... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? *Mímica*." (COMITÊ..., 2001, p.35).

extremidades toca o chão, a outra chega ao alto" (HOUAISS, 2002). As variantes apresentadas no mesmo dicionário são: *arre-burrinho*, *burrica*, *coximpim*, *jangalamarte*, *jangalamaste*, *joão-galamarte*, *joão-galamaste*, *zanga-burrinha* e *zanga-burrinho*. Registro similar elabora Ferreira (1999), que apresenta as mesmas variantes encontradas em Houaiss (2002).

A denominação ***gangorra*** para o brinquedo representa 79% das ocorrências documentadas, tendo sido a forma mais utilizada. Destaque-se que: ***burrica*** (Recife), com 9%, é documentada por Houaiss (2002) como variante de ***gangorra***; ***balança*** (Salvador e Maceió), com 7%, é variante não documentada nos dicionários consultados, que registram entretanto *balanço*. As outras formas reunidas totalizam 5%.

No que diz respeito à seleção das formas segundo os fatores sociais estudados, percebeu-se maior presença de ***gangorra*** e de ***burrica*** na fala das mulheres (53% e 60%, respectivamente), de informantes da faixa etária 2 (56% e 80%, respectivamente) e de grau 2 de escolarização (67% e 60%, respectivamente). ***Balança*** obteve mais alto percentual de incidência na faixa etária 1 (75%), distribuiu-se igualmente entre os dois gêneros e foi exclusiva dos falantes de grau 1 de escolarização.

Tabela 10 – Variação social: distribuição das denominações para GANGORRA

Fatores sociais / Formas lexicais	M		F		F1		F2		G1		G2		Total	
	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%
Gangorra	21	47	24	53	20	44	25	56	15	33	30	67	45	79
Burrica	2	40	3	60	1	20	4	80	2	40	3	60	5	9
Balança	2	50	2	50	3	75	1	25	4	100	0	0	4	7
Outras denominações	2	67	1	33	1	33	2	67	3	100	0	0	3	5
Total geral	27		30		25		32		24		33		57	

Balanço

Como a **GANGORRA**, o **BALANÇO** também é um brinquedo de presença constante em escolas, praças e parques. A resposta mais comum objeto da

pergunta 166 (QSL)[9] foi ***balanço*** (93%), com suas variações (por exemplo: ***balancinho***), que se encontra registrada em dicionários.

Houaiss (2002) informa que ***balanço*** é um "brinquedo que consiste em um assento suspenso por cordas ou correntes fixas num suporte, permitindo a realização de movimentos oscilatórios" e indica as variantes *balouço*, *retouça* e *bambão*. O autor registra uma segunda acepção: "qualquer dos brinquedos ou aparelhos de diversão que servem para balançar". Ferreira (1999) apresenta também as duas acepções apontadas por Houaiss (2002) e acrescenta como variante apenas *balouço*.

Examinando-se a distribuição das ocorrências documentadas, destaca-se a alta preferência por ***balanço*** (índice de 93%), independentemente de gênero, faixa etária ou grau de escolarização, com percentuais aproximados (51% x 49% para gênero, 52% x 48% para os outros dois fatores), em detrimento de ***gangorra*** (apenas 7%), forma que obteve 60% entre os informantes do gênero feminino, da faixa etária 2 e do grau 1 de escolarização.

Tabela 11 – Variação social: distribuição das denominações para BALANÇO

Fatores sociais / Formas lexicais	M		F		F1		F2		G1		G2		Total	
	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%	Nºoc.	%
Balanço	32	51	31	49	30	48	33	52	30	48	33	52	63	93
Gangorra	2	40	3	60	2	40	3	60	3	60	2	40	5	7
Total geral	34		34		32		36		33		35		68	

Amarelinha

A propósito da pergunta 167 (QSL),[10] a resposta mais comum foi ***amarelinha*** que se encontra dicionarizada em Houaiss (2002) como uma "brincadeira infantil que consiste em saltar, com apoio numa só perna, casa a casa de uma figura riscada no chão, após jogar uma pequena pedra achatada, ou objeto semelhante, em direção a cada uma das casas (quadrado), sequencial-

[9] "166. BALANÇO
... uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? *Mímica*." (COMITÊ..., 2001, p.35).

[10] "167. AMARELINHA
... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? *SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA*" (COMITÊ..., 2001, p.35).

mente, pulando a que contém a pedra ou objeto". As variantes registradas no dicionário são: *academia*, *amarelo*, *macaca*, *macaco*, *maré*, *marela* e *sapata*. Em Ferreira (1999), a definição para a brincadeira é similar e, a algumas das variantes encontradas em Houaiss (2002), acrescenta-se *jogo-do-homem*, além de *pé-coxinho* para o português europeu.

Apresentando uma grande variação de formas lexicais, ainda que nenhuma delas seja de emprego generalizado como primeira resposta, ***amarelinha*** conta com o índice de 34% e ocorreu em todos os pontos pesquisados. Os outros itens documentados foram ***academia*** (25%), ***macaco*** (16%), ***avião*** (11%), ***cancão*** (9%) e ***pula-sapo***, ***meia-lua*** e ***pula-pula***, reunidos em outras denominações (5%).

Examinada em sua relação com os fatores contemplados, ***amarelinha*** variou pouco no que se refere ao gênero — 53% (homens) x 47% (mulheres) —, mas obteve o alto percentual de 79% na faixa etária 1 e entre os de grau 2 de escolarização. O gênero classificou ainda ***academia*** (64%) e ***macaco*** (78%) como mais frequentes entre as mulheres, e ***avião*** (67%) e ***cancão*** (60%) entre os homens. A faixa etária 2 selecionou essas quatro formas (com, respectivamente, 64%, 67%, 67% e 80%) em relação à faixa 1. Quanto ao grau de escolarização, ***macaco*** (67%) e ***cancão*** (80%) ocorreram mais entre os de grau 1, e ***avião*** distribuiu-se equilibradamente entre os dois grupos de falantes.

Tabela 12 – Variação social: distribuição das denominações para AMARELINHA

Fatores sociais / Formas lexicais	M		F		F1		F2		G1		G2		Total	
	N°oc.	%	N°oc.	%	N°oc.	%	N°oc.	%	N°oc.	%	N°oc.	%	N°oc.	%
Amarelinha	10	53	9	47	15	79	4	21	4	21	15	79	19	34
Academia	5	36	9	64	5	36	9	64	7	50	7	50	14	25
Macaco	2	22	7	78	3	33	6	67	6	67	3	33	9	16
Avião	4	67	2	33	2	33	4	67	3	50	3	50	6	11
Cancão	3	60	2	40	1	20	4	80	4	80	1	20	5	9
Outras denominações	1	33	2	67	0	0	3	100	0	0	3	100	3	5
Total geral	25		31		26		30		24		32		56	

Para concluir: a que nos conduzem as brincadeiras?

Tomam-se para esta conclusão os itens lexicais com maior número de ocorrências obtidos como primeiras respostas às perguntas do QSL referentes à área semântica *Jogos e diversões infantis* em sua relação com as três variáveis sociais estabelecidas pelo Projeto ALiB, excluindo-se **CHICOTE-QUEIMADO** pela ausência de dados passíveis de serem submetidos a uma intercomparação.

A **variável gênero não parece ser relevante** para determinação da forma lexical utilizada pelos informantes como primeira resposta às perguntas formuladas para apurar designações para os doze jogos e diversões infantis estudados. Cinco das denominações reunidas apresentaram maior incidência no gênero masculino — *baladeira* (perg. 157), *pipa* (perg. 159), *esconde-esconde* (perg. 160), *balanço* (perg. 166) e *amarelinha* (perg. 167) —, e sete, no gênero feminino — *cambalhota* (perg. 155), *gude* (perg. 156), *pipa* (perg. 158), *cabra-cega* (perg. 161), *pega-pega* (perg. 162), *mancha* (perg. 163) e *gangorra* (perg. 165), como pode ser visto na Figura 1. Além disso, destaca-se a baixa diferença entre as respostas obtidas de homens e mulheres para cada pergunta isoladamente.

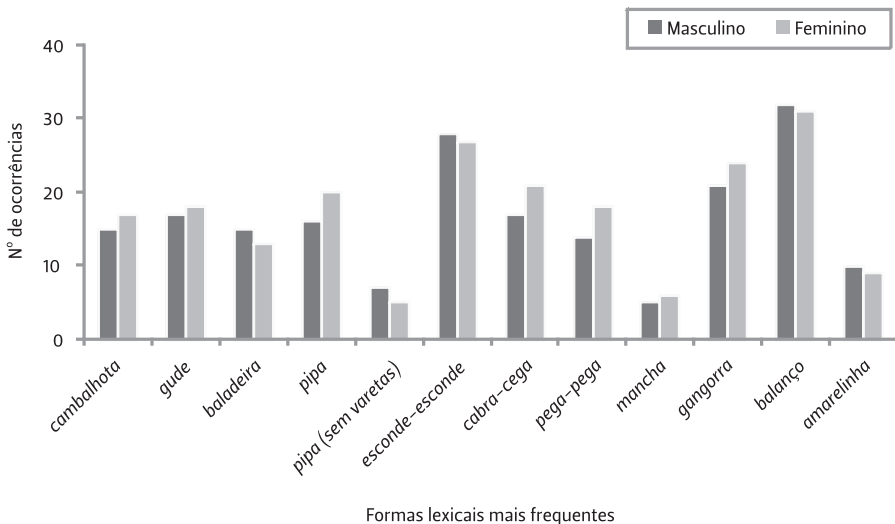



Figura 1 – Jogos e diversões infantis e a atuação da variável gênero

Do mesmo modo, a **variável faixa etária não parece ser relevante** para determinação do item lexical inicialmente selecionado pelos informantes ao nomear esses doze jogos e diversões infantis. Sete das respostas obtidas foram mais frequentes na faixa etária 1 — *cambalhota* (perg. 155), *pipa* (perg. 158), *pipa* (perg. 159), *esconde-esconde* (perg. 160), *pega-pega* (perg. 162), *mancha* (perg. 163) e *amarelinha* (perg. 167) — e cinco, na faixa etária 2 — *gude* (perg. 156), *baladeira* (perg. 157), *cabra-cega* (perg. 161), *gangorra* (perg. 165) e *balanço* (perg. 166). É o que ilustra a Figura 2.

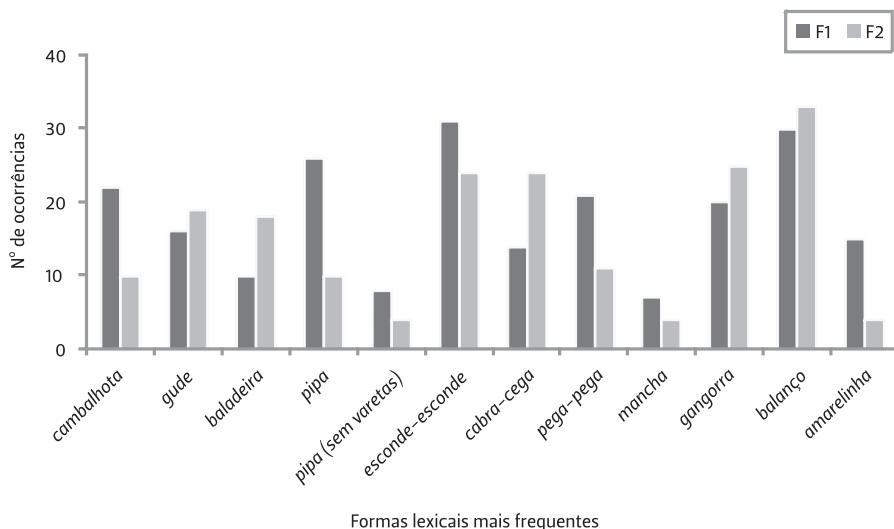



Figura 2 – Jogos e diversões infantis e a atuação da variável faixa etária

Dentre as variáveis sociais, pode-se afirmar que o **grau de escolarização foi a variável mais relevante** para determinação da variante lexical mobilizada como primeira resposta pelos informantes às perguntas da área semântica aqui abordada. Das doze variantes analisadas, obtiveram a preferência dos informantes com escolaridade superior (grau 2) — *cambalhota* (perg. 155), *gude* (perg. 156), *pipa* (perg. 158), *pipa* (perg. 159), *esconde-esconde* (perg. 160), *cabra-cega* (perg. 161), *pega-pega* (perg. 162), *mancha* (perg. 163), *gangorra* (perg. 165), *balanço* (perg. 166) e *amarelinha* (perg. 167) —, enquanto *baladeira* (perg. 157) obteve igual número de ocorrências entre os informantes dos dois graus de escolarização, como revela a Figura 3.

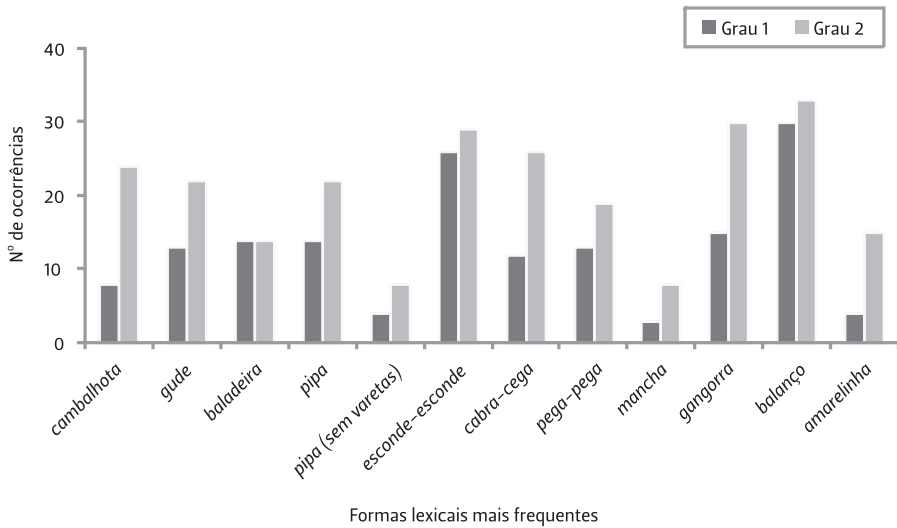



Figura 3 – Jogos e diversões infantis e a atuação da variável grau de escolarização

Do confronto entre as formas lexicais registradas e as variáveis sociais selecionadas conclui-se que:

a) embora tenha sido possível demonstrar como se processou a variação social em sua relação com as designações para jogos e diversões infantis aqui em foco, é difícil afirmar, de referência aos itens lexicais mais frequentes, que haja uma preferência de uso por homens ou por mulheres, bem como por jovens ou por idosos;

b) somente o grau de escolarização mostrou-se significativo na seleção dessas formas lexicais.

Como destacado anteriormente, a brincadeira **CHICOTE-QUEIMADO** não se mostrou produtiva nas capitais nordestinas, deixando um desafio à pesquisa: essa brincadeira ainda teria vitalidade nas localidades do interior dos estados? a urbanização favoreceria o desaparecimento de certas brincadeiras?

Pelo contrário, os nomes para alguns jogos e diversões infantis mostraram-se bastante ativos no repertório linguístico dos informantes, estando presentes em todas as capitais pesquisadas, apresentando um alto percentual de ocorrência: ***balanço*** foi resposta quase exclusiva, com 93% de frequência, ao lado de ***gangorra*** (apenas 7%) para nomear o brinquedo **BALANÇO**; para designar a brincadeira **ESCONDE-ESCONDE**, 87% foi o índice percentual obtido pelo item ***esconde-esconde***, em concorrência com ***pega*** e outras designações

(13%); ***gangorra*** obteve 79 pontos percentuais, enquanto ***burrica***, ***balança*** e outras formas recolhidas para nomear a **GANGORRA** somaram 23 pontos. Tal situação poderia ser atribuída quer à presença frequente de tais brinquedos em escolas e parques, quer à influência da escolarização. A análise diatópica dos materiais coletados poderá revelar outras facetas da variação linguística.

Referências

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. *Tesauro de folclore e cultura popular brasileira.* Disponível em: <http://www.cnfcp.com.br/tesauro/00001240.htm>. Acesso em: 24 jul. 2008.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas linguístico do Brasil:* questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XX*I: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRADE, Cáscia. *Folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979 apud *Jangada Brasil*, ano 5, n.58, jun. 2003. Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/agosto60/ca600800.htm>. Acesso em: 24 jul. 2008.

E a (nossa) terra continua *sarolha*?

Suzana Alice Marcelino Cardoso
Universidade Federal da Bahia
CNPq

Vera Rollemberg
Universidade Federal da Bahia

As palavras são os monumentos mais pequenos e misteriosos da língua.
Mais resistentes que as pedras esculpidas,
elas são, ao mesmo tempo, como aquela ave mítica
que nasce, morre e renasce das próprias cinzas.
Manuela Barros Ferreira*

Retomando uma questão antiga

Neste texto e com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), a que se junta o que documentam o *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB) (ROSSI; ISENSEE; FERREIRA, 1963), o *Atlas linguístico de Sergipe* (ALS) (FERREIRA et al., 1987) e o *Atlas linguístico de Sergipe* - II (ALS-II) (CARDOSO, 2005), buscamos responder à pergunta-título: "E a (nossa) terra continua *sarolha*?".

Partimos da "descoberta" que fez o APFB ao revelar a presença generalizada da forma *sarolha* (Carta 22), em território baiano, para 'terra umedecida pela chuva, terra levemente molhada'. Seu uso foi posteriormente atestado pelos dados publicados no ALS (Carta 23) e no ALS-II (Carta 52), que mostram sua vitalidade em área sergipana, em que o uso da forma também se estende a outros referentes. Dessa documentação primeira — de que nos ocupamos anteriormente (CARDOSO; ROLLEMBERG, 1994) — procuramos dar conta, para, a seguir, mostrar os caminhos de *sarolha* já revelados pelo Projeto ALiB.

Sarolho(a) na Bahia e em Sergipe

As respostas registradas à pergunta **Terra úmida** (nº 24) — a que os informantes acrescentaram explicações do tipo: "quando as chuvas foram poucas" (ponto 16), "quando não está molhada direito" (ponto 20), "a terra depois que chove pouco" (ponto 45), "não está bem molhada, a chuva foi pouca, só *saroiou*" (ponto 48) — , aplicada, em 1960-1961, nos 50 pontos investigados no

*BARROS FERREIRA, Manuela. Língua e património: a palavra como lugar de onde se vê o mundo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português*: Brasil-Portugal. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008. p.289.

Estado da Bahia, foram reunidas na **Carta 22 UMEDECIDA (terra –) PELA CHUVA** do APFB, em que estão reproduzidas em transcrição fonética, e na carta-resumo **22R**, com o mesmo título, em que, para melhor visualização dos itens lexicais, estão representadas por sinais convencionais. As localidades pesquisadas para o mencionado atlas se distribuem por dezesseis zonas fisiográficas — estabelecidas pela divisão político-administrativa então vigente— e foram escolhidas proporcionalmente à sua área geográfica, à sua população e à sua densidade demográfica. Em quase todas, foram inquiridos dois informantes, com idades entre 25 e 84 anos, num total de 57 mulheres e 43 homens, selecionados segundo os critérios consagrados nesse tipo de investigação.

Para atender aos nossos propósitos neste trabalho, fazemos um recorte, examinando a **Carta 22** do ponto de vista léxico-semântico, desprezando as demais respostas cartografadas, assim como a variação fônica nela retratada, limitando-nos às ocorrências da forma linguística ***sarolha***, preponderante sobre as demais respostas, e da forma dela derivada por acréscimo de sufixo, ***sarolhada***.

Sua vitalidade pode ser constatada na área em exame: ***sarolha***, registrada 49 vezes, sob diferentes variantes fonéticas, está presente em 30 dos 50 pontos inquiridos, com um índice de freqüência de 60%, enquanto ***sarolhada*** foi anotada 12 vezes, em 8 dos pontos, em dois deles ao lado de ***sarolha***, com o percentual de 16%. Essas variantes lexicais ocorreram nas diversas zonas fisiográficas do Estado da Bahia, exceto na Zona do Cacau e no Extremo Sul. Computadas as ocorrências das duas formas em todas as localidades, constata-se uma freqüência de 70%, visto que se documentam em 35 das 50 localidades inquiridas.

A Figura 1 mostra a distribuição desses itens lexicais na Bahia.

Dando-se continuidade à investigação dialetal iniciada na Bahia com aquele atlas regional, foram selecionadas, segundo os mesmo critérios nele utilizados, 15 localidades na área geográfica do contíguo Estado de Sergipe, em que foram inquiridos, em 1966-1967, 30 informantes, dois em cada ponto, um do sexo feminino e outro do sexo masculino, com idades entre 30 e 65 anos. No ALS, essas localidades receberam a indicação numérica de 51 a 65, em continuação aos 50 pontos do APFB, com o intuito de assinalar a estreita relação entre os dois atlas, e reconhecendo a área dos "falares baianos" definida por Nascentes (1953) na sua divisão dialetal do Brasil.

Figura 1 – As designações *sarolha* e *sarolhada* para ‘umedecida (terra) pela chuva’ na Bahia[1]
Fonte: APFB, Cartas 22 e 22R.

A correspondente **Carta 23 UMEDECIDA (terra) PELA CHUVA** desse segundo atlas e a carta-resumo dela decorrente (**23R**) apresentam respostas resultantes da pergunta nº 56 do questionário aplicado em Sergipe, que, de acordo com o princípio geral adotado, foi formulada de maneira uniforme a cada um dos trinta informantes: “*Quando chove pouco, a terra fica nem seca nem molhada, como é que chama?*”. Tal formulação os conduziu, quase sempre, à resposta imediata, espontânea e precisa, que para nós tinha especial interesse: ***sarolha***. Além dessa, também foi registrada a forma ***sarolhada***, assim como outras bases lexicais que aqui, como no caso do APFB, não estão sendo objeto de exame.

[1] Os três primeiros mapas que constam deste trabalho (Figuras 1 a 3) foram confeccionados por Amanda dos Reis Silva, bolsista PIBIC/UFBA-CNPq do Projeto AliB – Regional Bahia.

Da metodologia dos inquéritos em Sergipe constou ainda a interrogação direta: finda a aplicação do questionário, determinadas formas linguísticas que não tivessem sido obtidas como respostas às respectivas perguntas na interrogação indireta foram submetidas aos informantes, com vistas a apurar seu conhecimento, se presentes em seu repertório, o que se convencionou chamar de teste de identificação. Entre as formas selecionadas para esse teste incluía-se ***sarolha***.

Assim é que estão cartografadas 19 ocorrências da variante lexical ***sarolha*** — não considerados os pormenores fonéticos de sua realização —, resultantes da aplicação da referida pergunta ou de sua identificação pelos informantes na interrogação direta, tendo-se deixado de obter essa resposta em apenas uma localidade (ponto 55), onde, no entanto, os dois informantes mobilizaram a forma ***sarolhada***, que também se documenta em mais dois pontos ao lado de ***sarolha***, num total de quatro ocorrências.

O índice de freqüência de 93,33% (14 pontos em 15) de ***sarolha*** indica a alta produtividade dessa variante lexical no vocabulário básico da área rural sergipana, demonstrando, ainda, ser o Estado de Sergipe, nesse aspecto, continuador incontestável do Estado da Bahia. Somadas a essas as ocorrências de ***sarolhada***, chega-se a um percentual de 100%, uma vez que essas designações para 'umedecida (terra) pela chuva' se estendem por todo o território sergipano, como se vê na Figura 2.

A mencionada **Carta 23** do ALS registra em nota que o item lexical ***sarolho*(*a*)** ainda foi anotado em resposta a mais duas perguntas do questionário aplicado com vistas a esse segundo atlas regional: as perguntas nº 260 (**Farofa úmida**) e nº 269 (**Tipos de beiju**).

Introduzida pela preliminar "*Aquilo que a gente faz da farinha, só com água e sal?*", a pergunta "*E quando é daquela que fica bem molhadinha?*" teve a sua formulação orientada pelos resultados da aplicação do questionário em inquéritos preliminares. Apenas três informantes em três diferentes localidades (nos pontos 51, 60 e 62) designaram por ***sarolha*** esse tipo de farofa quando da interrogação indireta; os demais atribuíram-lhe outras denominações. Perguntados diretamente por ***farofa sarolha***, alguns identificaram-na como uma farofa *nem seca nem molhada*, comprovando suas respostas com explicações do tipo: "a gente faz a farofa, nem escalda muito nem deixa muito solta" (ponto 55); "faz aquela farofa *saroia*: aquela farinha com um pouco de água e faz

aquela farofa meia seca” (ponto 55); “acho que seje nem sejando tão moiado nem também seca demais, que ela fique um pouco *saroiada*” (ponto 58). No mesmo teste de identificação, seis informantes disseram ignorar seu uso nesse contexto.

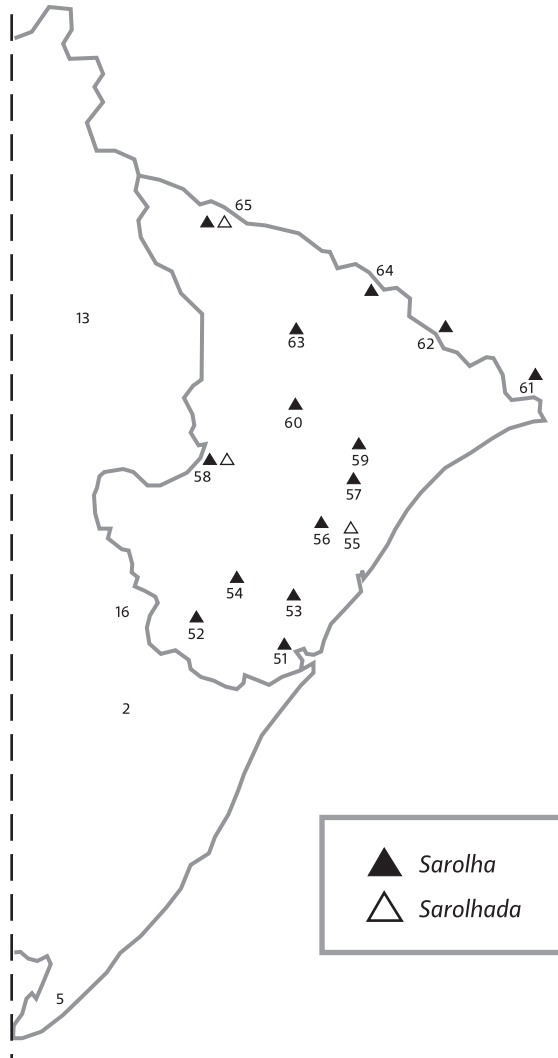



Figura 2 – As designações *sarolha* e *sarolhada* para ‘umedecida (terra) pela chuva’ em Sergipe
Fonte: ALS, Cartas 23 e 23R.

A pergunta 269 destinava-se a apurar os nomes de beiju conhecidos na área em estudo, com especial atenção para o tipo "*redondinho, molhado com leite de coco*". Dez informantes referiram-se a ***beiju sarolho***, quer na enumeração espontânea dos tipos de beiju, quer perguntados pelo tipo especificado, e, de modo geral, a explicação acrescentada confirmou aquela caracterização. Por outro lado, quatro informantes designaram por *beiju de coco* aquele referente, não se podendo dizer se conhecem a denominação ***sarolho***. No teste de identificação da forma ***sarolha*** (pergunta nº 56), um informante (ponto 62) atribuiu-a a um beiju feito de tapioca, acrescentando também conhecê-lo como *beiju de coco*, não tendo estado previsto, porém, o teste de identificação para ***beiju sarolho***, que justificaria a interrogação direta.

As respostas então registradas foram posteriormente reunidas na **Carta 52** do ALS-II – que publica uma parte inédita dos materiais recolhidos em 1966-1967 –, na qual se registram as dez ocorrências de ***sarolho*** para o mencionado tipo de beiju, molhado com leite de coco, distribuídas em sete dos quinze pontos documentados em Sergipe, como mostra a Figura 3.

Os dados do APFB, do ALS e do ALS-II, como se vê nas cartas aqui fornecidas (Figuras 1, 2 e 3), mostram a exuberância da presença da forma na área Bahia-Sergipe, pelo menos na década de sessenta do século XX. No caso de Sergipe, acrescenta-se o caráter produtivo de que se revestiu a denominação, agregando-se a também outros referentes, que não o inicialmente pesquisado na Bahia.

Da utilização dessas formas linguísticas no "falar baiano" com os significados que cobrem depreende-se sua estabilidade semântica caracterizada pelo *nem muito seco, nem muito molhado* aplicado tanto à terra (Bahia e Sergipe), como, além disso, a um tipo de farofa e a certo tipo de beiju (Sergipe), sendo constante na sua significação a indicação de um *estado intermediário,* de um *processo de umidificação iniciado mas não concluído.*

Cumpre destacar que, das três mencionadas perguntas, apenas a primeira delas constou do questionário aplicado na Bahia, fato esse que impede de estabelecer-se qualquer relacionamento entre as duas áreas do falar baiano no que diz respeito às outras possibilidades do uso de ***sarolho*(*a*)** arroladas em Sergipe.

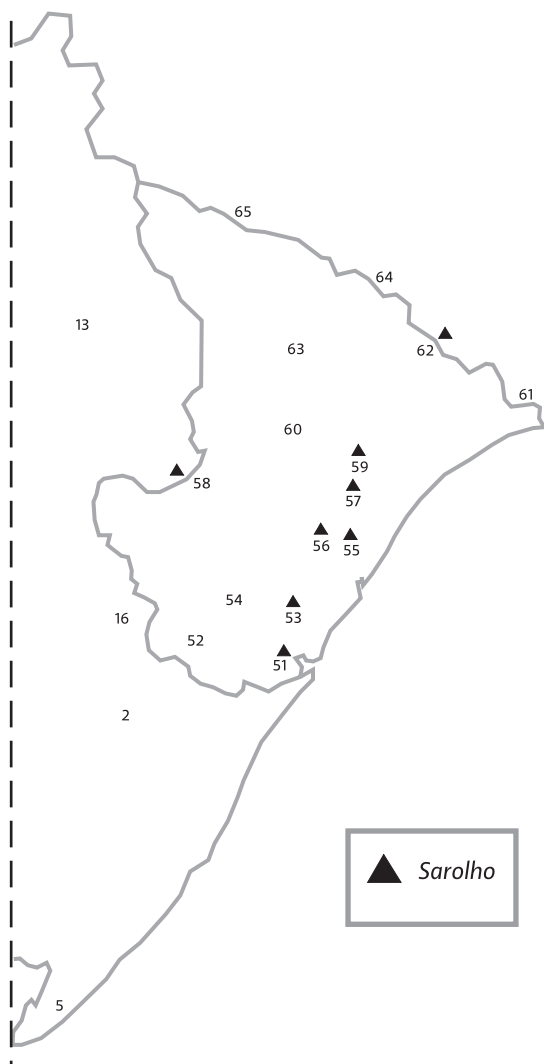



Figura 3 – A designação *sarolho* para 'umedecido (beiju) com leite de coco' em Sergipe
Fonte: ALS-II, Carta 52.

Na Tabela 1, reúnem-se as ocorrências das unidades lexicais ***sarolho(a)*** / ***sarolhada*** nos 65 pontos que compõem o universo Bahia-Sergipe.

Tabela 1 – As unidades lexicais ***sarolho(a)*** / ***sarolhada*** em Bahia-Sergipe

sarolho(a) + ***sarolhada***	APFB		ALS		APFB + ALS	
	Nº pontos / Total	Freq.	Nº pontos / Total	Freq.	Nº pontos / Total	Freq.
Umedecida (terra) pela chuva	35 / 50	70%	15 / 15	100%	50 / 65	77%
Umedecida (farofa)	—	—	6 / 15	40%	—	—
Umedecido (beiju) com leite de coco	—	—	7 / 15	47%	—	—

Sarolho(a) nos dados do Projeto ALiB

Neste segundo momento, examinamos resultados já consignados pelos dados do Projeto ALiB.[2] Trata-se, exatamente, do que já foi documentado no segmento da rede de pontos constante dos estados que se limitam com a Bahia, a cujos materiais, com a consulta facultada, já se pode ter acesso. O critério para esta seleção da área teve por base o Estado da Bahia, considerando-o centro revelador da presença de ***sarolha***, por ter sido nessa área que se registrou, pela primeira vez, a forma, pelo menos com dados publicados. Assim, examinam-se os resultados obtidos em oito capitais — Teresina, Recife, Maceió, Aracaju, Salvador, Goiânia, Belo Horizonte e Vitória[3] — e nas cidades do interior que integram a rede ALiB nessa área, cujos dados já podem ser consultados, a saber: Juazeiro, Jeremoabo, Barra, Irecê, Jacobina, Barreira, Alagoinhas, Seabra, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Valença, Jequié, Caetité, Carinhanha, Vitória da Conquista, Itapetinga e Caravelas, no próprio Estado da Bahia; Propriá e Estância, em Sergipe; União dos Palmares, Santana do Ipanema e Arapiraca, em Alagoas; Arcoverde, Caruaru, Garanhuns e Petrolina, em Pernambuco. Dos demais estados limítrofes — Piauí, Paraíba, Tocantins,

[2] O levantamento de dados, a partir das transcrições grafemáticas e/ou da audição dos registros, foi feito pelos bolsistas PIBIC/UFBA-CNPq Viviane de Jesus, Paula Lorena Reis e Jeckselma Santos.

[3] Palmas e Brasília, em função dos princípios metodológicos que orientam a seleção de informantes, não se incluem na rede de pontos do Projeto ALiB.

Goiás, Espírito Santo e Minas Gerais —, alguns deles já com pontos documentados, não se pode dispor ainda dos dados para consulta, o que justifica a não menção ao que se registra em tais pontos.

O que busca o Projeto ALiB

No campo semântico-lexical — além do que examina nos campos fonético-fonológico, morfossintático, prosódico e pragmático-discursivo —, o Projeto ALiB trabalha com 202 itens, distribuídos em 14 subáreas semânticas — Acidentes geográficos, Fenômenos atmosféricos, Astros e tempo, Atividades agropastoris, Fauna, Corpo humano, Ciclos da vida, Convívio e comportamento social, Religião e crenças, Jogos e diversões infantis, Habitação, Alimentação e cozinha, Vestuário e acessórios e Vida urbana —, para cujos referentes devem ser buscadas as denominações ocorrentes nas áreas pesquisadas.

Dessa forma, do Questionário Semântico-Lexical (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) consta, na subárea Fenômenos atmosféricos, a pergunta de número 19, assim apresentada e formulada:

> 19. TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA
> Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?

Essa pergunta, como todas as demais que integram os questionários do ALiB, vem sendo aplicada em toda a rede de pontos que constitui a base de dados do Projeto ALiB. São 250 localidades, começando-se do Oiapoque, ponto 001, ao Chuí, ponto 250, distribuídas por todas as regiões do país, tendo-se atentado, na sua seleção, para as características não só geográficas, mas também culturais, políticas, econômicas e linguísticas, além de se ter levado em conta a sua posição com relação aos limites internos, nacionais, e internacionais.

Em cada uma dessas localidades, as perguntas são feitas a informantes diferenciados quanto à idade, ao gênero e, nas capitais de estado, também quanto à escolaridade. Assim, as informações referem-se a homens e mulheres de duas faixas etárias — faixa 1, entre 18 e 30 anos, e faixa 2, entre 50 e 65 anos —, e, unicamente nas capitais, de dois níveis de escolaridade — com o curso fundamental até a 8ª série incompleta e com o curso universitário completo —, uma vez que nos demais pontos da rede os informantes são todos

da mesma categoria de escolaridade, ou seja, têm o curso fundamental incompleto. Na sua totalidade, o Projeto ALiB fornecerá informações colhidas a 1.100 informantes, distribuídos equitativamente pelas categorias que se vem de apontar.

Com a metodologia adotada, procura-se descrever a realidade do português brasileiro, considerando-se a variação diatópica e as diferenças relacionadas à variação diagenérica, diageracional e diastrática.

Os caminhos de *sarolha* no ALiB

A presença de ***sarolha*** e ***sarolhada*** na área mencionada será examinada tendo em vista a distribuição diatópica, considerando-se as variáveis sociais decorrentes da diversidade de gênero, de faixa etária e de escolaridade. Para isso, tomam-se os dados de capitais de estado que se limitam com a Bahia e de cidades que integram a rede de pontos do ALiB já documentadas, e se analisam as respostas dadas por homens e mulheres, por falantes de uma faixa etária mais jovem e de outra avançada, além de considerar, do ponto de vista da escolaridade, informantes com apenas escolaridade fundamental e informantes com escolaridade universitária completa.

Variação diatópica

O primeiro aspecto que se quer considerar diz respeito à distribuição diatópica.

Para as considerações sobre o que vem revelando o Projeto ALiB, e com base nos materiais que já se encontram disponíveis para consulta, o resultado das capitais aponta a ausência de ***sarolho(a)***, pelo menos no uso dos informantes registrados. Uma exceção, porém, se faz para Teresina, onde se documenta sob a variante ***zaroia*** (***zarolha***). No que diz respeito aos demais pontos relativos a esses estados selecionados, os resultados se configuram no Quadro 1.

Como se observa, a presença de ***sarolha*** e ***sarolhada*** — formas com forte incidência na Bahia e em Sergipe, apontada pelos dados dos atlas regionais referidos — se faz sentir, mas sem muita intensidade. Dois aspectos, nesse caso, merecem ser considerados: (i) a densidade da malha de pontos do ALiB que é, por razões metodológicas, mais baixa do que a desses atlas e (ii) o fato de haver entre os primeiros dados e os atuais um espaço de meio século e um processo acelerado de urbanização dessas áreas, decorrente de fatores tais como a in-

tensificação das vias de comunicação e o papel da mídia — rádio, TV, internet —, para cuja comprovação desconhecemos estudos de base empírica, mas de cuja interferência na vida cotidiana se tem perfeita clareza, a que se acrescenta o reconhecido papel da escola.

Estado	Ponto da rede	Presença de ***sarolha*** e ***sarolhada***/ Informante			
		1	2	3	4
Pernambuco	068 Arcoverde				
	069 Caruaru				
	072 Garanhuns				
	073 Petrolina				
Alagoas	074 União dos Palmares				
	075 Santana do Ipanema				+
	076 Arapiraca			+	
Sergipe	078 Própria				
	080 Estância	+		+	
Bahia	081 Juazeiro				
	082 Jeremoabo			+	
	084 Barra			+	
	085 Irecê				
	086 Jacobina	+			
	087 Barreira				
	088 Alagoinhas				
	089 Seabra				
	090 Itaberaba			+	
	091 Santo Amaro				
	092 Santana				
	094 Valença				
	095 Jequié				
	096 Caetité				
	097 Carinhanha				
	098 Vitória da Conquista				
	100 Itapetinga				
	102 Caravelas				

Quadro 1 – Presença de ***sarolha*** e ***sarolhada*** em cidades do interior da Bahia e de três estados limítrofes a partir de dados do Projeto ALiB

Nota: Os informantes assim se identificam: os informantes 1 e 3 são homens, das faixas etárias 1 e 2, respectivamente, e os informantes 2 e 4 são mulheres, das faixas, respectivamente, 1 e 2.

Considerando-se o registro por estado, os dados permitem que se configure a distribuição que se apresenta no mapa As designações ***sarolha*** e ***sarolhada*** para 'umedecida (terra) pela chuva' na Bahia e em estados limítrofes (Figura 4), que assinala, apenas, a presença/ausência do fato na área considerada, no caso, em cada estado, sem se levar em conta o índice de frequência com que se registram as ocorrências, a amplitude de sua distribuição ou a natureza dos informantes inquiridos.

Variação diastrática, diagenérica e diageracional

A quase ausência das formas nas capitais de estado impossibilita a avaliação no que concerne à variação diastrática. Nada obstante, dois aspectos merecem destaque. Primeiramente, o registro de ***zaroia*** ao informante 3 — homem, de escolaridade fundamental — em Teresina. Em segundo lugar, o que revelaram as cidades do interior *versus* as capitais, o que pode ser indício de que a forma em questão seja um traço do repertório daqueles falantes de menor escolaridade, ausente, assim, no repertório dos mais escolarizados e de convivência em centros urbanos de maior representatividade, como o são as capitais em relação às demais cidades dos seus respectivos estados.

Quanto à variação diageracional, à exceção de Santana do Ipanema (AL), onde a informante mulher de mais de 50 anos foi a única a mencionar ***sarolha***, as formas ***sarolha*** e ***sarolhada*** só ocorreram na elocução de homens majoritariamente de faixa 2, maiores de 50 anos — em Arapiraca (PE), Estância (SE), Jeremoabo, Barra e Itaberaba (BA) — e, em dois pontos — Estância (SE) e Jacobina (BA) —, a informantes da faixa etária 1, ou seja, com idade entre 18 e 30 anos.

Apesar de reduzidos, e de restritos a uns quantos pontos da rede, os dados podem sugerir que a presença de ***sarolha*** na área em exame se configura como característica de falantes de menor grau de escolaridade, geralmente de faixa etária mais avançada e do vocabulário de homens.

Um pouco de história

A consulta a léxicos do português e a dicionários enciclopédicos nos permitiram reunir as informações que seguem.

Dos primeiros, apenas o dicionário de Houaiss e Villar (2001) registra **sarolho** como uma 'espécie de beiju', classificando-o como um regionalismo

Figura 4 – As designações *sarolha* e *sarolhada* para 'umedecida (terra) pela chuva' na Bahia e em estados limítrofes

Fonte: dados disponíveis do Projeto ALiB.

de Sergipe. Os demais não aludem a seu uso em área brasileira ou portuguesa exatamente nas acepções aqui em foco. Contudo, Figueiredo (1949), Morais Silva (1949) e Aulete (1980) documentam as formas **zarolha** e **zarolhar** nas acepções, respectivamente, de 'roupa mal enxuta' e de 'enxugar-se ligeiramente' ou 'secar passageiramente' a roupa, como provincianismos minhotos, à exceção de Morais Silva, que não situa a área geográfica, assim como as formas **sarolhento** e **sorolhento** para 'mal sazonado', 'não maduro', 'verde', situando seu uso no Alentejo e exemplificando com "fruta sorolhenta" (Figueiredo) e "pera sorolhenta" (Aulete). Nesses mesmos léxicos, consta **zarolho** para 'milho no começo da maturação', considerado um brasileirismo do Norte, a que Houaiss e Villar (2001), além de sua aplicação a 'gramínea', exemplificando com "milho zarolho", acrescentam seu uso de referência a 'erva de pastagem quando começa a amadurecer', classificando a forma como um regionalismo do Norte e Nordeste brasileiros.

Joseph Piel (1953, p.292-295) cita as formas enumeradas em Figueiredo (1949) e acrescenta ainda, para o português europeu: **sarolhaço**, que se aplica ao fruto e ao cereal que se consome ou se ceifa em incompleto estado de maturação (Alentejo), e **zarolho**, com a acepção de 'trigo que não está ainda bem seco, que está ainda verdoengo' (Concelho de Alcanena).

Note-se, finalmente, que a recente edição do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (2009), da Academia Brasileira de Letras, já registra a forma **sarolho**, ausente em edições anteriores.

As informações etimológicas sobre ***sarolho(a)*** e ***sarolhado(a)*** são escassas. Apenas José Pedro Machado (1959), s.v. **zanaga**, **zanago**, registra **zarolho**, dizendo ter etimologia obscura, remetendo, entretanto, ao dicionário de Juan Corominas (1954), que, s.v. **acerola**, faz referência a **zarolho** (provincianismo brasileiro) e a **sorolhento** (provincianismo alentejano) para 'mal sazonado, verde', como possíveis empréstimos ao castelhano, e a **zarolha** (provincianismo minhoto) para 'roupa mal enxuta'. Para o território espanhol, registra **cerolho** (navarro e galego), **zarollo** (galego, leonês e murciano) e **sorroyo** (andaluz) aplicados a 'messes que no momento da ceifa ainda estão um pouco verdes', formas talvez procedentes de **azarolla** 'azarola' (possivelmente do latim cērĕŏla), relacionando ao sabor desta fruta; e mais **zorollo** que se aplica a um alimento meio cru (Almeria). Referindo-se ao significado 'torto, estrábico' da forma portuguesa **zarolho**, admite poder ter sido este o sentido

fundamental, consequentemente sem qualquer relação com **acerola**, mas, ao contrário, com **sarazo** 'grão nem seco nem maduro' (milho). Corominas considera improvável o étimo ***seruculus** diminutivo de sērus, proposto por García de Diego, pela dificuldade em explicar o fonema inicial das formas espanholas. Por seu lado, Piel (1953, p.293), para explicar **sorolhento**, supõe a existência de ***serolhento**, de ***serolho**, de uma derivação vulgar latina **seruculus**, sinônimo de sērōtĭnus 'que vem tarde ou a desoras; tardio; que aparece no fim da estação própria (falando-se de frutos)', que se prende ao advérbio sēro 'tarde, demasiado tarde'.

A abordagem da documentação dos atlas regionais de Bahia e Sergipe, dos dados do Projeto ALiB e dos léxicos e dicionários etimológicos disponíveis levam-nos a concluir que na significação de ***sarolho(a)*** e variantes persiste um traço constante, o de *estado intermediário*, *incompleto*, *imperfeito*, que designa a terra nem seca nem molhada, um tipo de farofa ligeiramente molhada, certo tipo de beiju umedecido, frutos e cerais em geral mal amadurecidos, ou ainda, roupa mal enxuta.

Em toda essa área brasileira, ***sarolho(a)*** se apresenta, parece-nos que fora de dúvida, com o mesmo valor semântico com que ocorre no seguinte passo do *Livro da Montaria* de D. João I:

> E pois que o começamos a ensinar, sabede, que a terra do barro, ou lama que seia **çorolha** [grifo nosso], que nom seia solta, estas terras fazem parecer os rastros grandes, posto que seiam mais pequenos, e as areas soltas, e a lama a também solta, estas fazem pareceros rastros pequenos, posto que seiam grandes; e esto porque no passarque o porco passa polia area, tanto que passa, logo o rastro çarra da area polia sua soltura: e a ainda que a area se nom çarra per si meesma, mais se faz uento, pollo seu correr tambem faz correr as areas, e çarram os rastros, que ainda que seiam grandes, fazeos parecer pequenos (PEREIRA, 1918, p.150).

passo que pareceu pouco claro a Serafim da Silva Neto (1979, p.420) e para o qual Morais Silva dá, em dúvida, os significados de 'apertado, compacto'.

A ocorrência de **sarolha** nessa área dos falares baianos e na mesma acepção usada por D. João I leva-nos a chamar a atenção para a importância que pode vir a ter essa forma, se reunida a um elenco de outras de igual interesse, para o estudo da história do português no Brasil, no que se refere às suas ligações com os falares regionais de Portugal, com base nos dados internos da língua que se pudessem conjugar às informações da história externa.

E continua *sarolha*?

Não tão ***sarolha***, como dantes, pode-se afirmar, mas... um pouco!

Os dados do Projeto ALiB passíveis de análise até o presente mostram, de referência a esse espaço geográfico considerado — o Estado da Bahia com os demais estados com os quais se limita —, a presença de ***sarolho(a)*** na Bahia, em Sergipe, em Alagoas e no Piauí, o que revela certa continuidade nessa parte do Nordeste. A ausência da forma nos demais estados não se afigura, ainda, como resultado definitivo, pois restam informações a serem exploradas, seja pela documentação de localidades ainda não coletada, seja pela impossibilidade, neste momento, de acesso a dados já registrados. A realidade, porém, já espelha uma redução nos domínios espaciais da forma em questão.

Se os dados empíricos fornecem o panorama descrito, os dicionários atuais da língua, à exceção do de Houaiss e Villar que registra **sarolho** para uma 'espécie de beiju', não tomaram, devidamente, consciência (conhecimento?) desse item lexical presente em área relativamente extensa e com vitalidade comprovada. Isso mostra que as informações dos atlas linguísticos ainda não conseguem chegar aos nossos dicionários, não se aproveitando, assim, da riqueza lexical comprovada pela pesquisa *in loco*.

Mas as palavras não morrem, pelo menos facilmente, e isso acontece com ***sarolho(a)***: de D. João I ao século XXI, uma presença inconteste.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* 5.ed. São Paulo: Global, 2009.

AULETE, J. Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa.* 3.ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980. 5v.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas lingüístico de Sergipe - II.* Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera. A vitalidade de *sarolha* nos falares baianos. In: FERREIRA, Carlota et al. (Org.). *Diversidade do português do Brasil*: estudos de dialectologia rural e outros. 2.ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p.43-51.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas linguístico do Brasil:* questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COROMINAS, Juan. *Diccionário crítico etimológico de la lengua castellana.* Madrid: Gredos, 1954.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.* 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa.* 13.ed. Lisboa: Bertrand, 1949. 2v.

GARCÍA DE DIEGO, Vicente. *Diccionario etimológico español e hispánico*. Madrid: S.A.E.T.A., 1954.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mário de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* Lisboa, Confluência, 1959. 2v.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: F. Alves, 1952.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca.* 2.ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

PEREIRA, Francisco Maria Esteves (Ed.). *Livro da montaria feito por D. João I, rei de Portugal.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918. Disponível em: <http://www.archive.org/details/livrodamontariaf00johnuoft>. Acesso em: jul. 2009.

PIEL, Joseph M. *Miscelânea de etimologia portuguesa e galega.* Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1953.

ROSSI, Nelson; ISENSEE, Dinah; FERREIRA, Carlota. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura–Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa.* 3.ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1979. (Linguagem, 11).

SILVA, António de Morais. *Grande dicionário da língua portuguesa.* 10.ed. Lisboa: Confluência, 1949. 12v.

Braguilha ou *barguia*: eis a questão

Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina

Apresentação

Os dados coletados para o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em vinte e cinco capitais, já transcritos e revisados, vêm despertando o interesse dos pesquisadores pelo registro da diversidade das variantes lexicais, fonéticas, morfossintáticas e metalinguísticas e pela distribuição diatópica e diastrática dessas variantes que começam a apontar caminhos para o esclarecimento de questões relativas, ora à existência ou não de áreas dialetais no Brasil, ora à confirmação ou não da proposta de Antenor Nascentes (1953) sobre a divisão dialetal de nosso país no que se refere à língua portuguesa.

Um dos temas que nos tem chamado a atenção diz respeito às respostas dadas à pergunta 142 do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). Para a obtenção da resposta, propõe-se ao informante: *Como se chama a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper?* Na sequência, consta do QFF, entre colchetes, uma segunda proposta — *[Se você/o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberta, você/o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a ______________ ?]* —, com a expectativa de obter a resposta ***braguilha*** e suas variantes fonéticas, vez que no *caput* da pergunta, sublinhados e em negrito, figuram os elementos que são objeto de investigação naquele contexto fônico e naquela palavra: (i) a sílaba inicial formada pelo encontro consonantal *br-* seguido da vogal *-a*, e (ii) na sílaba final, o dígrafo que corresponde ao fonema lateral palatal /λ/.

O interesse nos registros da sílaba inicial deve-se à possibilidade e à significativa produtividade de formas com a metátese do rótico (*bar-*) bastante freqüente na fala popular brasileira, sobretudo rural. Sobre a sílaba final com o fonema /λ/, a história da língua portuguesa no Brasil, testemunhada pelos atlas rurais estaduais e locais, tem indicado que a iotização, a despalatalização e mesmo o apagamento são fenômenos muito produtivos e que devem ser considerados em uma descrição linguística.

Para este trabalho, analisamos as respostas dadas a essa pergunta por 200 informantes nascidos e radicados nas capitais dos estados, sendo oito informantes por localidade, distribuídos equitativamente pelos dois sexos/gêneros (quatro homens e quatro mulheres), por duas faixas etárias (quatro entre 18 e 30 anos e quatro entre 50 e 65 anos) e por dois níveis de escolaridade (quatro

com o curso fundamental completo ou incompleto e quatro com o curso superior completo).

Estruturamos este texto, apresentando inicialmente as variantes lexicais obtidas. Em seguida, tratamos da lexicalização dessas formas nos principais dicionários gerais e etimológicos da língua portuguesa e de outras línguas românicas, da realização da sílaba inicial (*bra-*, *bre-* ou *bar-*, às vezes *ber-*, *bér-*, *bai-*, *ba-* e *barri-*) e da sílaba final [ʎɐ, jɐ, ɐ] na fala dos informantes das vinte e cinco capitais, finalizando com a discussão sobre a influência das variáveis sociais (sexo, faixa etária e escolaridade) sobre a realização de formas não aceitas pela norma culta.

As respostas para a pergunta 142 (QFF) em vinte e cinco capitais: variantes lexicais para 'abertura na parte dianteira da calça do homem'

Considerando-se a primeira e a segunda respostas obtidas, ***braguilha*** e variantes fonéticas representam 77,3% do total de registros. Além dessa variante lexical, ocorreram as seguintes: *zíper* (11,3%), *fecho* (6,7%), *bragueta* (3,6%), *vista* (1%) e *frente* (uma única ocorrência). Os dados mostram, também, um índice de 10% de não respostas, isto é, de informantes que declararam não dar um nome específico para esta parte do vestuário masculino.

Observando-se a produtividade de ***braguilha*** por região, e considerando-se as demais variantes lexicais, a região Norte apresentou o maior número de ocorrências de ***braguilha*** e variantes fonéticas (94%), enquanto a região Sul apresentou o menor número (40%), registrando-se também outras lexias, como *zíper*, *fecho* e *vista*, além de *bragueta*, que, embora proceda da mesma base etimológica (*braca* > *braga*) da qual se originou ***braguilha***, distingue-se desta pelo sufixo diminutivo de origem diversa. As regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentaram, respectivamente, em valores aproximados, os seguintes índices: 71%, 88% e 84%. A Figura 1 mostra a distribuição do percentual de ocorrência de ***braguilha*** por região.

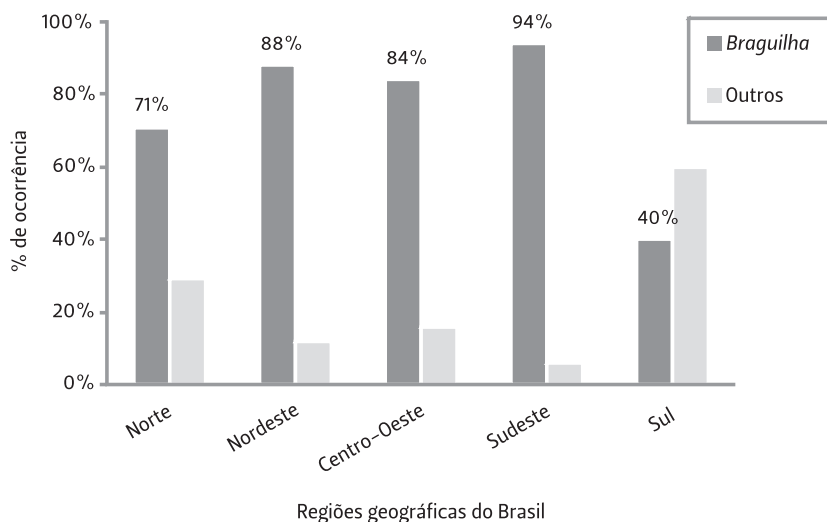



Figura 1 – Distribuição do percentual da variante lexical *braguilha* segundo a região do Brasil

O baixo percentual verificado na região Sul é explicado pela predominância da forma dialetal *bragueta*, entre os informantes de Porto Alegre, independentemente das variáveis sexo, faixa etária e nível de escolaridade, além da concorrência com *zíper* e *vista* em Curitiba e Florianópolis. Proporcionalmente, foi a região com o maior índice de não respostas (24%), muito além da média geral, que foi de 10% de abstenção. Isso se explica, sobretudo, pela alta freqüência de *bragueta*, aqui considerada como resposta inadequada para os mencionados objetivos da pergunta: verificar a existência ou não da metátese na sílaba inicial e a ocorrência da iotização, do apagamento ou a manutenção da palatal lateral na sílaba final.

Na carta experimental nº 1 (Figura 2), reúnem-se as variantes lexicais coletadas, distribuídas em duas cruzes localizadas em cada uma das vinte e cinco capitais. A cruz da esquerda traz os registros dos informantes do curso fundamental, e a da direita, os dos informantes do curso superior. Na linha superior de cada cruz, constam os dados dos jovens e, na inferior, os dos idosos. As ocorrências recolhidas aos informantes masculinos estão dispostas no lado esquerdo de cada cruz, e às informantes femininas, no lado direito.

A Figura 2 apresenta a distribuição diatópica e diastrática das variantes lexicais e indica: a alta produtividade de ***braguilha*** e variantes fonéticas sobre as demais variantes lexicais; que os jovens estão implementando a mudança com

a introdução de variantes de significado mais extenso, como *zíper* e *fecho ecler*. Outra diferença marcante está na região Sul, pelos motivos já expostos.

Se refizermos a carta apresentada na Figura 2, mapeando apenas as variantes com 25% ou mais de produtividade, isto é, com uma mesma resposta dada por dois ou mais informantes, teremos a carta da Figura 3.

A carta, despojada da indicação das não respostas e das respostas menos frequentes, demonstra a prevalência de ***braguilha*** em vinte e quatro capitais; a concorrência com *zíper* em três delas (São Luís, Natal e Curitiba) e o predomínio de *bragueta* em Porto Alegre.

Afinal, quais são a origem e os significados da palavra ***braguilha***?

Consultamos dicionários do português, do espanhol e do francês para verificar a lexicalização de ***braguilha*** e ***bragueta***.

Ferreira (2004) indica que ***braguilha*** vem de *braga* + *-ilha*, tratando-se de uma forma antiga que significa ‘abertura dianteira das bragas; portinhola’. Acrescenta a extensão do significado: ‘abertura dianteira de qualquer calça, calção, ceroula, etc.’, além do sinônimo *vista*, usual no Paraná, e da variante metatética *barguilha*, que, conforme constatamos, é bastante produtiva na fala do brasileiro das capitais.

O dicionário de Houaiss e Villar (2001) registra ***braguilha*** para ‘abertura frontal da braga’ — atribuindo-lhe a mesma origem apontada por Ferreira (2004) — e, por extensão, para a ‘abertura da parte dianteira de quaisquer calças, calções, cuecas etc.’; faz menção às variantes *barguilha* (documentada entre 1450-1516) e *breguilha* (s. XVII) e aponta os sinônimos *alçapão*, *barriguilha*, *bragueta*, *carcela*, *portinhola* e *vista*.

A forma ***bragueta*** consta em Ferreira (2004) com acepção diferente da que tratamos aqui (termo da arquitetura), enquanto Houaiss e Villar (2001) a essa acepção acrescentam sua sinonímia com ***braguilha***, apontando-lhe como étimo o castelhano *bragueta* ‘abertura na parte da frente das calças’.

Quanto aos dicionários etimológicos do português, Nascentes (1966) registra a forma ***braguilha*** como diminutivo de *braga*, a que atribui o significado de ‘calceta’, acrescentando que Aulete e Figueiredo derivam a forma do

lat. *braca*. Machado (1967) a considera um derivado de *braga* (do lat. *braca-*), do mesmo modo que o francês *braguette*, registrando as variantes *barguilha* (*Cancioneiro Geral*, s. XV) e *breguilha* (s. XVII). Cunha (1984), por sua vez, inclui ***braguilha*** no verbete **bragas** (plural de *braga*, datada do s. XVI) e registra que esta procede do lat. *brācae, -arum*; indica para a forma ***braguilha*** o mesmo significado original acima apontado, que, a partir do século XVII, se estendeu à abertura dianteira de qualquer tipo de calça.

Em relação ao espanhol, Martínez Almoyna (1984) traz *bragueta* com a acepção de abertura da calça; e *braguillas*, apenas no sentido figurado, significando menino que começa a vestir calças; menino pequeno ou incorreto. No dicionário etimológico de Corominas (2006), s.v. **braga**, consta: "'calzón', 1191; 'metedor', arag., 1726. Del lat. BRACA 'calzón' y éste del galo". Dentre as palavras derivadas de *braga*, o autor inclui: *bragado* e *bragadura*, datadas de 1607; *bragazas*, *braguero* 'cinturón', s. XIII; 'aparato para contener una hérnia', 1555; e *bragueta*, datada de 1490. Não há referência a *braguilla*.

Para as formas francesas *brague* e *braguette*, o *Petit Larousse* (1967) informa: do "anc. fr. *brague*, culotte. Fente pratiquée sur le devant d'un pantalon d'homme". E, na entrada do verbete, remete a *braie*:

> **braie**. XII^e s., "pantalon ample". Du latin *braca*, mot gaulois désignant un type indigène de pantalon qui subsista, malgré les railleries des Romains, et qui, plus ou moins modifié, gagna les pays voisins; il fut remplacé au XVII^e s. par le haut-de-chausses. || brague 1308, prov. *brago*, de même sens que braie.|| braguier XV^e s., Villamont, "caleçon" (encore au XVII^e s.).

Bloch e Wartburg (1996 [1932]) registram que *braguette* data de "1534 (Rab.). Dér. de *brague*, usual au XVI^e s. au sens de 'culotte', empr. du prov. braga, v. braie. Au même sens on a dit *brayette*, XIV^e, der. de braie". Ao examinar-se o verbete **braie**, verifica-se que se trata de:

> Terme archéologique (ordinairement au plur.); en outre quelques emplois techn. Lat. *braca*, plus ordinairement au plur. empr. du gaulois *braca* "sorte de pantalon ample", qui, d'abord ridiculisé, fut adopté partout; de là l'extension du mot dans toutes les langues romanes: it. *braca*, esp. *braga*, a pr. *braga*. Les braies ont été plus tard remplacées par les chausses, v. chausse. Ne survit que dans les parlers normands, bretons et méridionaux, au sens de culotte, pantalon.

Baumgartner e Ménard (1996), s.v. **braguette**, remetem a **braies**, datado do século XII: "'pantalon ample'", du gaul. *braca*. Registram *braguette*, como subentrada, datada do século XIV, sob a forma *brayette*, com o significado de um pequeno bolso preso sob as entrepernas e acima e na frente da calça; depois, no século XVII, uma abertura no mesmo lugar.

Dauzat, Dubois e Mitterand (1964), na entrada **brague**, **braguette**, remetem igualmente a *braie*, em que constam as mesmas informações de Bloch e Wartburg e de Baumgartner e Ménard.

A Wikipédia, embora não traga a autoria dos construtores da definição e dos comentários, traz informações interessantes, talvez mais curiosas:

> A **braguilha** é uma peça de vestuário masculino que se usava nos séculos XV e XVI para cobrir os órgãos genitais. Por extensão, o nome é aplicado à abertura à frente das calças, calções, ou cuecas que se costuma fechar com fecho éclair ou com botões, e que permite ao seu portador retirar o pénis para fora na ocasião de urinar.
>
> Nos séculos XV e XVI, a braguilha surgiu por razões de pudor: os homens vestiam calças muito justas que eram abertas na zona entrepernas, de modo que os órgãos genitais eram cobertos somente pela extensão de um colete muito em voga até aí. Quando a moda mudou e os homens começaram a usar coletes mais curtos, surgiu a braguilha.
> Algumas armaduras do século XVI incluem braguilhas metálicas.

Esta visita aos dicionários de português, espanhol e francês permite traçar algumas conclusões:

(i) É consensual que ***braguilha***:

a. deriva-se de *braga*(*s*), forma antiga, utilizada originalmente para nomear uma peça do vestuário masculino, calça(s);
b. procede da forma latina *braca, -ae* + *-icula* (*-ilha*);
c. significa abertura daquela peça de roupa masculina.

(ii) Os dicionários franceses e espanhóis consultados registram, na acepção de abertura da parte dianteira da calça ou outra peça do vestuário, apenas a forma derivada *bragueta* (de *braguette*, *brayette*, *bragueta*), o que faz pressupor que ***braguilha*** seja exclusivamente de uso no português.

(iii) *Bragueta*, cuja origem apontada é o castelhano *bragueta* (HOUAISS; VILLAR, 2001), é forma bastante produtiva em Porto Alegre-RS, provavelmente pelo contato com os vizinhos hispano-americanos.

Figura 4 – Carlos I, de Espanha, usa neste retrato pintado por Ticiano uma braguilha (1532-1533)
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Braguilha>.

(iv) A forma portuguesa ***braguilha*** foi historicamente documentada, segundo Machado, no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, datado de 1450-1516, informação que se repete no dicionário de Houaiss e Villar. Quanto às formas a elas correspondentes, *bragueta*, do espanhol, foi registrada pela primeira vez em 1490, segundo Corominas; a forma francesa *baguette* data do século XIV, para Baumgartner e Ménard, ou de 1534, para Bloch e Wartburg, assim como para Dauzat, Dubois e Mitterrand.

A sílaba inicial: ***bra***- ou ***bar***-

A metátese é um fenômeno fonético bastante comum na língua portuguesa, registrada historicamente na evolução do latim vulgar para o português. Segundo Williams (1975, p.119), nesse percurso ocorreram três possibilidades de deslocamento de fonemas: (i) dois sons adjacentes por vezes tomaram

posição reversa; dentre os exemplos arrolados pelo autor, destacamos *genuculum* > *geolho* > *joelho*; *inodium* > *enojo* > *enjôo*; (ii) por vezes uma consoante (usualmente *r*) deslocou-se de uma sílaba para outra: *fenestram* > *feestra* > *fresta*; *capistrum* > *cabresto*; (iii) por vezes duas consoantes em sílabas diferentes trocaram de posição, como em *eleemosynam* > *esmolna* > *esmola*. Caso mais complexo observa-se em *hirundine* > *hirundina* > *andorina* > *andorinha*.

Silveira Bueno (1959, p.99) distingue a metátese da hipértese. A primeira consiste na transposição de um som dentro da mesma sílaba, e a segunda, na mudança do som de uma sílaba para outra. Para Coutinho (1976, p.149), porém, a metátese é a transposição de fonema que se pode verificar na mesma sílaba ou entre sílabas.

Amaral (1976, p.54) registrou na fala caipira paulista os seguintes exemplos de metátese: *perciso*, *pertende*, *purcissão*, *partelera*, *agardecê*, *aquerditá*(*r*); e de hipértese: *agordão*, *cardaço*, *chacoalhá*(*r*), *largato*.

Em estudo recente de Hora e Telles (2009, p.347), lê-se:

> O processo de metátese é conhecido historicamente e referido largamente como um fenômeno irregular, esporádico e restrito a erros de fala ou à produção da fala de crianças em fase de aquisição. No Português do Brasil, o processo também tem sido assim interpretado. Entretanto, ao revisitarmos manuscritos dos séculos XVIII e XIX, provenientes de diferentes variedades sociais do PB, observamos que a metátese requer maior atenção, por se apresentar como um processo decorrente de distintas motivações fonológicas e mais frequente do que se supunha.

No caso de ***braguilha***, nos dados do ALiB-capitais, verificamos que, dos 179 registros, 104, ou 58%, são, em sua maioria, formas metatéticas: *barguilha* (101 ocorrências) e *berguilha* (3 ocorrências). A manutenção do encontro consonantal foi constatada em 28% dos casos com *bra-* e em menos de 4% (6 casos) com *bre-*/*bré-*. Registramos ainda: (i) 4% de casos em que ocorreu a síncope do rótico (*ba-*); (ii) iotização ou semivocalização do /r/ na forma metatética (*bai-*) em menos de 2%; e (iii) 5 casos de epêntese de /i/ após a forma metatética (*barri-*).

Quanto à distribuição diatópica das variantes com metátese, a região Centro-Oeste apresentou o maior índice (77%), seguida da região Norte com 69%, da Nordeste com 59% e da Sudeste com 48%. Na região Sul, não se re-

gistrou nenhum caso de metátese. A Figura 5 mostra a distribuição diatópica e diastrática das variantes da sílaba inicial de ***braguilha***.

Considerando-se que a variante popular (*bar-*) é mais produtiva do que a forma padrão (*bra-*) e analisando os dados com base na variável faixa etária, verificamos que os informantes da segunda faixa, isto é, entre 50 e 65 anos, são os que realizaram a forma metatética com mais frequência, com 55% do total. Quanto ao nível de escolaridade, os do curso fundamental realizaram esta forma em 53% dos casos. Em se tratando de sexo/gênero, os homens tendem a preservar a forma não padrão em 54% dos dados. Esses números aumentam se acrescentarmos as demais formas não padrão, isto é, as iniciadas por *ba-*, *bai-*, *barri-*.

Para melhor visualizar a distribuição diatópica das variantes em foco, construímos a carta experimental nº 4 (Figura 6) e verificamos que a variante não padrão, presente em vinte e um estados, concorre em treze deles com a variante padrão, predominando em sete das vinte e cinco capitais: Rio Branco, Cuiabá, Campo Grande, Goiânia, Belo Horizonte, Aracaju e Maceió. Por outro lado, a forma padrão é exclusiva ou majoritária em Belém, Curitiba e Florianópolis. Conforme já mencionamos, em Porto Alegre predomina *bragueta*.

A sílaba final: -*lha*, -*ia* ou -*a*

Amaral (1976, p. 53), tratando da realização das consoantes, registra que o *lh vocaliza-se em i*, exemplificando com: *espaiado*, *maio*, *muié*, *fiio* = espalhado, malho, mulher, filho. Na seção do Vocabulário de sua obra (p.82-192), traz uma série de palavras do dialeto caipira em que a palatal se realiza iotizada ou sincopada. Destacamos as seguintes: *amario* (amarilho), *amiá* (amilhar), *apareio* (aparelho), *apareiada* (aparelhada), *arco-da-véia* (arco-da-velha), *bacaiau* (bacalhau), *bataia* (batalha), *cochonio* (cochonilho).

Estudos sobre a iotização têm sido feitos, mais recentemente, com base em dados coletados junto a falantes urbanos e rurais. Pontes (1999), por exemplo, ao analisar a variação de [λ] ~ [y] no falar rural do norte do Paraná, a partir de vinte e nove itens lexicais, conclui que essa variação não se dá aleatoriamente, mas está condicionada por contextos linguísticos e por fatores extralinguísticos. Nesse *corpus*, ao lado de palavras do repertório comum do

falante citadino e do homem do campo, como *ilha*, *alho*, *joelho*, *mulher*, Pontes (1999, p.143-154) incluiu quatro outras de âmbito predominantemente rural, segundo o autor: *trilhadeira*, *cangalha*, *relho* e *ladrilho*. O alto índice de iotização nos registros dessas últimas, de 75% a 100%, ao contrário das demais, de 0% a 39%, levou-o a atribuir essa predominância, não a fatores linguísticos, mas ao fato de se tratar de referentes próprios do universo rural, portanto de um ambiente cultural mais restrito. Ao final, diante dos resultados obtidos, Pontes (1999, p.153) recomenda um possível caminho teórico-metodológico para estudar a variação linguística: dividir os itens lexicais em conjuntos conforme características específicas, analisá-los separadamente e representar formalmente separados o nível linguístico, formado pelos fatores fonético-fonológicos, e o extralinguístico, formado pelos fatores sociais.

Aguilera (1999, p.155), por sua vez, reconhece o polimorfismo de que se reveste, no português brasileiro rural, e mesmo rurbano. Este polimorfismo vai desde a manutenção do fonema entre falantes mais urbanos e escolarizados até o zero fonético, resultante de síncope da palatal, passando pela despalatalização, semivocalização e duplicação do iode. Como exemplos, teríamos: *colher*, *culé*, *cuié*; *palha*, *palia*, *paia*, *paiia*; *milho*, *miio*, *mio*, *miw*. Das conclusões desse estudo destacamos duas: (i) em itens lexicais universais, isto é, que não sejam específicos do mundo rural, como *galho*, *folha*, *ilha*, *milho*, é mais frequente a variante padrão, ao contrário de outras exclusivamente rurais e muitas vezes arcaicas, como *cangalha*, *arco-da-velha*, *cilha*, *sarilho*, *silhão*, *sarolha*; (ii) a produtividade de uma variante não padrão está relacionada não só ao uso exclusivamente rural mas também ao grau de arcaicidade do objeto, como se pode verificar nas cartas de *sarilho* e *silhão* (AGUILERA, 1999, p.167).

Aragão (2000, p.179), ao tratar da despalatalização e iotização no Ceará, conclui, sobre o /λ/, que: (i) não há um condicionamento fonético para a despalatalização simples, despalatalização seguida de iotização, apagamento ou até mesmo permanência desse fonema, uma vez que todos esses fatos podem ocorrer em diferentes posições precedendo quaisquer vogais; (ii) quanto às tendências na fala do Ceará, registra: a permanência do /λ/ seguido de quaisquer tipos de vogais, a iotização do /λ/ em sílabas medial e final de palavra e a não ocorrência ou ocorrência com frequência mínima de apagamento, despalatalização e dupla iotização.

Tendo como base os estudos de despalatalização e de iotização mencionados, fizemos um levantamento das realizações da sílaba final de ***braguilha*** nos dados do *corpus* desta pesquisa.

Como a iotização do /ʎ/, como em [barˈgijɐ], concorre com a síncope deste fonema, como em [barˈgiɐ], reunimos, neste estudo, as realizações sincopadas [-giɐ] com as iotizadas [-gijɐ]. Excluímos da análise a forma com a palatal nasal [braˈgĩɲɐ] e a morfofonêmica em *-eta* [braˈgetɐ], mas consideramos a realização da sílaba final com a manutenção da palatal, equivalente à forma padrão.

Da carta experimental nº 5 (Figura 7) depreende-se que a lateral palatal tem alta vitalidade (84% dos registros). Observando-se os dados por região, verifica-se que a forma iotizada ou sincopada realiza-se nas capitais da região Centro-Oeste (48%), nas do Nordeste (21%), nas do Sudeste (16%) e nas do Norte (apenas 2%); na região Sul, registra-se somente a forma palatalizada ou padrão.

A carta mostra ainda que a variante iotizada ou sincopada [-giɐ] está condicionada pela variável escolaridade, pois, dos 28 registros, 22 (78%) foram coletados junto aos falantes do ensino fundamental. No que se refere à variável faixa etária, os jovens, ao contrário do esperado, mantêm com mais freqüência a forma iotizada (72%). Quanto à variável sexo, os homens reforçam a tendência de não uso da forma padrão (65% dos casos).

Conclusões

O estudo das respostas dadas pelos 200 falantes que compõem o universo dos informantes do ALiB nas vinte e cinco capitais permite apresentar algumas conclusões:

(i) a pergunta 142 do QFF-ALiB — cujas respostas possibilitariam a realização de dois contextos fônicos de natureza diversa: a metátese da sílaba inicial e a iotização ou síncope da sílaba final na forma padrão ***braguilha*** — revelou que está em curso um processo de variação no uso de denominações para o referente em pauta, tais como *zíper*, *vista*, *fecho*, *fecho ecler*;

(ii) é unânime a preferência pela variante regional *bragueta* em Porto Alegre;

(iii) é alta a abstenção ou a não resposta, fato que pode ser explicado tanto pelo desconhecimento de um nome específico para essa abertura na roupa masculina, como pela existência de uma designação regional que o informante crê não ser adequada para dar como resposta naquele momento e naquela circunstância;

(iv) é alta igualmente a iotização, principalmente entre os jovens do nível fundamental (78%), compatível com o nível de estigma que formas despalatalizadas e iotizadas sofrem na avaliação de falantes urbanos e altamente escolarizados;

(v) a metátese da sílaba inicial revelou, porém, a preferência pela forma transmitida oralmente pelo grupo familiar, sem a consciência de se tratar de forma desprestigiada;

(vi) as variantes fonéticas populares não se distribuem equitativamente nas diversas capitais brasileiras, conforme demonstram as cartas experimentais;

(vii) quanto à lexicalização, verificamos que tanto ***braguilha*** como ***bragueta*** originaram-se da forma latina *braca* (> *braga*), acrescidas de sufixos diminutivos — -*lha* (< lat. -*cula*) no português e -*eta* no espanhol (< lat. -*cula*) —, o que justificaria a predominância da segunda forma na capital sulista.

Diante dos dados, podemos afirmar, com segurança, que nem a forma padrão — ***braguilha*** — nem a sua correspondente mais popular — ***barguia*** — ocupam o maior espaço na fala dos informantes urbanos do Brasil. Neste aspecto, a forma intermediária ***barguilha*** está garantida nas capitais de todas as regiões, com exceção nas da região Sul. Eis a questão.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Um estudo geolinguístico da iotização no português brasileiro. In:________ (Org.). *Português no Brasil*: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: Editora UEL, 1999. p.155-180.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3.ed. São Paulo: Hucitec; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Aspectos fonético-fonológicos do português não padrão do Ceará: a despalatalização e iotização. In: GÄRTNER, Eberhard; HUBDT, Crhristine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, 2000.

BAUMGARTNER, Emmanuèle; MÉNARD, Philippe. *Dictionnaire étymologique et historique de la langue française*. Paris: Librairie Générale Française, 1996.

BLOCH, Oscar; WARTBURG, Walther von. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996 [1932].

BRAGUILHA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Braguilha>. Acesso em: 30 abr. 2009.

BUENO, Francisco da Silveira. *Estudos de filologia portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1959.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas linguístico do Brasil:* questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COROMINAS, Joan. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. 3.ed. muy ver. y mejorada. Madrid: Gredos, 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DAUZAT, Albert; DUBOIS, Jean; MITTERAND, Henri. *Nouveau dictionnaire étymologique et historique*. 4e éd. rév. et corr. Paris: Larousse, 1964.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

HORA, Dermeval da; TELLES, Stella. Metátese perceptual em manuscritos dos séculos XVIII e XIX. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *Para a história do português brasileiro*. v.7, tomo 1. Londrina: Eduel, 2009. p. 345-368.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAROUSSE, Pierre; AUGÉ, Claude. *Petit Larousse*: dictionnaire encyclopédique pour tous. 32e tir. Paris: Larousse, 1967.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2.ed. v.1. Lisboa: Confluência, 1967.

MARTÍNEZ ALMOYNA, Julio. *Dicionário de espanhol-português*. Lisboa: Porto, 1984.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1952.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

PONTES, Ismael. A variação do [λ] ~ [y] no falar rural do norte do Paraná. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *Português no Brasil*: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: Editora UEL, 1999. p.143-154.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. 3.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

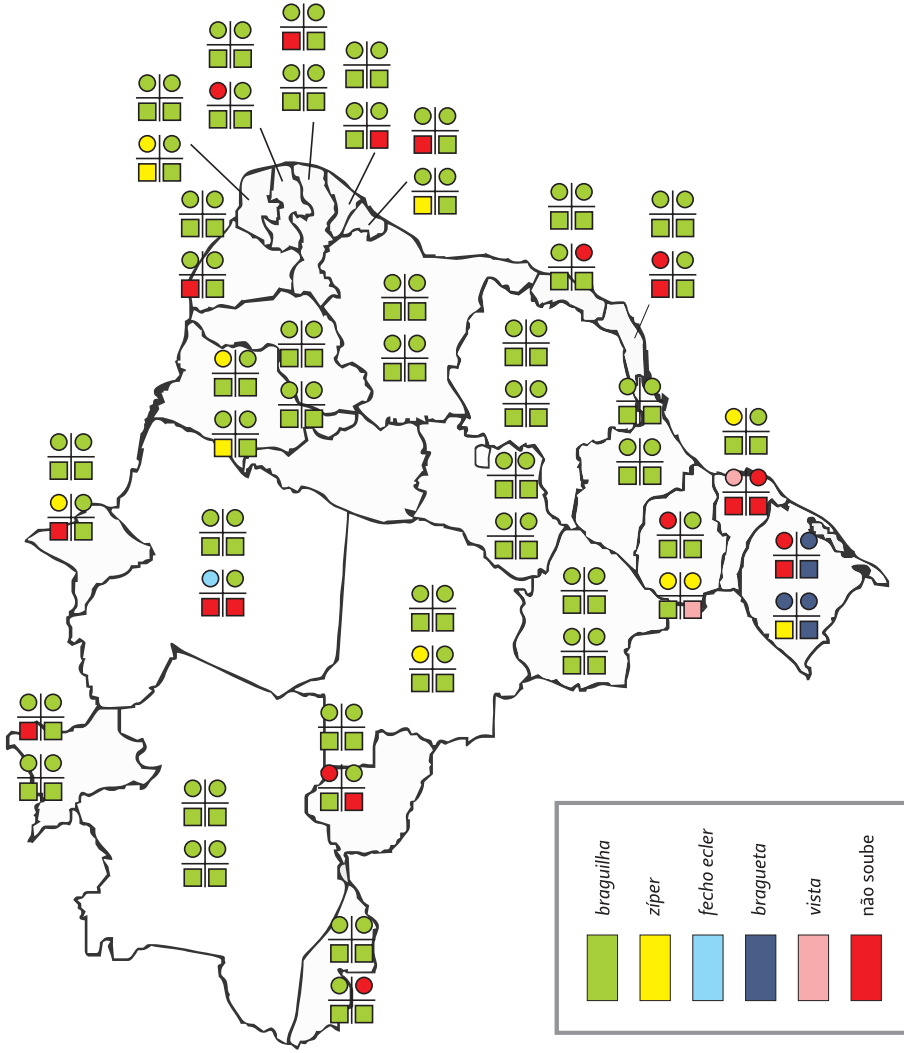



Figura 2 – Carta experimental com a distribuição diatópica e diastrática das variantes lexicais para 'abertura na parte dianteira da calça do homem'[1]

[1] As cartas experimentais n^{os} 1 a 5 (Figuras 2, 3, 4, 5 e 6) foram preparadas *ad hoc* por Valter Romano, bolsista de Iniciação Científica/ Fundação Araucária/UEL.

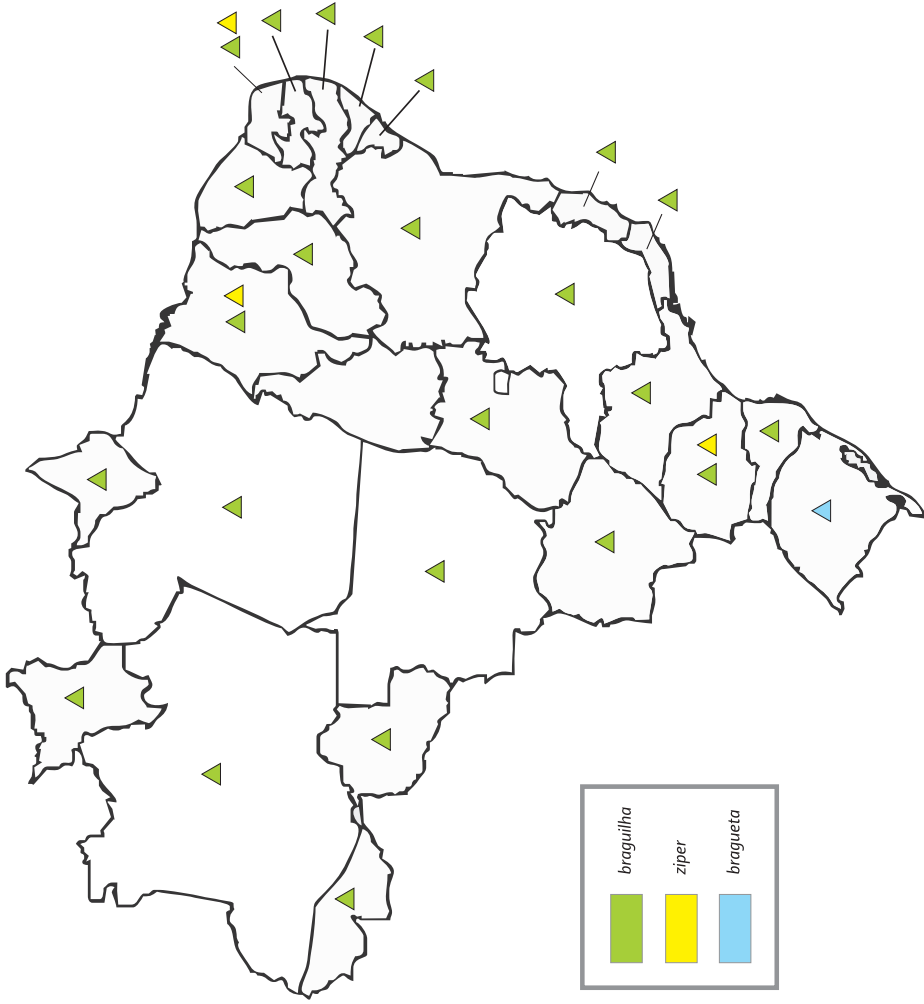



Figura 3 – Carta experimental com a distribuição diatópica das variantes lexicais mais produtivas para 'abertura na parte dianteira da calça do homem'

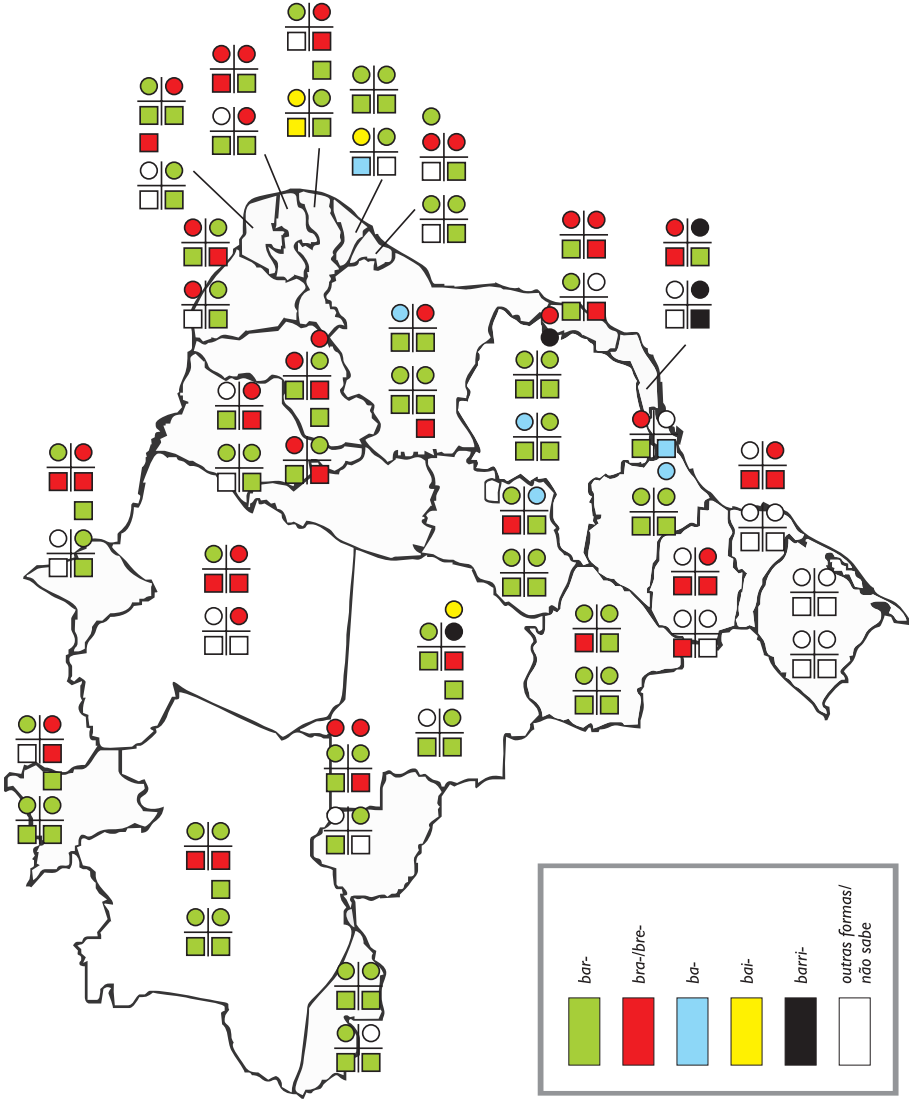



Figura 5 – Carta experimental com a distribuição diatópica e diastrática das variantes da sílaba inicial de *braguilha*

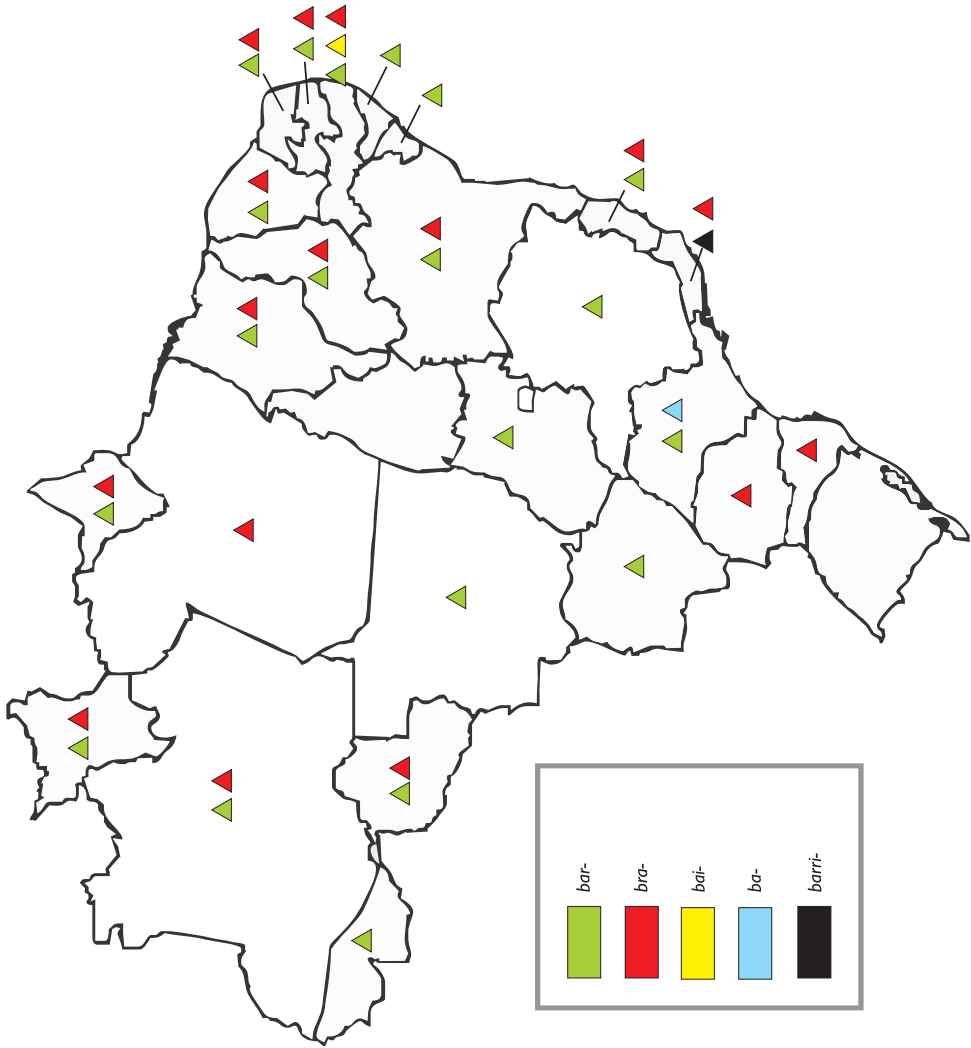



Figura 6 – Carta experimental com a distribuição diatópica das variantes mais produtivas da sílaba inicial de *braguilha*

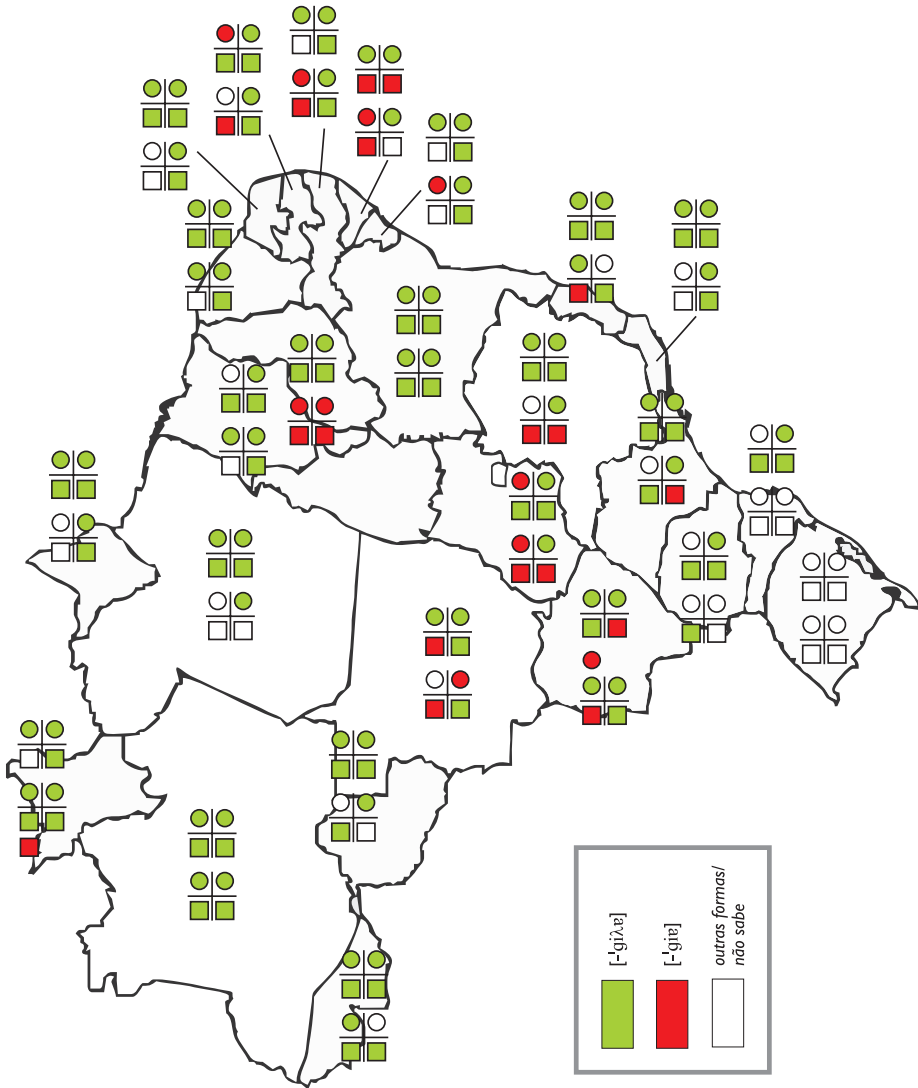



Figura 7 – Carta experimental com a distribuição diatópica e diastrática das variantes mais produtivas da sílaba final de *braguilha*

O mito da origem portuguesa do chiamento carioca

Volker Noll

Universidade de Münster

Uma diferença notável na pronúncia do português brasileiro em relação ao europeu se pauta nas variantes do /s/ implosivo. No português europeu, o /s/, antes de consoantes surdas, bem como no final de palavras, realiza-se como a pré-palatal [ʃ] (*visto* [ˈviʃtu], *dois* [ˈdoi̯ʃ]) e, antes de consoantes sonoras, pronuncia-se como [ʒ] (*mesmo* [ˈmeʒmu], *os bois* [uʒ‿boi̯ʃ]). Denomina-se essa pronúncia *chiado* ou *chiamento*. Em comparação com o português brasileiro, o chiamento do português europeu chama a atenção sobretudo em final de palavra. No sintagma, o /s/ antes de vogal no português europeu e no português brasileiro é pronunciado como [z] alveolar (*os amigos*, PE [uz‿ɐˈmiguʃ], PB [uz‿aˈmigus]).

A palatalização do /s/ implosivo [ʃ] (*chiamento*) iniciou-se, no português europeu, provavelmente no final do século XVII "em grande área do Sul" (SILVA NETO, 1950 [1986, p.160]), o que se refere ao Centro e ao Sul de Portugal. Luís António Verney, que deixou Portugal em 1736, já a descreve no *Verdadeiro método de estudar* (1746 [1949]) como generalizada.[1]

No português brasileiro, há preponderantemente uma distribuição alofônica entre [s] e [z], sendo [s] realizado antes de consoantes surdas e em final absoluto, enquanto [z] antes de consoantes sonoras e em sintagma, antecedido de vogal. Com isso, [z] assume, no português brasileiro, as posições que [ʒ] ocupa no português europeu. Essa distribuição do /s/ não abrange, contudo, a totalidade do território linguístico brasileiro. Uma conhecida exceção é a fala carioca, que, como o português europeu, possui um chiamento generalizado, ou seja, tanto em situação pré-consonantal quanto em final de palavra.

Entre as variedades do português brasileiro, a carioca assume uma posição especial que se baseia no *status* do Rio de Janeiro, como ex-capital brasileira. A pronúncia do Rio de Janeiro foi declarada, no Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada (*Anais*, 1938), como norma da linguagem teatral brasileira. Excetuou-se, no entanto, o chiamento. No Primeiro Congresso Brasileiro da Língua Falada no Teatro (*Anais*, 1958), as duas variedades de /s/ implosivo foram aceitas, finalmente, para a linguagem teatral. Embora a capital tenha sido substituída por Brasília, em 1960, a fala carioca ocupa uma posição

---

[1] "Diz Álvaro Ferreira Vera [1631] que nenhuma dicção portuguesa deve acabar em *X* [...] O que eu sei é que a pronúncia portuguesa acaba em *x* todas as palavras que acabam em *s*; quero dizer que todo o *s* final pronunciam como *x*, [...] Observo que não só o *s* final pronunciam como *x*, mais também o *z* final, o que V. P. pode ver em *Diz*,||*Luiz*, *Fiz* etc." (VERNEY, 1746 [1949, p.77-78]). A grafia <x> está associada à pronúncia [ʃ] em português assim como no espanhol antigo e no catalão.

importante, tanto quanto antes, o que, sem dúvida, se reflete no tocante à importância da cidade como centro da produção televisiva e filmográfica. Em trabalhos linguísticos, a fala da antiga capital costumava ser utilizada como variedade de contraste com o português europeu.[2] Considerando-se uma análise equilibrada do português brasileiro, nem sempre isso se apresenta como vantajoso.

Diante da já percebida semelhança na realização do /s/ implosivo entre o português europeu e a variedade carioca, colocam-se, do ponto de vista linguístico, três questões básicas:

(1) Quais testemunhos históricos existem para o chiamento carioca?

(2) Qual é a difusão do chiamento no português brasileiro?

(3) Como explicar a semelhança do falar carioca com o chiamento europeu?

O esclarecimento das duas primeiras perguntas é um pressuposto essencial para a resposta à terceira. A pesquisa, por muito tempo, contudo, não levou em conta esse procedimento. Não se consultaram as fontes linguísticas disponíveis, nem a questão sobre a difusão geral do chiamento no português brasileiro foi esclarecida suficientemente.[3] Porém, a perspectiva de uma dialetologia comparativa pan-brasileira é um complemento imprescindível nos estudos diacrônicos que tratam da formação das estruturas.

Dessa forma, não surpreende que a quase concordância da realização do /s/ no falar carioca e no português europeu seja vista como uma relação causal (RÉVAH, 1958, p.390). Essa relação foi definida de maneira mais detalhada por Lipski, em dois artigos (1975, 1976). Conforme Lipski, o chiamento do Rio de Janeiro é uma consequência da mudança provisória da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro entre 1808 e a Independência do Brasil, em 1822, caracterizado como “direct result of dialect imitation” (LIPSKI, 1975, p.222). Em virtude da transferência da Corte, condicionada por pressões políticas da França, vieram cerca de 15 mil portugueses para a capital do Brasil “para ‘relusitanizar’ o Rio de Janeiro” (TEYSSIER, 1984, p.77). A explicação de Lipski segue o modelo

---

[2] Cf. Autret e da Silva (1944), J. L. de Castro (1958), Houaiss (1959), Head (1964, 1967), López (1979). O *Dicionário Larousse português/espanhol* (LAROUSSE, 2006), publicado no Brasil, transcreve o /s/ implosivo sempre com [ʃ].

[3] Pequenos apontamentos ao chiamento fora do Rio de Janeiro se encontram em Marroquim (1934, p.36, 76), Gueiros (1938, p.561), Mignone (1938, p.489), Seraine (1938, p.463), Silva Neto (1950 [1986, p.173]), J. L. de Castro (1958, p.102, 107), Lacerda (1961, p.47), Thomas (1973, p.231), Cunha (1974, p.335), Pessoa (1986), Leite e Callou (2002).

tradicional da influência de adstrato, ou seja, do português europeu sobre a fala carioca. Lipski não conseguiu, contudo, apresentar nenhum argumento que ultrapassasse a discussão da possibilidade de tal influência. Não obstante, até em obras mais recentes, essa visão segue sendo aceita sem contestação. Assim, I. Castro (1991, p.15) e Giangola (2001) estabelecem a relação com os portugueses,[4] enquanto Callou (2002, p.290), Leite e Callou (2002, p.32) e Azevedo (2005, p.220) apontam para uma possível conexão.

No contexto da transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, com um eventual traslado do chiamento, convém perguntar se há testemunhos concretos daquele tempo para a realização do /s/ no Rio de Janeiro. No início do século XIX, Soares Barbosa († 1816) apresenta, na *Grammatica philosophica*, o contraste entre a pronúncia do /s/ em Portugal e no Brasil: "Os Brazileiros pronuncião como Z o S liquido, quando se acha sem voz diante, ou no meio, ou no fim do vocabulo, dizendo: *Mizterio*, *Fazto*, *Livroz novoz*, em vez de *Misterio*, *Fasto*, *Livros novos*" (BARBOSA, 1822 [1830, p.52]).[5] O /s/ descrito como "liquido" por Soares Barbosa é o [ʃ] lusitano, enquanto "Z" corresponde ao [s] brasileiro. Não cita um chiamento no português brasileiro, o que está provavelmente associado ao fato de a *Grammatica philosophica* ter sido concluída em 1803, apesar de publicada em 1822, como afirma Oiticica (1916 [1955, p.20]).

A reflexão de Lipski acerca da "dialect imitation" (1975, p.222) é relativizada, contudo, já em 1826, quando se leva em conta a caracterização negativa do português europeu, feita pelo Visconde de Pedra Branca, diplomata brasileiro em Paris, no que tange a "l'âpreté dans la prononciation" e "l'arrogance des expressions".[6] Sob esse ponto de vista, uma influência de adstrato, motivada pelo prestígio do [ʃ] europeu, parece menos convincente, uma vez que o prestígio político durou apenas poucos anos até a Independência do Brasil em 1822.

Nessa altura, o botanista inglês Alexander Caldcleugh, que morou no Brasil entre 1821 e 1823, fez observações a respeito da pronúncia do /s/ no por-

[4] "Historically, the Carioca preference for [ʃ] and [ʒ] can be attributed to the transfer of the Portuguese government from Lisbon to Rio de Janeiro in the early 19th century" (GIANGOLA, 2001, p.12, n. 6).

[5] Paulino de Souza, em 1872, copiou, quase literalmente, esse texto de Soares Barbosa, no capítulo "Des vices de prononciation" de sua *Grammaire portugaise raisonnée et simplifiée* (SOUZA, 1872).

[6] "Les langues montrent les mœurs et le caractère des peuples. Celle des Portugais se ressent de leur caractère religieux et belliqueux. [...] L'âpreté dans la prononciation a accompagné l'arrogance des expressions, et se conserve encore aujourd'hui en héritage; [...]" (apud BALBI, 1826, p.172-173).

tuguês brasileiro: “The pronunciation of the Brazilians is not so nasal nor so jewish in the sound of the s, and on the whole it is a more agreeable language than in the mouth of a native” (CALDCLEUGH, 1825, v.1, p.66). A referência a “jewish” é aqui uma indicação à pronúncia [ʃ], típica da pronúncia do português europeu que é designada às vezes, em formulação análoga, também como “chiante mourisca” (SILVA, J. P. da, 1880, p.24). Caldcleugh, que conhecia bem o Rio de Janeiro, associava o chiamento, por volta de 1823, somente ao português europeu.

Também nos anos seguintes não se encontra nenhuma indicação por meio da qual se testemunhe um chiamento no português brasileiro. Varnhagen, em 1850, no *Florilegio da poesia brazileira*, não caracterizava de forma diversa da de Soares Barbosa a diferença para o português europeu: “Estas differenças, que principalmente consistem [...] em dar ao *s* no fim das syllabas o valor que lhe dão os italianos, e não o do *sh* inglez, ou do *sch* allemão [...]” (VARNHAGEN, 1850 [1946, v.1, p.18]).

Setenta anos após a mudança da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, encontram-se, no filólogo brasileiro Paranhos da Silva, afirmações muito interessantes no que diz respeito ao chiamento. Não foi dada a devida atenção aos resultados de sua obra, como se verá, embora ele fosse citado, ocasionalmente, na literatura especializada mais antiga. O conteúdo de sua obra *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil* (SILVA, J. P. da, 1879) — a primeira comparação detalhada entre o português europeu e o brasileiro — e o *Sistema de ortographia brazileira* (SILVA, J. P. da, 1880) são quase desconhecidos, não obstante a sua importância para a história linguística:[7]

> [...] diremos que segundo a ideia que em Portugal se forma da letra *s*, teve *quasi* razão o grammatico portuguez [Soares Barbosa] e confirma o que eu digo sobre a pronuncia de *s*, cujo valôr no Brazil nunca foi o de *x*. [...] Isto quer dizer que *s* tem no papel a mesma forma para os Brazileiros e para os Portuguezes; mais no orgão vocal brazileiro é sempre sibilante, ás vezes forte, ás vezes branda; no orgão vocal portuguez, assim como no suabio, é ás vezes chiante (SILVA, J. P. da, 1879, v.1, p.20).

Nessa passagem, o filólogo nega enfaticamente que o /s/ no português brasileiro corresponda à pronúncia [ʃ]. Não faz referência a qualquer chiamento no Rio de Janeiro, apesar de se mencionarem regionalismos em outra

[7] Esses trabalhos podem ser encontrados na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

passagem do livro. O contraste rigoroso entre o [s] brasileiro e o [ʃ] português seria incompreensível no caso de um chiamento na capital brasileira. No *Sistema de ortographia brazileira*, volta ao tema do chiamento, após a descrição de correspondências fonéticas distintas para o <x> no português brasileiro:

> [...] palavras como *excesso*, *excepto*, *excitar* [...] què os estrangèiros amigos, como Madurèira [cf. Morais de Madureira 1739], da ortografia latina, mas da pronùncia mourisca, leem *ech-césso*, *ech-céto*, *ech-citar*; e què nós os Brazilèiros lemos «*eséso*, *eséto*, *esitar*.»||§ 11. Óra, seria uma verdadèira calamidade para os ouvidos bràzileiros què todos esses valores se reduzisem a o som de chiante mourisca; o coál só póde ter logar de vez en coàndo, como a disonància na mùzica (SILVA, J. P. da, 1880, p.23-24).

Depois de descrever a realização alveolar do /s/ como brasileira, Paranhos da Silva acaba concedendo, sem detalhamento, a possibilidade de uma ocorrência da "chiante mourisca" [ʃ] no português brasileiro. Provavelmente quer dizer, com isso, que havia uma variante livre ocasional [ʃ] para o /s/ implosivo. De qualquer forma, porém, não teria caracterizado a alta frequência do [ʃ] como uma "calamidade para os ouvidos bràzileiros", se o chiamento estivesse difundido no Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

Leite de Vasconcellos relata, em 1901, a partir de um encontro com um habitante de São Paulo: "J'ai entendu un habitant de São Paulo prononcer l'-*s* comme dans le sud du Portugal, c.-à-d. *x*, ex.: *trêx* = três, *dôix* = dois" (1901 [1987, p.133]). Para a cidade de São Paulo, o [-ʃ] não é típico. Talvez se tratasse de um falante de Santos. Em todo caso, nota-se que Leite de Vasconcellos cita essa ocorrência casual no capítulo "Dialecte brésilien", sem, contudo, mencionar uma possível palatalização no Rio de Janeiro.

Em 1921, finalmente, Nascentes, expressando-se diretamente a respeito da pronúncia do Rio de Janeiro, diz: "As classes cultas pronunciam o *s* final, mudando entretanto numa chiante, como no Sul de Portugal. Ha quem attribua esta pronuncia ao influxo portuguez, sem explicação maior" (1921, p.317).

Segundo essa caracterização diastrática, o próprio Rio de Janeiro ainda não possuía, de maneira evidente, um chiamento generalizado no começo do século XX. Uma influência preponderante de adstrato lusitano no surgimento do chiamento carioca deve ser, por conseguinte, rechaçada, levando-se em conta as seguintes razões de história linguística:

(1) A pronúncia portuguesa foi criticada no começo do século XIX por Pedra Branca de modo geral e, na sequência, por Paranhos da Silva, em especial com relação ao [ʃ].

(2) Não existe nenhuma característica fonética do português europeu que tenha influenciado paralelamente o falar carioca. Isso diz respeito, sobretudo, à redução das vogais átonas, típica do português europeu do começo do século XIX, que permaneceu estranha ao falar carioca. O fechamento ocasional do /a/ final [-ɐ] é um fenômeno contemporâneo que não se limita ao Rio de Janeiro.

(3) No caso de uma influência de adstrato lusitano no falar carioca, o encontro *-sc-* (*descer*, *nascer*) deveria ser realizado como [ʃs], como ocorre no português europeu. No entanto, pronuncia-se como [s] no Rio de Janeiro, assim como em todas as outras regiões brasileiras que palatalizam o /s/.

(4) No século XIX, não há qualquer testemunho para a palatalização do /s/ no Rio de Janeiro.

Os atuais documentos denotam um desenvolvimento gradual da palatalização, a qual se iniciou possivelmente na segunda metade do século XIX, partindo da alta sociedade no caso do Rio de Janeiro e, de forma evidente, ainda não se havia concluído no começo do século XX. Portanto, pode-se partir do fato de que haja, no português brasileiro, uma disposição para o desenvolvimento próprio de um chiamento mais tardio, em comparação com o português europeu. Isso se torna especialmente claro, quando se entende a expansão da palatalização no português brasileiro.

Com base em nosso conhecimento da variação linguística no Brasil, uma classificação provisória do chiamento será subsequentemente efetuada, com referências à literatura especializada.

A região Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná), São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás e o Extremo Sul da Bahia se distinguem pela realização do /s/ preponderantemente como [s] e [z]. Exceções, com chiamento generalizado, são a cidade portuária de Santos (SP) (CUNHA, 1974, p.335) e uma faixa litorânea de 20 a 30 km de largura, entre Piçarras e Garopaba (SC), onde, em média, 78,7% de ocorrências dos /s/ implosivos se realizam como pré-palatais (FURLAN, 1989, p.103-105; mapa 5, p.234). Conforme o *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002), trata-se da área entre Itajaí e Imbituba (ALERS, mapa 01-06).

O espaço do Rio de Janeiro apresenta um chiamento generalizado. Callou e Marques (1975, p.134) observaram, em média, a realização palatal em 85,4% dos casos. Deve-se levar em conta que o fenômeno de migração para centros como o Rio de Janeiro conduziu a um considerável aumento populacional que introduziu elementos linguisticamente heterogêneos. Segundo C. Cunha (1974, p.332), na década de 1970, 41% da população do Rio de Janeiro deviam ser considerados como migrantes. A despeito disso, é observável uma acomodação geral à palatalização, visto que se trata de uma variante que, no interior da cidade, está associada ao prestígio. Nas classes mais letradas, a palatalização se verificou em 97,4% dos casos (CALLOU; MARQUES, 1975, p.134). O chiamento não se estendeu, contudo, ao Estado. Dessa forma, em Parati, 250 km ao sul, só se realizam [s] e [z]. Conforme os resultados do *Atlas etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro,* prevalecem também as fricativas alveolares na região do norte fluminense, em contraste com 27% das pré-palatais (BRANDÃO, 1998, p.303).

Do sul da Bahia, passando por Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, até o Norte se documenta uma situação linguística diferenciada, na qual [s] e [ʃ] ocorrem preponderantemente como variantes livres na posição pré-consonantal.[8] Dessa forma, há uma tendência para [ʃ] ([ʒ]) diante de consoantes surdas (plosivas surdas, sobretudo [t], mas também [d], [l], [n]). Não se pode predizer com certeza se um falante realizará *gostar* como [gɔsˈtaˣ] ou [gɔʃˈtaˣ]).

Em final de palavra, [s] predomina, havendo uma tendência para o [ʃ] final em Alagoas e Pernambuco, sobretudo em Recife.[9] Além disso, também em Salvador, a palatalização em posição final, às vezes, chama a atenção (cf. *muitos amigos* [mũi̯tuz‿aˈmiguʃ], *os pés* [uʃˈpɛi̯s]). Antecedendo consoantes sonoras, principalmente em conexão com *dois*, *duas*, *três*, *dez*, realiza-se um [ʒ] em vez de [z] (*mesmo* [ˈmeʒmu], *três minutos* [treʒ‿miˈnutuʃ]). Situações de fonética sintática e o sentimento de eufonia do falante desempenham um papel na distribuição dos alofones.

[8] A expansão do fenômeno pode ser traçada na literatura especializada e nos atlas linguísticos disponíveis. Sul: ALERS (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002); Minas Gerais: EALMG (RIBEIRO; ZÁGARI, 1977), Bahia: APFB (ROSSI, 1963); Sergipe: ALS (FERREIRA et al., 1987), ALS II (CARDOSO, 2002); Alagoas, Pernambuco: Marroquim (1934); Paraíba: ALP (ARGÃO; MENEZES, 1984); Rio Grande do Norte: Pessoa (1986); Ceará: Seraine (1938), J. L. de Castro (1958); Pará: ALiSPA (RAZKY, 2004).

[9] Para Alagoas e Pernambuco, cf. Marroquim (1934, p.36); para Recife, cf. Gueiros (1938, p.561), Thomas (1973, p.231).

Observa-se um fato surpreendente no Norte do Brasil. Lá se encontra um chiamento generalizado na cidade de Belém, capital do Estado do Pará (com 1,25 milhões de habitantes), comparável ao do Rio de Janeiro, que, até há pouco tempo, não era documentado, pelo menos na literatura especializada (NOLL, 1996).[10] O chiamento continua em Macapá (AP) e se encontra também na cidade de Santarém (PA), situada no Amazonas mil quilômetros rio acima, que, em comparação com Belém, apresenta um chiamento menos frequente, mas predominante. Também em Parintins (AM), mais a oeste, o /s/ implosivo se realiza preponderantemente como [ʃ]. Em Manaus (AM), que fica 750 km a oeste de Santarém, encontra-se, finalmente, uma situação linguística que conhece novamente as variantes [s] e [ʃ] para o /s/ em posição pré-consonantal. No Centro-Oeste brasileiro há, na Baixada Cuiabana (MT), segundo transcrições de Zilda Fernandes (1986), também um chiamento generalizado.

Portanto, no Brasil, sem levar em conta os territórios não-documentados, podem-se descrever basicamente três constelações de diferentes distribuições da realização do /s/ implosivo:[11]

(1) os Estados meridionais (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná), São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Goiás, onde se registram os alofones [s] e [z];

(2) uma região intermediária no Nordeste, entre a Bahia e o Maranhão, que usa, com restrições, [s] e [ʃ] como variantes livres em posição pré-consonantal;

(3) o litoral de Santa Catarina, as cidades de Santos, Rio de Janeiro, Recife (tendencialmente), a Baixada Cuiabana e a região de Belém, com continuação na área do rio Amazonas, com chiamento mais ou menos generalizado.

Nesse contexto, é importante que as palatalizações limitadas distributivamente em posição pré-consonantal ou final, encontradas no espaço geográfico entre a Bahia e o Maranhão (zona intermediária), sejam, em virtude do desenvolvimento gradual, naturalmente classificadas sob o mesmo fenômeno de palatalização que a generalização do chiamento carioca. Provavelmente, se

[10] Hoje em dia, pode-se consultar o *Atlas linguístico sonoro do Pará* (ALiSPA) (RAZKY, 2004), embora não existam trabalhos comparativos sobre o fenômeno no Brasil.

[11] Sem conhecer os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (cf. CARDOSO, 2004), não dispomos de indicações precisas sobre as regiões mais ocidentais (Acre, Roraima) e sobre o centro do Brasil (norte de Mato Grosso).

desprezou esse ponto de vista no passado, ao considerar-se o Rio de Janeiro, por muito tempo, quase como um caso isolado.

A situação linguisticamente instável no Nordeste do Brasil (zona intermediária) é uma clara indicação para o fato de o chiamento, no português brasileiro, ser um desenvolvimento relativamente recente. A palatalização preferida diante de plosivas, sobretudo diante de [t], aponta, aliás, para a gênese do fenômeno, que certamente se iniciou a partir da posição pré-consonantal. Esse tipo de palatalização se encontra também em outras línguas. Dessa forma, no alemão padrão, os encontros /s/+/t/ e /s/+/p/ são sempre pronunciados como [ʃt] e [ʃp] em início de palavra. Em diversas variedades do italiano, o mesmo se encontra, incluindo-se também /s/+/k/ [ʃk] (ROHLFS, 1949, § 188).

A constelação geolinguística no Brasil deixa claro ser impossível que uma irradiação do chiamento possa ter ocorrido a partir do Rio de Janeiro para o resto do país. O desenvolvimento do chiamento em Belém, no Norte do país, demonstra que também o chiamento no Rio de Janeiro pode ter sido iniciado de maneira independente, sem estar associado à presença da Corte portuguesa. Isso se torna ainda mais evidente, considerando-se que a documentação linguística depõe igualmente contra a existência do chiamento carioca no século XIX.

Referências

ARAGÃO, M. S. da Silva; MENEZES, Cleusa Bezerra de. *Atlas linguístico da Paraíba* (ALP). 2v. Brasília: Universidade Federal da Paraíba; CNPq, 1984.

AUTRET, Jean; SILVA, A. R. da. *Spoken Brazilian Portuguese. Sons e articulações do português na pronúncia carioca.* Minneapolis: University of Minnesota, 1944.

AZEVEDO, Milton M. *Portuguese*: a linguistic introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BALBI, Adrien. *Introduction à l'atlas ethnographique du globe...* v.1. Paris: Rey et Gravier, 1826.

BARBOSA, Jerónimo Soares. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem.* 2.ed. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1830 [1822; redigida em 1803?].

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. O atlas etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro (Região Norte). In: CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21., 1995, Palermo. *Atti...*Tübingen: Niemeyer, 1998. v.5. p.299-307.

CALDCLEUGH, Alexander. *Travels in South America, during the years 1819-20-21; Containing an account of the present state of Brazil, Buenos Ayres, and Chile*. 2v. London: Murray, 1825.

CALLOU, Dinah M. Isensee; MARQUES, Maria Helena Duarte. O -s implosivo na pronúncia do Rio de Janeiro. *Littera*, n.5, p.9-137, 1975.

CALLOU, Dinah. Da história social à história linguística: o Rio de Janeiro no século XIX. In: ALKMIM, Tania M. (Org.). *Para a história do português brasileiro.*v.3: Novos estudos. São Paulo: Humanitas, 2002. p.281-292.

CARDOSO, Suzana. *Atlas linguístico de Sergipe II* (ALS II). 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CARDOSO, Suzana. O Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (Breve histórico e estágio atual). In: DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker (Org.). *O português do Brasil. Perspectivas da pesquisa atual.* Frankfurt / M.: Vervuert, 2004. p.93-105.

CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa.* Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CASTRO, José L. de. Extração da média aritmética da pronúncia nacional. Caracterização da base carioca, como resultado da média. Notas subsidiárias a respeito do linguajar cearense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, 1., 1956, Salvador. *Anais...* Rio de Janeiro: MEC, 1958. p.101-112.

CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, 1., 1956, Salvador. *Anais...* Rio de Janeiro: MEC, 1958.

CONGRESSO DA LÍNGUA NACIONAL CANTADA, 1., 1937, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.

CUNHA, Celso. Le polymorphisme du portugais du Brésil et ses causes: le cas du /s/ implosif. *Cultura Neolatina*, n.34, p.327-335, 1974.

FERNANDES, Zilda. Aspectos linguísticos da cuiabania: características fonéticas. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL, 1., 1986, Salvador. *Atas...* Salvador: UFBA, 1986. p.85-87.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas linguístico de Sergipe* (ALS). Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina.* Florianópolis: UFSC, 1989.

GIANGOLA, James, P. *The pronunciation of Brazilian Portuguese*. München: Lincom, 2001.

GUEIROS, Jeronimo. Importância da unidade ortoépica da língua nacional e como assegurá-la em face das dialetações regionais. In: CONGRESSO DA LÍNGUA NACIONAL CANTADA, 1., 1937, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Departamento de Cultura, 1938. p.551-564.

HEAD, Brian F. *A comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro*. 1964. Tese (Doutorado) – University of Texas, Austin.

HEAD, Brian F. Some phonological differences between varieties of Portuguese representing Lisbon and Rio de Janeiro: a study in structural dialectology. In: INTERNATIONALEN DIALEKTOLOGENKONGRESSES, 2., 1965, Marburg. *Verhandlungen...* Wiesbaden: Steiner, 1967. v.1, p.346-355.

HOUAISS, Antônio. *Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca*. Rio de Janeiro: Nacional, 1959.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS). 2v. Porto Alegre: Ed. UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC; Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

LACERDA, Eulício Farias de. O tratamento do fonema «S» em português. *Revista Brasileira de Filologia*, n.6, p.43-50, 1961.

LAROUSSE. *Dicionário Larousse espanhol-português / português-espanhol avançado*. São Paulo: Larousse, 2006.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LIPSKI, John M. External history and linguistic change: Brazilian Portuguese -s. *Luso-Brazilian Review*, v.12, p.213-224, 1975.

LIPSKI, John M. Final s in Rio de Janeiro: innovation or imitation? *Hispanic Review*, v.44, n.4, p.357-370, 1976.

LÓPEZ, Barbara Strodt. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. 1979. Tese (Doutorado) – University of California, Los Angeles.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. São Paulo: Nacional, 1934.

MIGNONE, Francisco. A pronúncia do canto nacional. In: CONGRESSO DA LÍNGUA NACIONAL CANTADA, 1., 1937, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Departamento de Cultura, 1938. p.485-496.

NASCENTES, Antenor. Variante carioca de um subdialecto brasileiro. *Revista do Brasil*, n.18, p.312-321, 1921.

NOLL, Volker. Rio de Janeiro und das *chiamento* im brasilianischen Portugiesisch. *Iberoromania*, n.43, p.1-9, 1996.

OITICICA, José. Estudos de phonologia. In: *Roteiros em fonética fisiológica, técnica do verso e dição, colegidos e revistos por Almir Câmara de Matos Peixoto*. Rio de Janeiro: Simões, 1955 [1916]. p.11-125.

PESSOA, Maria A. O *s* pós-vocálico na fala de Natal. In : SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL, 1., 1986, Salvador. *Atas*... Salvador: UFBA, 1986. p.209-216.

RAZKY, Abdelhak (Org.). *Atlas linguístico sonoro do Pará* (ALiSPA). Versão 1.1. Belém: UFPA, 2004. CD-ROM.

RÉVAH, Israel S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI[e] siècle à nos jours. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, 1., 1956, Salvador. *Anais*... Rio de Janeiro: MEC, 1958. p.387-402.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário R. L. et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG). v.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROHLFS, Gerhard. *Historische Grammatik der italienischen Sprache und ihrer Mundarten. I. Lautlehre*. Berna: Francke, 1949.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB). Rio de Janeiro: INL, 1963.

SERAINE, Florival. Contribuição ao estudo da pronúncia cearense. In: CONGRESSO DA LÍNGUA NACIONAL CANTADA, 1., 1937, São Paulo. *Anais*... São Paulo: Departamento de Cultura, 1938. p.437-484.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986 [1950].

SILVA, José J. Paranhos da. *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil. Por um brazileiro*. Rio de Janeiro: Winter, 1879.

SILVA, José J. Paranhos da. *Sistema de ortographia brazileira*. Rio de Janeiro: Winter, 1880.

SOUZA, Paulino de. *Grammaire portugaise raisonnée et simplifiée*... Paris: Garnier, 1872.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. 2.ed. Lisboa, Sá da Costa, 1984.

THOMAS, Earl W. Notas sobre o falar do Recife. *Proceedings of the Pacific Northwest Council On Foreign Languages*, n.24, p.230-232, 1973.

VARNHAGEN, Francisco A. de (Org.). *Florilegio da poesia brazileira...* 3v. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946 [1850].

VASCONCELLOS, José Leite de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3.ed. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987 [1901].

VERNEY, Luís A. *Verdadeiro método de estudar. I. Estudos linguísticos*. Ed. de A. Salgado Jr. Lisboa: Sá da Costa, 1949 [1746; escrito até 1736].

Depoimentos

Jacyra, simplesmente Jacyra

Nenhum tempo é tempo bastante para a ciência de ver, rever. *

No decorrer deste texto mostrarei a funcionalidade da epígrafe, retirada do Poeta Drummond.

Jacyra, nome de origem tupi, derivado de Jaci 'lua', bem cabe à nossa Jacyra, Jaça, Jacirema, assim a chamamos. A luz própria de nossa amiga e colega bem reflete o seu nome de batismo, embora a nossa lua seja iluminada pelo sol.

Conheci Jacyra em 1958, quando prestamos Vestibular no mesmo ano. Ela para Letras Neolatinas, e eu para Letras Anglo-Germânicas. Salvador era então uma cidade pequena, quem não se conhecia, alguém conhecia outro e nos informava sobre ele. Foi esse o caso com Jacyra. Fora ela colega no Colégio Sofia Costa Pinto de uma amiga comum que me disse ser Jacyra a primeira aluna da turma e que, principalmente, era excelente em Português, diga-se, em Gramática Normativa, que era o que então se ensinava nas escolas e que, ressalvadas as exceções, continua a ensinar-se. O fato de ser ela boa aluna na Gramática Normativa explica o seu apego à gramática de Napoleão Mendes de Almeida.

Voltando a 1958, depois do Vestibular, cursamos disciplinas que eram as mesmas para os dois cursos referidos: Língua e Literatura Latina, Língua e Filologia Portuguesa, Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira. Sempre foi reconhecida como excelente estudante, o que ficava demonstrado nas suas notas.

O que nos aproximou não foi a equipe da Juventude Universitária Católica (JUC), da qual participávamos, mas o catedrático de Língua e Filologia Portuguesa, o Professor Nelson Rossi. Ele nos iniciou em Linguística, inclusive na Fonologia de Trubetzkoy, na Dialetologia e na História da Língua Portuguesa, que ministrava na segunda e terceira séries do nosso curso.

Como o referido Professor percebeu que me interessava pela História da Língua, sugeriu que eu fizesse a disciplina de Filologia Românica, que pertencia ao currículo de Neolatinas, mas não ao de Anglo-Germânicas. Aí é que vi a sabedoria de Jacyra. Tal disciplina era ministrada pelo Professor Nilton Vasco da

* ANDRADE, Carlos Drummond de. Qualquer. In: ____________. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p.350.

Gama e centrava-se nos substratos na România. Utilizava o clássico de Walther von Wartburg, *La fragmentación lingüística de la Romania*. As aulas, para mim, não eram muito claras, mas, ao estudarmos o assunto, Jacyra assombrava por saber, em detalhes, todos os fenômenos, sobretudo fônicos, que, na România, se derivavam de efeitos de substratos indo-europeus e pré-indo-europeus. Estávamos, nessa altura, na terceira série de nosso curso.

Foi na última série, a quarta, que mais nos encontramos. Como era o costume do Professor Rossi, e sendo as turmas pouco numerosas, solicitava ele um tema para fazermos uma pesquisa em conjunto. No nosso caso, apresentou três possibilidades: ou continuar o da turma anterior, o futuro *Atlas prévio dos falares baianos*, ou estudar a fala dos ciganos, que tinham um acampamento no bairro da Calçada, ou fazer a edição de um manuscrito medieval português. Saíra em livro — *Textos medievais portugueses e seus problemas*, de Serafim da Silva Neto — o fac-símile do *Livro das aves*. O grupo escolheu a terceira via. Começamos, os da quarta série, a edição coletiva do manuscrito. No fim do ano, 1961, houve a nossa formatura. Em 1962, indo o Professor Nelson Rossi para a Universidade de Brasília, ficamos Vera Lúcia Sampaio, depois Rollemberg, Jacyra Andrade Mota e eu responsáveis, com a turma seguinte, pela finalização do glossário, apenso à edição, publicada em 1965, com os nossos nomes, sob a coordenação de Nelson Rossi. Não poderia ter havido glória maior: aos vinte e poucos anos já tínhamos nossos nomes "na rua", para um público improvável leitor.

A partir de 1963, se separaram nossos destinos, por um tempo. Fui para a Universidade de Brasília, onde já estava Nelson Rossi, e juntamente com Dinah Isensee, depois Callou, e Júlia Conceição Fonseca Santos (que veio a falecer em Besançon, onde fazia o seu Doutorado) fiz o Mestrado. Voltei a Salvador, para ficar, em 1971, mas só depois, em 1973, me reintegrei ao grupo de professores de Língua Portuguesa.

Enquanto isso, Jacyra sob a regência de Carlota da Silveira Ferreira e juntamente com Suzana Alice Valois Coutinho Marcelino da Silva Cardoso, nome de rainha, e Vera Rollemberg iniciaram o *Atlas linguístico de Sergipe*, concluído na década de sessenta, mas publicado em 1987. A conclusão desse *Atlas* fez-se sob a coordenação de Nelson Rossi que, em 1965, voltava de Brasília, em conseqüência do golpe militar de 1964. Investia assim Jacyra na Dialetologia.

Em 1976, começava o curso de Mestrado em Letras no Instituto de Letras da Universidade, já federal, da Bahia. Como já tinha eu o Doutorado, o catedrático Nelson Rossi me designou para ministrar a disciplina Diacronia do Português. Foi então que surgiram meus quatro primeiros fios de cabelo branco. A razão era simples: teria como estudantes: Jacyra Mota, Vera Rollemberg, Suzana Cardoso, Carlota Ferreira, Nadja Andrade entre outros poucos. Como estudei para dar conta dessa nova tarefa!

Jacyra fez a sua dissertação sobre *Vogais antes do acento em Ribeirópolis - Sergipe*. Definia assim sua preferência pela Fonologia. Naquela altura, não havia banca de arguição, mas pareceres de três pessoas: do orientador, que foi Nelson Rossi, de um professor da casa, no caso eu, e de um professor de fora. Naturalmente, Jacyra obteve a distinção, que era a nota máxima.

Quanto à pesquisa, o grupo de Língua Portuguesa já se integrava no Projeto da Norma Urbana Culta. Voltei, assim, a trabalhar em pesquisa com Jacyra e também com Vera Rollemberg, Carlota Ferreira, Suzana Cardoso, Nadja Andrade, Judith Freitas, Myrian Silva, Maria del Rosário Albán, Maria da Conceição Paranhos.

O lema de Nelson Rossi era o "rigor" no trabalho científico. Como na epígrafe de Drummond: "ver" e "rever". Tudo que escrevíamos era revisto por outro colega. Era um tempo razoavelmente tranquilo: tínhamos tempo para preparar aulas, para escrever comunicações a congressos ou artigos para revistas. Nelson Rossi se aposentou, jovem, ao completar trinta anos de dedicação exclusiva à Universidade, e com ele Nadja Andrade.

Outros professores entraram no grupo de Língua Portuguesa, como Iracema Luiza de Souza, Maria Célia Nobre, Evandro Ubiratan de Souza, Maria Eline Mendes, Raquel Salek Fiad, Sônia Bastos Borba Costa, Elizabeth Reis Teixeira, e, seguidamente, Therezinha Maria Mello Barreto, Maria do Socorro Sepúlveda Netto, América César Santos, Tânia Lobo, Dante Lucchesi e, ainda mais recentemente, Anna Maria Macedo, Silvana Ribeiro, Américo Venâncio Lopes Machado Filho, Juliana Soledade Coelho e Edleise Mendes. As turmas se multiplicaram, o número de estudantes por turma também. Vieram os professores substitutos que se renovam a cada quatro semestres. Mudaram-se os tempos, mudaram-se as modas, lembrando o Poeta Camões.

Quando se iniciou o Programa Nacional de Iniciação Científica, os três primeiros bolsistas de IC foram Tânia Lobo, Dante Lucchesi e Carola Rapp, hoje professores do grupo de Língua Portuguesa. Esses primeiros e ilustres bolsistas foram orientados por Jacyra e se iniciaram na pesquisa pela sábia e rigorosa mão de Jacyra.

Na chamada onda Collor, do nosso grupo original aposentaram-se Vera Rollemberg e Carlota Ferreira. Ficamos Suzana Cardoso, Jacyra Mota e eu própria. Suzana Cardoso, aposentada, em ação, desde 2007.

Como caracterizar Jacyra?

Jacyra jovem é a Jacyra de hoje: baixinha, alegre, arrumadinha, sorriso largo e, sobretudo, firme, decidida, “cabeça organizada”, ótima para planejamento acadêmico. Em nossas reuniões do Setor de Língua Portuguesa, sempre busca um “ente de razão” para sustentar a sua argumentação.

Mais velha de cinco irmãos — Irani, Avani, Eduardo (hoje médico reconhecido e professor do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA) e Bernadete (ou Berna). Seu irmão Horácio, o seguinte a Jacyra, faleceu em desastre de automóvel com a esposa, quando viajaram para um encontro de jovens líderes em São Paulo. Fomos à casa dos pais de Jacyra — Sr. Oswaldo e D. Alaíde. Moravam na Avenida Princesa Isabel. Sr. Oswaldo trabalhava na administração do Hospital Português, perto de sua casa.

Foi nesse momento de angústia e morte que conheci Barturen, basco radicado em Salvador e que hoje trabalha na pastoral da pesca. Barturen ficou nosso amigo e de nossos filhos. Bom atirador, Barturen captou a admiração de Pedro e de meus dois filhos homens.

Muitas vezes fui ao aniversário de Jacyra — 12 de setembro — quando morava em um apartamento na Graça. Jacyra era e é discreta. Mora hoje em Itapuã, em uma casa. Quando estive lá, encontrei-a cercada por irmãs, muitos amigos, dentre eles também o amigo Barturen.

Jacyra participou e participa de congressos nacionais e internacionais sempre na companhia de Suzana Cardoso, companheira de ensino e de pesquisa.

Sendo necessário financiamento para o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), sonho antigo de Serafim da Silva Neto, de Celso Ferreira da Cunha e de Nelson Rossi, Jacyra e Suzana tiveram de fazer o doutoramento. Porque, como se sabe, sem essa “dignidade” acadêmica, nada se consegue das agências financiadoras.

O ALiB começou em 1997. Jacyra e Suzana concluíram o doutoramento em 2002, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Jacyra, além de dialetóloga é sociolinguista. Na sua tese, *O -s em coda silábica na norma culta de Salvador*, com base nos dados do Projeto NURC – Bahia, utilizou a metodologia variacionista.

Suzana Cardoso, sempre líder, preside o Comitê Geral do ALiB, e Jacyra é o seu braço direito, pertencendo também, com outros dialetólogos brasileiros, ao referido Comitê.

Entre Dialetologia e Sociolinguística, ambas as áreas pertencentes ao campo da Linguística Histórica, que trata com dados datados e localizados no espaço, na sociedade e no tempo, vem pesquisando e ministrando disciplinas a nossa Jacyra.

Com o rigor adquirido dos ensinamentos de Nelson Rossi, Jacyra ensina na graduação, orienta mestrandos, doutorandos e bolsistas de Iniciação Científica.

Não posso deixar de lamentar que, com as regras estabelecidas por lei, Jacyra Andrade Mota deixará de ensinar na graduação, mas certamente continuará com a pesquisa e a pós-graduação, nesta última, com os limites impostos por lei.

É assim a Jacyra que conheci em 1958 e que continua a ser. Um exemplo para todos nós, especialmente para os jovens.

Rosa Virgínia Mattos e Silva
Universidade Federal da Bahia

Presença

Ser e estar, contingência e escolha.

Corria o ano de 1968. Eu havia entrado no curso de Letras em 1967, motivada pelo meu gosto e aptidão por aprendizagem de línguas estrangeiras, sobretudo pelo francês. Jamais esquecerei o que costumo chamar meu batismo de fogo nos estudos linguísticos, um processo, não um momento, iniciado na primeira aula do curso, que assisti, numa segunda-feira, às 13 horas, na saudosa sala 12, bela sala em estilo colonial, de piso de madeira, ladeada por amplas e belas janelas (seis, se não me engano) do prédio do bairro de Nazaré, onde funcionava o Instituto de Letras da UFBA. A aula era de Linguística, a professora era Joselice Macedo e ela falou da Linguística moderna, de Saussure, da primazia da modalidade falada da língua (ai de nós se, naquela época, falássemos em "língua falada"), significante e significado, sincronia e diacronia... Fiquei maravilhada e ousei perguntar, na minha ignorância surpreendida: "Professora, desde quando se estuda língua deste jeito?".

Estudar línguas daquele jeito, eis minha descoberta maravilhada. Sobretudo, estudar a língua materna daquele jeito! Até então, estudar língua portuguesa tinha sido aprender e treinar regras morfossintáticas (muitas vezes a partir de exemplos em versos do século XVI — Camões, de preferência), ampliar o vocabulário (principalmente pela aquisição de vocabulário erudito) e, o que mais até então me agradava, conhecer os autores clássicos.

Carlota Ferreira, a professora de Língua Portuguesa, falava também daquele "jeito": falava da diversidade que caracteriza todas as línguas, dos pressupostos da Teoria da Comunicação (Marshall McLuhan, Umberto Eco, Décio Pignatari), tudo novo e muito interessante, principalmente a tomada de consciência da diversidade linguística como riqueza, pois o que os meus professores me apresentavam legitimava, analisava e atribuía estatuto de coerência e perfeita funcionalidade a usos que a minha formação anterior, com base na gramática e léxico tradicionais, nem podia supor dignos de tratamento respeitoso. E eu seguia, encantada.

Não posso deixar de registrar também minha surpresa com as aulas de Teoria da Literatura: Judith Grossmann, nossa professora, introduzira no Instituto de Letras da UFBA, no ano anterior, esse viés no estudo da literatura, que, para muito além da abordagem pretensamente enciclopédica que nos impingiam no ensino secundário (como se denominava naquela época), nos tornava conscientes da riqueza subjetiva dos autores, da delicada seleção autoral de termos e formas, da gama de temas, dos mais aos menos explorados, da sutileza das vozes autorais masculinas e femininas... Tudo isso era de fato arrebatador, mas o batismo de fogo na Linguística ecoou mais forte no meu espírito.

Como dizia, corria o ano de 1968, e a minha professora, naquele então, foi Jacyra Andrade Mota. Coube a ela demonstrar, para a minha compreensão neófita, o rigor através do qual se poderia submeter as línguas a análise para alcançar aquele resultado maravilhoso. O tema principal do curso era o sistema fonológico do português e lá íamos nós, alguns respeitosos e interessados, outros um tanto irritados com aquele rigor, aquela exigência de abstração e de detalhes: os conceitos estruturalistas de oposição e variação; o conceito de fonema; a precisão na descrição dos alofones, o aprendizado dos símbolos fonéticos, os fatores, sobretudo intralinguísticos, responsáveis pela variação, o inescapável treino paciente nos meandros das diversas análises: segmentar elementos, identificá-los, reagrupá-los, aguçar a percepção de cada qual no todo e vice-versa. Com Jacyra aprendi, além do sistema fonológico do português, a ouvir com atenção a fala dos outros e a minha própria e aprendi também que questionar é, sim, essencial, mas com rigor na fundamentação; reforcei, também, a compreensão de que uma das formas de exercitar a inteligência é estabelecer o maior número de relações possíveis entre elementos dados.

Minha admiração pela ordem não autoritária, mas natural, ficou impressionada com a descoberta do elegante equilíbrio do sistema fonológico — todos os arroubos da criatividade linguageira, como diria Houaiss, propiciados por uma notável economia de meios, estruturados com uma admirável coesão.

As aulas de Jacyra eram reforçadas pelas aulas de Claiz Passos, minha professora de Linguística, que nos fazia segmentar elementos fônicos e mórficos de línguas diversas, demonstrando-nos, a cada passo, a estrutura subjacente aos sistemas linguísticos, aquele mundo de regras que os falantes internalizam

naturalmente e que lhes permite a criatividade inesgotável, a possibilidade de desenvolver sua subjetividade e sua interação social.

O encanto prosseguiu no ano seguinte (as disciplinas eram anuais), quando fui aluna de Nelson Rossi, já um mito, o homem que, na década anterior, escolhido por Edgar Santos — o "pai" da Universidade Federal da Bahia —, iniciara a produção de atlas linguísticos no Brasil, pondo a Bahia à frente, e que estava em fase de preparação para vir a introduzir o Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC) no Brasil, na década a seguir. Acompanhar o curso de Nelson Rossi era desenvolver o respeito à diversidade, o rigor analítico, a precisão terminológica, o indispensável desvelamento do passado da língua e a constatação da sua permanência ou alteração: mundos que se abriam. No último ano, com Nadja Andrade, já sob nova estruturação curricular, com disciplinas semestrais, a abordagem de textos dos gramáticos portugueses do século XVI, e, no último semestre, um trabalho de final de curso que nos consumiu, mas que fizemos com grande prazer, analisando a fala gravada de informantes de várias regiões brasileiras.

Terminada a graduação, guardava dos meus professores de Língua Portuguesa e de Linguística lições fundamentais de escuta e análise, que internalizei a ponto de nem sempre conseguir distinguir quando, onde e de qual autor absorvi isso ou aquilo e das quais às vezes lastimo não ter tão boa memória para me lembrar de detalhes que, com certeza, perdi no tempo. Guardei também a admiração por aqueles professores que primavam pelo recebimento respeitoso e afável dedicado a qualquer estudante que os procurasse, que só corrigiam os trabalhos discretamente, a lápis, para não "ferir" o texto (e os sentimentos) dos seus estudantes.

Terminei o curso de graduação em dezembro de 1970 e, de lá para cá, muitas aulas assistidas, muitas aulas ministradas, muitos estudos ouvidos e lidos, continuo intrigada e, afortunadamente, a curiosidade continua se rendendo ao encanto.

A partir de 1980, passei a ter a honra de ser colega daqueles que me ensinaram, de Jacyra inclusive. Ainda era apenas uma licenciada, precisava fazer a pós-graduação (eram outros os tempos...). Aí começamos um convívio de trocas, que sempre me alimentaram e me permitiram ter a sensação de também alimentar: reuniões do Setor de Língua Portuguesa, discussão de conteúdos

programáticos, preparo de aulas em conjunto, troca de comentários sobre livros, sobre congressos, sobre estudantes... Lembro-me, com absoluta gratidão, da solicitude com que os colegas se dispunham a tirar minhas dúvidas sobre assuntos de aula que ministraria. Jacyra por certo não se lembrará, mas uma tarde ela atendeu a um pedido quase desesperado meu, formulado por telefone, durante a leitura de um texto que me parecia obscuro e que eu teria de discutir com os estudantes na aula das 16 horas. Jacyra se dispôs a sentar-se comigo às 14 horas, certamente interrompendo suas muitas ocupações, para discutir o texto com aquela professora neófita e tensa... Essa disponibilidade sempre esteve presente nos cursos seguintes que ministrei, de Fonologia e Morfologia, em que preparávamos as aulas juntas (Jacyra, Vera Rollemberg e eu).

No percurso desses anos e muitas vezes por solicitação dos estudantes, mas também por decisões nossas e dos Colegiados de Curso, o Setor de Língua Portuguesa tem passado por muitas reformulações. Todo esse labor tem sido sempre dirigido pelo fito de fazer do aluno um receptor e, sobretudo, um produtor informado, atento, criativo e respeitador das várias normas linguísticas, como não poderia deixar de ser, considerando-se a tradição de pesquisa dialetológica e diacrônica que identifica o grupo. E Jacyra, incansável, com seu jeito discreto, está sempre lá, desde o início, ensinando, orientando e garantindo a continuidade do trabalho com a diversidade linguística na UFBA.

Pelo que me tem sido dado perceber, a linha de atuação do Setor de Língua Portuguesa tem produzido nos estudantes da graduação, ao longo dos últimos 40 anos, reações que vão da aceitação entusiasta da nossa postura, em relação ao respeito e estudo responsável da diversidade linguística, entusiasmo que se reflete, por exemplo, no grande número de bolsistas-pesquisadores que atrai, até a resistência mais empedernida, consistente, sobretudo, na dificuldade de aceitação das diversas normas de fala como manifestações legítimas da língua portuguesa, estritamente equânimes quanto ao seu valor linguístico intrínseco. Em grande parte, essa resistência se deve, parece-me, tanto a uma certa recusa a questionamentos, quanto ao desejo legítimo do estudante de dominar a norma-padrão, elemento tão marcante de prestígio social.

Com essas características, nos últimos 40 anos e em fases diversas, os professores do Setor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFBA vêm tentando repartir descobertas e perplexidades, na esperança de quebrar a surdez

para a diversidade e explodir a mudez do usuário criador acuado sob a tirania da norma-padrão, entraves decorrentes do arraigado preconceito em relação às diversas possibilidades de manifestação de um sistema que as permite e as legitima.

Temos sido muitos, embora não tantos quanto a demanda pelo nosso curso requer. Numa homenagem a Jacyra, relembro aqui todos aqueles com quem ela veio e vem compartindo sua atuação docente: Nelson Rossi, Nadja Andrade, Carlota Ferreira, Vera Rollemberg, Suzana Alice Cardoso, Rosa Virgínia Mattos e Silva, Maria da Conceição Paranhos, Evandro Ubiratan de Souza, Myrian Barbosa da Silva, Maria del Rosário Albán, Iracema Luiza de Souza, Maria Célia Nobre, Maria Eline Mendes, Raquel Salek Fiad, Sônia Borba Costa, Elizabeth Teixeira, Therezinha Maria Barreto, Maria do Socorro Sepúlveda Netto, Dante Lucchesi, Tânia Lobo, América Lúcia César, Carola Rapp, Anna Maria Nolasco de Macedo, Silvana Ribeiro, Américo Machado Filho, Juliana Soledade, Edleise Mendes, Antônio Marcos Pereira, Aurelina Ariadne Almeida, Cláudia Tereza Sobrinho da Silva, Edivalda Alves Araújo, Iraneide Santos Costa, José Henrique Santos, Marcela Paim, Maria do Carmo Pascoli, Nancy Rita Vieira, Elmo dos Santos, Simone Bueno da Silva, Milena Britto e muitos professores substitutos.

No âmbito da pesquisa, Jacyra, fiel à Dialetologia, à Fonologia e abraçando também os pressupostos sociolinguísticos, participou, com o destaque que todo o Brasil linguístico conhece, da elaboração do *Atlas linguístico de Sergipe*, do Projeto NURC e agora está, desde 1996, sempre ao lado da colega-irmã Suzana Cardoso, engajada nesse trabalho hercúleo que é a constituição do Atlas Linguístico do Brasil. Seu trabalho de orientadora é altamente relevante: detém a marca admirável de 41 orientações de Iniciação Científica concluídas (aliás, ela foi a primeira orientadora de bolsistas IC no Instituto de Letras, integrando a primeira turma de bolsistas IC na UFBA, tendo como orientandos os futuros colegas Tânia Lobo, Dante Lucchesi e Carola Rapp), além de outras quatro em andamento; 14 orientações de Mestrado concluídas, cinco de Mestrado/Doutorado em andamento e seis orientações de outra natureza, como testemunho patente de toda sua experiência. Tem 24 artigos publicados em periódicos especializados; 28 capítulos de livros e 17 livros escritos e/ou organizados. E, enquanto docente, tem tido a gratificação de ver ex-alunos e ex-orientandos ingressarem no Setor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFBA, para continuar

recebendo, a par de todos os ensinamentos dos demais colegas, é certo, os seus ensinamentos, as suas orientações. Sim, porque Jacyra, no Setor de Língua Portuguesa, não tem sido apenas a detentora de saber linguístico invejável; é também uma conselheira certa em questões acadêmicas de um modo geral, um porto seguro, mercê de sua admirável objetividade, serenidade, percuciência, justiça nos julgamentos e desenvolvida compreensão do ser humano. Além disso, Jacyra tem a elegância de trato que lhe permite a sinceridade aliada a um absoluto respeito pelos sentimentos alheios.

Não escolhi, como Jacyra, a Fonologia para a "minha praia" acadêmica. Durante o Mestrado, como ela sabe, orientada por Rosa Virgínia Mattos e Silva, trabalhei com morfossintaxe sincrônica e depois, no Doutorado, dei uma guinada para a morfossintaxe diacrônica, trabalhando sobretudo com a Teoria da Gramaticalização, também sob a orientação de Rosa Virgínia. Mas os meus professores da graduação, incluindo, é claro, a minha professora do sistema fonológico do português, construíram as fundações, sobre as quais os demais professores, durante o Mestrado e o Doutorado, assentaram paredes que me sustentam e me permitem continuar aprendendo e questionando, sem esquecer o rigor na fundamentação teórica e a argúcia na observação, com que me presentearam enquanto estudante. Como aprendi com os meus professores, continuo acreditando que conseguir estabelecer relações entre elementos dados é um exercício de inteligência, o que se aplica também ao estabelecimento de relações entre teorias linguísticas, que às vezes muitos alegam ser inconciliáveis. Não vejo assim: acredito, sim, que teorias científicas surgem da crise de teorias anteriores que, enquanto propiciam instrumentos para a compreensão de uma gama de fenômenos, vão, em decorrência de recortes inescapáveis, "colecionando" uma *marginalia* que as levará, essas também, à crise. Uma nova teoria tratará, provavelmente, de alguns desses elementos, mas dificilmente poderá prescindir de contribuições que a teoria anterior agregou. Assim, Estruturalismo, Gerativismo, Sociolinguística, Funcionalismo, para ficar naquelas que mais nos ocuparam nos últimos 40 anos, são para mim degraus na construção de acesso a um patamar de cada vez maior clareza quanto aos fenômenos manifestos.

Com base nessa compreensão de teorias científicas em geral e como uma espécie de retribuição, de retorno, por tudo o que Jacyra me legou, tanto no

curso de graduação, quanto durante todo o nosso convívio, gostaria de trazer reflexões que minha trajetória acadêmica me tem propiciado.

Um dos pressupostos da Teoria da Gramaticalização prevê que a gramática de uma língua, a par dos limitantes biologicamente dados, venha se construindo, pelo menos enquanto forma, paulatinamente, através da fixação de elementos que usos discursivos venham demonstrando ser comunicativamente eficazes e, por isso, reiterados e finalmente integrados ao sistema gramatical. Isso pressupõe que, em muitos casos, rica diversidade de construções discursivas vá se organizando internamente, selecionando algumas formas em detrimento de outras, e se fixando a partir de, geralmente, uma das formas, a "ganhadora" na competição da mudança linguística, concepção, aliás, que se coaduna, perfeitamente, com pressupostos da Sociolinguística. Grosseiramente, é o que Lehmann (1982)[1] denomina paradigmatização, que leva as formas linguísticas, antes concorrentes em leque de variação, a se fixarem, integrando a gramática da língua ou, se preferirmos, o núcleo duro da gramática da língua, que alguns identificam como a sua sintaxe. Isso pressupõe que, quanto mais o elemento se fixa e passa a integrar um paradigma, mais ele elimina concorrentes, mais ele se torna "gramatical". Quando o elemento é selecionado pelo processo de mudança, ele tende a integrar paradigmas cada vez menores, considerando Lehmann que a grande variabilidade pressupõe gramática frouxa, ainda não fixada.

Esse modo de compreender a mudança, também tratado por Hopper (1991)[2] a partir do que chama os princípios de "estratificação" (*layering*), pelo qual se reconhece o leque de variantes, e de "especialização" (*specialization*), pelo qual formas são selecionadas como preferenciais ou até exclusivas para determinada função, me provoca a seguinte reflexão: considerando, a partir de pressupostos estruturalistas, que os elementos linguísticos, quando atingem o grau máximo de oposicionalidade, com alto rendimento funcional, se fortalecem e se fixam, tenho me perguntado como encarar, a partir dos pressupostos funcionalistas da Teoria da Gramaticalização, esse *enxugamento*, evidenciado pelos pares opositivos detectados pelo Estruturalismo. A oposição binária poderia ser vista como um estágio de máxima integração na gramática?

---

[1] LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*: a programmatic sketch. Arbeiten des Kölmer Universalien – Projekts 48. Cologne: Universitat zu Köln, Institut für Sprachwissenchaft, 1982.

[2] HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approches to grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

Dito de outra forma: o sistema sincrônico poderia ser visto como o ponto de enxugamento a que, referindo Hopper, o princípio da especialização levou o quadro variável da estratificação? E o princípio da especialização atuaria devido ao fato, que parece patente, de que os falantes não aceitam facilmente que duas expressões signifiquem exatamente a mesma coisa e têm tendência a atribuir-lhes significados diferentes (ainda que sociais)?

Não sei se minha reflexão realmente se sustenta, ainda não lhe dediquei o tanto necessário. Só a apresentei aqui como um tributo aos meus mestres, dentre eles Jacyra, que me ensinaram a refletir e buscar conexões entre dados e reflexões já formuladas.

Para finalizar, lembro um episódio de minha vida acadêmica que se coaduna com os meus sentimentos enquanto escrevo este texto. Ao final da tese de Doutorado, sob aquela pressão e exaustão que todos os que já passaram por isso bem conhecem, quando redigia a parte relativa aos agradecimentos, de repente, tive uma iluminação, que me veio em forma de assertiva: *a gratidão é um estado de bem-aventurança*. Pois bem, querida mestra Jacyra, sinto-me muito reconhecida a você, também por me proporcionar esse estado de bem-aventurança.

Sônia Bastos Borba Costa
Universidade Federal da Bahia

Um tributo à generosidade: Jacyra é uma figura!

Falar de Jacyra é uma tarefa fácil e difícil ao mesmo tempo. É fácil porque ela é uma pessoa cheia de qualidades. E é difícil porque nem sempre as palavras conseguem expressar todos os sentimentos, sobretudo quando quem escreve é desprovido de veias literárias. Aceitei essa tarefa com muita alegria, pois tenho muito orgulho de conviver com Jacyra nesses últimos 23 anos. Vejamos se consigo!

Conheci Jacyra Mota de nome logo que entrei para o Curso de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1986. Embora não tenha sido sua aluna nos primeiros semestres, ouvia soar o seu nome naquele velho (e lindo!) casarão de Nazaré. Ela era uma das "autoras do Atlas" (*Atlas linguístico de Sergipe*) e uma das "professoras do NURC" (Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta), projeto do qual muito se falava e que nutria o sonho dos estudantes que queriam trabalhar na iniciação científica como bolsistas.

Esse sonho, eu realizei! Fui bolsista do NURC pelo Programa de Iniciação Científica do CNPq e tive Jacyra como orientadora no projeto "A classe sintática dos pronomes – subsídios para uma gramática do português falado". Com a equipe do NURC, pois convivi com todas "as professoras", aprendi a fazer pesquisa. Mas aprendi, sobretudo, que "a Professora Jacyra" era gente! Explico-me.

Para o aluno de graduação, alguns professores são ícones. Eu sabia que Jacyra era professora, pesquisadora, autora... Ela era famosa, e eu me orgulhava de ser sua aluna e, depois, de ser também sua bolsista. Eu me sentia perto de uma "grande figura", de uma celebridade acadêmica! E quando criamos ídolos, eles estão acima da condição humana. Eu sentia vergonha até mesmo de fazer alguma pergunta durante as aulas para não incomodar ou gastar o tempo da professora! Quando tinha coragem de fazê-lo, a explicação vinha com tanta paciência e com tanta tranquilidade... Mas isso era apenas uma concessão, porque ela era uma boa professora! Só na convivência durante a pesquisa é que fui descobrindo que os ídolos são humanos.

Jacyra chegava sempre calma e explicava cada passo das tarefas que devíamos executar na pesquisa. E tudo nos mínimos detalhes! Em meio a audições, transcrições, revisões de inquéritos, leituras, fichamentos, contagens de fichas,

arrumação de fichas por cor, cálculos, tabelas, análises, o desespero se instalava nos alunos bolsistas iniciantes. E Jacyra pacientemente orientava, tranquilizava e estimulava todos nós. Incansável e persistente no trabalho árduo e manual (ainda não tínhamos computadores nem Varbrul) da pesquisa sociolinguística, ela deixava transparecer a paixão pela pesquisa. Mais que isso, ela tinha prazer em passar os seus conhecimentos, em formar os alunos.

O seu envolvimento com o Projeto NURC era estendido também aos seus orientandos. Ela percebia quando estávamos bem e quando estávamos mal. E tinha sempre uma palavra de estímulo ou de conforto. Além disso, ela também foi mostrando o seu lado pessoal. E passei a conhecê-la melhor! Era mais que professora e orientadora; era amiga e até "mãezona". Descobri também que ela era uma das "meninas" do NURC, pois assim eram referenciadas as professoras que integravam o projeto. Isso me fez ver que a Professora Jacyra também era uma menina. Era moleca e brincalhona nos momentos devidos.

Fui sua aluna de novo no Mestrado em Letras da UFBA e já não via então só a professora; via a amiga Jacyra. Porém o mais engraçado foi que ela passou a me chamar de professora também, quando começamos juntas e com mais outras (ex-) professoras minhas a utilizar os computadores do Instituto de Letras. Isso porque eu já dominava o manuseio dessas máquinas, e elas ainda não. Lembro-me que Jacyra se referia ao computador como "esse bicho", cheia de desconfiança. Mas acho que consegui ajudá-la a vencer esse receio do novo, e ela se revelou uma excelente "aluna". Ganhei o apelido de "menina-professora", que tenho até hoje vindo das minhas (ex-)professoras, grupo do qual faz parte Jacyra.

Ingressei na UFBA como professora substituta de Língua Portuguesa, passando, então, a ser colega dos meus (ex-)professores. Daí comecei a tratá-los pelo nome e não mais pelo título de Professor(a). E, como a relação com Jacyra foi-se tornando mais forte, passei a tratá-la de Jacy. E assim é até hoje! Era uma vez a formalidade... Mas perdura a iconicidade, Jacyra é uma figura!

Trabalhamos juntas novamente na organização do 1º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), sediado em Salvador, em 1994, e conheci uma Jacyra mais próxima ainda. Responsável pela secretaria, ela se preocupava com os custos e o dinheiro disponível, mas atenuava a preocupação com sorrisos e piadas. Isso rendeu até uma peça de teatro! Como foi bom esse período de convivência! Mais um lado de Jacyra, a administradora

financeira! E soube muito bem alternar seriedade, responsabilidade e compromisso com distensão, diversão e desprendimento. Modéstia à parte, o nosso congresso foi perfeito!

Continuei o meu caminho fora da UFBA, mas contando sempre com o apoio e o estímulo de Jacyra e de muitos outros dos meus (ex-)professores. Ou seja, nunca nos afastamos. Tive a honra de assistir à defesa da tese de Doutorado de Jacyra na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e poucos sabem o quanto vibrei de alegria e de orgulho! Tive vontade de sair gritando que fui aluna e bolsista dela! Mas hoje posso gritar que sou colega e amiga dela!

Por falar em vibração, isso voltou a acontecer quando Jacy me convidou para participar da banca de defesa de dissertação de Mestrado de duas orientandas suas na UFBA. Mais um reencontro nosso repleto de alegria, de boa discussão, de cumplicidade! Uma das orientandas é ex-aluna minha, e eu indiquei Jacy para orientá-la. Satisfação em dobro para mim!

Outra coisa que não posso deixar de mencionar (e rememorar) é que Jacy me convidou para dar um curso de Goldvarb para os bolsistas do Projeto ALIB (Atlas Linguístico do Brasil) no ano passado (2008). Para a minha surpresa, ela também o fez. E tivemos a oportunidade de reviver uma situação que ocorrera anos atrás. Mais uma vez, senti-me desconfortável, inicialmente, diante de uma "celebridade" que fazia o meu curso. Mas Jacyra é uma pessoa que deixa qualquer um à vontade num diálogo simples e afetuoso. E como foi boa essa nossa troca de experiências!

E assim vamos convivendo e nos encontrando sempre nos congressos da vida acadêmica. Quando nos vemos, os abraços e beijos são imediatos. Conversamos, tomamos um cafezinho, passeamos e rimos muito. São momentos muito alegres e repletos de carinho e de amizade.

Essa é a nossa Jacyra! Uma pessoa simples, alegre, meiga, atenta, amiga, meticulosa no trabalho, dedicada, sempre disposta a ajudar. Séria e competente, para ela o saber deve ser compartilhado sempre. Não mede esforços nas aulas, nas orientações, nas discussões para dividir os conhecimentos científicos. Incansável e generosa!

Sua contribuição para a linguística é facilmente atestada. (Ex-)aluna de Nelson Rossi, tem trabalhado nas áreas da Dialetologia e da Sociolinguística. Pode-se mesmo dizer que a sua "praia" é a Diversidade Linguística. Coautora

do *Livro das aves* e do *Atlas linguístico de Sergipe*, integra agora a equipe do Atlas Linguístico do Brasil. Escreveu vários artigos nos campos da Fonética/Fonologia, da Morfossintaxe e do Léxico. Orientou monografias, dissertações e teses também nessas áreas, e os frutos da sua dedicação estão à mostra não só nas suas publicações, mas também se refletem nos seus (ex-)alunos e orientandos, muitos dos quais já engajados na Academia, seguindo os seus passos.

A sua dedicação exclusiva é real. É dedicada à UFBA, aos seus alunos, aos seus orientandos, às suas aulas, às suas pesquisas, aos seus informantes, à ciência linguística, aos seus textos, à sua família (que não é pequena, embora eu conheça apenas poucos dos que compõem esse círculo), aos seus amigos, aos seus colegas. Enfim, ela se dedica à vida! E haja energia!

Enfim, considero a homenagem que agora se faz a Jacyra mais que justa. É o reconhecimento de parte de uma comunidade com a qual ela conviveu e convive e que muito lhe deve.

Saiba, Jacy, e saibam os leitores desta obra, que uma boa e significativa parte do que sou é reflexo da sua passagem pela minha formação e da sua presença na minha vida. Que nos abracemos sempre, toda vez que nos encontrarmos, pois esse gesto é o mínimo que posso fazer para expressar o que sinto e para agradecer por tudo o que aprendi e continuo a aprender.

Como disse no início deste depoimento, não sei lidar literariamente com as palavras, mas não é à toa que aceito desafios e não poderia me recusar a dizer quem foi e é para mim a sempre e querida "Tia Jacy" (peço licença aos bolsistas do ALiB para chamá-la assim também).

E ouso externar publicamente: Jacyra, eu te amo!!!

Simplesmente assim!!!

Josane Moreira de Oliveira
Universidade Estadual de Feira de Santana

Tecendo a manhã*

Boa-tarde, colegas alibianos, amigos e amigas!

É com enorme satisfação que participo do encerramento do WORKALiB 2009, quando constato a vitalidade, a produtividade e o compromisso dos que fazem este projeto nas distintas regiões do país, projeto cujo nascimento pude presenciar quando da realização de seminário sobre a Geolinguística, momento de efervescência que contou com o incentivo e a energia do Prof. Dr. Michel Contini. Minha alegria ganha maior amplitude por uma outra razão que nos reúne aqui, hoje: homenagear a Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota, a nossa Jacyra, que, em setembro próximo, irá aposentar-se da Universidade Federal da Bahia. As colegas da Comissão Organizadora desse evento me distinguiram com a incumbência de iniciar a presente sessão, apresentando meu depoimento sobre a homenageada.

Para fazê-lo, escolhi falar de três lugares: o que me coloca como aluna de Jacyra, a professora que me apresentou a Fonologia da Língua Portuguesa nos idos da Faculdade de Filosofia, em Nazaré; o que me alça à condição de sua colega de Setor, alguém com quem aprendi ainda mais — além da Fonologia e do Léxico, do interesse pelos estudos dialetais — a seriedade, a ética, a simplicidade e a generosidade no fazer ciência; o terceiro lugar em que me coloco para falar sobre nossa homenageada diz respeito ao lugar da amizade, lugar que me parece imiscuir-se sobre os demais a que me referi. Ao dizer isto, cumpre-me fazer uma ressalva: as qualidades que ressalto sobre a professora e a colega lhe são notórias e não decorrem do carinho da amiga que vos fala. Todos os que têm a felicidade de conhecê-la na sua vida acadêmica hão de concordar comigo.

Como aluna de Jacyra na graduação, quero destacar algo que descobri em suas aulas — a simplicidade de quem faz o máximo com a postura de quem pouco realizou. Já nos últimos anos da década de sessenta, pude perceber a pesquisadora sempre disposta a desafiar as dificuldades do trabalho de campo, atitude que continua a marcar o seu modo de fazer ciência, comportamento facilmente perceptível a quem tem o privilégio de trabalhar com ela. Algo que também

---

* Texto lido em sessão de homenagem à Profª. Drª. Jacyra Andrade Mota, durante o encerramento do VII Workshop do Projeto ALIB, realizado em Salvador-BA, em 31.07.2009.

observei como sua aluna e que me impressionava e ainda me impressiona é a clareza com que trata de assuntos complexos e às vezes áridos.

A partir do momento em que passei a trabalhar com Jacyra, pude beneficiar-me da generosidade da pesquisadora de talento, experiente, que não se incomodava por ter de, muitas vezes, explicar certos pontos para mim ainda pouco claros dos programas de disciplinas que ministrávamos. Sendo sua colega, chamava-me a atenção seu modo prático para resolver situações difíceis. Para ela, o que importa é resolver, ou "ticar" os problemas. Tento seguir seu exemplo, mas infelizmente não tenho o talento com que foi agraciada.

Para falar da amiga, teria muito a dizer. Para não ser prolixa, quero referir-me apenas ao afeto e à amizade que sempre dedicou a minha mãe, que a tinha como uma filha, sobretudo por termos tido a oportunidade de ser vizinhas. Um outro depoimento que faço questão de externar, por demonstrar sua solidariedade, diz respeito a um momento difícil que vivi durante o período em que fiz meu Mestrado: precisei concluir a coleta de dados, analisá-los e redigir minha dissertação em 45 dias. Naquele momento, Jacyra assumiu o papel de datilógrafa do meu trabalho, dedicando à tarefa todo o seu tempo disponível, inclusive inúmeras madrugadas.

Como bem disse o poeta, "Um galo sozinho não tece uma manhã". Convicta da verdade do poema de Cabral, você sempre procurou, Jacyra, aglutinar colaboradores, seres humanos para concretizar objetivos maiores. Por tudo dito e pelo muito que teria a dizer, só tenho a lhe agradecer, desejando-lhe um caminho cada vez mais pleno de sucesso e alegria na vida acadêmica, que continuará a dar frutos, e na vida pessoal.

Iracema Luiza de Souza
Universidade Federal da Bahia

Jacyra, uma cientista de coração aberto*

Mesmo sabendo que há pessoas aqui que poderiam representar o Comitê do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) melhor do que eu, aceitei de pronto o convite de saudar a aniversariante, porque é uma honra prestar esta homenagem a nossa querida Jacyra.

Não tive tempo, porém, de preparar algo escrito como seria de bom tom, como fez a nossa colega Iracema, mas eu gostaria de falar do coração dos alibianos para o coração da Jacyra.

Há uma música cantada pela Adriana Calcanhotto, de que gosto muito, que traz alguns versos assim: "Buchecha sem Claudinho", "Queijo sem goiabada", "Piu-Piu sem Frajola", "Sou eu assim sem você"...[1] Os versos dessa música tanto a Suzana poderia cantar para a Jacyra, como a Jacyra poderia cantar para a Suzana. E elas são assim mesmo: "Romeu sem Julieta"; tirando uma, falta tudo. As faces do signo de Saussure viram uma dicotomia baiana, é a fonética e o léxico. Alguém consegue imaginar o som, se não estiver inserido em uma palavra, ou o significante sem significado? Alguém pensa em alguma palavra sem som? Jacyra no som, no fonema; Suzana na palavra, no léxico. E essas duas, como todos vocês da UFBA sabem, e nós aprendemos aos poucos, guardam entre elas uma cumplicidade muito grande, uma amizade muito intensa. Desde o tempo da graduação, se conheceram. Poucas amizades sobrevivem sem brigas, e elas convivem tanto e tão bem que, depois de terminado o expediente aqui na UFBA, chegando em suas casas — o Barturen, aqui presente, pode testemunhar, o Walter também —, uma liga para a outra para dizer o que é que ficou faltando na conversa do dia.

Mas eu vim falar da Jacyra. A Jacyra é aquela pessoa que tem brilho próprio. A Jacyra é a nossa pequena notável. É a pequena notável baiana, aquela que consegue fazer tudo. Mãe, apesar de não ter gerado biologicamente esses filhos, ela é mãe de muitos filhos da sua família, desta instituição e do ALiB. Esposa, irmã, cunhada, tia, enfim, dentro da família, ela é o sol. Aqui na insti-

* Texto apresentado em sessão de homenagem à Prof[a]. Dr[a]. Jacyra Andrade Mota, durante o encerramento do VII Workshop do Projeto ALIB, em 31.07.2009, em Salvador-BA.

[1] "Fico assim sem você", da autoria de Abdullah e Cacá Moraes.

tuição, preparando professores, profissionais, preparando pesquisadores, ela é a bússola segura que vai indicando o norte.

Sabe trabalhar em grupo, sabe dividir a sua sabedoria, como bem explicitou a Iracema. Eu nunca vi a Jacyra reter algum dado, alguma informação, alguma referência para ninguém. É aquela cientista de coração aberto, de mente aberta. Sabe que quanto mais oferecer, mais irá receber e terá multiplicado e verá multiplicado tudo aquilo que semeou e disseminou.

Para poder falar sobre a Jacyra, eu pedi para as suas bolsistas que me fornecessem um currículo mínimo, aquele 'resumidinho' do Lattes. Elas me vieram com trinta páginas, mas não era o ampliado, não, meus colegas, era o resumidíssimo!

A Jacyra nunca parou. Eu vejo lá o primeiro livro que ela escreveu em grupo, em equipe, compartilhando a sua sabedoria com a Rosa Virgínia Mattos e Silva e a Vera Rollemberg, um livro, está aqui, o *Livro das aves*, 1967. Está lá no Lattes. E aí ela foi percorrendo: falando um pouco de léxico, falando da metodologia, falando do *Atlas prévio dos falares baianos* e do *Atlaslinguístico de Sergipe*, depois as suas publicações já dentro do ALiB e o último de que tenho notícia pelo Lattes, sobre o /S/ em coda silábica, de que ela gosta tanto, foi apresentado em reunião da ANPOLL e está publicado.[2] A sua paixão é a mesma por tudo em que ela se envolve. O seu tempo é sempre multiplicado. O tempo para ela tem uma visão diferente. E eu vou me permitir ler este poema de George Olavo extraído de um livro publicado aqui pela EDUFBA, e vou alterar os últimos versos.

Pressa

Passei pelo tempo
e ele não passa,
atado ao pulso
sentado na praça.

[2] MOTA, Jacyra Andrade. O /S/ em coda silábica: análise de dados do Projeto ALiB. In: BARRETTO, M. M. G. S.; SALGADO, A. C. P. (Org.). *Sociolinguística no Brasil*: uma contribuição dos estudos sobre língua em/de contato. Homenagem ao Professor Jürgen Heye. Rio de Janeiro: 7 LETRAS, 2009. v.1. p.21-26. Trabalho inicialmente apresentado, em mesa-redonda, ao I Encontro Internacional do GT de Sociolingüística da ANPOLL (Rio de Janeiro, 2007).

Passei pelo tempo
só de pirraça
olhando pra trás
e ele na praça.

Viajei na lembrança
do velho sem pressa,
no éter, no tempo
e ele não passa.

É terna, a criança
correndo na praça
me lembro do pulso,
do tempo, depressa.

Lembrei da piscina
do tempo que passa,
recordei novos recordes
que cravei na lembrança,
… no tempo
… e o tempo: ele não passa.
Jacyra passa por ele
cada centésimo de segundo
na raça![3]

É assim que vemos o nosso modelo de profissional, de colega e de amiga, a quem desejamos muita luz e felicidade.

Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina

[3] Nota das organizadoras: In: OLIVEIRA, Klebson; SOUZA, Hirão F. Cunha e; GOMES, Luís (Org.). *Novos tons de Rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva*. Salvador: EDUFBA, 2009. p.5.George Olavo Mattos e Silva é filho de Rosa Virgínia Mattos e Silva, colega da homenageada e autora do depoimento intitulado "Jacyra, simplesmente Jacyra", que aqui se publica.